

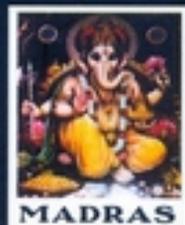
Experimento Scole

Evidências Científicas
sobre a

Vida após a Morte

Grant e Jane Solomon

Em Associação com o Grupo Experimental Scole



Orelha do livro

Grant e Jane Solomon atualmente dirigem uma prática terapêutica eletro cristal de cura. Grant Solomon deixou uma carreira na indústria de serviços financeiros para investigar o tema de cura, enquanto Jane tem experiência em enfermagem e cuidados. Eles são os autores de O Universo Invisível de Harry Oldsfield e Grant é o autor de Stephen Turoff, Cirurgia Psíquica.

Em O Experimento Scole, registram os resultados extraordinários de cinco anos de investigação sobre a vida após a morte, conduzida pelo Grupo Experimental Scole. No início de 1993, quatro pesquisadores médiums e curandeiros investiram numa série de experimentos na cidade de Norfolk/Inglaterra. Os incidentes que aconteceram a seguir foram tão surpreendentes que os membros superiores da prestigiada Sociedade de Pesquisa Psíquica, que abrange engenheiros elétricos, psicólogos e astrofísicos pediram para observar, testar e gravar o ocorrido. Eis alguns depoimentos:

“Os investigadores... encontraram evidências favorecendo a hipótese de forças inteligentes, originadas na psique humana ou a partir de fontes desencarnadas, capazes de influenciar em objetos materiais e conduzir mensagens significativas, tanto visuais quanto aurais.”

Montague Keen,
professor Arthur Ellison
professor David Fontana

2ª Capa

Este livro registra cinco anos de investigação sobre a interação humana com o fenômeno paranormal. Membros do Grupo Experimental Scole e investigadores da altamente respeitada Sociedade de Pesquisa Psíquica cientificamente observaram, mensuraram e avaliaram esse fenômeno, com resultados extraordinários.

Pessoas que assistiram às sessões do Grupo Scole saíram convencidas de que inteligências desencarnadas estavam fazendo contato direto com aqueles presentes.

A evidência do experimento inclui:

- Escritos à mão (Psicografia), símbolos e mensagens surgindo em filmes fotográficos lacrados e nunca utilizados;
- Objetos materializando-se, luzes dançando e seres íntegros aparecendo diante daqueles observadores, outrora céticos;
- Espíritos comunicando instruções para a construção de instrumentos complexos e de equipamentos para comunicação;

E muito mais.

O Experimento Scole certamente irá fascinar, intrigar e deixar perplexos a todos os leitores. Esta obra pode realmente convencer de que existe vida após a morte.

Grant e Jane Solomon

Em Associação com o Grupo Experimental de Scole

O Experimento SCOLE

Evidências Científicas sobre a Vida após a Morte

Tradução:

Henrique Amat Rego Monteiro

MADRAS

Do original: The Scole Experiment
© 1999, Grant e Jane Solomon
Tradução autorizada do inglês
Direitos de publicação apenas para o Brasil.
© 2002, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Tradução:
Henrique Amat Rêgo Monteiro

Revisão:
Adriana Cristina Bairrada
Alessandra Miranda de Sá

ISBN 85-7374-591-6

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem a permissão expressa do editor (Lei ne 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela
MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 Santana

02403-020 - São Paulo – SP - Caixa Postal 12299 CEP 02013-970 - SP

Tel.: (011) 6959.1127 Fax: 011) 6959.3090

www.mdras.com.br

PARA TODOS

Nota: Alguns dos nomes das pessoas envolvidas com o Experimento Scole foram trocados para proteger suas famílias.

Índice

Prefácio

Agradecimentos

Introdução

1. Um Convite para Pesquisar

2. O Grupo Experimental de Scole

3. A Equipe Espiritual de Scole e as Primeiras Experiências

 Como Trabalhava a Equipe Espiritual

 Primeiras Experiências

 Luzes e Levitações

 Energia Criativa, o Portal e as Formas de Energia

 Música, Meditação e Cura

 Vozes e Outros Sons

 Mais Fenômenos

4. Progressos

 Primeiros Experimentos Fotográficos

 Um Período de Progresso

 Domos e Outros Experimentos

 Primeiros Visitantes

 Pontos de Vista Jennifer Jones

 Pontos de Vista Dr. Kurt Hoffman

 Seres Espirituais Sólidos

 Vozes Espirituais Sólidas

 Mais Revelações Fotográficas

5. Exame Científico Minucioso

 Pontos de Vista Dr. Plans Schaer

 Pontos de Vista James Webster

 Pontos de Vista Piers Eggett

 Pontos de Vista Convencendo a Mente Científica

6. Estudos dos Filmes Fotográficos

 Os Protocolos Fotográficos

A Sacola de Segurança
O Filme das Estrelas
O Grego no Filme Verde
O Filme com o Latim Espelhado
Pontos de Vista Denzil Fairbairn
A Mensagem da Cadeia Dourada
O Poema Alemão
O Filme Wie Der Staub
Pontos de Vista Walter Schnittger
O Filme de Raio-X
O Filme do Dragão
A Caixa de Segurança de Madeira
Pontos de Vista Keith McQuin Roberts

7. Experimentos Sonoros

O Receptor de Germânio
Pontos de Vista Dr. Ernst Senkowski

8. Experimentos em Vídeo

9. Uma História de Detetive Inacreditável

O Encômio a Frederic Myers e a Pista Diotima

10. Filosofia Espiritual

11. O Futuro

Pontos de Vista George Dalzell
Declaração do Grupo Experimental Scole
Novos Grupos

Posfácio

Os Nossos Agradecimentos ao Grupo de Scole
Ciência e Pesquisa Supranormal
O Relatório Scole

Pós-escrito

APÊNDICES: PERSPECTIVAS DA CIÊNCIA ESPIRITUAL

1. A Equipe Espiritual

John Paxton
Manu
Patrick McKenna
Raji
Sra. Emily Bradshaw

Edward Mathews
Os Cientistas Espirituais

2. Figuras
3. O Código de Conduta dos Visitantes
O Código de Conduta para Visitantes da *New Spiritual Science Foundation*
Sensações Pessoais
4. Sessões de Pesquisa Científica
5. As Luzes
6. Os Aportes
7. Sessões com Filme Controladas Cientificamente
8. Experimentos Fotográficos
9. A Conclusão do *Relatório Scole*
10. Declaração do Dr. Hans Schaer sobre o *Relatório Scole*
O Testemunho de um Clarim
11. “Não Acreditamos até Podermos Ver”
12. Um Ponto de Vista Terapêutico
A Tosse do Professor
Relato de Cura
13. Os que Continuam Duvidando
14. Discussão: Passado, Presente e Futuro

Prefácio

Pelo professor emérito Arthur J. Ellison
DSc(Eng), CEng, FIMechE, FIEE, SenMemlEEE,
engenheiro consultor.

É um prazer escrever algumas palavras introdutórias a este livro, de autoria de Grant e Jane Solomon, sobre os fenômenos ocorridos em Scole.

Tive a honra de participar das sessões em Scole desde o começo do período de dois anos em que três de nós do Conselho da Society for Psychical Research, uma associação devotada à pesquisa científica dos fenômenos mediúnicos na Inglaterra, fomos convidados, em razão da nossa capacidade pessoal, para comparecer a algumas sessões como observadores científicos. Foram dois anos realmente interessantes!

Alguns anos antes, eu havia tido contato com a maior parte dos fenômenos materiais do espiritualismo, mas sempre envolvendo um médium em transe e ectoplasma, o médium terminando a noite num estado da mais completa exaustão. (Isso confirma a opinião tradicional de que a matéria do “veículo de vitalidade” ou “duplo etérico” é extraída do médium e usada para produzir o ectoplasma.) Além disso, as “personalidades de controle” falando ostensivamente por meio do médium eram as personagens exóticas tradicionais, como índios americanos, chineses e outras. Essas personagens falavam de maneira peculiar, mais parecida com um ator ocidental inexperiente tentando imitar aquelas personagens exóticas. Em Scole, ao contrário, as personalidades de controle, aparentemente se comunicando por meio dos dois médiuns, eram ocidentais normais bem-educados com exceção de um ou dois outros que falaram como se tivessem apenas estudado no Ocidente. Todos nós nos familiarizamos uns com os outros; na verdade, os relacionamentos tomaram-se algo que poderia ser classificado como amizades íntimas nos tratávamos pelo primeiro nome e permitíamos brincadeiras. Isso não significa reduzir a qualidade dos fenômenos por que

passamos na verdade, nosso tipo de relacionamento pode até tê-la melhorado.

Este livro apresenta uma vasta gama desses fenômenos, desde luzes paranormais até a levitação de objetos, aportes e imagens concretos e outros. No entanto, não se usou ectoplasma e no final das sessões os médiuns pareciam sentir-se tão bem quanto estavam no início. O grupo de Scole em si classificou as atividades como energéticas em vez de fenômenos ectoplasmáticos. Isso certamente parece ser um considerável avanço em relação à tradição.

Nós três, visitantes, nos conduzimos adequadamente de acordo com a nossa formação anterior. Pude contribuir um pouco no que se referia aos aspectos científicos, David Fontana teve uma participação importante como psicólogo com experiência em estados alterados de consciência, e os conhecimentos da literatura de Montague Keen foram de uma importância especial. Os comunicadores geralmente nos diziam que não seríamos capazes de entender as explicações do que estava acontecendo. Acho que houve momentos em que todos desejamos que eles apenas explicassem tudo e nos deixassem decidir se entenderíamos ou não! Mas não foi assim. Além disso, muitas vezes explicávamos que a comunidade científica consideraria que, como o fenômeno normalmente ocorria no escuro, estávamos sendo enganados. Queríamos muito poder usar um visor infravermelho para mostrar, pelo calor do corpo dos participantes, que todos permaneciam em suas cadeiras durante os períodos em que os fenômenos ocorriam. No entanto, para nossa decepção, isso também não foi permitido. Fizemos os máximos esforços durante as nossas sessões de investigação científica para explicar como parecia impossível que muitos dos fenômenos fossem falsos. Mas os céticos sempre dirão que os mágicos podem fazer todo o tipo de coisas “impossíveis”. Nesse sentido, infelizmente, os céticos normalmente não precisam demonstrar sem detecção o que alegam ter sido realmente executado.

Há um outro fator importante que em geral não é considerado. Os pesquisadores mediúnicos estão bem conscientes de que os investigadores podem ser divididos, por razões desconhecidas, em duas categorias: catalisadores e inibidores. Na presença dos catalisadores, os fenômenos verdadeiros ocorrem mais prontamente do que no caso dos inibidores. Isso é chamado de Efeito do Experimentador. Acontece que muitos críticos, quando são qualificados por sua experiência a fazer comentários

indiscriminadamente, são inibidores e raramente sentem o fenômeno verdadeiro. Eles são geralmente os críticos mais virulentos, porque, no fundo, talvez considerem que os fenômenos paranormais verdadeiros nunca ocorram. A outra categoria de críticos é a dos cientistas categoricamente “normais”, que já sabem que os fenômenos paranormais são impossíveis e, portanto, ipso facto, eles nunca podem acontecer. E como eles são impossíveis, não é necessário, antes de fazer pronunciamentos sobre o assunto, estudar a vasta literatura de pesquisa científica mediúnica, grande parte dela produzida por alguns dos cientistas mais renomados da Grã-Bretanha e do continente europeu. No entanto, é perfeitamente possível ter uma mente verdadeiramente aberta, mas ainda assim científica. Parece-nos como se os comunicadores de Scole estivessem todos cientes de tudo isso e tivessem escolhido nós três com isso em mente. Tentamos em nosso relatório ser “bons” cientistas objetivos. O leitor não deve se esquecer também de que fomos convidados. Os experimentos realizados não foram necessariamente da nossa escolha, e as sugestões que fizemos para firmar as condições não foram normalmente adotadas, ou porque estavam aparentemente em conflito com as condições requeridas para produzir o fenômeno de maneira confiável, ou porque o cronograma dos comunicadores de alguma forma obrigava-os a prosseguir com outro experimento. Nós fizemos o melhor que pudemos.

Será que devo, enfim, expressar uma opinião pessoal? Considero que o grupo “deste lado” foi honesto e verdadeiro. Depois de dois anos, nós os conhecíamos extremamente bem. Acredito que os resultados das sessões foram de grande interesse para a ciência.

Espero que o leitor aproveite este livro tanto quanto aproveitei a minha experiência nas sessões de Scole.

Arthur J. Ellison

Agradecimentos

Um grande número de pessoas contribuiu para a realização deste livro. É possível que não possamos agradecer a todas. No entanto, queremos estender os nossos agradecimentos especiais aos membros do Grupo Experimental de Scole, Robin e Sandra Foy e Alan e Diana Bennett, por suas explicações pacientes e detalhadas e por nos fornecer uma quantidade enorme de material.

Queremos também agradecer e expressar o nosso reconhecimento aos autores do Relatório Scole por nos permitir o acesso às suas descobertas antes da publicação oficial. (Quaisquer diferenças mínimas entre as nossas referências e a versão final do texto do relatório são o resultado inevitável dos prazos de publicação.) Embora, é claro, os autores do relatório não sejam responsáveis pelas opiniões emitidas neste livro, queremos também agradecer-lhes pela revisão dos nossos originais e por suas críticas construtivas.

Além disso, queremos agradecer às muitas pessoas que nos enviaram relatos pessoais das suas experiências em Scole. Nossos agradecimentos especiais vão para Peter Williams e Lizzie Hutchins, que nos deram uma ajuda inestimável com os originais.

Introdução

“Não vou me comprometer com a estupidez em voga de considerar tudo o que não posso explicar como uma fraude.”

C. G. Jung

Quatro pessoas estão sentadas num porão escuro. Duas delas entram em transe e transmitem mensagens de uma equipe de seres espirituais comunicadores. As outras duas seguem as instruções dos seres espirituais. Elas colocam filmes fotográficos virgens sobre a mesa, filmes esses que nunca foram usados numa câmera. Mais tarde os filmes são revelados. Neles, aparecem imagens textos manuscritos, hieróglifos e outros símbolos, além de mensagens...

Esse era o trabalho do Grupo Experimental de Scole. Esse trabalho forneceu evidências consideradas estimulantes para sustentar a noção de que pode haver vida depois da morte. Experimentos semelhantes foram conduzidos no passado, usando a “mediunidade mental” para tentar provar que seres conscientes desencarnados podem se comunicar por intermédio de um instrumento humano, o médium. Infelizmente, as mensagens de Tia Maria podem convencer o seu sobrinho, mas nem sempre são ideais para um estudo científico. Um cético poderia dizer: “Isso aconteceu por acaso”, “coincidência”, “intuição”, “uma boa adivinhação” e assim por diante. Assim, em 1993, o Grupo Experimental de Scole empreendeu um experimento de cinco anos usando um tipo revolucionário de “mediunidade física” para produzir objetos concretos a partir do mundo espiritual. Os termos “objetos concretos” significam coisas reconhecíveis aos nossos sentidos e instrumentos manifestações visíveis, luzes, sons, toques, gostos e cheiros. Alguns dos objetos palpáveis tomaram a forma de mensagens transmitidas em filmes fotográficos, fitas de áudio e de vídeo.

A ideia que a da mediunidade física encerra é simples: as evidências físicas dos sobreviventes são transmitidas do mundo espiritual para o nosso mundo. Então, uma vez que existe alguma coisa física, ela pode ser cientificamente mensurada e analisada. A mediunidade física é difícil de ser comprovada fisicamente. No entanto, os fenômenos materiais são diferentes. Os experimentos podem ser conduzidos, os testes podem ser realizados, e os procedimentos científicos podem ser implementados. Com tais experimentos no passado, o objetivo era sempre obter um objeto paranormal permanente, uma “coisa” palpável que pudesse ter vindo de “algum lugar”, sem que tivesse ocorrido algum tipo de truque. Um exemplo inventado é o de dois anéis interligados, feitos de dois tipos diferentes de madeira, sem nenhuma junção entre eles. Esse tipo de objeto palpável seria considerado uma “prova convincente”, uma vez que não poderia ser produzido por “meios normais”. O objetivo do Grupo Experimental de Scole não era produzir apenas um objeto palpável, mas um número e uma variedade enormes sobre os quais os cientistas teriam de se debruçar e tomar conhecimento.

Na verdade, não fazia muito tempo, diversos cientistas experientes, incluindo alguns pesquisadores com muita experiência no desconhecido, começaram a se interessar pela produção do fenômeno. O grupo de Scole teve a satisfação de permitir que os cientistas investigassem minuciosamente o seu trabalho, um fato que impressionou os investigadores. Entre a equipe de investigação contavam-se engenheiros eletricitas, astrofísicos, criminalistas, psicólogos e matemáticos. Eles se mostraram mais interessados nos filmes fotográficos porque o tempo e o método de produção desses filmes podia ser controlado. Os investigadores pediram para acompanhar as sessões experimentais para controlar certos parâmetros. Ainda assim, apareceram imagens nos filmes. Alguns dos cientistas consideraram difícil de explicar o fato e sugeriram que fossem tomadas precauções adicionais, incluindo levar eles mesmos os seus próprios filmes e colocá-los em caixas lacradas pelo tempo que durassem as sessões. Ainda assim, de novo, apareceram imagens nos filmes. Mas dessa vez elas eram ligeiramente diferentes. Em vez de ser simplesmente fotos de rostos e lugares, elas eram mensagens codificadas, dicas sobre enigmas que os investigadores foram convidados a resolver.

Mais tarde, outras imagens ainda mais incríveis foram recebidas em videoteipe e mensagens foram transmitidas em fitas de áudio. Objetos

materializaram-se, viram-se luzes em movimento e seres sólidos apareceram ante os observadores até então cétricos.

As evidências exclusivas e revolucionárias fornecidas pelo Experimento Scole podem sugerir que não está longe de existir uma prova científica concreta da sobrevivência após a morte. Se for esse o caso, há implicações inevitáveis e abrangentes para todos nós. Estaria provado que nós não morremos...

CAPÍTULO UM - Um Convite para Pesquisar

“É inteiramente possível que, por trás da percepção dos nossos sentidos, estejam escondidos mundos de que não temos consciência.”

Albert Einstein

É outubro de 1993 na pequena e calma aldeia de Scole, no condado de Norfolk, leste da Inglaterra. As folhas secas de outono farfalham na brisa do cair da noite. Algumas dessas folhas, amassadas e gastas, soltam-se das árvores centenárias que circundam o casarão do século XVII no fim da rua. Um automóvel aproxima-se em baixa velocidade pela pista de cascalho e pára em frente à mansão. Alan e Diana Bennett descem do carro. Eles chegam felizes e relaxados para o seu encontro bissemanal com Robin e Sandra Foy.

Sandra teve um dia difícil no dentista. Ela pede desculpas e vai se deitar. Os três remanescentes esperam com ansiedade pela noite de “trabalho” no lugar apelidado “Toca de Scole”.

Eles se encaminham por um corredor comprido e estreito e descem por uma escada em espiral para o porão mal iluminado. O porão mede cerca de 4 por 8 metros e tem as paredes, o piso e o teto pintados de um azul tão escuro como o de uma noite sem lua. A única via de entrada ou saída é uma sólida porta de carvalho, que range ruidosamente a cada vez que é aberta. No centro do aposento situa-se uma mesa redonda, com mais de 1 metro de diâmetro e uns 70 centímetros de altura, rodeada por sete cadeiras - uma para cada integrante do grupo. Nessa ocasião, no entanto, quatro integrantes estão ausentes e as suas cadeiras permanecerão vazias.

Robin estende a cada um dos colegas duas braçadeiras luminosas, que foram carregadas anteriormente por exposição à luz artificial, para assegurar um brilho forte e contínuo na semiobscuridade do porão. As braçadeiras permitirão que os movimentos do grupo sejam acompanhados o tempo todo. Os instrumentos de gravação do que está prestes a acontecer

também são examinados. Alan verifica os termômetros e ajusta os microfones na parede. Diane dispõe sobre a mesa o gravador de som e um cone de alumínio bem leve, usado tradicionalmente em trabalhos mediúnicos. Cada pessoa ajusta as suas braçadeiras e senta-se na respectiva cadeira estofada - normalmente, durante as sessões, ali faz “tanto frio quanto no Pólo Norte”. As luzes são apagadas.

Agora eles estão sentados em total escuridão. Veem-se apenas as braçadeiras luminosas, juntamente com os visores luminosos dos diversos instrumentos usados nos experimentos. Robin tomou-se um especialista na operação do gravador de som na escuridão do porão. Essa máquina, contendo uma fita em branco, é ligada para gravar os acontecimentos da noite como evidências.

Para estabelecer as condições de trabalho necessárias e para enviar ao mundo espiritual os pensamentos certos, como um sinal de que o grupo está reunido, Robin começa a prece de abertura: “Espírito Infinito, Fonte Criativa de todas as coisas, esteja conosco nesta noite e guie-nos em nosso trabalho em direção ao mais elevado bem...”.

Depois da oração, um segundo gravador de som é ligado e uma música estimulante rompe a escuridão. O grupo permanece sentado pacientemente, esperando, da mesma forma como esteve durante muitos meses, que ocorra algo “palpável e comprobatório”.

Quase imediatamente, Diana entra em um transe suave. Nesse estado, suas “vibrações são elevadas” de modo que ela pode ser usada como “um instrumento de comunicação”. Uma voz andrógina começa a falar pela primeira vez por intermédio dela, embora logo se tome evidente que o comunicador é do sexo masculino:

O meu nome é Manu. Eu serei o porteiro entre as dimensões. Em minha permanência na Terra, vivi no lugar que hoje vocês chamam de América do Sul. A equipe de seres que eu represento é constituída de muitos milhares de mentes de muitas outras áreas de existência. Nós vamos trabalhar com o seu grupo para fornecer muitas provas concretas da realidade dessas outras esferas. Nosso plano é preparar o caminho para importantes métodos de comunicação entre as dimensões usando a “energia” em vez dos métodos mais tradicionais como o ectoplasma. Esta noite mesmo é o momento para começarmos esse novo trabalho.

Enquanto Manu fala, Alan também passa ao estado alterado de consciência. Agora o grupo tem um segundo instrumento de comunicação, se é que eles

precisavam. Por meio de Diana, Manu continua a transmitir importantes mensagens durante algum tempo. Suas palavras são registradas com clareza no gravador de som. Ele conclui, dizendo: “O que vocês estão prestes a testemunhar é um sinal das grandes coisas que virão...”.

Dito isso, ouve-se um ruído alto, como um baque surdo, enquanto um objeto cai sobre a mesa e rola pelo tampo por alguns segundos antes de parar por completo. O que será isso?, interroga Robin. Ele não pode esperar pelo fim da sessão para ver o que provocou o barulho. Manu fala de novo, como se em resposta aos pensamentos dele: “Nós acabamos de dar um presente da nossa equipe para o seu grupo”.

Um pouco depois, a reunião experimental está encerrada. Diana e Alan recuperam a consciência. As luzes são acesas. Em cima da mesa vê-se uma moeda. Robin a pega:

- Vejam, é uma Coroa de Churchill... e está novinha em folha! - Ele sobe correndo pela escada, sabendo que a esposa gostará de ouvir as novidades:

- Sandra! Você precisa descer lá e ver o que aconteceu!

Sandra reúne-se ao grupo para conhecer a causa de tanta comoção. Eles todos examinam a Coroa de Churchill, mal acreditando no que acabou de acontecer. A moeda, o seu primeiro objeto comprobatório, é guardada com cuidado num armário trancado a chave.

Esse foi apenas o começo do trabalho extraordinário do grupo de Scole.

“Você está convidado a comparecer a uma apresentação do trabalho do Grupo Experimental de Scole (...)”

O convite estava endereçado ao nosso amigo Harry Oldfield, cientista e inventor. Harry sorria significativamente ao nos mostrar o convite.

- O que é isso? - perguntamos.

- Está tudo aí - retrucou Harry, indicando com um movimento de cabeça uma carta que passava às nossas mãos. - Tenho certeza de que o assunto interessa a vocês, e muito.

- Você vai lá?

- Tentem me impedir! Esse trabalho é a fronteira do conhecimento. É importante para todos nós. Ele pode mudar a maneira como a humanidade entende a própria natureza da vida.

A carta explicava que um grupo de pesquisadores vinha se comunicando com os “mortos”, que agora eram “espíritos” e que diziam ter morrido apenas para despertar em outro mundo. Segundo o texto, os seres espirituais manifestavam-se num porão onde os experimentos aconteciam. Além disso,

as comunicações eram registradas com o uso de tecnologia moderna, como câmeras e gravadores. Nós já havíamos pesquisado esse tipo de fenômenos - que se manifestava com ou sem a ajuda de instrumentos - e estávamos interessados em examinar uma história deste tipo pessoalmente. Será que aqueles pesquisadores realmente haviam gravado os seus contatos com outra dimensão em equipamentos modernos?

Para nós dois, o interesse na possibilidade da vida após a morte se intensificara depois da perda de um ente querido. Quando Grant ainda era estudante universitário, seu pai morrera de repente, vitimado, aos 45 anos de idade, por um derrame cerebral, enquanto a amiga mais querida de Jane havia falecido recentemente, aos 30 anos, depois de uma longa batalha contra um câncer.

A morte física atinge a todos nós e muitos especulam se ela seria realmente o “fim”. Ao longo da História, ela tem sido considerada por muitas civilizações como uma transição para “Um outro lugar”. A exemplo de muitos outros, nós gostaríamos de saber a resposta para a questão da sobrevivência agora, em vez de ter de esperar para morrer para descobrir... ou não, conforme parecia ser o caso.

Assim, no domingo, 3 de maio de 1998, saímos de casa de carro, no condado de Essex, no sudeste da Inglaterra, para Lyng, em Norfolk, para participar do seminário ministrado pelo Grupo Experimental de Scole (GES). Depois de uma viagem em meio à chuva e ao vento, chegamos para o seminário e logo descobrimos que mais ou menos umas trinta pessoas também haviam se interessado pelo convite. Mais tarde viemos a saber que muitas daquelas pessoas vinham acompanhando os passos do GES havia algum tempo. Muitas delas chegavam mesmo a manter seus próprios grupos experimentais sob a orientação do GES e estavam começando também a tomar contato com fenômenos incomuns.

Robin Foy, um dos fundadores do grupo de Scole, foi o primeiro a se apresentar. Ele explicou que o grupo havia se formado no início de 1993 e funcionava de maneira totalmente independente do movimento espiritualista, assim como de qualquer outra organização. Eles não eram religiosos nem sectários. Seu trabalho pretendia ser universal e envolvia pessoas de todas as tendências, independentemente das suas crenças. Estavam envolvidos numa pesquisa científica séria sobre os fenômenos paranormais e usavam um método inteiramente novo e exclusivo. Eles se reuniam para conduzir sessões experimentais duas vezes por semana, para o

desenvolvimento de fenômenos paranormais materiais concretos e objetivos no porão de uma casa em Scole, que fica próxima à cidade de Diss, em Norfolk. Esse porão se transformara numa Sala de Ciência Experimental, mas eles o conheciam, mais afetuosamente, como a “Toca de Scole”.

Muitas das experiências eram conduzidas ao mesmo tempo. O grupo podia realizar experimentos auditivos, fotográficos e em vídeo, todos no mesmo mês e até mesmo durante a mesma sessão.

Logo depois de ter começado o Experimento Scole, uma equipe de seres espirituais comunicadores se manifestou para o grupo durante as sessões experimentais. Explorando formas totalmente novas de fenômenos paranormais concretos, eles visavam provar conclusivamente, de uma vez por todas, que a morte não existe e que há outras áreas de existência. Essas outras dimensões estão ocultas da percepção normal pelas limitações dos nossos sentidos e dos nossos instrumentos científicos normais. O grupo foi informado de que a sua equipe de seres espirituais consistia de “milhares de mentes”, todas trabalhando em uníssono, para alcançar essa prova concreta da existência de outras dimensões. Outras equipes estavam se preparando para trabalhar com grupos semelhantes. Algumas já tinham começado.

O mundo espiritual sabia que as provas convincentes tinham de incluir evidências concretas que pudessem ser testadas e retiradas do local dos experimentos para um exame posterior detalhado. A equipe espiritual aparentemente era capaz de criar “acontecimentos” na nossa dimensão influenciando átomos e moléculas “aqui” com o uso do poder do pensamento. Todo o trabalho girava em torno do que eles chamavam de “energia criativa”. Esse era o nome da conjunção de três tipos diferentes de energia, que eles conseguiam manipular para produzir os resultados que queriam. Aparentemente, essa técnica não fora possível até o estágio atual de desenvolvimento da Terra.

Os cientistas e técnicos espirituais realizavam a maior parte do seu trabalho duro nos bastidores. Eram personalidades interessadas em tecnologia e experimentos científicos quando viveram na Terra e haviam mantido esse interesse depois de passarem para as dimensões espirituais. Foram eles que conseguiram proporcionar ao grupo o primeiro fenômeno verdadeiro, uma moeda tele transportada, em outubro de 1993. Em dois meses, os integrantes do grupo haviam testemunhado luzes em movimento, o tinido de sinos, a levitação de objetos, rangidos ruidosos e batidas fortes. Em janeiro de 1994, os participantes foram alvo de água borrifada. Depois

disso, luzes em movimento começaram a tocá-los. Eles também passaram a ouvir palavras proferidas em pleno ar. Essa técnica de comunicação tornou-se conhecida como “voz estendida”. Essas vozes vinham de todas as direções do aposento e até mesmo de dentro das paredes.

Logo depois desses eventos, começaram os experimentos com a fotografia espiritual. A pedido da equipe espiritual, o grupo de Scole colocou máquinas fotográficas no porão, as quais foram mantidas sob levitação e bateram fotografias sozinhas. A revelação dos filmes mostrou imagens impressionantes. Então a equipe pediu ao grupo para colocar filmes Polaroid planos sobre a mesa, para “influenciá-los”. Esse trabalho avançou até o ponto em que o “departamento fotográfico” da equipe espiritual conseguiu incluir rostos, sinais, textos manuscritos e desenhos nos rolos de filme fechados, que eram simplesmente colocados sobre a mesa durante os experimentos, ainda na embalagem selada de fábrica.

Durante os experimentos, houve mudanças consideráveis e inexplicáveis na temperatura do ambiente, um fenômeno que, em abril de 1994, incluiu fortes rajadas de vento frio.

O trabalho progrediu rapidamente em um período de apenas alguns meses. A equipe começou a escrever em um bloco de papel com uma caneta que era deixada no chão. Um soquete elétrico foi ligado e desligado diversas vezes, prejudicando o funcionamento do gravador de som do grupo, que então testemunhou imagens projetadas de seres espirituais no porão. Houve um longo aplauso assim que a primeira manifestação sólida dos visitantes se concluiu. Eles estavam realmente se transportando da sua própria dimensão e reunindo-se “fisicamente” com os integrantes do grupo do porão.

A equipe espiritual muitas vezes disse que gostaria de receber a colaboração de homens e mulheres da ciência e das letras, e que isso viria a acontecer no futuro. No entanto, o grupo nunca soube exatamente quando isso ocorreria. Portanto, tiveram um enorme prazer em receber, em 2 de outubro de 1995, a visita de três integrantes muito importantes da Society for Psychical Research (SPR) para uma sessão experimental em Scole. Esses pesquisadores científicos, professores de diversas especializações, tais como engenharia elétrica, psicologia, matemática e astrofísica, logo tiveram a oportunidade de testemunhar e avaliar alguns dos testes fotográficos e outros experimentos. E a sua pesquisa foi o tema de um abrangente relatório científico, o Relatório Scole, publicado em 1999.

Ao longo do dia, ouvimos vários relatos sobre as experiências do grupo, o que desafiava a credulidade de todos. Ouvimos falar sobre gravadores sendo usados para transmitir as vozes dos seres espirituais; comunicação direta; imagens gravadas em vídeo; a construção de equipamento especializado segundo instruções da equipe espiritual; objetos tele transportados; e incríveis espetáculos luminosos. Mas havia algo de sólido e honesto naquelas pessoas, um fato que, para nós, deu sustentação à sua apresentação. Na longa viagem de volta a Essex, concordamos que uma coisa era certa: devíamos descobrir mais a respeito. Logo que chegamos em casa, escrevemos uma carta ao grupo, propondo que escrevêssemos um livro sobre o seu trabalho. Alguns dias depois, recebemos a resposta. O grupo havia consultado a equipe espiritual, que considerara o grupo “realmente pronto” para que o livro fosse escrito.

O que se segue é o resultado de extensas entrevistas com o grupo de Scole, os integrantes da Society for Psychical Research e muitos outros que testemunharam os experimentos. Tivemos acesso às fitas usadas para a gravação dos eventos e muitas vezes transcrevemos diretamente o que as vozes dos seres espirituais comunicavam e as relações com o grupo.

E importante que um público maior tome conhecimento do Experimento Scole, pois essa história tem amplas e profundas implicações sobre todos nós. Conforme disse Harry, ela pode mudar a maneira como a humanidade encara a própria natureza da vida. Para começar, no entanto, só podemos pedir que você suspenda todos os preconceitos por algum tempo.

CAPÍTULO DOIS - O Grupo Experimental de Scole

“As pessoas estão perturbadas não pelas coisas,
mas pelas opiniões que derivam delas.”

Epicteto

A história de como o GES se reuniu começa em agosto de 1991. Esse foi o mês em que Robin e Sandra Foy mudaram-se para a pequena aldeia de Scole, próxima a Diss, em Norfolk. Eles costumavam visitar a aldeia nos fins de semana em que procuravam “afastar-se de tudo”. Nessas viagens, costumavam admirar pela janela dos fundos do quarto em sua pousada favorita uma casa pitoresca com um jardim crescido demais, parecendo abandonado. Algum tempo depois eles estariam morando exatamente naquela casa.

Muitas coisas aconteceram na vida dos Foys para levá-los a residir no casarão conhecido como Street Farmhouse, em Scole (veja Figura 1). Robin era piloto da reserva da Força Aérea britânica e acabara trabalhando como gerente numa empresa de papéis, enquanto Sandra era uma dona de casa, e o casal tinha quatro filhos crescidos. Eles se interessavam pelos fenômenos mediúnicos materiais há mais de 25 anos. Os fenômenos para-normais materiais, hoje às vezes chamados de “fenômenos paranormais concretos”, são ocorrências mediúnicas que podem ser testemunhadas por qualquer pessoa que esteja presente na ocasião, normalmente sentada num assim chamado “círculo de desenvolvimento físico”. Os fenômenos são geralmente audíveis ao ouvido humano, além de visíveis, de modo que geralmente podem ser gravados ou registrados em filme. Os cheiros produzidos durante os fenômenos materiais podem ser detectados pelos sentidos normais do olfato e os visitantes espirituais podem se fazer visíveis “fisicamente” tocando as pessoas, de modo que elas percebam o seu “corpo

físico”, e falando “fora” do médium que esteja sendo usado como instrumento de comunicação pelos seres espirituais.

O médium pode também emitir ectoplasma. A definição geralmente aceita de ectoplasma é que se trata de uma substância física, uma mistura de elementos químicos e fluidos corporais que existem a partir do corpo do médium físico e dos corpos dos presentes. Trata-se de “plasma” por natureza. Os assistentes espirituais reúnem os ingredientes dentro do corpo do médium antes que o ectoplasma seja liberado por um ou por todos os orifícios do médium. O ectoplasma é então moldado e manipulado pela equipe de assistentes espirituais para as finalidades de produzir os fenômenos mediúnicos materiais.

Os experimentos com ectoplasma são apenas uma das maneiras pelas quais as equipes espirituais foram capazes de influenciar os acontecimentos no plano físico no passado. É claro que para isso elas precisavam de um médium consagrado e as condições certas. Alguns médiuns ainda trabalham dessa maneira com bons resultados. Um problema com o ectoplasma, no entanto, é que ele pode ser perigoso para a saúde do médium, especialmente se o médium for perturbado ou tocado quando estiver em transe.

Muitas pessoas têm dificuldade em acreditar nessas coisas. No entanto, Robin tinha se convencido de que essa forma física de mediunidade é verdadeira em muitos casos. Como em muitas atividades humanas, é claro, pode haver pessoas honestas e desonestas envolvidas. Alguns médiuns são falsos e alguns são verdadeiros. Robin acredita firmemente que, nesse terreno em especial, são os falsos que obtêm a publicidade e então todos os médiuns levam a culpa.

Robin e Sandra conheceram-se por intermédio de um círculo físico em Romford, Essex, muitos anos antes. O médium de lá comunicara uma mensagem de um dr. Dunn, dizendo que eles trabalhariam de uma nova maneira no futuro, “usando energia, e não ectoplasma”. Na época, isso não lhes significou nada, mas considerando agora o que se passou, eles acham que tudo se encaixa. Para eles, o progresso de todas as suas experiências foi como trabalhar num quebra-cabeça por um longo período de tempo. Foi como se achassem num dia uma peça aqui, outra ali muitos anos depois, e só quando tiveram peças suficientes foi que começaram a visualizar a figura.

Hoje, o grupo de Scole entende que foi reunido especificamente para iniciar um trabalho com uma nova “energia criativa” em lugar do tradicional

ectoplasma. A equipe espiritual de Scole quis se afastar dos métodos tradicionais por várias razões. Os métodos tradicionais não haviam dado resultados que convencessem as pessoas da realidade da sobrevivência após a morte. Nos primeiros dias do grupo, no entanto, parecia que a equipe considerava importante mostrar que podia duplicar os mesmos efeitos com a energia que as outras equipes espirituais conseguiam obter com o ectoplasma.

A equipe espiritual afirmou que a nova energia era muito mais segura e mais fácil de usar por um número maior de pessoas e que havia bons motivos para desenvolver uma nova maneira de trabalhar. Ela também mostrou como conseguir muito mais usando a nova energia, que era mais criativa.

Em sua casa anterior em Postwick, em Norfolk, os Foy tinham iniciado um pequeno grupo que se reunia para desenvolver o fenômeno paranormal físico, e no momento estavam ansiosos para continuar com essa pesquisa assim que fosse possível. Eles ficaram contentes porque quatro outras pessoas que tinham trabalhado com eles em Postwick haviam concordado em viajar mais um pouco, até Scole.

O aposento dos fundos, a biblioteca, foi preparado para o trabalho, vedando-se as janelas com oleados de PVC bem grossos e eliminando outras fontes de luz por diversos métodos engenhosos. No passado, era importante que não houvesse nenhuma luz no ambiente, nem mesmo uma fresta, para a ocorrência do fenômeno. Por ser esse um problema num aposento como aquele, ele foi deixado no escuro permanentemente. Em consequência, depois de pronta a biblioteca, não haveria mais interrupções nas sessões.

A intenção final dos Foy, no entanto, era reformar o maior dos seus dois porões o mais cedo possível. Um porão é muito mais fácil de manter no escuro, por ficar embaixo da terra e não ter janelas. Além disso, Robin e Sandra costumavam organizar seminários em que grupos de até trinta pessoas testemunhavam os fenômenos. O porão seria perfeito para essas demonstrações. Assim a reforma do primeiro porão aconteceu logo (veja Figura 2).

Em fevereiro de 1992, o porão ficou pronto. Vinte pessoas se reuniram para o encontro inaugural, que incluía a presença do médium físico Stewart Alexander. Stewart e sua equipe espiritual trabalhavam da maneira tradicional, com ectoplasma. De acordo com os presentes na ocasião, houve

muitos fenômenos materiais. Mas o principal acontecimento foi quando Pena Branca, um dos principais guias espirituais de Stewart, abençoou o porão e o dedicou ao trabalho do mundo espiritual.

Depois da reforma do porão, da reunião de inauguração e da cerimônia de bênção, a excitação e o entusiasmo resultante pareceram criar um aumento nos fenômenos. O aposento se tomava extremamente frio durante as sessões, e então o grupo começou a ouvir batidas, pancadinhas e estalidos vindos das paredes e do espaço ao redor das paredes. Às vezes, eles chegavam a ouvir assobios fracos. No entanto, essa breve ocorrência de atividade paranormal logo se esgotou.

Os Foy acrescentaram mais três pessoas ao grupo para ver se ajudava. Eram então nove integrantes comparecendo com regularidade. Infelizmente, isso não funcionou. As semanas e meses passaram mas, em vez de o fenômeno aumentar, aconteceu bem o contrário. Não muito tempo depois, alguns dos participantes se entediaram e deixaram o grupo. Em consequência disso, a harmonia entre os integrantes do grupo, um componente essencial para o sucesso dos fenômenos, foi prejudicada. Os trabalhos se arrastaram penosamente durante o verão de 1992, mas ficou claro que era preciso mudar.

No entanto, diversas luzes brilhantes foram vistas durante esse período de agonia. Em alguns momentos, quando os médiuns materiais como Stewart Alexander eram convidados para sessões especiais, o porão ficava lotado, com cerca de 28 pessoas preenchendo o espaço disponível. Em cada uma dessas sessões, manifestou-se uma variedade incrível de fenômenos paranormais materiais. Uma demonstração especial da mediunidade paranormal material, ocorrida em um sábado, 30 de agosto de 1992, destaca-se entre todas as outras na memória de Robin, pois ela lhe deu a prova cabal da vida após a morte. Ele se recorda:

Durante a sessão, o meu pai, que havia passado ao mundo espiritual em 1987, materializou-se quase solidamente. Eu era capaz de abraçá-lo e reconhecia a voz dele sem sombra de dúvida. Vamos encarar a situação: quem entre nós não conheceria o próprio pai? Tínhamos vivido extremamente próximos durante a vida e fomos capazes de manter uma conversa pessoal durante a qual o meu pai falou de coisas que apenas ele e eu no mundo sabíamos. Ele me deu conselhos muito úteis sobre a minha saúde, os quais eu imediata

e sabiamente acatei, e que se comprovaram extremamente precisos quando liguei para o meu médico para confirmar no dia seguinte.

Na ocasião, os Foy receberam uma mensagem do mundo espiritual, por intermédio de um amigo que era médium, a qual esclarecera que as energias das diversas pessoas em seu grupo não combinavam, daí a falta de progresso. É muito importante que as energias estejam certas em qualquer grupo de pesquisas com os fenômenos materiais. Depois de terem recebido a mensagem, os Foy ficaram preocupados com o que diriam aos outros integrantes do grupo. Para a sua mais completa surpresa, os integrantes remanescentes disseram que estavam pensando em sair de qualquer modo, por causa das dificuldades para viajar. Assim, treze meses depois do começo com o grupo doméstico de Scole, os Foy voltaram à estaca zero, com apenas eles dois sentados no porão escuro e gelado. Iniciaram, então, um rígido regime de sessões regulares, para assegurar a continuidade das energias, enquanto enfrentavam a desafiadora tarefa de reconstruir o grupo. Chegou ao seu conhecimento que uma mulher de negócios francesa, chamada Mimi, que morava na cidade vizinha de Diss, estava interessada em reunir-se regularmente com eles como participante do grupo. A primeira sessão com Mimi aconteceu numa segunda-feira, 21 de setembro de 1992. A atmosfera parecia boa e o grupo estava bastante otimista. Robin ligou o gravador. Como sempre, eles tocaram uma música cantada, que o pessoal do meio espiritual afirma ajudar a elevar as vibrações. A sessão parecia estar progredindo sem muita novidade quando, de repente, justamente quando começara a tocar a canção *Bring Me Sunshine*, de Morecambe e Wise, eles ouviram no ar um ruído como o do estalido de um mecanismo de relógio feito com os dentes. Num certo sentido, eles pensaram que os seres espirituais lhes estariam pregando uma peça, porque todos sabiam do costume de Eric Morecambe de fazer aquele tipo de ruído com os dentes. Mas por outro lado era algo muito importante. Era o primeiro fenômeno significativo do grupo de Scole.

Depois dessa sessão com *Bring Me Sunshine*, uma estranha atividade paranormal começou a se manifestar na casa entre as sessões nas noites de segunda-feira. “A maioria aconteceu no nosso quarto”, lembrou Sandra. “Havia estalidos constantes nas paredes, portas, teto e nos lustres. Então eles começaram a acontecer na cabeceira da cama!”

“De acordo com o nosso conhecimento e experiência nesses assuntos”, continuou Robin, “pensamos que se tratassem de energias físicas que estivessem sendo reunidas, numa preparação para o trabalho que poderia ser feito um dia no porão. A luz do que aconteceu, talvez essa fosse uma suposição justa”.

Logo depois disso, Sandra e Robin anunciaram que fariam um fim de semana em casa para pessoas interessadas em mediunidade física e foi então que conheceram Ken e sua amiga Bemette. Logo acertaram que eles deveriam juntar-se ao grupo de Scole.

Na segunda-feira, 23 de novembro de 1992, os cinco integrantes sentaram-se juntos pela primeira vez. Mas a mistura de energias ainda não parecia forte o suficiente para produzir os fenômenos paranormais materiais significantes que os Foy pretendiam. Eles precisavam encontrar ainda mais pessoas.

Sucedeu-se então uma sequência de eventos que mudaria a vida deles. Robin e Sandra publicaram um anúncio num jornal regional à procura de novos parceiros. Em dezembro, Alan e Diana Bennett responderam ao anúncio. O casal viva em Norfolk havia 22 anos e também tinha quatro filhos crescidos. Alan era carpinteiro e Diana praticava um tipo de terapia. Eles ficaram meditando juntos na tentativa de sentir as energias. Enquanto faziam isso, as luzes acendiam ou outras coisas incomuns aconteceram. Coisas estranhas também aconteceram quando eles não estavam reunidos, mas quando estavam juntos parecia que suas energias eram muito mais fortes. Uma lâmpada chegou a voar pela sala. Sem dúvida o casal levava energias intensas para o grupo de Scole.

E assim contavam-se sete pessoas no grupo: Robin, Sandra, Mimi, Ken, Bemette, Alan e Diana. Os Bennett participaram pela primeira vez em 4 de janeiro de 1993. Naqueles primeiros dias, nenhum deles fazia a menor ideia de que com a introdução das energias de Alan e Diana chegara o momento para o verdadeiro trabalho do grupo de Scole começar. Ainda assim, lembra-se Robin, o círculo de Scole “certamente parecia diferente. Classificá-lo de ‘animado’ e ‘vibrante’ com certeza não seria um exagero (...). Todos se sentiam otimistas e excitados.”

Nessa etapa, o grupo ainda funcionava de acordo com as linhas de desenvolvimento tradicionais para qualquer círculo buscando desenvolver fenômenos paranormais materiais. Como parte do seu equipamento, eles contavam com uma “cometa acústica” de alumínio, que permanecia de pé

sobre a mesa circular central durante as sessões. Essa peça das sessões espíritas tradicionais é um objeto cônico, semelhante a um megafone, pelo qual os comunicadores espirituais falam. Em Scole, o instrumento nunca mostrou o mais leve sinal de movimento, que dirá ser usado para a fala dos seres espirituais. Quer dizer, pelo menos até a segunda-feira, 26 de abril de 1993. Então o objeto foi jogado de cima da mesa pela primeira vez, caindo primeiro sobre a perna de um dos participantes e depois ruidosamente no chão. No mínimo eles tinham um resultado palpável com que lidar.

Na semana seguinte, os sete integrantes estavam presentes. Eles perceberam cliques e sussurros, assim como um frio inacreditável. A cometa acústica caiu de novo no colo de um dos participantes, mas dessa vez a sua queda foi mais controlada, como se ocorresse a distância e em câmera lenta. Quando o gravador de som da sessão foi acionado para ouvirem a gravação, o grupo percebeu que havia uma interferência constante na fita, como uma estática, até o preciso momento em que a cometa acústica caiu. Imediatamente depois, a estática cessou e o silêncio no resto da fita era nítido, fazendo o grupo pensar que algum tipo de “energia” fora projetado pelos seres espirituais para mover a cometa acústica.

Ao longo de todo o verão de 1993, os fenômenos continuaram a ocorrer. As fracas luzes dos seres espirituais que às vezes eram vistas tornaram-se mais fortes e mais constantes. Ondas de névoa começaram a aparecer. Os participantes foram até borrifados com água. Uma profusão de sons audíveis foram produzidos e os presentes sentiram puxões e atrações nas suas calças, mangas de camisa ou blusas de lã. Nos primeiros dias, Sandra e Robin foram usados para a comunicação em transe. Um grande número de comunicadores falava por seu intermédio, todos prometendo que agora estavam extremamente perto de conseguir fenômenos muito bons no grupo. Sandra, porém, não estava satisfeita com a perspectiva de continuar a desenvolver a sua mediunidade em transe. Ela sentia-se sob pressão psicológica para “atuar” durante as sessões. Foi nessa etapa que os participantes do grupo concordaram em “abrir o jogo” com o mundo espiritual e deixá-lo decidir qual seria a melhor maneira de prosseguir e quem seria usado para esse propósito. Desse momento em diante, os fenômenos começaram a se manifestar numa velocidade incrível.

Em primeiro lugar, os seres espirituais puseram Alan em transe. Contudo, ele nunca tinha passado por aquilo antes, e suas primeiras tentativas de comunicação foram difíceis, até que os seres espirituais se familiarizassem

em usá-lo como instrumento. Novas sessões foram planejadas para praticar e o nível de transe de Alan rapidamente tomou-se mais profundo. Em pouco tempo, ele estava totalmente inconsciente durante as sessões do grupo, enquanto os seres espirituais usavam o Seu corpo. Ao mesmo tempo, Diana também começou a ser usada da mesma maneira. Tendo já recebido treinamento sobre transe mediúnico, ela estava muito mais familiarizada com o estado de transe e logo os seres espirituais tinham total controle sobre ela durante as sessões. Assim os seres espirituais tinham agora dois “instrumentos” eficazes e o círculo familiar de Scole contava com sete integrantes em harmonia e entusiasmados. Estava tudo pronto para começar. Desde o começo, o grupo ficou impressionado com o que aconteceu durante as sessões. Mesmo alguns dos fenômenos iniciais foram espetaculares. As sessões no porão foram como penetrar num outro mundo, um lugar onde se aplicavam regras diferentes.

O grupo de Scole aprendeu que essas novas maneiras de trabalhar com a energia tinham sido tentadas antes do começo do Experimento Scole, mas as equipes espirituais não obtiveram resultados porque evidentemente não havia chegado o momento. Só nos anos recentes, desde que determinadas energias tinham vindo para a Terra, o mundo espiritual tinha capacidade de reproduzir o fenômeno com regularidade. Além disso, a mistura de energias dos integrantes do grupo de Scole era um resultado importante durante seu tempo juntos. Com as energias de Sandra, Robin, Alan e Diana, uma nova fase extraordinária no trabalho mediúnico havia começado.

Um dos integrantes da equipe espiritual, John Paxton, explicou ao grupo as quatro principais diferenças entre as maneiras tradicionais de trabalho e a nova tecnologia baseada na energia agora disponível ao mundo espiritual. Em primeiro lugar, essa era uma energia criativa constituída de uma mistura de energias terrestre, humana e espiritual. Assim, ela era muito mais segura para o médium, embora o transe ainda fosse necessário. Segundo, usando a nova energia, os fenômenos poderiam ser desenvolvidos muito mais rapidamente, em meses em vez de anos. Terceiro, a variedade de fenômenos que as equipes de assistentes espirituais poderiam produzir com um grupo experimental era muito maior. Quarto, os métodos baseados na nova energia eram um produto misto das energias de cada uma das pessoas do grupo e das energias trazidas pela equipe espiritual. Nesse sentido, o produto da mistura de energias não se baseava apenas nos atributos físicos do médium ou médiuns, que era geralmente o caso com formas mais tradicionais de

mediunidade física. Por causa disso, o desenvolvimento dos fenômenos baseados na energia era mais uma experiência compartilhada, um esforço de grupo.

Durante as sessões experimentais em Scole, tanto Alan quanto Diana entraram no estado alterado de consciência ou transe, permitindo que seu corpo fosse usado por alguns integrantes da equipe espiritual para comunicação verbal, de modo que toda a equipe pudesse falar para o grupo. Diana disse que, quando entrava em transe durante as experiências, “um tipo de distanciamento” acontecia. Robin, Sandra e os outros presentes permaneciam conscientes, de modo que podiam observar os comunicadores e relacionar-se com eles.

Muitas pessoas perguntaram por que tanto Alan quanto Diana precisavam estar em transe ao mesmo tempo. A equipe respondeu que, quando dois médiuns diferentes estavam em estado de transe paralelo, era mais fácil atuar de maneira mais eficaz. Num certo sentido, um podia equilibrar o outro. Além disso, havia tantos comunicadores que era geralmente conveniente, digamos, que um espírito cientista estivesse dando um tipo de instrução enquanto, ao mesmo tempo, outros integrantes da equipe transmitiam outras informações.

Quando a equipe organizava uma sessão especial em que não era preciso que Alan e Diana estivessem em transe, eles podiam testemunhar as luzes dos seres espirituais e sentir o movimento e a atividade no aposento. Nessa ocasião, as luzes eram impressionantes. Alan tomara parte em poucos círculos materiais, mas nunca ficara especialmente impressionado com os fenômenos. Agora ele entendia que em Scole estavam acontecendo fenômenos espetaculares. Ele explicou:

Por um lado, era bom não ter passado por esse tipo de experiência, pois assim eu podia entender como se sentiam as pessoas novatas nesses fenômenos. As pessoas vinham aos nossos seminários e nos ouviam falar sobre todas aquelas coisas, mas elas não haviam assistido às sessões experimentais e assim não tinham o benefício da prova pessoal. Para as pessoas que realmente vinham às sessões experimentais, era uma coisa muito diferente, é claro: elas ficavam verdadeiramente tocadas pelo que viam.

E não era só por ver. Eu me lembro de uma mulher que teve uma experiência muito tocante numa sessão. As luzes chegaram a

penetrar o corpo dela para tratar a sua saúde. Ela caiu em prantos. Deve ser uma coisa fantástica quando isso acontece com você. Portanto, não estávamos apenas falando sobre ser testemunha de algo pelo fato de simplesmente ver fenômenos inexplicáveis em primeira mão. Estávamos falando sobre coisas que intrigavam os nossos pensamentos e que realmente mudavam a vida das pessoas.

CAPÍTULO TRÊS – A Equipe Espiritual de Scole e as Primeiras Experiências

“Esse tipo de coisa é mais difícil de fazer do que parecia.”

Professor A. W. Verrall... postumamente

É bastante difícil contemplar as implicações de sobrevivência pessoal em outra área de existência. A ideia de que assim que tivermos nos aclimatado ao nosso novo ambiente podemos cada um de nós nos tornar um integrante de uma equipe fazendo um trabalho espiritual é ainda mais intelectualmente estimulante. Não obstante, de acordo com os seres espirituais que se manifestaram em Scole, há muitas dessas equipes trabalhando em prol da comunicação com a nossa dimensão. Cada integrante contribui com o seu talento pessoal e as suas qualidades na equipe, fazendo de cada equipe algo exclusivo em seus métodos e capacidades.

Para entender o que aconteceu em Scole é essencial saber mais sobre a equipe espiritual.

Quando um pesquisador perguntou a um integrante da equipe espiritual como ele sabia que era o momento de participar da sessão, a resposta foi: *“Eu sei quando chega o momento de vir, eu o sinto. E como uma atração, um sinal que reconheço. E um retardamento dos sentidos da consciência em que posso realmente vir e falar com vocês. Eu coloco os meus pensamentos em palavras e uso o médium para isso, como um instrumento de comunicação”*.

De acordo com todos os que testemunharam os acontecimentos, a equipe espiritual de Scole tomava as sessões interessantes e, por mais estranho que possa parecer, divertidas. Cada um deles tinha uma personalidade e um caráter muito peculiar (veja o Apêndice 1). Embora houvesse milhares de mentes na equipe espiritual, apenas um número reduzido de personalidades era capaz de se comunicar. Durante os cinco anos e 500 sessões do Experimento Scole, o grupo foi apresentado a diversos comunicadores,

alguns deles por apenas pouco tempo. A medida que o experimento prosseguia, a equipe utilizou alguns comunicadores regulares. Quatro dos principais cientistas espirituais que apareceram apresentaram-se como William, Albert, Joseph e Edwin. Cada novo comunicador aparecia e dava um conselho ou orientação conforme o necessário. A equipe mantinha conversas com o grupo sobre uma vasta gama de assuntos por meio desses comunicadores regulares.

Esses indivíduos geralmente funcionavam como uma espécie de “mediadores”. Por exemplo, a sra. Bradshaw, uma comunicadora regular, tivera pouco conhecimento científico durante o seu tempo de vida na Terra. Portanto, não se esperava que ela soubesse tudo sobre o conhecimento de espaço, tempo, matéria e energia - assuntos que geralmente surgiam quando havia cientistas visitantes presentes - só porque agora ela era um espírito. Quando lhe faziam uma pergunta, por um breve momento ela parecia ouvir um especialista científico do seu lado. Depois disso, então, ela passava as informações para os que haviam feito a pergunta do nosso lado. Ela geralmente começava com: “Eles estão me dizendo que...” antes de dar a resposta. Um aspecto interessante dessa comunicação era que ela ouvia durante praticamente um segundo e então falava sobre o assunto por cinco minutos.

Como Trabalhava a Equipe Espiritual

Numa sessão típica, Manu - um guia eficaz que era o “porteiro” do mundo espiritual - aparecia primeiro, dava as boas-vindas a todos e depois “ia para os bastidores” e misturava as energias para que o trabalho pudesse começar. Normalmente havia uma provocação irônica por parte de Patrick McKenna - que fora padre no mundo físico -, às vezes fingindo que não permitiria que o guia indiano Raji se manifestasse. Mas ele acabava permitindo que fosse tocada uma música marcial (a “deixa” de Raji). Raji geralmente trocava alguns gracejos com os presentes ali reunidos antes de discutir seriamente com eles sobre os experimentos fotográficos ou outros que estivessem sendo planejados para a sessão ou futuras sessões. O assistente de Raji, Charlie n. 1, geralmente o acompanhava e se aproximava do grupo, tocando as pessoas com os seus dedinhos ou dando-lhes tapinhas na cabeça.

Em algum lugar no meio de tudo isso, Edward Matthews, aparentemente um cientista na existência anterior, dirigia-se ao grupo, normalmente

falando dos seus planos sobre experimentos científicos e descrevendo algumas das maravilhas ainda por vir. Parecia claro que Edward assumira essa função por conta própria. Normalmente, ele se mostrava entusiasmado quanto aos experimentos, descrevendo com cuidado as suas instruções para, por exemplo, a confecção de peças especializadas de equipamentos. Para o grupo, era tão divertido ouvir essa alma emocionante e sensível quanto ouvir outro ser espiritual muito evoluído, John Paxton.

Paxton era o único capaz de falar ao grupo em “sessão fechada”, quando não havia visitantes presentes. Isso se devia principalmente às dificuldades práticas de comunicação de um dos planos espirituais superiores, mas Paxton gostava de apresentar ensinamentos e instruções especializadas das almas mais evoluídas do mundo espiritual.

Ao longo da maioria das sessões, a sra. Emily Bradshaw transmitia comentários ocasionais por meio do seu médium em transe, às vezes ajudando Patrick ou Raji a superar um ponto mais importante. Era também sua função ajudar os comunicadores do mundo espiritual a transmitir mensagens a todos os amigos e entes queridos presentes, fornecendo evidências da sobrevivência tanto aos visitantes quanto aos integrantes do grupo. A sra. Bradshaw era muito precisa nas suas informações.

Por fim, depois de uma noite interessante e inspiradora, Patrick anunciava que estava na hora de encerrar. Ele e a sra. Bradshaw assumiam o comando, com Patrick às vezes demonstrando o “fenômeno da voz estendida”, falando de qualquer parte da sala que quisesse. Às vezes ele falava de todos os lados do porão ao mesmo tempo e o grupo chegou a ouvi-lo falar de um ponto que ficava bem dentro das paredes do porão.

Primeiras Experiências

Depois do primeiro aporte, a Coroa de Churchill, os eventos em Scole continuaram a progredir com rapidez. O grupo chegou a receber uns setenta aportes materiais (do francês *apporter*, “trazer”)¹ durante o período que durou o Experimento Scole (veja o Apêndice 6). Em 1º de novembro de 1993, novamente com os sete integrantes presentes, Manu declarou: “*Nós vamos lhes trazer uma coleção de presentes que foram escolhidos com cuidado pela equipe por serem relevantes aos aqui presentes e trazidos com imenso amor e boa vontade*”.

Para nossa imensa decepção, isso não aconteceu de imediato, conforme o grupo esperava. Não obstante, os presentes ouviram uma série de sons surdos durante toda a noite. Ao fim da sessão, quando as luzes foram acesas, havia sete objetos sobre a mesa, exatamente conforme o prometido. Um aspecto interessante desses brindes era que havia sete pessoas presentes, quatro mulheres e três homens, sendo que quatro dos objetos eram para mulheres e três para homens. Os objetos eram: um dedal de prata; dois pequenos broches de prata; um bracelete em forma de corrente, de prata; um medalhão de São Cristóvão; uma colher em miniatura, com o cabo de metal em espiral e a concha com um ornamento gravado, tendo no verso uma inscrição em francês; e uma medalhinha com hieróglifos (veja Figura 3).

Nessa etapa, o grupo ainda não tinha conhecimento de que a equipe não usava os métodos tradicionalmente conhecidos de conseguir a materialização de objetos e os outros fenômenos que ocorriam com regularidade. Em consequência, eles continuavam a observar a convenção tradicional de colocar uma cometa acústica cerimonial, o cone de alumínio, na mesa central durante as sessões. Embora o grupo tivesse conseguido importantes fenômenos como os aportes, muito pouco sucedeu com a cometa acústica por muitos meses. Essa situação mudou radicalmente, no entanto, em 13 de dezembro de 1993.

Durante aquela sessão, com todos os integrantes presentes, Manu, falando por meio de Diana, abriu os trabalhos como de costume: *“Boa noite, meus amigos... Eu gostaria de lhes contar mais sobre o que gostaríamos de fazer. Muitos de nós deste lado da vida vamos ajudar no trabalho. Cada um tem uma personalidade e conhecimentos muito diferentes”*.

Então, a série de chocalhos pendentes do teto começou a soar festivamente. Depois disso, outro comunicador se apresentou por intermédio de Alan: *“Boa noite a todos. Meu nome é Patrick e, caso não tenham percebido, sou irlandês”*. Logo ficou evidente que Patrick tinha um grande senso de humor. *“Eu fui padre durante a minha vida, mas não um bom padre! Para falar a verdade, vivia me metendo em problemas!”* Ele explicou que o ano de sua passagem fora 1942 mas, na época, ele estivera bem distante da guerra que explodia em todo o mundo.

Depois de mais comentários de Patrick sobre os planos da equipe, os integrantes do grupo conversaram animadamente entre si. Eles especularam

com entusiasmo sobre o que poderia acontecer em seguida. E não foram desapontados.

Luzes e Levitações

Logo depois que Patrick concluiu sua fala, o grupo começou a ver pequenas luzes animadas que apareciam do nada e cruzavam o aposento. Essas luzes eram espetaculares, lembrando estrelas cadentes, e curvavam-se para baixo vindas do teto em alta velocidade antes de desaparecer no ar. Fagulhas e crepitações características as acompanhavam.

Foi nesse momento que a cometa acústica foi graciosamente jogada para fora da mesa, seus movimentos sendo visíveis no escuro pelas tarjas luminosas ao redor de suas duas extremidades, a mais estreita e a larga. O cone de metal flutuou delicadamente em direção ao teto antes de “circunavegar todo o aposento numa órbita suave”.

Patrick explicou o fenômeno:

Coisa engenhosa, não? O objeto está sendo manipulado por duas personalidades jovens, crianças do nosso mundo. Elas estão em pé sobre a mesa central. Nossa equipe está experimentando métodos totalmente novos de interação interdimensional. Estamos demonstrando uma forma de tecnologia científica espiritual que utiliza um tipo especial de energia.

Energia Criativa, o Portal e Formas de Energia

O grupo pediu que a equipe explicasse o que queria dizer com “energia”.
Manu replicou:

A energia de que estamos falando é uma mistura de “energia criativa” de três origens distintas. A primeira iremos chamar de “energia espiritual”, que trazemos conosco desde o nosso mundo. A segunda é a energia humana, que tomamos dos seus corpos durante os experimentos. E a terceira é a energia da Terra, que é extraída de “colunas” ou “reservatórios” de energia natural existentes em determinados pontos geográficos do seu mundo. Essas energias eram conhecidas e usadas pelos antigos, mas esse é hoje um

conhecimento esquecido. Estamos tentando ajudar a humanidade a se recordar.

O efeito criado pela energia foi explicado ao grupo como sendo similar ao de um campo eletromagnético.

Enquanto os integrantes conscientes do grupo conversavam com Patrick, o cone de alumínio continuava a se mover graciosamente ao redor do ambiente. Então ele começou a ondear pelos pés das cadeiras antes de finalmente cair suavemente no chão em posição perpendicular em relação à mesa. No mesmo lugar, para grande assombro do grupo, ele começou a girar e se agitar rapidamente.

Então foi a vez de outro comunicador se apresentar, por meio de Alan: “*Eu sou Raji*”. Esse elegante comandante disse que era sua agradável obrigação explicar parte do que iria acontecer. Os comunicadores espirituais estavam fazendo experiências com a energia. Um de seus objetivos finais era tomar diversos “visitantes” de outras áreas de existência realmente visíveis aos olhos do grupo durante as sessões num futuro próximo.

Para executar os experimentos programados, explicou Raji, seria necessário que a equipe espiritual construísse uma espécie de dossel de energia sobre o grupo sentado ao redor da mesa. Esse dossel havia sido aperfeiçoado àquela altura e podia ser montado em questão de segundos. A equipe pretendia fazer isso no início de cada sessão e todo o trabalho ocorreria embaixo desse guarda-chuva energético.

Raji também explicou que fora construído um “portal espiritual” na superfície da mesa central. Através desse portal, passarão seres espirituais plenamente manifestados no futuro próximo.

As informações sobre a nova “energia criativa” e o “portal espiritual” constituíram um ponto decisivo no trabalho do grupo. Depois disso, os fenômenos na “Toca de Scole” tomaram-se, a cada semana, cada vez mais espetaculares. Ouviam-se constantes ruídos e baques sonoros nas cadeiras, na mesa e nas paredes do porão. As luzes supranormais, tendo a princípio se comportado como estrelas cadentes, adotaram um movimento mais suave e pareciam explorar metodicamente todo o espaço interior do porão sempre que o grupo se reunia.

“Pensamos que elas procuravam se orientar, experimentando o espaço ao redor”, explicou Robin. “Esses fenômenos já eram espetaculares em si mesmos. Mas nada nos havia preparado para o que estava por vir.”

Desse momento em diante, o progresso do grupo de Scole foi meteórico. Os fenômenos ficaram cada vez mais fortes. O porão começou a parecer “vivo” com tanta energia. Nessa fase, o grupo tinha colocado quatro tiras luminosas sobre a mesa, de modo que pudesse acompanhar os seus movimentos. Formas de energia densa começaram a mover-se ao redor do aposento e vez por outra obscureciam as tiras luminosas ao passar por elas.

Música, Meditação e Cura

No final de dezembro de 1993, Manu também pediu ao grupo para tomar mais cuidado na escolha das músicas executadas durante as sessões, pois as melodias tristes atrapalhavam o trabalho. Aparentemente, o progresso dependia da criação de um ambiente certo, o que incluía as “vibrações” causadas pela música. A música triste fazia baixar as vibrações, ao passo que a música alegre as aumentava.

Pediu-se a todos os sete integrantes do grupo que, daquele momento em diante, passassem a meditar por um breve período todo dia. A meditação era importante para prepará-los para o trabalho que viria pela frente, como também permitia que cada indivíduo “tocasse as esferas espirituais” regularmente, o que ajudava a elevar a taxa vibracional do seu corpo, tornando o seu uso como instrumento mais fácil e eficaz.

Manu explicou que a meditação, a harmonia e o amor presentes durante os encontros ajudariam a gerar poderosas energias de cura dentro do grupo. Os integrantes do grupo se tomariam, assim, instrumentos pelos quais a equipe poderia transmitir energias de cura ao plano terrestre, sendo-lhes pedido para enviar mentalmente essas energias, logo após as orações, para as pessoas que eles soubessem estar precisando. Não muito tempo depois, o grupo começou a receber retornos regulares de pessoas que diziam ter-se beneficiado dessa cura “ausente” ou “a distância”.

Vozes e Outros Sons

Depois da revelação de que o novo meio de trabalho seria com a energia em vez do ectoplasma, a equipe também explicou que a nova energia seria usada para criar “vozes energéticas”, que poderiam se dirigir ao grupo do meio do ar.

Durante uma sessão inicial, Raji apareceu através do seu médium, Alan, na maior parte de uma noite mas, por alguns momentos, o grupo ficou altamente interessado quando Edward Matthews - um espírito sensitivo que fora morto durante a Primeira Guerra Mundial - insinuou-se para se fazer ouvir. Depois disso, Raji explicou a dificuldade de Edward: essa não fora uma tentativa com a “voz energética”, mas um experimento em usar o médium de uma maneira inteiramente nova. A equipe disse que estava usando as próprias cordas vocais do médium para a comunicação, mas eles as haviam “esticado” a um ponto bem para fora do corpo, daí a voz parecer estar sendo emitida de algum outro lugar do aposento. Depois disso, o grupo passou a chamar esse fenômeno de “voz estendida”.

Os analistas críticos questionaram se “estendida” seria a palavra certa nesse contexto. Obviamente, as cordas vocais não haviam sido manipuladas fisicamente, uma vez que isso no mínimo causaria danos à saúde do médium. A resposta do grupo foi simples: “A equipe tentou usar palavras que descrevessem os fenômenos gráfica e adequadamente, mas às vezes isso lhes causa problemas. Simplesmente ainda não existe um vocabulário próprio para descrever algumas das coisas que aconteceram”. A questão é que a equipe espiritual usava os atributos físicos, energéticos e espirituais do médium para atingir o fenômeno. Levará algum tempo para estabelecer um vocabulário para definir essas coisas e o grupo nos pediu para ter isso em mente ao apresentar o trabalho.

Outros comunicadores logo aprenderam a falar por meio da voz estendida. Arnold foi o primeiro deles, mas teve grande dificuldade no início para se fazer ouvir usando essa nova técnica. O segundo comunicador não teve esses problemas. Nuvem Branca era obviamente um guia muito eficaz. Logo sua voz era ouvida por todos. No entanto, ele disse ao grupo que havia tentado falar-lhe muitas vezes antes no círculo, mas nenhum dos presentes o ouvira porque a frequência das vibrações sempre estivera errada para esse tipo de comunicação. Assim mesmo ele persistira até que as condições fossem perfeitas.

Assim como os estalidos na mesa que soavam como se tivessem sido produzidos por um par de baquetas de madeira, o grupo de Scole vinha ouvindo muitos ruídos, inclusive diversos golpes surdos muitos altos sobre a mesa e pancadas fortes nas paredes e nas cadeiras do porão. Esses outros ruídos tomar-se-iam uma característica importante da experiência durante o Experimento Scole.

Mais Fenômenos

Tudo parecia estar correndo de acordo com um planejamento. Fora explicado que todas as pessoas do grupo seriam aproveitadas num esforço combinado para desenvolver os fenômenos, cada uma tendo pontos fortes num setor diferente. A equipe sem dúvida parecia saber o que queria fazer. No entanto, é interessante notar que as personalidades espirituais não eram oniscientes e não conseguiam acertar tudo da primeira vez. Muito do que era alcançado parecia ser o resultado de tentativas e erros. Manu explicou, por exemplo, que as luzes que o grupo havia testemunhado eram o subproduto de outros experimentos que estavam sendo realizados pela equipe. Entretanto, uma vez que os integrantes do grupo haviam gostado tanto dos “artefatos luminosos” e os considerado tão evidenciais, a equipe decidiu desenvolvê-los como uma demonstração para audiências mais amplas no futuro.

Algumas das conversas eram muito simples, explicando o necessário nas sessões e o propósito por trás dos experimentos. Algumas pessoas pensam que os seres espirituais deveriam expressar apenas ideias profundas ou impressionantes. Simplesmente não importa o que é transmitido: o importante a lembrar é que, desde simples palavras recitadas ou pronunciamentos de grande sabedoria, todos apoiariam a hipótese da sobrevivência.

A equipe espiritual também podia exibir um senso de humor. Uma vez, quando as luzes da sala foram acesas depois de uma sessão, o grupo descobriu que a cadeira de Alan fora virada ao contrário, com ele sentado!

O ano novo de 1994 entrou com os integrantes do círculo de Scole muito otimistas quanto ao futuro dos fenômenos. Em 3 de janeiro, sendo a primeira vez em três semanas que o círculo estaria com força total, a equipe aproveitou a oportunidade para demonstrar o que poderia fazer com a nova energia.

Essa sessão começou com um zunido alto na lâmpada do teto anunciando a chegada de Manu. Um pouco mais tarde, os chocalhos soaram: era a deixa de Patrick. Seguiu-se o então familiar espetáculo luminoso, mas as luzes mantiveram-se mais fortes do que nunca. O efeito de estrelas cadentes foi melhor e algumas luzes chegaram a dançar sobre a mesa e no teto.

A equipe pediu ao grupo para ficar sentado em silêncio por um tempo e se concentrar no “portal dourado” construído sobre a mesa. Em seguida, a mesa começou a se esticar entre as marcas luminosas na sua superfície, o que foi confirmado por Patrick como tendo sido feito pela equipe. Obviamente, seria impossível fazer uma coisa dessas em circunstâncias normais, considerando que a mesa era feita de madeira. Mas o grupo não teve a menor dúvida quanto ao ocorrido e todos presenciaram com clareza. Então a mesa levitou a cerca de 30 centímetros do chão, inclinou-se e girou para a direita antes de voltar à posição inicial. O “baterista” usou novamente as “baquetas” para batucar na mesa - embora não houvesse baquetas no porão. Gotas de água foram aspergidas sobre três integrantes do grupo. Então a cometa acústica ergueu-se de novo e passeou suavemente por todo o porão, indo a cada parte do aposento pelo caminho. O grupo perguntou à equipe se a cometa acústica podia bater nos chocalhos, que estavam suspensos do teto. Imediatamente, o objeto de alumínio encaminhou-se direto para os sinos e chocou-se ruidosamente com eles. Em seguida, foram dados beijos através da cometa acústica antes que ela finalmente voltasse à sua posição de descanso. Esse parecia ser o final da apresentação pela cometa acústica.

No fim da noite, o grupo recebeu instruções específicas da equipe espiritual com relação aos objetos que deveriam ser colocados no aposento dali por diante. A equipe disse que queria diferenciar o Grupo Experimental de Scole (GES) de outros grupos de estudos de fenômenos paranormais materiais que trabalhavam de maneira mais tradicional. Explicou que qualquer objeto podia ser usado para os experimentos com levitação e pediu ao grupo para providenciar dois cubos de madeira balsa e um cilindro de papelão para essa finalidade. O grupo decidiu marcar esses objetos com pequenas tiras luminosas para poder ver os seus movimentos no escuro.

Durante toda a noite ocorreu uma série de sete batidas surdas em intervalos, como aquelas que se ouviam quando os aportes eram produzidos. Todo o grupo queria ver se elas significavam novos presentes. Quando as luzes foram acesas, o fato se comprovou. Havia sete objetos sobre a mesa: um antiga colher de barbatana de baleia; um colar de madrepérola; um bastão de coquetel de marfim entalhado; um broche com uma pérola sobre uma folha; um colar de marçassita; um berloque de prata contendo uma âncora, uma cruz e um coração, com a inscrição: “Fé, Esperança e Caridade”; e um medalhão de Santa Bernadete, com a inscrição “Kara” (veja Figura 3).

Conforme as instruções, ao longo da semana seguinte, o grupo recolheu diversos objetos derivados dos experimentos com a levitação. Durante a sessão seguinte, em 10 de janeiro, seis integrantes do grupo estavam presentes. A quarta música tocada foi Sleepy Shores. Ao fim dessa música, Manu apareceu. Sleepy Shores passou a ser a música dele. O grupo reparou que os fenômenos começaram mais cedo nessa sessão. Depois de Manu ter falado por algum tempo, os chocalhos soaram e Patrick apareceu, logo depois foi a vez de Raji. Cada um deles explicou um pouco sobre o que estava acontecendo enquanto o cubo de madeira balsa, uma caixa pequena coberta com uma folha prateada e dois tubos de papelão levitaram e foram deslocados pelo porão em ocasiões diferentes durante a noite. Então o grupo recebeu o pedido para retirar as tigelas de água que haviam sido colocadas em torno do aposento, de acordo com os métodos tradicionais de produção de fenômenos. Aparentemente, essa água estava aumentando a umidade relativa do aposento e afetando a capacidade da equipe de produzir o que chamava de “vozes energéticas”.

Explicaram ao grupo que os seus integrantes eram as primeiras pessoas a ser usadas com sucesso pelo mundo espiritual para experimentar essa nova forma de trabalho energético. Pediram-lhes para manter os resultados no maior segredo possível até que os fenômenos estivessem mais avançados. O grupo teve a impressão de que a equipe espiritual estava se preparando para quando os médiuns não fossem mais um elemento importante na comunicação. Aparentemente, as energias conjuntas de cada grupo seriam suficientes um dia para que as vozes energéticas surgissem do ar, em vez de dentro do médium.

A equipe espiritual também quis trabalhar para produzir sua própria forma de luz visível, pelas quais o grupo pudesse ver bem os fenômenos. O grupo não deveria usar luz artificial, uma vez que isso causava grande dificuldade à equipe espiritual. A equipe também disse que chegaria um tempo em que o grupo poderia obter suas próprias imagens dos fenômenos com câmeras fotográficas comuns, desde que essas não fossem equipadas com flash. Não houve luzes espirituais nem aportes durante essa sessão de 2 horas e 15 minutos, mas ela terminou com um ponto alto: a equipe disse ao grupo que em breve estaria oferecendo mais alguns “brindes”.

Os fenômenos continuaram. Em 17 de janeiro, o grupo disse que as luzes espirituais foram “incríveis”. Elas dançaram no ar durante toda a sessão, geralmente a uma velocidade vertiginosa. A certa altura, o grupo contou

dezenove delas enquanto elas caíam do teto, uma depois da outra, como em formação, para desaparecer na mesa. Pouco depois dessa exibição de bombardeio, o mesmo número de luzes saiu de novo da mesa, subindo uma depois da outra para o ar. Uma luz descreveu um círculo perfeito diante dos presentes, como uma roda de Santa Catarina.

Ocorreram mais experimentos de levitação. Em primeiro lugar, um dos tubos de papelão subiu direto para o teto antes de flutuar graciosamente no espaço. Ele se moveu de maneira muito semelhante à cometa acústica, que já havia sido retirada. Os dois cubos de madeira balsa realizaram giros semelhantes no ar, flutuando numa ocasião a poucos centímetros do rosto dos participantes da sessão. Foi divertido quando os cubos “inclinaram-se afirmativamente” em resposta a perguntas. Um segundo tubo de papelão e a caixa recoberta com a folha prateada foram também usados de maneira controlada, erguendo-se no ar ante a vista de todos. A mesa mais uma vez levitou parcialmente enquanto “batucadas em *staccato*, que soavam como uma metralhadora” eram feitas sobre ela.

A questão da luz durante as sessões experimentais foi discutida com a equipe espiritual, que explicou:

O motivo de precisarmos fornecer a nossa própria iluminação no futuro, em lugar da iluminação elétrica que vocês podem oferecer, não se deve à luz artificial em si. O problema é essencialmente com a corrente elétrica usada para produzir a luz artificial. Lamentavelmente, ela serve para dissipar a energia muito especial que utilizamos, sem a qual não podem ocorrer os fenômenos.

Em 24 de janeiro, Manu e Patrick chegaram com as suas “deixas” como sempre e houve mais um evento com as luzes espirituais. Dessa vez elas foram tão abundantes e tão brilhantes que foi como uma exibição pirotécnica. Elas dançaram por toda parte, movendo-se à velocidade da luz de um lugar para outro, contornando a mesa e “patinando” sobre a sua superfície. Então as luzes pareceram fundir-se com os objetos em levitação. Pela primeira vez, elas tocaram dois dos participantes. Um, Ken, foi tocado na cabeça, uma sensação que ele descreveu como parecida com o “voo de uma borboleta”. Sandra foi tocada na mão por outra luz. A sensação foi como a de um raminho de planta sendo passado pela sua pele.

As batidas em *staccato* repetiram-se durante a sessão, mas também ocorreu um novo fenômeno audível. Um tamborim, introduzido naquela mesma noite, foi tocado bem alto, enquanto as cadeiras da parte externa do aposento rangiam como se diversos seres espirituais sólidos estivessem sentados nelas.

Depois Hoo, um guia chinês, falou por intermédio de Diana. Ele era muito sábio e suas palavras eram extremamente encorajadoras; ele falava sobre “*as maravilhas que estão por vir*”.

Em seguida Patrick manifestou-se para complementar:

Daqui a quatro sessões terei a permissão de presidir o que chamaremos de “A Noite de Patrick”. Preparem um reservado com uns 60 centímetros de profundidade e uma abertura na frente, com cortinas de ambos os lados e acima. Uma parede do porão servirá para fechar esse reservado. Não lhes direi exatamente o que vai acontecer, mas podem ficar certos de que será alguma coisa muito especial.

Enquanto esperavam pela Noite de Patrick, Robin e Sandra organizaram outra demonstração de mediunidade física de Stewart Alexander no domingo, 30 de janeiro. Compareceram 35 pessoas. Como sabemos, Stewart é um médium tradicional e os seus guias espirituais empregam métodos ectoplasmáticos. Durante a sessão, as testemunhas relataram “uma nuvem muito impressionante do tamanho de uma bola de futebol de ectoplasma reunindo-se à frente do rosto do médium”. Essa nuvem foi vista em luz vermelha, que brilhava sobre o médium.

O grupo de Scole nunca havia pensado se a sessão tradicional com ectoplasma e os seus experimentos com a nova energia seriam incompatíveis. Isso simplesmente nunca passara por seu pensamento. Mas na segunda-feira, 31 de janeiro de 1994, sua sessão estava mais silenciosa do que de costume, com muito poucos fenômenos. Manu explicou, em detalhes, que a equipe espiritual de Scole estava tendo uma grande dificuldade para produzir as vibrações energéticas naquela sessão. Ele disse que isso se devia ao fato de ter ocorrido uma sessão de fenômenos materiais usando ectoplasma ocorrida recentemente e que o guia do outro médium trabalhava de maneira diferente. Embora nem os métodos da outra equipe

mediúnica nem os da equipe de Scole estivessem errados, eles eram incompatíveis.

Felizmente, esse pequeno retrocesso foi logo superado e os chocalhos pendurados começaram a soar de tempos em tempos, geralmente no compasso da música de fundo, e durante essa sessão muito trabalho foi feito para melhorar os fenômenos luminosos. No final da noite, as luzes tinham se tomado maiores e mais duradouras do que antes.

Patrick disse que a equipe estava refletindo bastante sobre o que deveria ser mantido “na programação” sobre os fenômenos quando o trabalho do grupo viesse a público. A primeira prioridade da equipe era duplicar os fenômenos ectoplasmáticos existentes usando os métodos da nova energia. Depois eles poderiam prosseguir com outras formas novas e muito diferentes de fenômenos que jamais haviam sido tentados antes. Ficou claro para o grupo que o trabalho de vanguarda feito durante o Experimento Scole tinha como objetivo produzir fenômenos paranormais materiais adequados para a demonstração pública a audiências de todo o mundo, para provar, de uma vez por todas, para toda a humanidade, a realidade da vida depois da morte. Os fenômenos continuaram. O grupo tinha introduzido um novo conjunto de “mensageiros do vento” no porão, pendurados no teto, além dos chocalhos. A equipe espiritual soou esses novos sinos quando solicitada. As luzes tornaram-se muito maiores e mais brilhantes do que nunca. O grupo aprendeu que, como as luzes iniciais, essas maiores eram materiais. Dois dos presentes relataram que elas davam a sensação de bolinhas de gude quando batiam nos seus pés. Mas novamente, como as luzes iniciais, essas maiores também conseguiam atravessar a matéria sólida. Como antes, elas entravam na mesa diversas vezes e voltavam com igual facilidade.

Quase no final de uma “sessão muito interessante”, Nuvem Branca juntou-se ao grupo. Ele disse que estava ali para obter conhecimento da nova maneira de trabalhar com a energia, com a intenção de ajudar os outros grupos no mundo todo a obter resultados da mesma maneira.

Numa troca de informações que dá alguma ideia dos diversos acontecimentos no porão durante aquelas primeiras sessões, dois integrantes da equipe espiritual deram dicas sobre suas identidades. Um simplesmente deu as iniciais “ACD”; o outro deu um endereço: “91 Circle Gardens, Merton”. Durante as pesquisas realizadas, esse endereço foi encontrado, mas não foi possível confirmar se o comunicador havia morado ali.

Isso levanta diversas questões sobre o Experimento Scole. Sem dúvida pareceu que alguns dos eventos que ocorreram na Toca de Scole tiveram ao mesmo tempo importantes implicações científicas e uma base experimental, permitindo que fossem verificados, testados e confirmados. Outros eventos pareceram ser mais de natureza pessoal e foram mais difíceis de verificar.

Isso levou alguns comentaristas a valorizar os experimentos científicos ainda mais do que as comunicações pessoais. É claro que todos somos um tanto limitados pelas nossas perspectivas pessoais. Algumas pessoas podem considerar muito importante saber como seus parentes estão se saindo na outra vida, ao passo que outras valorizam mais o fato de os seres espirituais poderem nos falar se ou como podemos usar a água como combustível para os nossos carros ou a luz como propulsão de espaçonaves.

No entanto, independente de as comunicações verbais terem implicações científicas ou pessoais, elas também podem servir para provar que sobrevivemos, desde que se possa demonstrar que as informações vêm de fora do médium. Mas no caso da mediunidade mental, sempre foi um tanto difícil demonstrar isso de modo que satisfizesse a todos, uma vez que os críticos podem questionar de maneira convincente as explicações alternativas como as hipóteses de fraude, *alter ego* ou super-PSI² que vamos discutir mais adiante (veja os Capítulos 5 e 9). Daí a necessidade de a mediunidade física produzir fenômenos que possam ser testados e verificados mais facilmente e assim satisfazer os questionamentos dos críticos.

Em 14 de fevereiro, Dia de São Valentin, quando é comemorado o Dia dos Namorados nos Estados Unidos, os sete integrantes do grupo receberam presentes. A equipe disse que traria sete presentes “no espírito do amor” e, no fim da noite, sete objetos foram encontrados sobre a mesa: um lenço feminino com a inicial “H”; uma moeda francesa de 1923 com a legenda: “*Câmara de Comércio de França*”; um canivete com cabo de madrepérola; um berloque da morte personificado com a foice; uma medalha esportiva de prata; um pingente de pérola em um colar de marcassita (veja Figura 3). Como sempre, foi Manu que apareceu para ter maior participação na entrega dos presentes. Ele disse que, naquela noite, estava sendo ajudado nessa tarefa agradável por dois seres espirituais infantis da época vitoriana. Eles também o haviam ajudado na escolha dos presentes.

Durante a sessão, duas luzes espirituais moveram-se alinhadas, uma atrás da outra, explorando o porão numa distância constante de cerca de 10

centímetros uma da outra. Sinais luminosos começaram a aparecer por todo o aposento.

Uma vez que a sessão seguinte seria a tão ansiosamente aguardada Noite de Patrick, a última parte da sessão de 14 de fevereiro foi gasta em receber instruções de última hora sobre os preparativos para o evento.

“Gostaríamos que vocês se sentassem em semicírculo em frente ao cortinado reservado em que Alan estará sentado”, disse Patrick. “Coloquem a mesa no espaço entre vocês e o médium.” Os comentários de Patrick foram feitos usando a recém-desenvolvida técnica da voz estendida, com o “até logo” final dele emitido de uma posição uns 60 centímetros atrás do corpo de Alan em transe.

A Noite de Patrick finalmente chegou. O grupo mal sabia que ela duraria três horas inteiras. Robin sorriu ao nos contar sobre alguns dos preparativos. *“Meio de brincadeira, colocamos uma bandeja, um charuto, uma lata grande de cerveja escura Guinness irlandesa e um copo alto sobre uma cadeira de madeira ao fundo do porão onde nos sentamos. Sabíamos que Patrick gostava de charutos e desse ‘copão de chope escuro’ quando vivia.”*

Alan, o médium de Patrick, usava tiras luminosas nos joelhos, de modo que os outros pudessem ver onde ele estava o tempo todo. Por causa dos preparativos para a sessão, havia uma excitação intensa sobre o que poderia acontecer.

Primeiro, Manu manifestou-se. Então os sinos soaram e Patrick se apresentou com o seu familiar sotaque irlandês antes de explicar alguma coisa sobre o que aconteceria. *“Toda a energia durante esta sessão será conservada para uma finalidade principal que a equipe tem em mente. Não a percam!”*

As luzinhas começaram a flutuar pelo aposento. Elas eram muito mais brilhantes do que nunca. Os raios luminosos pareceram acender a mesa da primeira vez que passaram sobre ela. Então as luzes menores começaram a emitir feixes de luz semelhantes a luzes de lanterna, enquanto circulavam pelo porão. Pilares brilhantes de luz formaram-se ao lado e acima da área cortinada onde Alan estava sentado. Esses pilares luminosos tinham 1,5 metro de comprimento por 20 centímetros de largura. “Folhas” de luz apareciam esporadicamente. Essas tinham 90 centímetros de área e o seu brilho iluminava a região dentro delas. As luzes todas pareciam estar chegando a um clímax. De repente, Patrick disse a todos para prestar atenção: *“Olhem para as cortinas!”*.

Todos os olhos se voltaram para o material drapeado, onde um dos feixes de luz iluminava a figura materializada do próprio Patrick. Os integrantes do grupo relatam que foram capazes de ver a cabeça e os ombros dele. Um deles chegou a vê-lo claramente até a cintura. Patrick foi capaz de repetir essa materialização por cinco vezes antes que ela se desvanecesse, de modo que todos tivessem uma boa oportunidade de observá-lo na luz espiritual especialmente projetada.

Então ele explicou:

O complicado mecanismo dos fenômenos baseados nesse novo tipo de energia envolve o uso de física quântica, com ênfase para a manipulação de átomos e moléculas... Esse é apenas o começo, mas esperamos poder repetir esses fenômenos em outros grupos em todo o mundo.

Em seguida ele passou a explicar os planos da equipe para experimentos com a fotografia paranormal com base nos princípios do conhecimento espiritual até o momento desconhecidos.

Quando a sessão terminou e as luzes foram acesas, o grupo notou alguma coisa diferente com a cadeira onde haviam sido deixados a bebida e o charuto de Patrick. A bandeja fora virada de cabeça para baixo, com a lata de Guinness colocada em cima dela. Não bastasse isso, o charuto havia sido colocado em cima da lata.

Assim foram as estranhas experiências desenvolvidas intensamente pelo grupo entre o outono de 1993 e início de 1994. Conforme fomos informados, os principais fenômenos durante esse período de mudanças intensas foram os aportes. “A equipe espiritual produziu presentes com amor”, disse Sandra. “Nós e os nossos hóspedes chegamos a receber até agora mais de setenta desses presentes.”

Os aportes continuaram a chegar em sessões ao longo de muitos meses. Na segunda-feira, 11 de julho de 1994, depois do cumprimento inicial de Manu, o ruído da queda de um objeto sobre a mesa apresentou um som diferente do normal. Manu explicou para Robin que o aporte era “*de um dos seus assistentes espirituais e você vai entender por que esse item em especial foi escolhido quando o vir*”.

Mais uma vez, o grupo ficou imaginando o que a equipe teria lhe trazido. Com o acender das luzes, eles viram que se tratava de um jornal,

aparentemente um exemplar original do *Daily Express*, datado de segunda-feira, 28 de maio de 1945.

Robin conhece bastante a respeito de jornais, pois havia trabalhado no setor de papel por muitos anos. Ele comentou:

O ataque óbvio dos céticos em relação à origem sobrenatural dos jornais aportados é que qualquer pessoa pode enviar uma cópia moderna de um jornal antigo, uma vez que elas estão disponíveis para o presente. No entanto, embora idênticas em todos os sentidos aos originais, é evidente que essas cópias modernas de jornais antigos são impressas em papel moderno.

O *Daily Express* aportado foi impresso em papel do tipo usado desde o início até meados dos anos 1940, mas ele estava quase em estado de novo. Isso a despeito do fato de que tinha aparentemente 49 anos de idade! Não havia nenhum sinal do costumeiro amarelamento que deveria ter ocorrido se fosse um original do fim da guerra na Grã-Bretanha. Esse amarelamento ocorre porque o papel usado em jornais diários, nacionais e locais, durante a guerra era feito a partir da polpa de madeira mecânica. A polpa contém uma impureza química, a linhina, que faz com que o papel se tome rapidamente amarelado quando entra em contato com a luz solar e o ar. Se um dos nossos membros tivesse apresentado um jornal original do tempo da guerra, tentando passá-lo como um aporte, por que ele não mostrava os sinais usuais de envelhecimento?

Curiosamente, algumas semanas depois, o jornal aportado, embora guardado com todo o cuidado, protegido da luz e do ar, *tinha* amarelado.

Robin disse que o conteúdo do jornal também era muito relevante. Na primeira página, havia uma fotografia de Sir Winston Churchill, cuja presença como um assistente espiritual Robin certamente entendeu, tendo recebido no passado muitas comunicações dele. O aporte anterior da Coroa de Churchill tinha a mesma relevância. (A maneira como se deu o relacionamento com Churchill é explicada no livro dele, *In Pursuit of Physical Mediumship*, Janus, 1996.)

Uma crítica aos fenômenos dos aportes seria que uma ou mais pessoas do grupo estaria pregando peças nas outras. Ainda assim, seria uma brincadeira muito complicada e cara, considerando o grande número de objetos, sua origem geográfica, sua raridade, seu valor e os materiais de que eram feitos.

Essa diversidade é um aspecto importante da prova que a equipe estava tentando conseguir.

Notas

1. Em português, a origem da palavra “aporte” (o verbo latino apportare) é a mesma do francês, cujo significado também é de “contribuição”, “subsídio de natureza diversa”. (TV. do T.)

2. Super-PSI: a ideia de que todas as evidências perceptíveis da sobrevivência após a morte, por mais convincentes que sejam, podem ser explicadas, conforme observado por Gustave Flournoy, como uma “representação perversa” produzida pelos poderes mediúnicos da mente subliminar. (N. do T.)

CAPÍTULO TRÊS – A Equipe Espiritual de Scole e as Primeiras Experiências

“Esse tipo de coisa é mais difícil de fazer do que parecia.”

Professor A. W. Verrall... postumamente

É bastante difícil contemplar as implicações de sobrevivência pessoal em outra área de existência. A ideia de que assim que tivermos nos aclimatado ao nosso novo ambiente podemos cada um de nós nos tornar um integrante de uma equipe fazendo um trabalho espiritual é ainda mais intelectualmente estimulante. Não obstante, de acordo com os seres espirituais que se manifestaram em Scole, há muitas dessas equipes trabalhando em prol da comunicação com a nossa dimensão. Cada integrante contribui com o seu talento pessoal e as suas qualidades na equipe, fazendo de cada equipe algo exclusivo em seus métodos e capacidades.

Para entender o que aconteceu em Scole é essencial saber mais sobre a equipe espiritual.

Quando um pesquisador perguntou a um integrante da equipe espiritual como ele sabia que era o momento de participar da sessão, a resposta foi: *“Eu sei quando chega o momento de vir, eu o sinto. E como uma atração, um sinal que reconheço. E um retardamento dos sentidos da consciência em que posso realmente vir e falar com vocês. Eu coloco os meus pensamentos em palavras e uso o médium para isso, como um instrumento de comunicação”*.

De acordo com todos os que testemunharam os acontecimentos, a equipe espiritual de Scole tomava as sessões interessantes e, por mais estranho que possa parecer, divertidas. Cada um deles tinha uma personalidade e um caráter muito peculiar (veja o Apêndice 1). Embora houvesse milhares de mentes na equipe espiritual, apenas um número reduzido de personalidades era capaz de se comunicar. Durante os cinco anos e 500 sessões do

Experimento Scole, o grupo foi apresentado a diversos comunicadores, alguns deles por apenas pouco tempo. A medida que o experimento prosseguia, a equipe utilizou alguns comunicadores regulares. Quatro dos principais cientistas espirituais que apareceram apresentaram-se como William, Albert, Joseph e Edwin. Cada novo comunicador aparecia e dava um conselho ou orientação conforme o necessário. A equipe mantinha conversas com o grupo sobre uma vasta gama de assuntos por meio desses comunicadores regulares.

Esses indivíduos geralmente funcionavam como uma espécie de “mediadores”. Por exemplo, a sra. Bradshaw, uma comunicadora regular, tivera pouco conhecimento científico durante o seu tempo de vida na Terra. Portanto, não se esperava que ela soubesse tudo sobre o conhecimento de espaço, tempo, matéria e energia - assuntos que geralmente surgiam quando havia cientistas visitantes presentes - só porque agora ela era um espírito. Quando lhe faziam uma pergunta, por um breve momento ela parecia ouvir um especialista científico do seu lado. Depois disso, então, ela passava as informações para os que haviam feito a pergunta do nosso lado. Ela geralmente começava com: “Eles estão me dizendo que...” antes de dar a resposta. Um aspecto interessante dessa comunicação era que ela ouvia durante praticamente um segundo e então falava sobre o assunto por cinco minutos.

Como Trabalhava a Equipe Espiritual

Numa sessão típica, Manu - um guia eficaz que era o “porteiro” do mundo espiritual - aparecia primeiro, dava as boas-vindas a todos e depois “ia para os bastidores” e misturava as energias para que o trabalho pudesse começar. Normalmente havia uma provocação irônica por parte de Patrick McKenna - que fora padre no mundo físico -, às vezes fingindo que não permitiria que o guia indiano Raji se manifestasse. Mas ele acabava permitindo que fosse tocada uma música marcial (a “deixa” de Raji). Raji geralmente trocava alguns gracejos com os presentes ali reunidos antes de discutir seriamente com eles sobre os experimentos fotográficos ou outros que estivessem sendo planejados para a sessão ou futuras sessões. O assistente de Raji, Charlie n. 1, geralmente o acompanhava e se aproximava do grupo, tocando as pessoas com os seus dedinhos ou dando-lhes tapinhas na cabeça.

Em algum lugar no meio de tudo isso, Edward Matthews, aparentemente um cientista na existência anterior, dirigia-se ao grupo, normalmente falando dos seus planos sobre experimentos científicos e descrevendo algumas das maravilhas ainda por vir. Parecia claro que Edward assumira essa função por conta própria. Normalmente, ele se mostrava entusiasmado quanto aos experimentos, descrevendo com cuidado as suas instruções para, por exemplo, a confecção de peças especializadas de equipamentos. Para o grupo, era tão divertido ouvir essa alma emocionante e sensível quanto ouvir outro ser espiritual muito evoluído, John Paxton.

Paxton era o único capaz de falar ao grupo em “sessão fechada”, quando não havia visitantes presentes. Isso se devia principalmente às dificuldades práticas de comunicação de um dos planos espirituais superiores, mas Paxton gostava de apresentar ensinamentos e instruções especializadas das almas mais evoluídas do mundo espiritual.

Ao longo da maioria das sessões, a sra. Emily Bradshaw transmitia comentários ocasionais por meio do seu médium em transe, às vezes ajudando Patrick ou Raji a superar um ponto mais importante. Era também sua função ajudar os comunicadores do mundo espiritual a transmitir mensagens a todos os amigos e entes queridos presentes, fornecendo evidências da sobrevivência tanto aos visitantes quanto aos integrantes do grupo. A sra. Bradshaw era muito precisa nas suas informações.

Por fim, depois de uma noite interessante e inspiradora, Patrick anunciava que estava na hora de encerrar. Ele e a sra. Bradshaw assumiam o comando, com Patrick às vezes demonstrando o “fenômeno da voz estendida”, falando de qualquer parte da sala que quisesse. Às vezes ele falava de todos os lados do porão ao mesmo tempo e o grupo chegou a ouvi-lo falar de um ponto que ficava bem dentro das paredes do porão.

Primeiras Experiências

Depois do primeiro aporte, a Coroa de Churchill, os eventos em Scole continuaram a progredir com rapidez. O grupo chegou a receber uns setenta aportes materiais (do francês *apporter*, “trazer”)¹ durante o período que durou o Experimento Scole (veja o Apêndice 6). Em 1º de novembro de 1993, novamente com os sete integrantes presentes, Manu declarou: “*Nós vamos lhes trazer uma coleção de presentes que foram escolhidos com*

cuidado pela equipe por serem relevantes aos aqui presentes e trazidos com imenso amor e boa vontade”.

Para nossa imensa decepção, isso não aconteceu de imediato, conforme o grupo esperava. Não obstante, os presentes ouviram uma série de sons surdos durante toda a noite. Ao fim da sessão, quando as luzes foram acesas, havia sete objetos sobre a mesa, exatamente conforme o prometido. Um aspecto interessante desses brindes era que havia sete pessoas presentes, quatro mulheres e três homens, sendo que quatro dos objetos eram para mulheres e três para homens. Os objetos eram: um dedal de prata; dois pequenos broches de prata; um bracelete em forma de corrente, de prata; um medalhão de São Cristóvão; uma colher em miniatura, com o cabo de metal em espiral e a concha com um ornamento gravado, tendo no verso uma inscrição em francês; e uma medalhinha com hieróglifos (veja Figura 3).

Nessa etapa, o grupo ainda não tinha conhecimento de que a equipe não usava os métodos tradicionalmente conhecidos de conseguir a materialização de objetos e os outros fenômenos que ocorriam com regularidade. Em consequência, eles continuavam a observar a convenção tradicional de colocar uma cometa acústica cerimonial, o cone de alumínio, na mesa central durante as sessões. Embora o grupo tivesse conseguido importantes fenômenos como os aportes, muito pouco sucedeu com a cometa acústica por muitos meses. Essa situação mudou radicalmente, no entanto, em 13 de dezembro de 1993.

Durante aquela sessão, com todos os integrantes presentes, Manu, falando por meio de Diana, abriu os trabalhos como de costume: *“Boa noite, meus amigos... Eu gostaria de lhes contar mais sobre o que gostaríamos de fazer. Muitos de nós deste lado da vida vamos ajudar no trabalho. Cada um tem uma personalidade e conhecimentos muito diferentes”.*

Então, a série de chocalhos pendentes do teto começou a soar festivamente. Depois disso, outro comunicador se apresentou por intermédio de Alan: *“Boa noite a todos. Meu nome é Patrick e, caso não tenham percebido, sou irlandês”.* Logo ficou evidente que Patrick tinha um grande senso de humor. *“Eu fui padre durante a minha vida, mas não um bom padre! Para falar a verdade, vivia me metendo em problemas!”* Ele explicou que o ano de sua passagem fora 1942 mas, na época, ele estivera bem distante da guerra que explodia em todo o mundo.

Depois de mais comentários de Patrick sobre os planos da equipe, os integrantes do grupo conversaram animadamente entre si. Eles especularam com entusiasmo sobre o que poderia acontecer em seguida. E não foram desapontados.

Luzes e Levitações

Logo depois que Patrick concluiu sua fala, o grupo começou a ver pequenas luzes animadas que apareciam do nada e cruzavam o aposento. Essas luzes eram espetaculares, lembrando estrelas cadentes, e curvavam-se para baixo vindas do teto em alta velocidade antes de desaparecer no ar. Fagulhas e crepitações características as acompanhavam.

Foi nesse momento que a cometa acústica foi graciosamente jogada para fora da mesa, seus movimentos sendo visíveis no escuro pelas tarjas luminosas ao redor de suas duas extremidades, a mais estreita e a larga. O cone de metal flutuou delicadamente em direção ao teto antes de “circunavegar todo o aposento numa órbita suave”.

Patrick explicou o fenômeno:

Coisa engenhosa, não? O objeto está sendo manipulado por duas personalidades jovens, crianças do nosso mundo. Elas estão em pé sobre a mesa central. Nossa equipe está experimentando métodos totalmente novos de interação interdimensional. Estamos demonstrando uma forma de tecnologia científica espiritual que utiliza um tipo especial de energia.

Energia Criativa, o Portal e Formas de Energia

O grupo pediu que a equipe explicasse o que queria dizer com “energia”.
Manu replicou:

A energia de que estamos falando é uma mistura de “energia criativa” de três origens distintas. A primeira iremos chamar de “energia espiritual”, que trazemos conosco desde o nosso mundo. A segunda é a energia humana, que tomamos dos seus corpos durante os experimentos. E a terceira é a energia da Terra, que é extraída de “colunas” ou “reservatórios” de energia natural existentes em

determinados pontos geográficos do seu mundo. Essas energias eram conhecidas e usadas pelos antigos, mas esse é hoje um conhecimento esquecido. Estamos tentando ajudar a humanidade a se recordar.

O efeito criado pela energia foi explicado ao grupo como sendo similar ao de um campo eletromagnético.

Enquanto os integrantes conscientes do grupo conversavam com Patrick, o cone de alumínio continuava a se mover graciosamente ao redor do ambiente. Então ele começou a ondear pelos pés das cadeiras antes de finalmente cair suavemente no chão em posição perpendicular em relação à mesa. No mesmo lugar, para grande assombro do grupo, ele começou a girar e se agitar rapidamente.

Então foi a vez de outro comunicador se apresentar, por meio de Alan: “*Eu sou Raji*”. Esse elegante comandante disse que era sua agradável obrigação explicar parte do que iria acontecer. Os comunicadores espirituais estavam fazendo experiências com a energia. Um de seus objetivos finais era tomar diversos “visitantes” de outras áreas de existência realmente visíveis aos olhos do grupo durante as sessões num futuro próximo.

Para executar os experimentos programados, explicou Raji, seria necessário que a equipe espiritual construísse uma espécie de dossel de energia sobre o grupo sentado ao redor da mesa. Esse dossel havia sido aperfeiçoado àquela altura e podia ser montado em questão de segundos. A equipe pretendia fazer isso no início de cada sessão e todo o trabalho ocorreria embaixo desse guarda-chuva energético.

Raji também explicou que fora construído um “portal espiritual” na superfície da mesa central. Através desse portal, passarão seres espirituais plenamente manifestados no futuro próximo.

As informações sobre a nova “energia criativa” e o “portal espiritual” constituíram um ponto decisivo no trabalho do grupo. Depois disso, os fenômenos na “Toca de Scole” tomaram-se, a cada semana, cada vez mais espetaculares. Ouviam-se constantes ruídos e baques sonoros nas cadeiras, na mesa e nas paredes do porão. As luzes supranormais, tendo a princípio se comportado como estrelas cadentes, adotaram um movimento mais suave e pareciam explorar metodicamente todo o espaço interior do porão sempre que o grupo se reunia.

“Pensamos que elas procuravam se orientar, experimentando o espaço ao redor”, explicou Robin. “Esses fenômenos já eram espetaculares em si mesmos. Mas nada nos havia preparado para o que estava por vir.”

Desse momento em diante, o progresso do grupo de Scole foi meteórico. Os fenômenos ficaram cada vez mais fortes. O porão começou a parecer “vivo” com tanta energia. Nessa fase, o grupo tinha colocado quatro tiras luminosas sobre a mesa, de modo que pudesse acompanhar os seus movimentos. Formas de energia densa começaram a mover-se ao redor do aposento e vez por outra obscureciam as tiras luminosas ao passar por elas.

Música, Meditação e Cura

No final de dezembro de 1993, Manu também pediu ao grupo para tomar mais cuidado na escolha das músicas executadas durante as sessões, pois as melodias tristes atrapalhavam o trabalho. Aparentemente, o progresso dependia da criação de um ambiente certo, o que incluía as “vibrações” causadas pela música. A música triste fazia baixar as vibrações, ao passo que a música alegre as aumentava.

Pediu-se a todos os sete integrantes do grupo que, daquele momento em diante, passassem a meditar por um breve período todo dia. A meditação era importante para prepará-los para o trabalho que viria pela frente, como também permitia que cada indivíduo “tocasse as esferas espirituais” regularmente, o que ajudava a elevar a taxa vibracional do seu corpo, tornando o seu uso como instrumento mais fácil e eficaz.

Manu explicou que a meditação, a harmonia e o amor presentes durante os encontros ajudariam a gerar poderosas energias de cura dentro do grupo. Os integrantes do grupo se tomariam, assim, instrumentos pelos quais a equipe poderia transmitir energias de cura ao plano terrestre, sendo-lhes pedido para enviar mentalmente essas energias, logo após as orações, para as pessoas que eles soubessem estar precisando. Não muito tempo depois, o grupo começou a receber retornos regulares de pessoas que diziam ter-se beneficiado dessa cura “ausente” ou “a distância”.

Vozes e Outros Sons

Depois da revelação de que o novo meio de trabalho seria com a energia em vez do ectoplasma, a equipe também explicou que a nova energia seria

usada para criar “vozes energéticas”, que poderiam se dirigir ao grupo do meio do ar.

Durante uma sessão inicial, Raji apareceu através do seu médium, Alan, na maior parte de uma noite mas, por alguns momentos, o grupo ficou altamente interessado quando Edward Matthews - um espírito sensitivo que fora morto durante a Primeira Guerra Mundial - insinuou-se para se fazer ouvir. Depois disso, Raji explicou a dificuldade de Edward: essa não fora uma tentativa com a “voz energética”, mas um experimento em usar o médium de uma maneira inteiramente nova. A equipe disse que estava usando as próprias cordas vocais do médium para a comunicação, mas eles as haviam “esticado” a um ponto bem para fora do corpo, daí a voz parecer estar sendo emitida de algum outro lugar do aposento. Depois disso, o grupo passou a chamar esse fenômeno de “voz estendida”.

Os analistas críticos questionaram se “estendida” seria a palavra certa nesse contexto. Obviamente, as cordas vocais não haviam sido manipuladas fisicamente, uma vez que isso no mínimo causaria danos à saúde do médium. A resposta do grupo foi simples: “A equipe tentou usar palavras que descrevessem os fenômenos gráfica e adequadamente, mas às vezes isso lhes causa problemas. Simplesmente ainda não existe um vocabulário próprio para descrever algumas das coisas que aconteceram”. A questão é que a equipe espiritual usava os atributos físicos, energéticos e espirituais do médium para atingir o fenômeno. Levará algum tempo para estabelecer um vocabulário para definir essas coisas e o grupo nos pediu para ter isso em mente ao apresentar o trabalho.

Outros comunicadores logo aprenderam a falar por meio da voz estendida. Arnold foi o primeiro deles, mas teve grande dificuldade no início para se fazer ouvir usando essa nova técnica. O segundo comunicador não teve esses problemas. Nuvem Branca era obviamente um guia muito eficaz. Logo sua voz era ouvida por todos. No entanto, ele disse ao grupo que havia tentado falar-lhe muitas vezes antes no círculo, mas nenhum dos presentes o ouvira porque a frequência das vibrações sempre estivera errada para esse tipo de comunicação. Assim mesmo ele persistira até que as condições fossem perfeitas.

Assim como os estalidos na mesa que soavam como se tivessem sido produzidos por um par de baquetas de madeira, o grupo de Scole vinha ouvindo muitos ruídos, inclusive diversos golpes surdos muitos altos sobre a mesa e pancadas fortes nas paredes e nas cadeiras do porão. Esses outros

ruídos tomar-se-iam uma característica importante da experiência durante o Experimento Scole.

Mais Fenômenos

Tudo parecia estar correndo de acordo com um planejamento. Fora explicado que todas as pessoas do grupo seriam aproveitadas num esforço combinado para desenvolver os fenômenos, cada uma tendo pontos fortes num setor diferente. A equipe sem dúvida parecia saber o que queria fazer. No entanto, é interessante notar que as personalidades espirituais não eram oniscientes e não conseguiam acertar tudo da primeira vez. Muito do que era alcançado parecia ser o resultado de tentativas e erros. Manu explicou, por exemplo, que as luzes que o grupo havia testemunhado eram o subproduto de outros experimentos que estavam sendo realizados pela equipe. Entretanto, uma vez que os integrantes do grupo haviam gostado tanto dos “artefatos luminosos” e os considerado tão evidenciais, a equipe decidiu desenvolvê-los como uma demonstração para audiências mais amplas no futuro.

Algumas das conversas eram muito simples, explicando o necessário nas sessões e o propósito por trás dos experimentos. Algumas pessoas pensam que os seres espirituais deveriam expressar apenas ideias profundas ou impressionantes. Simplesmente não importa o que é transmitido: o importante a lembrar é que, desde simples palavras recitadas ou pronunciamentos de grande sabedoria, todos apoiariam a hipótese da sobrevivência.

A equipe espiritual também podia exibir um senso de humor. Uma vez, quando as luzes da sala foram acesas depois de uma sessão, o grupo descobriu que a cadeira de Alan fora virada ao contrário, com ele sentado!

O ano novo de 1994 entrou com os integrantes do círculo de Scole muito otimistas quanto ao futuro dos fenômenos. Em 3 de janeiro, sendo a primeira vez em três semanas que o círculo estaria com força total, a equipe aproveitou a oportunidade para demonstrar o que poderia fazer com a nova energia.

Essa sessão começou com um zunido alto na lâmpada do teto anunciando a chegada de Manu. Um pouco mais tarde, os chocalhos soaram: era a deixa de Patrick. Seguiu-se o então familiar espetáculo luminoso, mas as luzes

mantiveram-se mais fortes do que nunca. O efeito de estrelas cadentes foi melhor e algumas luzes chegaram a dançar sobre a mesa e no teto.

A equipe pediu ao grupo para ficar sentado em silêncio por um tempo e se concentrar no “portal dourado” construído sobre a mesa. Em seguida, a mesa começou a se esticar entre as marcas luminosas na sua superfície, o que foi confirmado por Patrick como tendo sido feito pela equipe. Obviamente, seria impossível fazer uma coisa dessas em circunstâncias normais, considerando que a mesa era feita de madeira. Mas o grupo não teve a menor dúvida quanto ao ocorrido e todos presenciaram com clareza.

Então a mesa levitou a cerca de 30 centímetros do chão, inclinou-se e girou para a direita antes de voltar à posição inicial. O “baterista” usou novamente as “baquetas” para batucar na mesa - embora não houvesse baquetas no porão. Gotas de água foram aspergidas sobre três integrantes do grupo. Então a cometa acústica ergueu-se de novo e passeou suavemente por todo o porão, indo a cada parte do aposento pelo caminho. O grupo perguntou à equipe se a cometa acústica podia bater nos chocalhos, que estavam suspensos do teto. Imediatamente, o objeto de alumínio encaminhou-se direto para os sinos e chocou-se ruidosamente com eles. Em seguida, foram dados beijos através da cometa acústica antes que ela finalmente voltasse à sua posição de descanso. Esse parecia ser o final da apresentação pela cometa acústica.

No fim da noite, o grupo recebeu instruções específicas da equipe espiritual com relação aos objetos que deveriam ser colocados no aposento dali por diante. A equipe disse que queria diferenciar o Grupo Experimental de Scole (GES) de outros grupos de estudos de fenômenos paranormais materiais que trabalhavam de maneira mais tradicional. Explicou que qualquer objeto podia ser usado para os experimentos com levitação e pediu ao grupo para providenciar dois cubos de madeira balsa e um cilindro de papelão para essa finalidade. O grupo decidiu marcar esses objetos com pequenas tiras luminosas para poder ver os seus movimentos no escuro.

Durante toda a noite ocorreu uma série de sete batidas surdas em intervalos, como aquelas que se ouviam quando os aportes eram produzidos. Todo o grupo queria ver se elas significavam novos presentes. Quando as luzes foram acesas, o fato se comprovou. Havia sete objetos sobre a mesa: um antiga colher de barbatana de baleia; um colar de madrepérola; um bastão de coquetel de marfim entalhado; um broche com uma pérola sobre uma folha; um colar de marcassita; um berloque de prata contendo uma âncora,

uma cruz e um coração, com a inscrição: “Fé, Esperança e Caridade”; e um medalhão de Santa Bernadete, com a inscrição “Kara” (veja Figura 3).

Conforme as instruções, ao longo da semana seguinte, o grupo recolheu diversos objetos derivados dos experimentos com a levitação. Durante a sessão seguinte, em 10 de janeiro, seis integrantes do grupo estavam presentes. A quarta música tocada foi Sleepy Shores. Ao fim dessa música, Manu apareceu. Sleepy Shores passou a ser a música dele. O grupo reparou que os fenômenos começaram mais cedo nessa sessão. Depois de Manu ter falado por algum tempo, os chocalhos soaram e Patrick apareceu, logo depois foi a vez de Raji. Cada um deles explicou um pouco sobre o que estava acontecendo enquanto o cubo de madeira balsa, uma caixa pequena coberta com uma folha prateada e dois tubos de papelão levitaram e foram deslocados pelo porão em ocasiões diferentes durante a noite. Então o grupo recebeu o pedido para retirar as tigelas de água que haviam sido colocadas em torno do aposento, de acordo com os métodos tradicionais de produção de fenômenos. Aparentemente, essa água estava aumentando a umidade relativa do aposento e afetando a capacidade da equipe de produzir o que chamava de “vozes energéticas”.

Explicaram ao grupo que os seus integrantes eram as primeiras pessoas a ser usadas com sucesso pelo mundo espiritual para experimentar essa nova forma de trabalho energético. Pediram-lhes para manter os resultados no maior segredo possível até que os fenômenos estivessem mais avançados. O grupo teve a impressão de que a equipe espiritual estava se preparando para quando os médiuns não fossem mais um elemento importante na comunicação. Aparentemente, as energias conjuntas de cada grupo seriam suficientes um dia para que as vozes energéticas surgissem do ar, em vez de dentro do médium.

A equipe espiritual também quis trabalhar para produzir sua própria forma de luz visível, pelas quais o grupo pudesse ver bem os fenômenos. O grupo não deveria usar luz artificial, uma vez que isso causava grande dificuldade à equipe espiritual. A equipe também disse que chegaria um tempo em que o grupo poderia obter suas próprias imagens dos fenômenos com câmeras fotográficas comuns, desde que essas não fossem equipadas com flash. Não houve luzes espirituais nem aportes durante essa sessão de 2 horas e 15 minutos, mas ela terminou com um ponto alto: a equipe disse ao grupo que em breve estaria oferecendo mais alguns “brindes”.

Os fenômenos continuaram. Em 17 de janeiro, o grupo disse que as luzes espirituais foram “incríveis”. Elas dançaram no ar durante toda a sessão, geralmente a uma velocidade vertiginosa. A certa altura, o grupo contou dezenove delas enquanto elas caíam do teto, uma depois da outra, como em formação, para desaparecer na mesa. Pouco depois dessa exibição de bombardeio, o mesmo número de luzes saiu de novo da mesa, subindo uma depois da outra para o ar. Uma luz descreveu um círculo perfeito diante dos presentes, como uma roda de Santa Catarina.

Ocorreram mais experimentos de levitação. Em primeiro lugar, um dos tubos de papelão subiu direto para o teto antes de flutuar graciosamente no espaço. Ele se moveu de maneira muito semelhante à cometa acústica, que já havia sido retirada. Os dois cubos de madeira balsa realizaram giros semelhantes no ar, flutuando numa ocasião a poucos centímetros do rosto dos participantes da sessão. Foi divertido quando os cubos “inclinaram-se afirmativamente” em resposta a perguntas. Um segundo tubo de papelão e a caixa recoberta com a folha prateada foram também usados de maneira controlada, erguendo-se no ar ante a vista de todos. A mesa mais uma vez levitou parcialmente enquanto “batucadas em *staccato*, que soavam como uma metralhadora” eram feitas sobre ela.

A questão da luz durante as sessões experimentais foi discutida com a equipe espiritual, que explicou:

O motivo de precisarmos fornecer a nossa própria iluminação no futuro, em lugar da iluminação elétrica que vocês podem oferecer, não se deve à luz artificial em si. O problema é essencialmente com a corrente elétrica usada para produzir a luz artificial. Lamentavelmente, ela serve para dissipar a energia muito especial que utilizamos, sem a qual não podem ocorrer os fenômenos.

Em 24 de janeiro, Manu e Patrick chegaram com as suas “deixas” como sempre e houve mais um evento com as luzes espirituais. Dessa vez elas foram tão abundantes e tão brilhantes que foi como uma exibição pirotécnica. Elas dançaram por toda parte, movendo-se à velocidade da luz de um lugar para outro, contornando a mesa e “patinando” sobre a sua superfície. Então as luzes pareceram fundir-se com os objetos em levitação. Pela primeira vez, elas tocaram dois dos participantes. Um, Ken, foi tocado na cabeça, uma sensação que ele descreveu como parecida com o “voo de

uma borboleta”. Sandra foi tocada na mão por outra luz. A sensação foi como a de um raminho de planta sendo passado pela sua pele.

As batidas em *staccato* repetiram-se durante a sessão, mas também ocorreu um novo fenômeno audível. Um tamborim, introduzido naquela mesma noite, foi tocado bem alto, enquanto as cadeiras da parte externa do aposento rangiam como se diversos seres espirituais sólidos estivessem sentados nelas.

Depois Hoo, um guia chinês, falou por intermédio de Diana. Ele era muito sábio e suas palavras eram extremamente encorajadoras; ele falava sobre “*as maravilhas que estão por vir*”.

Em seguida Patrick manifestou-se para complementar:

Daqui a quatro sessões terei a permissão de presidir o que chamaremos de “A Noite de Patrick”. Preparem um reservado com uns 60 centímetros de profundidade e uma abertura na frente, com cortinas de ambos os lados e acima. Uma parede do porão servirá para fechar esse reservado. Não lhes direi exatamente o que vai acontecer, mas podem ficar certos de que será alguma coisa muito especial.

Enquanto esperavam pela Noite de Patrick, Robin e Sandra organizaram outra demonstração de mediunidade física de Stewart Alexander no domingo, 30 de janeiro. Compareceram 35 pessoas. Como sabemos, Stewart é um médium tradicional e os seus guias espirituais empregam métodos ectoplasmáticos. Durante a sessão, as testemunhas relataram “uma nuvem muito impressionante do tamanho de uma bola de futebol de ectoplasma reunindo-se à frente do rosto do médium”. Essa nuvem foi vista em luz vermelha, que brilhava sobre o médium.

O grupo de Scole nunca havia pensado se a sessão tradicional com ectoplasma e os seus experimentos com a nova energia seriam incompatíveis. Isso simplesmente nunca passara por seu pensamento. Mas na segunda-feira, 31 de janeiro de 1994, sua sessão estava mais silenciosa do que de costume, com muito poucos fenômenos. Manu explicou, em detalhes, que a equipe espiritual de Scole estava tendo uma grande dificuldade para produzir as vibrações energéticas naquela sessão. Ele disse que isso se devia ao fato de ter ocorrido uma sessão de fenômenos materiais usando ectoplasma ocorrida recentemente e que o guia do outro médium

trabalhava de maneira diferente. Embora nem os métodos da outra equipe mediúnica nem os da equipe de Scole estivessem errados, eles eram incompatíveis.

Felizmente, esse pequeno retrocesso foi logo superado e os chocalhos pendurados começaram a soar de tempos em tempos, geralmente no compasso da música de fundo, e durante essa sessão muito trabalho foi feito para melhorar os fenômenos luminosos. No final da noite, as luzes tinham se tomado maiores e mais duradouras do que antes.

Patrick disse que a equipe estava refletindo bastante sobre o que deveria ser mantido “na programação” sobre os fenômenos quando o trabalho do grupo viesse a público. A primeira prioridade da equipe era duplicar os fenômenos ectoplasmáticos existentes usando os métodos da nova energia. Depois eles poderiam prosseguir com outras formas novas e muito diferentes de fenômenos que jamais haviam sido tentados antes. Ficou claro para o grupo que o trabalho de vanguarda feito durante o Experimento Scole tinha como objetivo produzir fenômenos paranormais materiais adequados para a demonstração pública a audiências de todo o mundo, para provar, de uma vez por todas, para toda a humanidade, a realidade da vida depois da morte. Os fenômenos continuaram. O grupo tinha introduzido um novo conjunto de “mensageiros do vento” no porão, pendurados no teto, além dos chocalhos. A equipe espiritual soou esses novos sinos quando solicitada. As luzes tornaram-se muito maiores e mais brilhantes do que nunca. O grupo aprendeu que, como as luzes iniciais, essas maiores eram materiais. Dois dos presentes relataram que elas davam a sensação de bolinhas de gude quando batiam nos seus pés. Mas novamente, como as luzes iniciais, essas maiores também conseguiam atravessar a matéria sólida. Como antes, elas entravam na mesa diversas vezes e voltavam com igual facilidade.

Quase no final de uma “sessão muito interessante”, Nuvem Branca juntou-se ao grupo. Ele disse que estava ali para obter conhecimento da nova maneira de trabalhar com a energia, com a intenção de ajudar os outros grupos no mundo todo a obter resultados da mesma maneira.

Numa troca de informações que dá alguma ideia dos diversos acontecimentos no porão durante aquelas primeiras sessões, dois integrantes da equipe espiritual deram dicas sobre suas identidades. Um simplesmente deu as iniciais “ACD”; o outro deu um endereço: “91 Circle Gardens, Merton”. Durante as pesquisas realizadas, esse endereço foi encontrado, mas não foi possível confirmar se o comunicador havia morado ali.

Isso levanta diversas questões sobre o Experimento Scole. Sem dúvida pareceu que alguns dos eventos que ocorreram na Toca de Scole tiveram ao mesmo tempo importantes implicações científicas e uma base experimental, permitindo que fossem verificados, testados e confirmados. Outros eventos pareceram ser mais de natureza pessoal e foram mais difíceis de verificar.

Isso levou alguns comentaristas a valorizar os experimentos científicos ainda mais do que as comunicações pessoais. É claro que todos somos um tanto limitados pelas nossas perspectivas pessoais. Algumas pessoas podem considerar muito importante saber como seus parentes estão se saindo na outra vida, ao passo que outras valorizam mais o fato de os seres espirituais poderem nos falar se ou como podemos usar a água como combustível para os nossos carros ou a luz como propulsão de espaçonaves.

No entanto, independente de as comunicações verbais terem implicações científicas ou pessoais, elas também podem servir para provar que sobrevivemos, desde que se possa demonstrar que as informações vêm de fora do médium. Mas no caso da mediunidade mental, sempre foi um tanto difícil demonstrar isso de modo que satisfizesse a todos, uma vez que os críticos podem questionar de maneira convincente as explicações alternativas como as hipóteses de fraude, *alter ego* ou super-PSI² que vamos discutir mais adiante (veja os Capítulos 5 e 9). Daí a necessidade de a mediunidade física produzir fenômenos que possam ser testados e verificados mais facilmente e assim satisfazer os questionamentos dos críticos.

Em 14 de fevereiro, Dia de São Valentin, quando é comemorado o Dia dos Namorados nos Estados Unidos, os sete integrantes do grupo receberam presentes. A equipe disse que traria sete presentes “no espírito do amor” e, no fim da noite, sete objetos foram encontrados sobre a mesa: um lenço feminino com a inicial “H”; uma moeda francesa de 1923 com a legenda: “*Câmara de Comércio de França*”; um canivete com cabo de madrepérola; um berloque da morte personificado com a foice; uma medalha esportiva de prata; um pingente de pérola em um colar de marcassita (veja Figura 3). Como sempre, foi Manu que apareceu para ter maior participação na entrega dos presentes. Ele disse que, naquela noite, estava sendo ajudado nessa tarefa agradável por dois seres espirituais infantis da época vitoriana. Eles também o haviam ajudado na escolha dos presentes.

Durante a sessão, duas luzes espirituais moveram-se alinhadas, uma atrás da outra, explorando o porão numa distância constante de cerca de 10

centímetros uma da outra. Sinais luminosos começaram a aparecer por todo o aposento.

Uma vez que a sessão seguinte seria a tão ansiosamente aguardada Noite de Patrick, a última parte da sessão de 14 de fevereiro foi gasta em receber instruções de última hora sobre os preparativos para o evento.

“Gostaríamos que vocês se sentassem em semicírculo em frente ao cortinado reservado em que Alan estará sentado”, disse Patrick. “Coloquem a mesa no espaço entre vocês e o médium.” Os comentários de Patrick foram feitos usando a recém-desenvolvida técnica da voz estendida, com o “até logo” final dele emitido de uma posição uns 60 centímetros atrás do corpo de Alan em transe.

A Noite de Patrick finalmente chegou. O grupo mal sabia que ela duraria três horas inteiras. Robin sorriu ao nos contar sobre alguns dos preparativos. *“Meio de brincadeira, colocamos uma bandeja, um charuto, uma lata grande de cerveja escura Guinness irlandesa e um copo alto sobre uma cadeira de madeira ao fundo do porão onde nos sentamos. Sabíamos que Patrick gostava de charutos e desse ‘copão de chope escuro’ quando vivia.”*

Alan, o médium de Patrick, usava tiras luminosas nos joelhos, de modo que os outros pudessem ver onde ele estava o tempo todo. Por causa dos preparativos para a sessão, havia uma excitação intensa sobre o que poderia acontecer.

Primeiro, Manu manifestou-se. Então os sinos soaram e Patrick se apresentou com o seu familiar sotaque irlandês antes de explicar alguma coisa sobre o que aconteceria. *“Toda a energia durante esta sessão será conservada para uma finalidade principal que a equipe tem em mente. Não a percam!”*

As luzinhas começaram a flutuar pelo aposento. Elas eram muito mais brilhantes do que nunca. Os raios luminosos pareceram acender a mesa da primeira vez que passaram sobre ela. Então as luzes menores começaram a emitir feixes de luz semelhantes a luzes de lanterna, enquanto circulavam pelo porão. Pilares brilhantes de luz formaram-se ao lado e acima da área cortinada onde Alan estava sentado. Esses pilares luminosos tinham 1,5 metro de comprimento por 20 centímetros de largura. “Folhas” de luz apareciam esporadicamente. Essas tinham 90 centímetros de área e o seu brilho iluminava a região dentro delas. As luzes todas pareciam estar chegando a um clímax. De repente, Patrick disse a todos para prestar atenção: *“Olhem para as cortinas!”*.

Todos os olhos se voltaram para o material drapeado, onde um dos feixes de luz iluminava a figura materializada do próprio Patrick. Os integrantes do grupo relatam que foram capazes de ver a cabeça e os ombros dele. Um deles chegou a vê-lo claramente até a cintura. Patrick foi capaz de repetir essa materialização por cinco vezes antes que ela se desvanecesse, de modo que todos tivessem uma boa oportunidade de observá-lo na luz espiritual especialmente projetada.

Então ele explicou:

O complicado mecanismo dos fenômenos baseados nesse novo tipo de energia envolve o uso de física quântica, com ênfase para a manipulação de átomos e moléculas... Esse é apenas o começo, mas esperamos poder repetir esses fenômenos em outros grupos em todo o mundo.

Em seguida ele passou a explicar os planos da equipe para experimentos com a fotografia paranormal com base nos princípios do conhecimento espiritual até o momento desconhecidos.

Quando a sessão terminou e as luzes foram acesas, o grupo notou alguma coisa diferente com a cadeira onde haviam sido deixados a bebida e o charuto de Patrick. A bandeja fora virada de cabeça para baixo, com a lata de Guinness colocada em cima dela. Não bastasse isso, o charuto havia sido colocado em cima da lata.

Assim foram as estranhas experiências desenvolvidas intensamente pelo grupo entre o outono de 1993 e início de 1994. Conforme fomos informados, os principais fenômenos durante esse período de mudanças intensas foram os aportes. “A equipe espiritual produziu presentes com amor”, disse Sandra. “Nós e os nossos hóspedes chegamos a receber até agora mais de setenta desses presentes.”

Os aportes continuaram a chegar em sessões ao longo de muitos meses. Na segunda-feira, 11 de julho de 1994, depois do cumprimento inicial de Manu, o ruído da queda de um objeto sobre a mesa apresentou um som diferente do normal. Manu explicou para Robin que o aporte era “*de um dos seus assistentes espirituais e você vai entender por que esse item em especial foi escolhido quando o vir*”.

Mais uma vez, o grupo ficou imaginando o que a equipe teria lhe trazido. Com o acender das luzes, eles viram que se tratava de um jornal,

aparentemente um exemplar original do *Daily Express*, datado de segunda-feira, 28 de maio de 1945.

Robin conhece bastante a respeito de jornais, pois havia trabalhado no setor de papel por muitos anos. Ele comentou:

O ataque óbvio dos céticos em relação à origem sobrenatural dos jornais aportados é que qualquer pessoa pode enviar uma cópia moderna de um jornal antigo, uma vez que elas estão disponíveis para o presente. No entanto, embora idênticas em todos os sentidos aos originais, é evidente que essas cópias modernas de jornais antigos são impressas em papel moderno.

O *Daily Express* aportado foi impresso em papel do tipo usado desde o início até meados dos anos 1940, mas ele estava quase em estado de novo. Isso a despeito do fato de que tinha aparentemente 49 anos de idade! Não havia nenhum sinal do costumeiro amarelamento que deveria ter ocorrido se fosse um original do fim da guerra na Grã-Bretanha. Esse amarelamento ocorre porque o papel usado em jornais diários, nacionais e locais, durante a guerra era feito a partir da polpa de madeira mecânica. A polpa contém uma impureza química, a linhina, que faz com que o papel se tome rapidamente amarelado quando entra em contato com a luz solar e o ar. Se um dos nossos membros tivesse apresentado um jornal original do tempo da guerra, tentando passá-lo como um aporte, por que ele não mostrava os sinais usuais de envelhecimento?

Curiosamente, algumas semanas depois, o jornal aportado, embora guardado com todo o cuidado, protegido da luz e do ar, *tinha* amarelado.

Robin disse que o conteúdo do jornal também era muito relevante. Na primeira página, havia uma fotografia de Sir Winston Churchill, cuja presença como um assistente espiritual Robin certamente entendeu, tendo recebido no passado muitas comunicações dele. O aporte anterior da Coroa de Churchill tinha a mesma relevância. (A maneira como se deu o relacionamento com Churchill é explicada no livro dele, *In Pursuit of Physical Mediumship*, Janus, 1996.)

Uma crítica aos fenômenos dos aportes seria que uma ou mais pessoas do grupo estaria pregando peças nas outras. Ainda assim, seria uma brincadeira muito complicada e cara, considerando o grande número de objetos, sua origem geográfica, sua raridade, seu valor e os materiais de que eram feitos.

Essa diversidade é um aspecto importante da prova que a equipe estava tentando conseguir.

Notas

1. Em português, a origem da palavra “aporte” (o verbo latino apportare) é a mesma do francês, cujo significado também é de “contribuição”, “subsídio de natureza diversa”. (TV. do T.)

2. Super-PSI: a ideia de que todas as evidências perceptíveis da sobrevivência após a morte, por mais convincentes que sejam, podem ser explicadas, conforme observado por Gustave Flournoy, como uma “representação perversa” produzida pelos poderes mediúnicos da mente subliminar. (N. do T.)

CAPÍTULO CINCO – Exame Científico Minucioso

“A política e a religião estão obsoletas. Este é o momento da ciência e da espiritualidade.”

Pandit Jawaharlal Nehru

Um dos traços mais marcantes do Experimento Scole foi a disposição do grupo de permitir a investigação científica rigorosa. Durante as sessões, eles receberam de bom grado pessoas com reconhecido conhecimento superior, especializado e científico. Alguns desses pesquisadores pertenciam a organizações como a Society for Psychical Research, uma instituição científica oficialmente reconhecida de pesquisas da paranormalidade.

A Society for Psychical Research é uma instituição conservadora, com uma visão seletiva, dedicada à pesquisa científica e objetiva. Entre seus integrantes contam-se membros do governo, da nobreza inglesa, cavaleiros, professores, doutores e pesquisadores do mais alto nível de uma grande variedade de disciplinas. Grande parte do trabalho ali desenvolvido desde a fundação esteve centrado na comprovação da “hipótese da sobrevivência”, a proposição de que a consciência humana sobrevive à morte corporal. Seus métodos são necessariamente abrangentes.

Os integrantes mais antigos da instituição compareceram a muitas sessões do GES, embora seja importante lembrar que o fizeram apenas como convidados, não como representantes oficiais da Society. Os pesquisadores foram principalmente Montague Keen, um dos diretores da Society por muitos anos, e dois ex-presidentes, o professor Arthur Ellison e o professor David Fontana.

Montague Keen começara a investigar os fenômenos paranormais em 1946, quando entrara para a Society. Ele era o diretor honorário de relações com a mídia e secretário e vice-diretor da Comissão de Sobrevivência. Ex-correspondente do Parlamento, administrador agrícola, editor técnico e

fazendeiro, ele seria responsável por grande parte do trabalho executado a respeito das pesquisas para a preparação do Relatório Scole, o relato abrangente das pesquisas e as descobertas de alguns dos pesquisadores independentes, que recomendamos aos leitores interessados nos detalhes complexos da pesquisa científica.

Montague interessara-se pelo Experimento Scole em 1994, ao ver a primeira edição do *Spiritual Scientist*. Antes disso, ele não ouvira falar do grupo e dirigiu-se a Scole para pesquisar. Em fevereiro de 1995, ele marcou uma reunião de duas horas com o grupo. Sentia que era importante manter um relacionamento com eles, embora inicialmente o grupo tenha se mostrado cauteloso e um pouco desconfiado. Por seu lado, Montague surpreendeu-se que o grupo de Scole realmente aceitasse uma pesquisa compreensiva séria. Isso os distinguiu de outros grupos que ele conhecia e o deixava mais interessado em seu trabalho. Por causa disso, e por diversas outras razões, o Experimento Scole foi para ele algo especial:

Já no primeiro encontro eles me mostraram fotografias incríveis. Meu interesse ali era que, se fossem verdadeiros, aqueles objetos sólidos eram um bom material de pesquisa. Isso permitira que se verificassem as circunstâncias em que o fenômeno se produzira. Como pesquisador, eu tinha a responsabilidade de observar com objetividade e tomar todas as precauções que outros pesquisadores esperariam de mim, muito embora eu pudesse considerá-las desnecessárias. Senti que aquelas pessoas eram autênticas - e sem dúvida não pareciam trapaceiras. E claro que sempre é aconselhável ser precavido, por mais que você confie ou acredite nas pessoas. Fiz um relatório inicial detalhado aos meus colegas que também estavam envolvidos nesse tipo de pesquisa. Como resultado, marcamos uma série de seis encontros, que começaram em outubro de 1995.

Os primeiros pesquisadores eram todos antigos membros da Society for Psychical Research. Um deles era Ralph Noyes, que compareceu às duas primeiras sessões experimentais e em seguida atuou como consultor. Homem considerado por seus colegas como um analista imparcial, mas cautelosamente cético, ele tinha uma carreira ilustre na administração pública como subsecretário no Ministério da Defesa, onde fora encarregado

de um departamento responsável pelo acompanhamento de relatos de OVNI's. As pesquisas nessa área aos poucos o levaram à pesquisa mediúnica. Ao tempo das pesquisas em Scole ele não gozava de boa saúde física e, ao fim da segunda sessão a que compareceu, anunciou a sua intenção de se afastar, confirmando ao mesmo tempo que estava satisfeito em saber que o que vira em Scole era autêntico.

Outro pesquisador importante foi o professor Arthur Ellison, professor emérito de engenharia elétrica na City University, em Londres. O professor Ellison fora duas vezes presidente da Society e tivera uma participação importante em diversas comissões da instituição. Ele teve muitos anos de contato direto em quase todos os tipos de fenômenos físicos e mentais no campo da pesquisa mediúnica. Ele também era membro do Parapsychological Association, além de vice-presidente e membro-fundador da Scientific and Medical Network. Ele tinha experiência direta com estados de saída fora do corpo e sonhos lúcidos, e era particularmente interessado em estados alterados de consciência, especialmente na possibilidade de sobrevivência humana à morte corporal.

O terceiro investigador principal era o próprio Montague Keen.

No final de 1996, foi acertado que os distintos pesquisadores, principalmente os da direção da Society, podiam ser convidados a comparecer a título pessoal depois de informados por Montague Keen. Outros integrantes da direção da instituição que compareceram depois às sessões foram os professores Robert Morris, Donald West, Archie E. Roy, Bernard Carr, os drs. Alan Gauld e os drs. John Beloff. Dois membros não integrantes da diretoria compareceram a uma única sessão. Eram eles o professor Ivor Grattan-Guinness e o dr. Rupert Sheldrake. Ingrid Slack, psicóloga da Open University, membro da SPR e pesquisadora experiente da mediunidade, compareceu a três sessões.

Diversos outros pesquisadores, representando uma grande variedade de disciplinas e ramos do conhecimento, também compareceram a sessões experimentais. Entre esses incluíam-se os drs. Ernst Senkowski, Hans Schaer, Kurt Hoffman, Russell Targ, Marilyn Schlitz e Bernard Haisch. Muitos desses pesquisadores independentes tinham ampla e importante experiência na pesquisa da paranormalidade.

As pesquisas envolveram pessoas de organizações como a NASA, o Institute de Noetic Sciences e o Scientific and Medical Network. O trabalho foi desenvolvido em diversos locais internacionais, incluindo Alemanha,

Irlanda, Holanda, Espanha (Ibiza), Suíça e Estados Unidos. Aqui, outros pesquisadores analisaram e revisaram o trabalho, incluindo o dr. Ulf Israelsson, o dr. Hans-Peter Stüder, o dr. Theo Locher, o dr. Andreas Liptay-Wagner e o dr. Paul Kurthy.

Para alguns pesquisadores, os fenômenos do grupo de Scole pareceram, em muitos sentidos, constituir o mais importante acontecimento já presenciado no antigo esforço de demonstrar a existência e a continuidade da alma e a sobrevivência da consciência humana. Montague nos disse que considerou essa oportunidade imperdível. Os pesquisadores todos sentiram uma grande responsabilidade a considerar essa evidência de maneira objetiva e integral. Eles se sentiram privilegiados por desfrutar dessa oportunidade.

O grupo também sentiu-se privilegiado por ter essas testemunhas privilegiadas em alguns dos fenômenos que ocorreram durante o Experimento Scole. Assim sendo, os professores em diversos campos como psicologia, engenharia elétrica, matemática, astronomia, física, parapsicologia, astrofísica e até mesmo criminologia tomaram parte e contribuíram de alguma forma com as investigações.

O dr. Hans Schaer, membro da SPR, teve uma experiência considerável com o Experimento Scole. Advogado e empresário suíço, residente em Kusnacht, próximo a Zurique, e proprietário de uma casa de veraneio na ilha de Ibiza, no Mediterrâneo, o dr. Schaer participou das sessões do grupo de Scole treze vezes, nas suas duas casas, representando o interesse da Sociedade de Parapsicologia de Zurique, em Zurique, e de Scole propriamente dito. O grupo foi seu hóspede em sessões em Ibiza em outubro de 1995 e foi depois convidado a voltar lá no verão seguinte (veja Figura 14).

PONTOS DE VISTA - Dr. Hans Schaer

Sou uma pessoa com os pés no chão, um homem de negócios realista e conservador ferrenho com uma mente muito crítica e analítica em razão dos meus estudos jurídicos. Não sou médium. Durante toda a minha vida tive a intenção de descobrir - se fosse possível - se existe vida depois da morte física.

Minha pesquisa exigiu várias visitas à “Toca de Scole” em diversas ocasiões e participei de experimentos com um filme e um vídeo. Eu próprio conduzi

alguns experimentos que ocorreram em condições de teste. Fui testemunha de diversos fenômenos altamente interessantes.

Convidei o grupo de Scole para a minha antiga casa de veraneio na ilha de Ibiza. Se o que eles faziam no seu porão não era falso, não havia por que temer fazer o mesmo na minha casa...

Pouco antes de a sessão experimental começar, tive a ideia de perguntar à equipe espiritual se poderiam fornecer uma “prova” tocando um instrumento musical. O grupo de Scole não tivera nem a oportunidade nem o tempo de preparar nada antes que a sessão começasse.

O resultado desse pedido foi fantástico. O trompete que deixei sobre a mesa começou a tocar, ainda que não tivesse o bocal, e mais tarde alguém começou a tocar um solo de bateria na mesa de madeira, a despeito do fato de que não havia baquetas nem qualquer outro tipo de objeto semelhante por ali.

Também combinamos uma sessão com o grupo em Zurique, no local de reuniões da Sociedade de Parapsicologia. Foi providenciado para a ocasião um grande salão no subsolo, que infelizmente não era completamente escuro. Havia mais gente presente do que o normalmente esperado (22 pessoas). Acima de nós havia cerca de trinta apartamentos, todos com aparelhos elétricos como televisores, computadores, gravadores, linhas telefônicas, etc. A despeito de todas essas circunstâncias desfavoráveis, as comunicações por transe foram realizadas e as mensagens pessoais foram transmitidas a alguns dos presentes, e muitos deles foram tocados por mãos materializadas.

Em nenhuma das sessões o grupo teve a menor oportunidade de instalar qualquer equipamento próprio que poderia ter sido usado para produzir algum fenômeno fraudulento. Assim, posso garantir que os resultados do grupo de Scole foram em todos os sentidos cem por cento autênticos.

Ao analisar os fenômenos paranormais, Montague enfatizou que os padrões do normal não se aplicam no caso. Os fenômenos paranormais devem ser julgados pelos padrões paranormais. Isso é muito difícil de aceitar entre as pessoas de inclinação científica. Os espíritos declaram que não estão num “lugar” ou num “tempo” e que é fundamentalmente muito difícil aceitar. Nós, seres humanos, não temos a capacidade de conceber nada além do nosso tempo e espaço familiar e em nosso mundo. É por isso que os fenômenos paranormais materiais são tão interessantes para o pesquisador

mediúnico: a influência sobre a dimensão física pelas entidades desencarnadas é uma forma de evidência de que elas realmente existem.

Para fundamentar essa hipótese da sobrevivência, as evidências recolhidas durante o Experimento Scole tinham de refutar as explicações controversas, que podemos chamar de “hipótese anti-sobrevivência”. A primeira coisa que os céticos falam é: “Fraude!”. Para superar esse tipo de crítica, os pesquisadores consultaram um especialista em fraudes, o psicólogo dr. Richard Wiseman. Além disso, o próprio grupo convidou um membro do Magic Circle para investigar o seu trabalho.

James Webster, cirurgião pedicuro e podiatra, é um antigo mágico de palco e membro do Magic Circle. Ele e a esposa Shirley foram convidados para participar do GES, como convidados, em uma das sessões experimentais em outubro de 1994.

PONTOS DE VISTA - James Webster

A sessão experimental ocorreu no porão, que tinha uma única porta de entrada e saída, com uma luz central que quando era apagada deixava o porão em total escuridão. Uma bolinha de pingue-pongue com sinais fluorescentes foi colocada no centro da mesa sobre um pequeno pedestal. Um cubo de madeira balsa, marcado da mesma maneira, foi deixado no chão próximo à mesa. Os dois médiuns sentaram-se junto com o grupo.

Depois das preces de abertura, foram tocadas músicas para criar o ambiente adequado. Os dois médiuns logo entraram em transe guias apareceram para se comunicar conosco. A conversa foi animada e bem-humorada.

Recebi uma mensagem bastante significativa - por meio da sra. Bradshaw - de um parente que se encontrava no mundo etérico havia muitos anos (no tempo terrestre). Fui informado do seu nome e de fatos que apenas eu conhecia.

Em seguida ocorreu uma bela demonstração de luzes e energia espiritual, que eu jamais havia visto. Um par de luzes pairou ao redor da minha cabeça e depois parou a alguns centímetros na frente dos meus olhos, como se estivessem olhando intensamente para mim. Havia uma espécie de sentimento de amor e inteligência nelas.

Shirley, sentada à minha esquerda, sentiu diversos toques suaves mas firmes na perna e na mão. Eu vi uma luz tocar suavemente a minha perna esquerda

e depois a minha mão esquerda, o que senti sem dúvida nenhuma.

A eterna questão é: como se comenta um fenômeno dessa natureza de modo convincente para os críticos e céticos? Como antigo integrante do Magic Circle e mágico profissional de palco por diversos anos, tenho algum conhecimento e experiência de como são feitos os truques pelas pessoas inescrupulosas. Aprendi essas técnicas ao longo de quarenta anos de estudos e pesquisas sérias.

Com a tecnologia atual, é fácil para um mágico de palco apresentar, com a ajuda e a assessoria de especialistas em eletrônica, um “espetáculo luminoso” bastante convincente, contendo ainda efeitos de pseudo-sessão espírita, e as pessoas ingênuas vão acreditar em tudo como sempre.

Um desses *modus operandi* pode ser o emprego de longos fios ocultos de fibra de vidro com luz de laser projetadas através deles. Mas isso requer a colocação do equipamento na sala e/ou nas pessoas envolvidas, o que imediatamente denunciaria a fraude no caso de médiuns e participantes na sessão.

Shirley e eu conhecemos Sandra e Robin Foy há tempo suficiente para saber de seu desejo verdadeiro de encontrar e compartilhar com as pessoas as provas de continuidade da vida após a “morte física”. Eles não desperdiçariam o seu precioso tempo com truques e pessoas de idoneidade questionável.

Até onde tivemos conhecimento, o que testemunhamos até aquele momento com o GES foi verdadeiro e vamos continuar acompanhando o seu trabalho com interesse.

Sem poder comprovar a fraude, a “explicação multiuso” para os eventos aparentemente paranormais é que eles são o produto da capacidade mediúnica individual ou coletiva dos participantes, o assim chamado efeito “super-PSI”. Alguns observadores poderiam dizer, por exemplo, que as imagens recebidas nos filmes fotográficos durante o Experimento Scole seriam o resultado de “transferência de pensamento” da própria mente dos integrantes do grupo. Caso se comprovasse, isso seria uma indicação de algum poder anterior desconhecido da mente, o que não fundamentaria necessariamente a hipótese da sobrevivência. Talvez seja correto afirmar que, dependendo do ponto de vista inicial do analista, seria possível chegar a uma interpretação diferente das mesmas evidências, o que poderia ser usado tanto para defender quanto para refutar a hipótese da sobrevivência.

Outra explicação, menos evidente, seria a hipótese de esquizofrenia ou *alter ego*, sugerindo que o médium estivesse sofrendo de um transtorno de personalidade dupla ou múltipla. Nesse sentido, o *alter ego* do médium se impõe e dá as respostas às perguntas sobre os vários assuntos as quais a personalidade aparente ou dominante “normalmente” desconheceria. No caso do Experimento Scole, porém, essa hipótese é difícil, senão impossível, de ser comprovada. Havia dois médiuns envolvidos, trabalhando alinhados, um atrás do outro, e eles eram capazes de responder em detalhes a perguntas técnicas, científicas, históricas e até mesmo filosóficas num diálogo simultâneo com os pesquisadores externos de uma vasta gama de especializações. A probabilidade de que os *alter ego* pudessem passar das complicações da mecânica celeste (um assunto sobre o qual talvez apenas um punhado de pessoas na Grã-Bretanha poderia tratar como verdadeiros especialistas) para a interpretação sutil dos clássicos, no contexto de fatos históricos pouco conhecidos, é no mínimo pequena. Para citar um observador: “Seria maior a probabilidade de que personalidades desencarnadas estivessem se comunicando através deles”. Assim mesmo, devem ser consideradas todas as probabilidades em qualquer tentativa de explicar os eventos paranormais.

Sempre foi difícil testar as afirmações dos médiuns porque eles nunca receberam muito bem as intromissões de estudos científicos. Há notáveis exceções quanto a isso, mas, embora tenham sido reunidas muitas evidências, diversos críticos as consideram insuficientes para derrubar as explicações de *alter ego*, fraude e super-PSI e assim a sobrevivência permaneceu sem comprovação. Logicamente, é claro, existe a mesma possibilidade de que sobrevivamos realmente ou não à morte do corpo. Os “anti-sobreviventistas” não têm o monopólio sobre o senso comum, como é geralmente considerado pelo que nós poderíamos chamar de “consenso de opinião”. E por isso que o GES e a sua equipe espiritual tentaram com todo o empenho obter um protocolo científico e assim derrubar as hipóteses anti-sobrevivência.

Vamos agora retomar a história no início de 1995. Ralph Noyes, Arthur Ellison e Montague Keen juntaram-se ao GES no porão pela primeira vez. O grupo estava “compreensivelmente um tanto nervoso”:

E estávamos preocupados que isso fosse influenciar a sessão, porque a harmonia profunda do grupo era de fundamental importância. Além disso, os cientistas traziam energias diferentes com que a equipe espiritual teria de

lidar e imaginávamos como eles superariam o problema. Desnecessário dizer que não precisávamos ter-nos preocupado, uma vez que em cinco minutos Manu apareceu e tudo ocorreu como antes.

Manu recepcionou os convidados e incentivou-os a relaxar e abrir o coração e a mente para o trabalho no sentido de permitir que as energias de todos os presentes se fundissem numa só. Patrick e a sra. Bradshaw também apareceram, ambos com seu costumeiro bom humor. Contrariamente aos temores do grupo, a equipe conseguiu fazer as demonstrações com o bimbalar dos sinos, as estrelas cadentes, a iluminação dos pés, as luzes atravessando a mesa, a batucada toda, um arco de luz, um círculo de luz, uma luz entrando num cristal, uma luz atravessando a mão de um pesquisador, toques, vozes energéticas e efeitos de eletricidade estática.

Durante a primeira sessão “ao vivo”, um cientista espiritual discutiu alguns assuntos minuciosamente com os pesquisadores. A equipe propôs um programa sistemático de experimentação e os pesquisadores concordaram.

Montague atuou como convocador e anfitrião nos dias do experimento Scole, reunindo os colegas durante a noite em sua casa, na vizinhança. Depois de cada sessão, os pesquisadores retomavam lá para discutir, às vezes varando a noite, o que haviam presenciado durante o dia. Então Montague redigia um relatório detalhado de cada sessão, complementado pela transcrição das gravações feitas por Diana Bennett. Ele também acrescentava comentários às transcrições. Todos os pesquisadores estavam muito conscientes da importância do que o grupo de Scole buscava. Montague disse que se fosse mais do que uma alucinação coletiva, então eles estavam tratando de algo que era de importância verdadeira e concreta.

Num relatório sobre a primeira sessão constava que as reações dos comunicadores espirituais fora “imediate, oportuna, direta e despreziosa”. A natureza da luz era “característica, significativa e controlada inteligentemente”. Ela mudava de direção muito mais longe e rápido do que seria possível se fosse submetida a controle manual.

Aquela primeira sessão permitiu que os investigadores se familiarizassem com os fenômenos. Quanto mais eles se acostumavam com a personalidade dos espíritos, mais a equipe podia se dedicar à produção das evidências físicas que os investigadores buscavam para examinar.

De maneira nenhuma foi um processo direto. Nem todas as expectativas originais foram satisfeitas. A equipe espiritual tinha ideias claras sobre o que queria fazer e os pesquisadores também tinham uma ideia clara sobre o

que pretendia que a equipe fizesse. E nem sempre os dois lados se entendiam. Logo ficou claro aos pesquisadores que a equipe espiritual, por sua vez, encontrava-se num processo de aprendizado, sujeita a tentativas e erros.

Uma questão básica para os pesquisadores era a ausência de luz. Eles tinham pensado no uso eventual de equipamentos de vídeo ou infravermelho que lhes permitiriam ver o que todos estavam fazendo o tempo todo, mas tiveram de se contentar com a garantia do grupo de que era a intenção da equipe “gerar a própria luz”. Para compensar essa limitação, os pesquisadores tomaram outras precauções contra fraudes, discutidas abertamente com o grupo e a equipe.

Na segunda sessão, ocorrida em 16 de dezembro, a atmosfera mudou depois das preliminares de costume e logo teve início um espetáculo luminoso. Joseph, um dos cientistas espirituais, explicou que estavam usando a energia para criar um efeito visual. De repente; viu-se um clarão luminoso. Um instante depois, o domo de vidro sobre a mesa se acendeu. Um rosto e uma mão em tamanho real materializaram-se, iluminados por aquela luz. A mão pegou a bolinha de pingue-pongue de cima da mesa e atirou-a numa tigela no centro da mesa. Em seguida, pegou um cristal de quartzo e moveu-o de encontro aos presentes.

Joseph disse que a equipe queria fazer uma experiência. Ele pediu que todos colocassem as mãos sobre os joelhos e fizessem um pouco de pressão contra o chão. Todos se admiraram ao ver que essa atuação em conjunto fez com que o brilho da luz aumentasse consideravelmente.

Os pesquisadores perguntaram se as luzes espirituais seriam registradas por um espectrômetro (que mede os comprimentos de ondas da luz) por estarem na faixa da visão humana. O cientista espiritual respondeu que provavelmente sim. No entanto, acrescentou que a maior parte das luzes espirituais não eram emitidas como fótons. Os fótons presentes eram suficientes apenas para permitir que as testemunhas humanas vissem e fotografassem o fenômeno.

De acordo com o *Spiritual Scientist*, os pesquisadores que observaram a luz espiritual afirmaram o seguinte:

Parecia não haver possibilidade de que ela pudesse ser gerada por meios normais; ela parecia ser capaz de ser fotografada, pelas evidências anteriores; parecia não ter um ponto focal de emanção

mas podia mudar de forma, de um ponto bem concentrado para um brilho generalizado; parecia ser controlada de maneira inteligente; e parecia estar associada a alguma forma de força psicocinética.

De volta à sessão, o assunto de “vibrações negativas” também foi discutido com Joseph. Todos concordaram que uma pequena parte dos cientistas mostrava-se francamente desconfiada e profundamente hostil em relação ao que quer que fosse franca e intencionalmente paranormal como o trabalho do grupo de Scole.

Os pesquisadores imaginaram se os visitantes céticos inibiam os fenômenos e se era possível a produção de um objeto paranormal permanente. Isso podia ser dois anéis interligados feitos de madeiras diferentes sem nenhuma espécie de junção. Uma vez que não havia como produzir um artefato de tal natureza por meios terrestres, ele seria uma evidência irrefutável da paranormalidade. Seguiu-se uma discussão sobre as dificuldades da equipe para produzir um objeto daquele tipo e mantê-lo depois. A equipe pensou que talvez pudesse produzir um objeto paranormal permanente nas condições ideais do porão, mas seria difícil mantê-lo além dos limites do espaço experimental. (Esse objeto seria diferente dos aportes, uma vez que esses já existiam na dimensão física e eram transportados para o porão, não havendo portanto a necessidade de “mantê-los” fisicamente.) No entanto, a equipe espiritual enfatizou que estava decidida a criar uma evidência irrefutável para provar que as dimensões espirituais existem realmente.

Joseph disse em seguida que os experimentos realizados pela equipe haviam sido considerados cuidadosamente por uma equipe do plano espiritual, mas até aquele momento eles sempre consideraram suficiente fornecer as suas próprias evidências da vida após a morte. Joseph pediu que os pesquisadores entendessem que a sugestão deles de outros experimentos colocaria algumas dificuldades secundárias ao plano espiritual. Ele disse que talvez fosse necessária uma discussão em profundidade para decidir como seriam realizados tais experimentos. Ele também disse, porém, que o objetivo principal de todo experimento era chegar a resultados satisfatórios e era exatamente o que a equipe pretendia. Eles queriam aperfeiçoar todos os experimentos ao ponto de produzir resultados bem-sucedidos que pudessem ser repetidos.

Os pesquisadores achavam que exibições visuais como luzes esporádicas e levitações eram interessantes, mas não constituíam as melhores evidências

materiais para a análise científica. O trabalho fotográfico era mais adequado. A equipe disse que era sua intenção produzir algumas fotografias excepcionais que não pudessem ser refutadas com facilidade. Elas seriam exclusivas e a tecnologia moderna ajudaria a provar a sua autenticidade. Piers Eggett, um cientista do governo, foi convidado a uma sessão.

PONTOS DE VISTA - Piers Eggett

Embora eu tenha me interessado por fenômenos mediúnicos pela maior parte da minha vida, faz apenas 28 anos que sou um cientista. De qualquer maneira, durante esse tempo que passei estudando a propagação de ondas de rádio pela atmosfera terrestre, tive experiência com diversos aspectos da ciência e da tecnologia, incluindo equipamentos de rádio, eletrônicos, acústicos, de ultra-som, mecânicos, a laser e ópticos, através de todo o espectro visível, infravermelho e ultravioleta. Acredito que essa experiência tenha me dado uma boa ideia de como as coisas funcionam e como se pode obter diversos efeitos, o que me coloca numa situação ideal para observar os fenômenos mediúnicos com tranquilidade e honestidade.

Convidado pelo grupo de Scole, reuni as seguintes reflexões sobre alguns dos aspectos técnicos dos fenômenos testemunhados. A sessão em si já foi relatada, portanto não vou repetir a descrição de tudo aqui e, embora eu seja uma pessoa que acredita firmemente no Espírito, creio que toda a credulidade foi superada pela minha natural curiosidade e compreensão.

Concluindo, gostaria de dizer que foi uma reunião empolgante, em que diversos fenômenos foram observados, qualquer um deles sendo suficiente para convencer qualquer pessoa racional e inteligente. Com certeza, em breve outros grupos estarão trabalhando nessa linha para fornecer as provas da existência do Espírito, que é tão necessária no mundo atual.

Tiras Luminosas: Essas tiras estavam coladas a diversos itens no aposento, incluindo os pulsos dos participantes oficiais, mas estou aqui me referindo às quatro tiras fixadas em cima da mesa central. Essas eram vistas claramente e eram às vezes obscurecidas por algo opaco.

Essas tiras eram naturalmente pequenas e, portanto, de dimensões reduzidas, mas não tão pequenas a ponto de só poderem ser vistas com o uso de visão desviada. Essa é uma técnica amplamente utilizada pelos astrônomos para observar estrelas fracas. A visão periférica ou “olhar pelo

canto do olho” é mais sensível do que o olhar direto para algo, e assim os objetos fracos podem às vezes ser vistos dessa maneira, ou do contrário seriam invisíveis à visão direta. As luzes fracas poderiam, portanto, parecer ir e vir ante os olhares correndo pelo aposento. As tiras luminosas em Scole eram brilhantes o bastante para que isso ocorresse.

Além disso, o exame mostrou que não houve luzes ocultas embutidas na mesa. O fenômeno parece ser perfeitamente verdadeiro.

Luz Espiritual: Era uma bola pequena de luz branca que se movia ao redor do aposento em todas as direções, às vezes a grande velocidade, deixando um rastro como um fogo de artifício pela persistência da visão - o período de tempo que uma imagem permanece na retina depois que a luz que a causou é retirada. (E essa característica do olho humano que nos permite ver a TV e os filmes de cinema sem tremular, e a razão de um ponto de luz movendo-se rapidamente deixa um rastro.) Em alguns momentos a luz pairava a meia altura e depois tocava alguns dos participantes, dando-lhes um pequeno choque elétrico.

Não havia um feixe de luz (espalhado por partículas no ar) vindo de uma fonte fixa; a bola de luz era a fonte. Não encontrei explicação para esse fenômeno a não ser o apresentado, isto é, de que era produzido e controlado pelo Espírito. Desafio todos os contestadores a reproduzi-lo.

Voz Energética: Ouvia-se comumente uma voz humana que emanava da região central do aposento. É claro que todos estamos acostumados com os sons produzidos por equipamentos estéreos, que podem se mover para a esquerda e para a direita e de volta, entre dois alto-falantes, mas é muito mais difícil posicionar um som em três dimensões.

Estou convencido de que não havia alto-falantes escondidos no aposento, e em todo caso aquela voz tinha uma nitidez e uma clareza difíceis de reproduzir.

Além disso, ficou claro pelo que era dito que o locutor estava presente conosco no aposento. Não tenho dúvida de que esse fenômeno era autêntico.

Levitação: Sobre a mesa central foi colocada um pirex com uma bolinha de pingue-pongue dentro. A bola estava marcada com uma tirinha luminosa. As vezes a luz espiritual entrava na tigela, iluminando-a, e a tigela podia ser

vista claramente movendo-se com a bolinha pulando dentro dela. A certa altura, a bola era erguida pela luz e mantida próxima do teto, de onde depois a deixavam cair ao chão. Ela permanecia lá até o final da sessão.

Não havia nenhum sinal na bola de ter sido presa a nada. Não encontro nenhuma explicação física para esses fenômenos e acredito que sejam autênticos.

Aportes: Um cartão postal apareceu sobre a mesa no final da sessão. Todos ouviram claramente quando ele caiu sobre a mesa, pois com certeza foi derrubado ali. O único lugar em que se poderia esconder um cartão seria, portanto, o teto, mas não havia nenhum mecanismo no teto capaz de fazer isso.

Em todo caso, se o cartão fosse derrubado daquela altura, ninguém garantiria que ele fosse cair sobre a mesa; ele poderia cair em qualquer lugar. Não tenho dúvida de que esse fenômeno foi completamente autêntico. Conforme vimos, mesmo antes da chegada dos pesquisadores, o grupo já se impunha determinados procedimentos e realizava alguns testes. Todos os participantes usavam braçadeiras luminosas, de modo que pudessem ser vistos se tentassem andar no escuro. Essas braçadeiras eram inicialmente fixadas com alfinetes, mas depois receberam tiras de velcro, de modo que se pudesse ouvir o ruído característico caso fossem retiradas. Foram usados microfones planos altamente sensíveis nas paredes e pisos para captar e gravar o mais leve ruído. As temperaturas eram medidas e acompanhadas pelo grupo por meio de um equipamento sofisticado, para ver se as mudanças de temperatura correspondiam ao tempo em que ocorriam os fenômenos durante a sessão. Foram instalados termômetros ao nível do chão e do teto no porão e no alpendre ao redor da casa para comparação.

A partir de 26 de junho de 1995, todas as sessões tiveram as temperaturas registradas. A temperatura do porão era registrada no início de cada sessão, tanto ao nível do chão quanto à altura dos experimentos. Esse procedimento era repetido ao final de cada sessão. Com o uso de instrumentos sensíveis, o grupo podia também determinar as temperaturas máxima e mínima o tempo todo, e o desvio. A variação de temperatura era apenas superficial, variando entre 1,0° C a mais ou a menos. Quando eram recebidos aportes no porão, observava-se que a temperatura de 1,82 subia 2,5° C e o sensor ao nível do chão também subia 1,3° C.

Parecia ao grupo que a melhor maneira de convencer os críticos seria conduzir experimentos cada vez mais controlados. Com essa finalidade, um cientista que os auxiliava emprestou-lhes um “instrumento de precisão altamente sofisticado”, um medidor de fluxo de ar. Sua função primordial era medir o movimento do fluxo de ar numa determinada superfície. Como sabemos, durante várias sessões experimentais, os integrantes do grupo sentiam fluxos e até mesmo rajadas de vento frio, às vezes indicados como “brisas psíquicas”. Para determinar se essas experiências eram subjetivas ou objetivas, o grupo foi aconselhado a colocar o instrumento onde sentia que as brisas eram mais intensas. Durante as sessões em que não se sentiam as brisas, não se registrava nenhum movimento do ar no medidor. No entanto, numa ocasião memorável, quando um espírito auxiliar manifestou-se com uma presença muito forte e nas imediações do medidor, este registrou um importante movimento de volume de ar. Os instrumentos ajudam a confirmar que algo é um fato em vez do resultado da imaginação ou desejo de que algo seja verdadeiro.

Portanto, a importância de registrar dados foi reconhecida durante o Experimento Scole e a manutenção de registro provavelmente está sendo adotada nas experiências de outros grupos em todo o mundo.

Quando os pesquisadores científicos independentes começaram a participar das experiências, eles ajudaram consideravelmente a assegurar que fossem observados os protocolos científicos. Entre esses incluía-se trancar todas as portas externas em torno do porão e salas adjacentes e investigar entradas e equipamentos ocultos. Assim mesmo, como é uma prática padronizada na ciência, os colegas dos cientistas envolvidos na pesquisa fizeram algumas críticas quanto aos procedimentos adotados. Por exemplo, uma das críticas era de que os integrantes do grupo não tinham o corpo submetido a uma revista invasiva antes das sessões. No passado, com métodos envolvendo o ectoplasma, o médium podia ser acusado de secretar musselina ou materiais semelhantes num orifício do corpo, o que quando produzido se parecia com ectoplasma. Portanto, era necessária uma revista muito invasiva do corpo, normalmente realizada por uma enfermeira, uma vez que a maioria das médiuns eram do sexo feminino. Essas e muitas outras críticas foram tratadas no *Relatório Scole*. Com relação às revistas corporais, uma das razões apresentadas no *Relatório* foi que essas não eram necessárias entre o grupo de Scole porque não se produzia ectoplasma e a maior parte dos

fenômenos materiais testemunhados não poderiam ser diretamente associados aos integrantes do grupo ou a eles atribuídos.

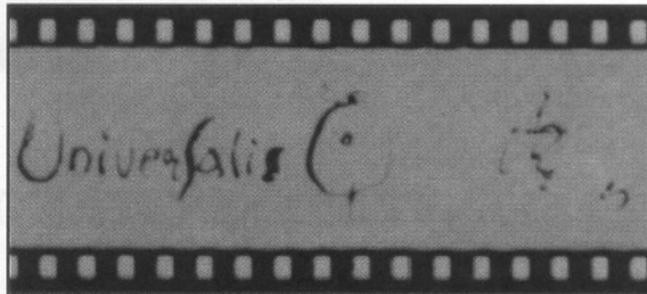
Isso nos leva a um ponto importante quanto à análise científica durante o Experimento Scole. Aqueles que estavam experimentando, investigando e analisando, fossem defensores, críticos ou observadores neutros, estavam limitados por uma falta de vocabulário comum e experiências anteriores com que avaliar os novos fenômenos da ciência espiritual. Os novos experimentos com base na energia não tinham paralelo e, como tais, não existiam precedentes quanto aos procedimentos. As críticas aparentemente razoáveis, como a exigência por parte dos analistas que fossem feitas revistas corporais, podem ilustrar uma compreensão incompleta da natureza inovadora do trabalho realizado em Scole.



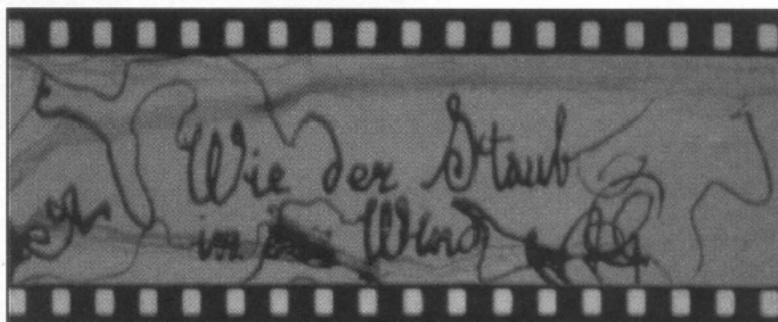
Figura 14: As sessões experimentais na *finca* (casa de fazenda) do dr. Schaer, em Ibiza, em 29 de junho e 1º de julho de 1997. Os dois médiuns estão sentados no primeiro plano da imagem. O equipamento de gravação foi colocado em mesinhas entre as cadeiras e no nicho da parede ao fundo da sala. Os fenômenos foram observados em diversos locais além do porão de Scole.



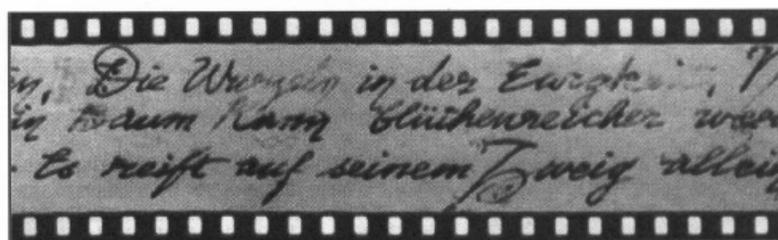
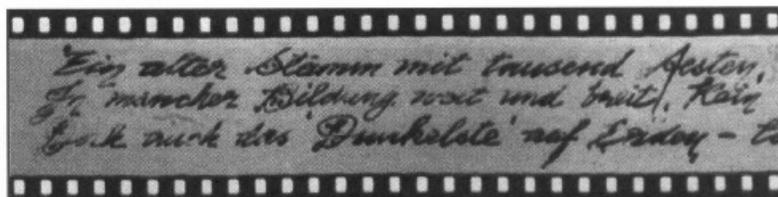
Figura 15: Verde sobre Verde, 17 de fevereiro de 1996. Os pesquisadores da Society for Psychical Research acompanharam a sessão em que isto apareceu. As letras traduzem-se por “m”, “e” e “n”. Um especialista em grego disse que na língua atual isso não representa a palavra “men”, mas provavelmente seria uma abreviatura de um nome grego.



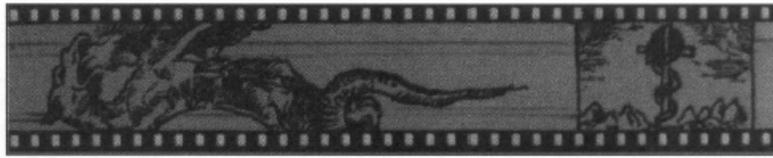
Figuras 16 e 17: *Perfectio consummata seu quinta Essentia Universalis* (“Do caos ao ponto mais elevado da humanidade”). Esta frase foi transmitida num rolo de filme colorido fechado durante uma sessão presenciada pelo professor Archie Roy, um especialista em astrofísica. Os símbolos aludem à Cadeia Dourada de Homero (*Aurea Catena Homeri*), que simboliza uma jornada que começa no caos e na confusão e termina na perfeição, representando, assim, o progresso humano em direção à Luz.



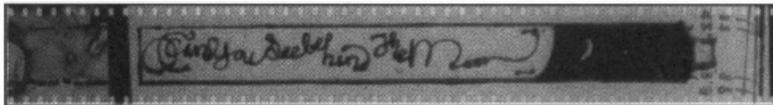
Figuras 18 e 19: *Wie der Staub in... Wind* (Como Poeira no ... Vento), 22 de novembro de 1996. Este filme foi produzido em condições descritas pelos pesquisadores como atendendo ao “pleno protocolo”, isto é, sem dar margem a nenhum tipo de fraude.



Figuras 20, 21 e 22: O poema alemão em três partes. Este é um dos mais intrigantes e importantes filmes de Scole, que foi transmitido pela equipe espiritual durante uma sessão de 26 de julho de 1996, presenciada por pesquisadores alemães. O autor não foi identificado, embora especule-se que o texto possa ter sido escrito por Friedrich Rückert (1788-1866), que se tornou famoso por traduzir o Corão para o Alemão. Não existem provas sugerindo que o poema tenha sido publicado. Ele é escrito no estilo típico de cerca de 1840. Observe os símbolos chineses e possíveis alusões celestiais na parte final.



Figuras 23, 24 e 25: O Filme do Dragão, 17 de janeiro de 1997. O dragão [em cima, à esquerda] pode significar a energia terrestre na filosofia chinesa ou poderia representar a serpente ou o demônio lançados no poço sem fundo. O símbolo com a serpente e a cruz [em cima, à direita] poderia representar o Velho e o Novo Testamento ou uma alusão à natureza humana mista do bem e do mal na terra. O nome hebreu de Deus aparece à esquerda da parte do meio — cada letra representa um dos nomes de Deus. Cassiel [embaixo, à esquerda] é um anjo ligado a Gabriel.



Figuras 26 e 27: Daguerre e Can You See Behind the Moon (“Você Pode Ver Além da Lua”) — esta imagem fotográfica era de cerca de um metro de comprimento! Não se sabe o que significa esta frase. Louis Daguerre, um dos pioneiros da fotografia, é famoso pelos seus daguerreótipos. Esta imagem tem o nome dele, mas não se trata da assinatura dele. Por que ela se encontra no filme? O que significam os símbolos?

Num certo sentido, é claro, todos somos cientistas, examinando todas as evidências de “realidade” que a vida coloca no nosso caminho. Temos diversos instrumentos naturais e fabricados assim como conhecimentos e experiência acumulados à nossa disposição. No entanto, a “opinião pública” geralmente é mais influenciada pelas descobertas das pessoas formadas (e portanto “qualificadas”) cientificamente. A grande maioria das pessoas espera que essas pessoas pesquisem em seu lugar. Portanto, foi importante para o GES que os pesquisadores independentes implementassem procedimentos científicos aceitáveis de modo que o Experimento Scoble fosse levado a sério tanto pelo lado científico quanto pelas comunidades leigas.

Inicialmente, o principal objetivo dos pesquisadores era estabelecer o controle sobre determinados parâmetros dos experimentos, especialmente o momento e os métodos de produção dos filmes fotográficos. Montague Keen explicou as suas intenções:

Queríamos observar se os fenômenos, nas condições em que eram produzidos, eram causados por meios “naturais” fabricados. Se não, então queríamos nos certificar de que todas as formas aparentemente paranormais derivavam dos médiuns do grupo ou de entidades desencarnadas.

As explicações das “entidades desencarnadas” fundamentaria, é claro, a noção da sobrevivência, embora por hipótese essas entidades ainda poderiam ser seres que nunca haviam vivido na Terra, mas tinham algum outro tipo de experiência. Em todo caso, no entanto, se todas as outras explicações pudessem ser derrotadas pela meticulosidade dos procedimentos adotados, algumas pessoas poderiam dizer que esse era um passo importante na direção de provar que as imagens nos filmes deviam ser uma evidência da sobrevivência.

Os céticos que *não* querem aceitar nenhuma evidência da sobrevivência têm tentado concluir que as evidências não são paranormais. Se todos os fenômenos excepcionais com que os pesquisadores entraram em contato no Experimento Scole fossem “normais”, então isso implicaria que o grupo de Scole estaria interpretando uma farsa elaborada e mentindo deliberadamente para um número enorme de pessoas que compareciam às sessões e aos especialistas que chegavam para verificar o que estava ocorrendo. Até então, os pesquisadores haviam sido incapazes de produzir alguma evidência de fraude. O *Relatório Scole* tenta responder a todas as críticas satisfatoriamente.

Na ausência de um objeto paranormal permanente (em razão de a equipe espiritual ter o seu próprio caminho), os pesquisadores (e, ao que parecia, a equipe) julgaram que de todos os fenômenos produzidos em Scole, as fotografias constituíam a melhor evidência física -- e possivelmente “de ferro fundido” - passível de repetição disponível para a sua investigação científica.

Piers Eggett escreveu um artigo para o *Spiritual Scientist* sobre a questão da evidência aceitável:

PONTOS DE VISTA - Convencendo a Mente Científica

As pessoas que encontro costumam se surpreender ao saber que sou tanto um cientista do governo quanto um Espiritualista comprometido. De alguma forma, as duas coisas não parecem combinar, mas de jeito nenhum eu sou único. Eu me considero como seguindo as pegadas dos pioneiros, alguns dos quais muito melhores cientistas do que eu jamais serei, gente como William Crookes e Oliver Lodge, para citar apenas dois. Os cientistas, no entanto, são notadamente céticos, então o que pode ser feito para convencê-los da verdade?

Nós confiamos nos nossos sentidos para nos informar sobre o mundo ao nosso redor e, embora eu saiba que eles podem se enganar, ainda diria que se os nossos sentidos de visão, audição, tato e olfato indicam simultaneamente que algo está presente no aposento conosco, então deve ser um fato. Normalmente aceitamos a presença de uma pessoa com menos informações sensoriais do que estas. Não precisamos tocar alguém para provar que ela realmente está presente. Essa prova, no entanto, é pessoal de quem percebe, sendo talhada especificamente de acordo com as suas necessidades particulares e obviamente não constitui prova para mais ninguém.

Da mesma maneira, os presentinhos aportados para nós seja num círculo, seja diretamente na nossa casa são praticamente insignificantes para as pessoas ausentes na ocasião, não importa quão importantes e indubitavelmente estimados pelas pessoas que os recebem. Tive o privilégio de receber diversos presentes dessa maneira e meus amigos cientistas fazem questão de examiná-los zelosamente, mas no fim do dia eles dependem apenas da minha palavra sobre de onde vieram. Em todo caso, o que exatamente eles provam? Eles mostram que é possível desmaterializar um objeto num lugar e rematerializá-lo em outro, mas será que eles provam a existência do Espírito?

Uma das principais maneiras pelas quais os cientistas verificam uma teoria é testando-a repetidamente com um experimento adequado. Quando testamos o Espírito dessa maneira, imediatamente incorremos em dificuldades. Em primeiro lugar, muitos efeitos foram observados, mas será que realmente fazemos alguma ideia de por que e como essas coisas aconteceram? Em segundo lugar, os resultados não são consistentes.

E importante, portanto, haver experimentadores que tenham no mínimo alguma experiência com o trabalho. Mesmo assim, os resultados têm a probabilidade de ser muito variáveis, uma vez que nem dois círculos são sempre iguais. Também se deve tomar cuidado em não influenciar os resultados. Eu estava consciente dessa possibilidade como um jovem pesquisador, mais de vinte anos atrás, quando costumava pedir que não me contassem sobre que resultados esperar, porque eu sabia que se estivesse esperando por um efeito sutil, às vezes eu poderia influenciá-lo ao pensar nele dessa maneira.

Como, então, posso convencer os meus colegas céticos? A melhor prova de todas é, claro, o tipo de prova pessoal, que eu tive, e estou certo de que ninguém que esteja buscando genuinamente provas conclusivas vai acabar conseguindo alguma. Enquanto isso, deve haver algo que eu possa fazer para saciar o apetite da mente científica.

Coloquei esse problema para o Espírito um dia e fui imediatamente apresentado ao interior de uma biblioteca. As paredes estavam forradas de estantes de livros até o teto e no primeiro plano havia um grupo de cientistas do passado. Um ou dois rostos eram familiares, mas a maioria deles eu não conhecia. Um homem deu um passo à frente e explicou que eles entendiam o meu desejo de ajudar e os problemas com que eu estava me defrontando. Ele continuou dizendo que, de tempos em tempos, eles imprimiriam pensamentos em minha mente sobre diversas experiências e medições que poderiam ser feitas de maneira conveniente. Eles já me deram algumas ideias, que estou ansioso para experimentar. Acho que é muito importante trabalhar com o Espírito se pudermos, uma vez que a tarefa deles já é difícil o bastante sem nos ter contra eles.

Um dos principais problemas com os fenômenos físicos, ao menos para a mente cética, é o da luz, ou eu deveria dizer, a falta dela. A maioria dos trabalhos desse tipo ocorre em completa escuridão, o que deve ser dito, se você não tem completa confiança na integridade do médium e nos presentes, pode parecer altamente suspeito para um pesquisador já crítico. O Espírito nos diz que tem plena consciência desse problema e está tão ansioso para trabalhar às claras quanto nós. O problema é que trabalhar no escuro é muito mais fácil para eles e desenvolver um médium para trabalhar na claridade toma mais tempo. Isso foi feito no passado e tenho confiança de que antes do que parece iremos, uma vez mais, ter médiuns trabalhando talvez não à luz do dia, mas certamente à luz controlada. Uma vez que as

peessoas estejam certas de que não estão sendo enganadas, será eliminada uma grande parte do ceticismo. Temo, no entanto, que muitos cientistas ainda terão as suas dúvidas...

Não podemos forçar as pessoas a acreditar no que acreditamos, mas se pudermos incentivá-las a pensar a respeito das nossas palavras e nas evidências fornecidas pela clarividência de alta qualidade teremos prestado um enorme serviço a elas. Se elas puderem apenas admitir para si mesmas que a existência do Espírito é uma possibilidade, então quando elas estiverem prontas para a sua prova pessoal será menos provável que elas deem as costas para ela ou olhem ao redor em busca de sinais de trapaça. Será mais provável que elas digam a si mesmas: “Isso é realmente verdade!”.

A terceira sessão dos pesquisadores, em 13 de janeiro de 1996, foi diferente das duas primeiras de diversas maneiras. Em razão de sua doença, Ralph Noyes, o secretário honorário da SPR, afastou-se e convidou David Fontana para comparecer em seu lugar. O professor David Fontana, Ph.D., era psicólogo clínico e educacional, emérito professor-adjunto em uma universidade da Grã-Bretanha, professor em duas universidades em Portugal e adjunto da British Psychological Society. Havia escrito mais de vinte livros sobre psicologia e temas correlates traduzidos em 23 idiomas. Conselheiro da British Psychological Society e diretor da Transpersonal Psychology Section da British Psychological Society, ele era também, na época da pesquisa, o presidente da SPR. Ele tinha publicado obras no campo da pesquisa mediúnica e dirigia a Comissão de Sobrevivência da SPR. Ele tinha um antigo interesse pelos fenômenos mediúnicos e pelos métodos fraudulentos e tinha investigado e testado uma vasta gama de fenômenos mediúnicos em diversas sessões.

O grupo também sofrera algumas mudanças. Mimi havia se afastado algum tempo antes por motivos pessoais e Ken e Bemette tinham decidido deixar de comparecer porque não podiam mais se comprometer com viagens regulares. Assim, seriam apenas sete pessoas - os quatro integrantes remanescentes do grupo e os três pesquisadores da Society - que conduziriam os experimentos fotográficos dali por diante.

CAPÍTULO SEIS - Estudo dos Filmes Fotográficos

“Todas as evidências que encontramos na vida real são imperfeitas em maior ou menor escala; e a única questão que importa é até que ponto são boas essas evidências; não se elas são perfeitas ou imperfeitas. As evidências são uma questão de grau.”

G. N. M. Tyrrell

Os Protocolos Fotográficos

Em vista das críticas previstas com relação aos fenômenos produzidos na escuridão total, o professor Fontana sugeriu um protocolo de quatro etapas, de modo que os pesquisadores pudessem controlar o momento em que as imagens fotográficas eram realmente produzidas. Primeiro, os pesquisadores forneceriam os filmes a serem usados. Segundo, os pesquisadores se certificariam de que o filme estivesse num recipiente seguro, fornecido por eles. Terceiro, os pesquisadores teriam controle do recipiente ao longo da sessão. Por fim, a revelação do filme seria feita sob o controle dos pesquisadores. De acordo com o Relatório Scoble, “esse protocolo eliminaria toda e qualquer possibilidade de intervenção material. Nem a equipe espiritual nem o grupo de Scoble ofereceram nenhuma objeção a esse protocolo”.

Devemos nos lembrar nesse ponto que o grupo de Scoble já estivera conduzindo experimentos fotográficos e tinha um estoque de diversos tipos de filmes que haviam sido fornecidos gentilmente pela Polaroid.

A Sacola de Segurança

Antes das pesquisas, Montague Keen havia discutido com o dr. Richard Wiseman o tipo de protocolo com maiores probabilidades de passar pelos céticos. O dr. Wiseman era conselheiro da SPR e ex-integrante da unidade de parapsicologia da Universidade de Edimburgo, na Inglaterra. Sendo naquele momento professor catedrático na Universidade de Hertfordshire, ele havia se especializado na psicologia e prática de fraudes. Portanto, era considerado uma espécie de consultor especializado no que se referisse aos procedimentos de segurança.

O dr. Wiseman havia fornecido uma sacola de segurança à prova de fraudes, feita de três camadas de fibra sintética de politeno. Os pesquisadores propuseram colocar um tubo nunca aberto antes de fême de 35 mm nessa sacola, esperando receber no filme transmissões do mundo espiritual na forma de imagens.

Essa sacola foi entregue ao grupo depois da primeira sessão, em outubro de 1995, e despertou algumas discussões durante a segunda sessão, em 16 de dezembro, quando a sra. Bradshaw declarou:

Vocês nos deram uma sacola excelente para observarmos. Demos uma volta com ela pela sala enquanto a examinávamos, viu? E ela é mesmo muito boa. Acho que não teremos problemas, mas, para começar, o que gostaríamos de fazer é começar a experimentar o trabalho com vocês e o grupo, e não ir além disso, só para ver como nos saímos.

Montague Keen concordou.

- A intenção era essa; uma série de testes, digamos assim.

Mais adiante durante a sessão, ocorreu a seguinte discussão com a equipe espiritual:

Joseph: *A maior parte do que apresentamos a vocês e a muitas pessoas vai ser difícil de provar e será difícil usar algumas dessas demonstrações concretas como prova... E por isso que esses experimentos, no caso das experiências fotográficas, são tão perfeitos e tão especiais no modo como são feitos e quanto aos resultados obtidos; e tudo isso tem um objetivo final: não ser usados*

como um experimento para atrair a atenção das pessoas como um truque, mas para produzir fenômenos que sejam duradouros... E isso o que faremos com a fotografia nas próximas semanas. Gostaria que Monty - posso pedir para você? - pudesse comprar um filme novo, em vez de pegá-lo do estoque de filmes, você sabe, um Polaroid de 12 quadros com que trabalhamos antes: esse parece funcionar bem.

Robin: Um filme colorido ou branco e preto?

Montague: Comprarei dos dois, assim poderão escolher.

Sra. Bradshaw: *Tudo bem, vamos usar os dois, não é? Está bom assim. Mas e quanto à velocidade ? Com qual tivemos bons resultados?*

Robin: Tivemos bons resultados com... os filmes coloridos têm uma só velocidade, que é de ISO 40, e o outro em que acho que tivemos bons resultados é de cerca de 110, mas esse é branco e preto, em todo caso vou verificar.

Arthur: Então a ideia é que Monty deve trazer um de cada tipo de filme selado na mesma sacola: é essa a ideia?

O Filme das Estrelas

Na reunião seguinte, em 13 de janeiro de 1996, o professor Ellison pegou a embalagem contendo o filme Polaroid Polapan de 35 mm que fora levado por Montague Keen, tirou o cassete químico e colocou o tubo fechado contendo o rolo de filme Polaroid na sacola de segurança de Wiseman. O cassete químico foi colocado de lado para ser usado para a revelação das fotografias depois da sessão. Então, o professor Ellison selou o tubo fechado e foi lá para baixo com ele para fazer a experiência, deixando-o no chão, embaixo da mesa.

Depois da sessão, os pesquisadores abriram a sacola, retiraram o tubo de filme, extraíram o rolo e passaram-no pelo revelador elétrico lá em cima. Os resultados, projetados pelos Foys numa grande tela na sua biblioteca logo em seguida, mostraram principalmente dispersões semelhantes a estrelas com ocasionais linhas que não tinham nada a ver com quaisquer tipos de arranhões que pudessem ser atribuídos ao processo de revelação (veja a Figura 32). No entanto, numa parte havia uma pequena luz com a forma de dente, com um substância escura por trás.

Os pesquisadores consideraram que o resultado “indicava paranormalidade”, uma vez que a imagem certamente não fora produzida ao acaso, ao contrário, tinha uma forma identificável. Logicamente, é claro, não devia haver nada que fosse visível. Embora os resultados não combinassem com as expectativas dos pesquisadores em matéria de qualidade, eles não poderiam encontrar um meio de esse procedimento ter sido fraudado, porque a sacola ficara alojada em um local inacessível entre os pés do professor Ellison e de Montague Keen durante todo o experimento. Além do mais, o filme fora fornecido por Montague Keen e ele e o professor Ellison haviam passado o filme pelo revelador. A sacola de segurança e o filme tinham ficado em poder dos pesquisadores o tempo todo. Portanto, foi assim que os experimentos fotográficos cientificamente controlados começaram - com um procedimento que não podia conter falhas e um resultado que “indicava paranormalidade”.

Os comentários a seguir sobre os experimentos fotográficos baseiam-se nos do *Relatório Scole*, que fornece uma ideia precisa de como a pesquisa pioneira do Experimento Scole foi conduzida. Uma vez mais, gostaríamos de expressar os nossos agradecimentos aos autores do *Relatório*, por nos fornecer uma cópia antes da publicação.

O Grego no Filme Verde

Na quinta sessão, em 17 de fevereiro de 1996, o procedimento diferiu. O filme levado por Montague Keen foi um Polaroid colorido de 35 mm, comprado diretamente de Jessops de Leicester, o principal fornecedor. Como sempre, a embalagem foi aberta pelo professor Ellison. Ele retirou o cassete químico e entregou o filme no tubo a Montague, que o colocou na borda da mesa imediatamente à frente dele no porão. Robin Foy explicou que a equipe espiritual lhe dissera que estava encontrando mais dificuldade do que esperava em atravessar a sacola de segurança de polieteno preto que fora usada na série de testes da terceira sessão.

No fim da sessão, Joseph e Emily Bradshaw entrevistaram:

Joseph: *Esperamos que encontrem algo realmente interessante no filme. Considerem que estamos apenas começando. Vamos progredir, acreditem. Os responsáveis pelo trabalho me explicaram*

as suas dificuldades e a sua confiança em chegar aonde querem chegar.

Sra. Bradshaw: *Faço minhas as palavras de Joseph. Espero que tenhamos sido capazes de lhes dar algo que os surpreenda e agrade quando subirem as escadas. Vamos fazer uma aposta: se vocês não se surpreenderem e postarem do que virem, eu lhes trapo uma meia-coroa da próxima vez!*

Arthur: *Essa não é uma proposta justa.*

Sra. Bradshaw: *Ah, querido. Ainda assim, você gostaria ganhar uma meia-coroa, não é? Mas acho que não vamos precisar pagar.*

O resultado foi que a sra. Bradshaw não precisou mesmo gastar a sua meia-coroa. Quando o filme foi revelado logo depois da sessão, a maior parte dele estava em branco. No entanto, três ou quatro quadros continham imagens coloridas. A mais importante delas mostrava três letras gregas minúsculas contra um fundo verde: "m" e "n" (veja Figura 15). Essas letras representam “m”, “e” e “n”. Elas pareciam estar iluminadas, como se um holofote as tivesse destacado. Numa verificação mais profunda, elas também tinham indicações muito fracas de letras anteriores e posteriores.

Os pesquisadores observaram que, nesse exemplo, não foi usada a sacola de segurança. O tubo contendo o filme não estava marcado nem visível, muito embora estivesse a poucos centímetros de Montague Keen e muito próximo dos outros pesquisadores ao lado dele, a saber, os professores Ellison e Fontana. Um desses pesquisadores, ou ambos, quase certamente seria capaz de perceber qualquer tentativa por parte dos outros integrantes do grupo de trocar o tubo, que teriam de estender o braço na direção deles e apalpar no escuro. No entanto, não se poderia dizer que o controle fora perfeito, uma vez que as possibilidades teóricas para uma mudança de fato existiam.

O Filme com Latim Espelhado

Em 25 de maio de 1996, num seminário com a presença de dez pessoas, foi produzida uma mensagem em latim num filme. Os principais pesquisadores não se encontravam presentes nessa ocasião. No entanto, o dr. Denzil Fairbairn, um empresário, apresentou um relatório detalhado dos procedimentos:

PONTOS DE VISTA - Denzil Fairbairn

Eu era cem por cento cético em relação ao que se afirmava na primeira meia dúzia de exemplares da revista *Spiritual Scientist*. Para mim, tudo parecia mais fantasioso e um tanto exagerado.

Antes de ir ao porão para a sessão, pediram-me, segundo uma indicação especial da equipe espiritual, para escolher um entre uma dúzia de caixas de filmes Polaroid novos, preto e branco, virgens e selados de fábrica, e ser responsável por ele. Então me pediram para tirar o recipiente plástico contendo o filme da caixa fechada e identificá-lo com a minha assinatura. O filme não saiu do meu poder até ser colocado sobre a grande mesa central no porão, onde ele ficou à minha vista até as luzes serem apagadas.

Devo mencionar aqui que o filme foi colocado no lado oposto da mesa onde os nossos anfitriões estavam sentados, e o domo de vidro no centro da mesa interpunha-se entre eles e o filme naquela posição. Portanto, na minha opinião, seria impossível que eles pudessem mexer no filme, ainda mais que todos eles estavam marcados com braçadeiras luminosas, que indicavam a sua posição o tempo todo no escuro.

As boas-vindas e algumas palavras de encorajamento foram proferidas inicialmente por Manu, que depois se afastou para dar início ao processo de mistura dos três tipos de energia usados na execução desse tipo de fenômeno.

Em seguida, fomos apresentados a um cavalheiro asiático chamado Raji. Os médiuns foram então possuídos ao mesmo tempo: um pela sra. Emily Bradshaw, uma senhora encantadora por quem logo me senti atraído, e o outro por Joseph, um homem modesto e de voz baixa que dava a impressão de ser culto, ainda que de uma maneira modesta.

Primeiro, sentiram-se ventos frios inconfundíveis em todo o aposento, especialmente abaixo do nível do joelho, onde ficava às vezes absolutamente gelado.

De repente, do nada, surgiu uma luzinha acima da mesa. Aconteceu tão rápido que tudo o que as pessoas retiveram na retina foi a imagem da luz à meia-altura sobre a mesa. Isso aconteceu diversas outras vezes e a cada vez a luz adquiria um brilho mais intenso e permanecia visível por períodos de tempo cada vez mais longos.

As pessoas ouviram passos e ruídos de pés sendo arrastados no piso acarpetado e fomos alertados pela sra. Bradshaw que tínhamos dois

espíritos visitantes no aposento conosco. Então ouvimos, partindo de um ponto acima da mesa, alguém tentando falar. Inicialmente, essa primeira voz não foi muito clara; então uma segunda voz, bem articulada, reconhecida pelo grupo de Scole como a de “Reg Lawrence”, falou da mesma distância. Ele tentava fazer alguns “pequenos ajustes” para ajudar o primeiro orador a se fazer ouvir com maior clareza.

Perguntei à minha mãe se ela sentira algum toque ou batida, ao que ela respondeu que ainda não. A sra. Bradshaw então seguiu em frente, dando à minha mãe algumas informações muito convincentes sobre o meu pai e enquanto ela falava com a minha mãe eu senti o toque de uma forma sólida em meu punho e no estômago.

A minha esposa, que estava sentada ao meu lado, sentiu um toque atrás da cabeça e logo depois disso a minha mãe sentiu o peso de uma mão sólida pousada na dela. Ela disse a todos o que sentia e então sentiu a sua outra mão sendo guiada até pousar em cima da mão do espírito. As suas mãos foram então levantadas e tiveram as pontas dos dedos beijadas. Isso foi imediatamente reconhecido como algo que o meu pai costumava fazer antes de dizer à minha mãe que a amava.

Em seguida fomos advertidos de que a equipe fotográfica espiritual podia ter conseguido fazer uma gravação no filme virgem e de novo me pediram para tomar conta do filme depois do final da sessão até o momento de sua revelação.

O rolo do filme foi colocado na máquina portátil de revelação fornecida pela Polaroid Ltd. e todos esperamos ansiosos pelas imagens. Ficamos encantados ao descobrir que dois dos doze quadros tinham algo de interessante. Num dos quadros, via-se uma mensagem gravada em latim que não apenas estava espelhada, mas também todo o conteúdo desse quadro estava invertido no segundo quadro, de modo que a mensagem toda aparecia em vários tipos de inversão por quatro vezes.

Essa mensagem era: *Reflexionis, Lucis in Terra, et in Planetis* (Da reflexão da luz sobre a Terra e os planetas) (veja Figura 33).

Os pesquisadores observaram que, embora não tivessem supervisionado esse experimento, a explicação normal óbvia dos resultados parecia envolver a mudança do filme por um integrante do grupo. Isso poderia ter sido feito ou retirando o filme do seu recipiente e recolocando um filme previamente preparado ou substituindo o tubo inteiro, com o seu conteúdo. No entanto, os pesquisadores consideraram que nenhuma explicação

poderia dar conta da existência do selo de papel que o sr. Fairbairn colocara no tubo antes do início do experimento porque seria extremamente difícil retirar e recolocar o selo in situ, em plena escuridão e não ser percebido. Os integrantes do grupo teriam de primeiro tirar ou escurecer as próprias braçadeiras luminosas durante a sessão para pegar o tubo, retirar o selo sem fazer ruído e sem estragá-lo, abrir a embalagem sem ser ouvidos, trocar o filme por outro, fechar a embalagem em silêncio, tomar a colocar o selo de papel e por fim recolocar o tubo na sua posição original.

Alternadamente, disseram os pesquisadores, o sr. Fairbairn, a despeito do testemunho das outras testemunhas independentes, cuja maioria ele não conhecia, poderiam ter colaborado em segredo com o grupo, uma hipótese que também poderia ser dada para explicar resultados semelhantes nos outros experimentos.

A Mensagem da Cadeia Dourada

Os pesquisadores em si fizeram a seguinte tentativa de obter evidências fotográficas, em 13 de julho. Além do professor Ellison e de Montague Keen, essa sessão contou com a presença do professor Archie Roy, um especialista em astrofísica, que havia adquirido um pacote fechado de filme transparente colorido de 12 exposições de 35 mm Polachrome.

Nessa ocasião, o professor Ellison abriu a embalagem selada, retirou um cartão, quebrou o selo e extraiu um tubo preto, deixando o cassete químico para trás como de costume. Então Montague Keen fixou uma tira de adesivo luminoso do lado do tubo. O professor Ellison colocou o tubo no bolso, colocando-o mais tarde sobre a mesa do porão entre uma das quatro tiras luminosas na borda da mesa e um cristal, que foi apontado para ele. O tubo encontrava-se na mesma posição no final da sessão.

Ao revelar o filme apresentou-se uma mensagem rabiscada que parecia dizer: *Perfectio consummata feu quinta Essentia Universalis* (veja Figuras 16 e 17).

A essa imagem seguia-se um círculo mal desenhado com um ponto no centro. O professor Roy observou que esse era um símbolo do sol, sobre o qual haviam sido mencionadas teorias em uma discussão sobre astronomia que ele tivera antes com a equipe espiritual.

Um amigo e vizinho de Diana, Beverley Dear, encontrou posteriormente um livro, *Mcigic Symbols* (F. Goodman, Trodd, 1989), que reproduzia as

ilustrações contidas numa publicação alemã de 1747, *Aurea Ccitena, oder eme Beschreibung von dem Ursprung der Natur und Natürlichen Dingen*. Esse livro contém uma ilustração da Cadeia Dourada de Homero (*Aurea Catena Homeri*). Nessa cadeia, são presos ou pendurados diversos símbolos, um dos quais tem um círculo com um ponto no centro e uma pequena cruz embaixo. Na base, encontra-se: *Perfectio Consummata teu Quinta Essentia Universalis* (Do caos para o ponto mais elevado da humanidade).

De acordo com o Relatório Scoble, esse texto foi traduzido por um conselheiro como acima, mas o dr. Gauld, integrante da SPR, considerou que ele era mais bem interpretada como “perfeição completa ou a quinta essência universal: parte do plano altamente simbólico que inicia a cadeia com o caos e a confusão e termina com a perfeição, representando o progresso humano em direção à luz”.

Assim, a partir da evidência do livro *Magic Symbols*, o que os pesquisadores tinha suposto inicialmente para representar o sol era agora considerado mais claramente se encaixar com o símbolo de fundo da *Aurea Catena Homeri*. Pode-se considerar digno de nota que um filme com esse assunto pudesse ser recebido quando um professor de astrofísica encontrava-se presente, especialmente uma vez que se descobriu posteriormente que estava no filme depois de discussões relativas à sessão.

O Poema Alemão

No mesmo sentido, a sessão seguinte bem-sucedida com um filme resultou numa mensagem em alemão sendo recebida quando pesquisadores alemães estavam presentes. Durante uma sessão inicial de 31 de maio de 1996, à qual tanto Walter Schnittger, engenheiro e consultor da indústria automobilística, e sua esposa Karin, que era intérprete, estavam presentes, o filme lacrado em seu tubo de plástico foi guardado por Karin Schnittger durante toda a sessão. Parecia que a equipe tinha feito uma tentativa clara de colocar um poema alemão no filme, embora o resultado tenha sido borrado e apenas parcialmente legível. Esse borrão ocorreu aparentemente porque Karin agitou o tubo em momentos de excitação ou de riso durante a sessão.

A sessão seguinte a que os Schnittger compareceram ocorreu em 26 de julho de 1996. É importante observar que Walter Schnittger dessa vez foi quem ficou com o tubo contendo o filme nas mãos por toda a sessão, nem o

colocando sobre a mesa nem permitindo que ninguém mais o tocasse. Então ele supervisionou o processo de revelação.

Dessa vez, a transmissão foi muito mais visível no filme (veja Figuras 20, 21 e 22):

Ein alter Stamm mit tausend Aesten
Wurzeln in der Ewigkeit
Neigt sich von Osten hin nach Westen
In mancher Bildung weit und breit.

Kein Baum kann bluthenreicher werden
Und keines Frucht kann edler seyn
Doch auch das “Dunkelste” auf Erden
Es reift auf seinem Zweig allein.

Um tronco antigo com milhares de ramificações
As raízes fincadas na eternidade
Inclina-se do Oriente para o Ocidente
Distribuindo-se em muitas formas por toda a parte
Nenhuma árvore pode florescer tanto.

Nem os seus frutos podem ser mais nobres
Mas até mesmo o “mais ignóbil” sobre a terra
Viceja em um de seus ramos em paz.

Esse filme também continha símbolos representando os planetas e ideogramas chineses, todos “desenhados com clareza, nitidamente visíveis e em cores vivas”.

De acordo com o Relatório, três características interessantes se destacavam nesse filme. Em primeiro lugar, o poema fora escrito no que os Schnittger e outros oradores alemães consideraram bom alemão num estilo típico do período aproximadamente de 1840. Em segundo lugar, tratava-se de um poema de alta qualidade e, apesar das investigações feitas na Alemanha pelos Schnittger, pelo dr. Kurt Hoffman e por outros, a sua autoria permaneceu ignorada. Em terceiro lugar, de acordo com Robin Foy, a equipe tinha sugerido que ele fora escrito ou encontrado por um ancestral de

Walter Schnittger, oferecendo uma evidência adicional de uma ligação entre um participante e o conteúdo do filme.

De acordo com uma nota de rodapé do Relatório, o dr. Kurt Hoffman informou aos pesquisadores que os especialistas alemães que ele consultara identificaram o poema como característico do estilo de Friedrich Rückert (1788-1866). Foi observado que Rückert era um poeta estimado e fonte de inspiração para muitas das canções de Gustav Mahler. Ele também ficou famoso pela tradução do Corão para o alemão e por ser muito interessado no misticismo oriental. Embora Rückert fosse um candidato provável, depois de extensas pesquisas feitas entre catedráticos em alemão em dezesseis universidades da Grã-Bretanha não se conseguiu confirmar a autoria do poema. Não se encontrou nenhum registro de sua publicação. O poema não se encontra em meio à antologia dos poemas de Rückert disponível entre os professores e é considerado “muito obscuro”.

Os pesquisadores consideraram que tudo isso pode ter uma influência sobre a hipótese geral de fraude, na medida em que essa hipótese baseia-se no acesso relativamente fácil ao material existente em domínio público.

O Filme Wie Der Staub

Embora o protocolo das sessões em que a primeira e segunda imagens do poema alemão foram produzidas tivesse um único ponto fraco (o filme foi escolhido entre os do estoque de Foy), esse ponto fraco foi eliminado de uma sessão posterior a que os Schnittger compareceram, em que outra mensagem *Wie der Staub in... Wind* (Como poeira no... vento) foi produzida. O filme resultante aparentemente foi conseguido com o “protocolo perfeito”, isto é, sem nenhuma possibilidade de algum tipo de fraude (veja Figuras 18 e 19).

PONTOS DE VISTA - Walter Schnittger

Na semana anterior à nossa sessão, Robin Foy nos telefonou para informar que haviam planejado fazer uma experiência fotográfica na semana seguinte. Ele me pediu para comprar um filme de slides coloridos de 35 mm Polaroid Polachrome e um cadeado. Ele também nos pediu para não manusear o filme mais do que o necessário.

Eu comprei o cadeado, acondicionado em sua embalagem original, e também três filmes do tipo recomendado, um com doze poses e os outros dois com 36. Até a nossa chegada para a reunião, numa sexta-feira, 22 de novembro de 1996, os filmes permaneceram exclusivamente em nosso poder, em uma sacola de plástico.

Na casa dos Foys, examinei cuidadosamente a caixa de madeira bem forte que repousava sobre a mesinha de café na sala de estar, observando que nela só caberia um rolo de filme com o seu tubo de plástico. Retirei o cadeado e as suas duas chaves da embalagem e coloquei-os sobre a mesa à minha frente. Escolhi o rolo de 12 exposições, retirei o cassete de revelação e o tubo da embalagem e coloquei imediatamente o tubo com o filme fechado na caixa, que tranquei com o cadeado. Deixei o cassete químico na sala.

Levei a caixa trancada comigo para o carro, onde deixei as duas chaves do cadeado, depois entreguei as chaves do carro para Hans [Schaer], que permaneceu ao nosso lado o tempo todo. Todos os integrantes do grupo testemunharam esse procedimento.

Desde o momento em que tranquei a caixa até o instante em que o filme foi revelado depois da sessão, a caixa permaneceu o tempo todo em minhas mãos. Em nenhum momento eu a soltei nem ninguém a tocou. No porão, segurei a caixa no colo, com ambas as mãos, até que Edwin me pediu, depois que lhe disse que era destro, para colocar a caixa na minha mão direita de maneira que o meu dedo indicador ficasse sobre a tampa com a parte inferior do dedo sentindo o contato do mecanismo de trava. Com a minha mão nessa posição, me pediu para colocar a caixa sobre a mesa, de modo que a base descansasse sobre o tampo da mesa. Meu braço direito, da mão ao cotovelo, permaneceu sobre a mesa, enquanto a minha mão esquerda permanecia sobre o joelho esquerdo.

Durante os vários minutos que se seguiram, com a mão nessa posição, a mesa vibrou diversas vezes, algumas delas tão fortemente que os cristais sobre ela começaram a chacoalhar. Numa ocasião, a manga direita da blusa de lã e da camisa que eu vestia foi puxada para cima e um dedo circundou o meu pulso; então o tecido da roupa voltou à posição inicial. Eu senti como se pelo menos cinco mãos tocassem o meu braço direito ao mesmo tempo, algumas delas muito fortemente, como se estivessem querendo afastar os meus dedos da caixa (o que não permiti) ou fazer força sobre a caixa, de um modo que precisei fazer força para conservar a caixa no lugar. Uma vez tive

a sensação de frio, como se colocassem um pedaço de gelo no dorso da minha mão.

Então me pediram para recolocar a caixa no colo e segurá-la com as duas mãos até depois da sessão, quando pedi de volta a chave do carro a Hans, fui com a caixa para o meu carro para pegar as chaves do cadeado e voltei para fazer um exame detalhado do aparelho de revelação, para ter certeza de que estava vazio. Depois coloquei o cartucho contendo o gel químico e por fim destranquei a caixa, peguei o tubo de plástico, de onde tirei o filme e coloquei-o na máquina de revelação.

Depois disso fechei o aparelho e liguei o mecanismo para dar início à revelação, que demorou cerca de dois minutos. Retirei o filme, que foi verificado por todos. O filme continha textos, símbolos e versos em toda a sua extensão, juntamente com algumas palavras em alemão como Wie e Staub escritas à mão e um texto estranho espelhado.

O Filme de Raio X

Um protocolo semelhante foi seguido por Walter em outra sessão, na sexta-feira, 6 de dezembro de 1996. Walter guardou as chaves do cadeado no carro, trancou o carro e guardou as chaves. Novamente, segurou a caixa na mão direita sobre a mesa, quando foi tocado diversas vezes, embora a força aplicada sobre a sua mão fosse menos intensa do que na ocasião anterior. O que saiu do revelador tinha a aparência de uma série de raios-X dos dedos da mão de Walter.

O Filme do Dragão

Em 17 de janeiro de 1997, Karin e Walter participaram de mais uma sessão. Os procedimentos foram os mesmos, a não ser por Walter deixar a caixa aos cuidados de Karin enquanto ia até o carro trancar as chaves do cadeado. Ninguém mais tocou na caixa durante esse breve intervalo de tempo.

Dessa vez o grupo permaneceu no andar de cima enquanto Walter foi para o porão e colocou a caixa no centro da mesa de maneira que os cantos da caixa ficassem direcionados para os quatro pontos cardeais segundo as quatro tiras luminosas. Uma folha de papel A-4 comum já havia sido colocada no centro para que pudesse ser traçado a caneta o perfd do contorno da caixa e do cadeado pendente. A pedido de Robin, tanto Karin

quanto Walter verificaram o aposento inteiramente mas não encontraram nada que considerassem suspeito.

Walter confirmou que durante a sessão que se seguiu nenhum dos seis participantes moveu-se do assento da cadeira, a julgar pela posição das braçadeiras luminosas que todos usavam. No fim da sessão, ele verificou se o contorno da caixa desenhado no papel sobre o centro da mesa correspondia precisamente com a posição da caixa e seu cadeado. No andar de cima, Karin ficou novamente cuidando da caixa enquanto ele ia buscar as chaves no carro. Depois de verificar que a unidade de revelação estava vazia, ele marcou o estojo de revelação e o filme com a sua rubrica e, sob a observação de Alan, colocou ambos no processador, depois do que identificou a assinatura no filme, que continha símbolos herméticos (veja Figuras 23, 24 e 25).

As imagens foram todas identificadas como pertencentes a um único volume publicado. Isso não é incomum. Pode ser que faça sentido aos espíritos transmitir material de uma única fonte identificável numa sessão em vez de usar textos de fontes diversas, o que apenas complicaria os procedimentos sem afetar o resultado global: a prova de que a equipe espiritual conseguia produzir imagens identificáveis em filme.

A Caixa de Segurança de Madeira

A caixa de segurança de madeira usada nessas experiências foi adotada a pedido da equipe espiritual, para melhorar a segurança (veja Figuras 34 e 35). Ela foi entregue à avaliação e voltou com todos os selos rompidos -- o que sugeria que era impossível abrir a caixa sem romper os selos. Se os pesquisadores conseguissem abri-la sem romper os selos, eles teriam de mostrar a todos como haviam conseguido fazê-lo. Alguns dos especialistas que compareceram às sessões cuidaram da caixa durante toda a sessão. Eles concordaram que era fisicamente impossível para os médiuns adulterar a caixa. Se alguém quisesse abrir a caixa na escuridão do porão, teria de segurá-la com uma das mãos e abri-la com a outra. Tudo isso sem tirar a caixa ou o cadeado da posição original, que era marcada a lápis no início da sessão.

A equipe experimentara alguns problemas, uma vez que o trabalho fotográfico era uma experiência tanto para ela quanto para o grupo e para os pesquisadores. Durante a sessão de 10 de agosto de 1996 houve uma

discussão a respeito da natureza da transferência de energia e os problemas verificados. Albert, falando por intermédio de Alan, tentou explicar o que acontecera:

Albert: Essas forças estão sendo usadas mais ou menos como uma onda portadora, usadas para transmitir, e essas forças podem penetrar o material no nosso mundo e no seu mundo. (...) O processo de pensamento ou imaginação é levado por essa onda [portadora], que é como a entendo. Essas ondas portadoras são [usadas] para enviar sinais como a modulação, em frequência modulada.

Arthur: Certo. As ondas de rádio, em alta frequência, sobem e descem. A alta frequência transmite a energia e a baixa frequência é a inteligência sendo transmitida.

Albert: Que bom que você disse isso. Esse é o que chamo de um bom exemplo. Sempre que uso a analogia do rádio acabo me complicando. Você deve concordar que existem alguns materiais que causam dificuldades às ondas de rádio.

Arthur: Sim, o metal.

Albert: (...) Elas têm dificuldade de penetrar outros tipos de matéria, não necessariamente o metal. Quando [essas forças penetram diversos materiais] ocorre uma mudança. Essas transformações durante isso [processo] às vezes se perdem; parte das informações se perde e torna-se imprevisível. Não temos como mensurar as nossas descobertas por causa da natureza imprevisível desse fenômeno. E além dessa complicação, os diferentes tipos de matéria afetam as próprias ondas, e temos perdas diferentes, e diferentes mudanças ocorrendo dependendo do tipo de material. Com relação aos filmes, eles estão numa embalagem de metal. Vocês podem confirmar isso?

David: Sim.

Arthur: Pensei que fosse de plástico.

Montague: Trata-se de um folheado.

Albert: Não é folheado; é metal, com uma espessura de cerca de dezena de milhar de polegada.

Arthur: Isso é bem denso.

Albert: Não importa. Nós nos adaptamos a isso faz tempo, mas o que nos causou problemas foi quando os filmes foram colocados

dentro de outros objetos. No momento em que ocorrem duas camadas. O preto também é um problema. Não há problema no momento, mas ele nos causa problemas de tempos em tempos, mas quando foram usadas outras camadas, isso causou problemas, que foram superados em novas experiências. E por isso que tivemos um resultado negativo quando nos deparamos com mais uma camada. Na época ele teria sido corrigido, mas foi considerado como se tivéssemos retomado ao ponto de partida [e] prosseguido por um caminho ligeiramente diferente.

A equipe esperava que a caixa mantivesse a segurança ao mesmo tempo que eliminava algumas dessas dificuldades. Ela quis que a caixa fosse feita com uma tampa com dobradiças e uma fechadura robusta. O objetivo era colocar o filme em segurança na caixa e assim reduzir a possibilidade de acusações de fraude com relação à ocasião em que pudesse ser necessário deixar o filme fora das sessões por alguns dias ou mais para que a equipe trabalhasse nele. Isso poderia ser necessário porque a equipe nem sempre poderia alcançar um resultado numa única sessão.

Essa caixa de segurança de madeira também era usada como um recipiente trancado com cadeado para os filmes durante as sessões. Conforme explicado por Walter Schnittger, os pesquisadores acrescentaram novas precauções, como guardar as chaves do cadeado, colocando a caixa numa folha de papel e desenhando o seu contorno e do cadeado para mostrar que ambos não haviam sido movidos, e mesmo segurando a caixa durante todas as sessões. Ainda assim continuavam a aparecer imagens nos filmes dentro da caixa.

Pelos motivos já explicados, os pesquisadores acharam que obteriam melhores evidências se pudessem estabelecer um controle total sobre quando e como as fotografias fossem produzidas. No entanto, isso não significa que todas as experiências envolviam apenas fotografias.

Por exemplo, no experimento da “Essência de Cristal”, foi pedido aos pesquisadores para verificar se podiam ver e tocar um cristal visivelmente brilhante numa tigela na mesa central. Eles conseguiam ver a tigela por causa da luz produzida pela equipe espiritual no porão, que de outra maneira estaria na mais completa escuridão. Os pesquisadores confirmaram que tanto podiam ver quanto tocar o cristal. Então a equipe espiritual pediu-lhes para tentar de novo. Dessa vez, embora eles ainda pudessem ver o

cristal, não mais conseguiam tocá-lo. Então a equipe espiritual lhes disse para tentar mais uma vez. Agora eles podiam tanto ver quanto tocar o cristal de novo. (Depois que entendeu o que estava sendo tentado, o professor Ellison aproximou o queixo o máximo possível da borda da tigela para impedir qualquer interferência humana sobre os cristais ali dentro).

Aparentemente, a equipe espiritual havia criado algo semelhante a um holograma com os cristais. Ela disse que fez isso para ilustrar o que acontece ao corpo do ser humano após a morte. O elemento “material” ou terrestre da pessoa não permanece, mas a essência continua existindo e vai para “outro lugar”. Nesse caso, a equipe havia eliminado a matéria e deixado visível na tigela a essência dos cristais. É desnecessário dizer que os cientistas consideraram a demonstração fascinante, no mínimo porque parecia ser a prova de um novo tipo de manipulação da matéria e da energia.

Embora os pesquisadores fizessem todos os esforços para seguir os protocolos científicos, todos os experimentos que eles supervisionaram nunca chegaram à perfeição num certo sentido. Isso se aplica a todos os experimentos aos quais os cientistas não tiveram total e completo controle sobre todas as variáveis. Caso isso o preocupe, devemos lembrar que isso também se aplica a muitos experimentos em biologia e medicina, não só aos realizados durante o Experimento Scoble. A falta de controle total de todas as variáveis não invalida necessariamente um experimento.

O grupo sempre permitiu que os especialistas incluíssem alguma correção nos procedimentos para aumentar a segurança. Embora a equipe espiritual tivesse sugerido o tipo de caixa que seria adequado, ela não estabeleceu os protocolos. Foram os pesquisadores que haviam introduzido as sacolas de segurança e outras verificações para eliminar a possibilidade de adulteração. No mesmo sentido, um ponto forte do Experimento Scoble relaciona-se ao argumento do “fio e da corda”. Qualquer pedaço de fio sempre tem um ponto mais fraco e se rompe ali quando o fio é puxado de ambas as extremidades. No entanto, se você reúne 500 pedaços de fio e os entrelaça, você tem uma corda, que não se rompe. O ponto fraco de cada fio é compensado pela força unificada de todos os demais fios entrelaçados.

Isso também se aplica aos 500 experimentos conduzidos em Scoble ao longo de um período de cinco anos. Cada um teve o seu ponto fraco, mas, considerados em conjunto, o resultado global é uma prova forte e convincente de que a consciência humana pode sobreviver à morte física:

alguma forma de inteligência parece realmente estar tentando se comunicar de “algum lugar”.

Se foi cometida alguma fraude, esse dever da necessidade envolveu todo o GES, num trabalho conjunto. Eles deveriam ter planejado, até os mínimos detalhes, todas as conversas que ocorreram durante as sessões. Esse planejamento deveria incluir quem deveria dizer o que, quando e como e fazer o quê, quando e como. Eles também deveriam saber, com antecedência, se, por exemplo, o professor Ellison seria retardado por um atraso no trem em que viajava (como de fato aconteceu) e portanto se ele participaria das conversas seguintes.

Os integrantes do grupo precisavam ser capazes de passar, sem interrupção, de discussões sobre os seus experimentos sem os pesquisadores para aqueles com os pesquisadores. Os integrantes do grupo, especialmente os médiuns, teriam de saber o que Montague Keen, o professor Fontana e o professor Ellison (e outros pesquisadores) estariam pesquisando, e quanto, e onde, e até que ponto haviam chegado. Às habilidades e a capacidade de reunião de informações necessárias para perpetrar uma farsa deliberada numa escala dessas tomam-se tão grande que temos de nos perguntar se a comunicação de entidades desencarnadas (com acesso a essas informações de “outro nível”) é a explicação mais provável.

Nesse sentido, fica claro, em nossa opinião, tomando como referência a transcrição da gravação em fita da sessão de 16 de agosto de 1997, que a equipe espiritual parecia conhecer muita coisa sobre o interesse de Montague Keen por Rachmaninov e a importância especial em sua juventude das obras desse compositor. Durante a sessão, ouviu-se sua obra musical vindo de um dos gravadores de som (o único sem microfone). O próprio Montague comentou conosco:

Não era apenas o costumeiro “ruído branco”³ vindo do gravador sem microfone, mas também música e uma voz falando por cima dela. Quase imediatamente reconheci que a música fazia parte do Segundo Concerto para Piano, de Rachmaninov. Fiquei profundamente emocionado, porque aquela música tinha um grande significado para mim. Era uma das primeiras obras de música clássica que conheci - eu ouvia as gravações do próprio Rachmaninov em 78 rotações produzidas antes da guerra. Aquela música me levou de volta aos meus dias de garoto como fugitivo. E sabia com certeza que nunca comentara o fato com ninguém, muito menos com

os integrantes do grupo de Scole, em que ninguém parecia muito interessado em música clássica.

Curiosamente, tanto a música quanto a voz sobreposta a ela haviam sido gravadas em fita virgem, mas não se tratava das vozes ou da música ambiente do porão. O professor Fontana havia marcado pessoalmente essa fita virgem antes de colocá-la no gravador no início da sessão. Ele também tomara o cuidado de que ninguém do grupo tivesse acesso à fita nem ao gravador sem microfone em nenhum momento.

Nós avaliamos o peso da hipótese de fraude à luz do que aconteceu nessa sessão. Por um lado, Montague Keen afirma que não comentara nada com o grupo nem com ninguém sobre o seu interesse por aquela música, nem a ligação dessa obra “executada” pela fonte espiritual sobre a sua juventude. Por outro lado, foi sugerido, por alguns críticos, que Montague devia ter comentado com o grupo todos os detalhes e que depois acabara esquecendo que o fizera. A extensão lógica desse argumento é que os críticos que fizeram essa acusação teriam de repeti-la em relação a todas as outras demonstrações de “conhecimento” anterior por parte da equipe espiritual. Todas as informações comprobatórias teriam de ter sido coletadas previamente pelo grupo, que então teria de esperar por um momento adequado para introduzi-las na discussão.

Para muitos que se dão ao trabalho de analisar de fato as evidências todas relativas à mediunidade nos últimos cem anos, essa acusação de “coleta de informações” com a finalidade de praticar uma fraude por parte dos médiuns cai na categoria do “absurdo”. Aqueles que sugerem essa absurda acusação de fraude geralmente também afirmam que esse é o principal motivo pelo qual a hipótese da super-PSI é preferida pela maioria dos críticos: uma vez que a super-PSI é improvável implicitamente, acaba sendo uma perfeita vala comum onde são atirados todos os acontecimentos inexplicados.

As vezes parece que toda proposição, por mais remota que seja, é preferível a ter de encarar a explicação da sobrevivência. Alguns parecem considerar absolutamente impensável que realmente existam personalidades que tenham sobrevivido à morte e agora se encontrem em outra esfera de realidade, ainda conscientes, com uma lembrança tanto da vida terrena quanto da capacidade de se comunicar com aqueles de nós que ainda estão aqui, desde que dadas as condições adequadas.

No entanto, e isso é importante, se a hipótese da sobrevivência ofende alguns conceitos teológicos, sociológicos, lógicos ou outros preconceitos humanos, não é realmente relevante para a sua existência verdadeira, mesmo que isso vá contra as nossas crenças comuns. Se a equipe espiritual for capaz de provar a tese da sobrevivência, todos acabaremos por aceitar essa “nova” verdade e nos adequarmos às suas implicações. Keith McQuin Roberts tem formação científica. Ele foi convidado para comparecer a uma sessão em Scole.

PONTOS DE VISTA - Keith McQuin Roberts

Tenho uma visão científica por natureza e por formação. Parecia-me, como ainda parece, que esclarecer os outros sobre a sobrevivência requer uma abordagem diferente, científica, para ter maiores possibilidades de sucesso do que anteriormente.

Descemos para o porão, conhecido como “Toca de Scole”. O lugar fora adaptado para impedir a entrada de luz e continha apenas cadeiras e uma mesa. Robin nos convidou a examinar o local e explicou o funcionamento dos equipamentos usados quando convidados da comunidade científica compareciam à demonstração. Ele explicou as etapas e as medidas de segurança adotadas para evitar todos os riscos de alegações de fraude ou de manipulação dos procedimentos.

Os fenômenos eram bastante conhecidos, uma vez que se tratava de uma demonstração e não uma sessão normal, mas isso não diminuía absolutamente a sua importância. Ele me deu tempo suficiente para fazer as minhas averiguações e, embora eu soubesse o que esperar, ainda assim fiquei muito impressionado.

Um fenômeno que me marcou foi o de uma luzinha semelhante a uma bola que se deslocava pelo aposento. Ela agia como se fosse um objeto sólido e parecia mover-se resolutamente de uma pessoa a outra.

Fiquei intrigado pelo modo como senti uma pressão suave quando ela me tocou. Mais impressionante ainda era a maneira como ela produzia um ruído enquanto descia através do pesado tampo da mesa e voltava pelo mesmo tampo sem fazer nenhum ruído. Tudo parecia ser uma demonstração de leis científicas ainda desconhecidas.

O ponto alto da sessão para mim foi ser tocado por uma mão materializada. Eu esperava que isso acontecesse, mas fiquei quase paralisado quando

aconteceu. Eu me recompus o suficiente para perguntar se ela poderia repetir o gesto. Mas, na minha empolgação, me esqueci de dizer “oi” e de perguntar quem estava ali. A demonstração se encerrou logo depois desse evento.

Embora eu tenha ficado intrigado pelos fenômenos que presenciei, não os achei importantes em si mesmos. Ao contrário, eles são importantes balizas do caminho que todos esperamos que possa conduzir a resultados que possam ser repetidos e assegurados sob condições controladas.

No tempo certo, talvez venha a ocorrer o avanço prometido e a mensagem dos planos espirituais possa acabar por atingir muito mais gente do que no momento. No entanto, não estou convencido de que isso venha a acontecer num futuro previsível. Nem estou convencido de que este mundo está preparado para isso. De qualquer modo, espero estar errado, porque meu próprio ponto de vista mudou pelo que aprendi e desejo que outros tenham a mesma oportunidade.

Se os experimentos resultarem em fenômenos confiáveis e passíveis de repetição, que possam ser testados por cientistas, e se esses demonstrarem de maneira irrefutável a existência além da morte, a humanidade será confrontada por conceitos possivelmente mais desafiadores do que tudo quanto já se conhece neste mundo. Poderá haver profundas implicações para a ciência se os cientistas terrenos e espirituais trabalharem em conjunto.

O grupo nos contou que alguns dos pesquisadores que tiveram contato com o Experimento Scole admitiram livremente comparecer às sessões e reconheceram o potencial para experimentos futuros, considerando a cooperação de ambos os lados da vida. O grupo achou conveniente aprender com esses pesquisadores experientes exatamente o que era necessário como evidências para convencer os seus colegas mais céticos. E claro que o grupo só podia conduzir os experimentos e oferecer evidências dentro dos limites do que fosse possível para a equipe espiritual com os seus métodos de comunicação “à base de energia”.

No limite especulativo da escala explicativa, chegou a ser sugerido que a equipe espiritual era capaz de fazer contato “usando o conhecimento de átomos e moléculas” porque é apenas na história relativamente recente que as pessoas com o maior conhecimento haviam morrido e se disponibilizado para trabalhar “do outro lado”. Não podemos fazer mais do que apresentar essa explicação como algo que foi adiantado ali.

Também é interessante notar que diversos cientistas eminentes, catedráticos e outros pesquisadores universitários participaram ativamente de pesquisas paranormais no passado; alguns foram ridicularizados pelos colegas 'mais realistas', mas, assim mesmo, persistiram no trabalho em razão de os resultados dessas pesquisas serem muito intrigantes. No entanto, existe atualmente um interesse crescente nos acontecimentos paranormais que desafia a explicação normal. Uma sessão do departamento de psicologia da Universidade de Edinburgh, na Inglaterra, vem se dedicando ao estudo desse assunto.

O professor Fontana comentou que os fenômenos paranormais materiais podem levar-nos a repensar algumas das leis mais bem aceitas da ciência. Muitos pesquisadores de renome testemunharam pessoalmente e investigaram as circunstâncias em que esses fenômenos são produzidos. Outros cientistas em todo o mundo estão começando a analisar o Experimento Scole e até mesmo examinar o novo trabalho experimental que vem sendo feito por outros grupos que seguem a orientação de Scole.

Capítulo Sete - Experimentos Sonoros

“Todas as formas de mediunidade são um expediente provisório a que devemos recorrer até que os nossos engenheiros aperfeiçoem um mecanismo que possamos usar automaticamente”. Isso é possível e será sem dúvida o próximo passo da televisão. Vocês estão a uma curta distância de dois extremos: a aniquilação e a iluminação. Se, em vez de gastar tempo e dinheiro no desenvolvimento de alguns equipamentos militares como fazem atualmente, investirem na tentativa de chegar até nós, logo nos darão um aparelho para comunicar-nos com vocês.”

William Brandon (por um médium) em 1935

Veza por outra, a equipe espiritual pedia ao grupo para criar uma % /fundação, a ser conhecida como a New Spiritual ScienceFoundation (Fundação da Nova Ciência Espiritual), para estudar a “ciência espiritual”, que seria mais bem explicada como “a ciência da vida e da vida após a morte”. Esse novo campo de pesquisa ampliaria os parâmetros da ciência nos moldes como a entendemos hoje. Seguindo-se à formação da fundação em meados de 1994 e à publicação da primeira edição do *Spiritual Scientist*, o grupo logo entendeu que houvera um crescimento substancial em todo o mundo no número de experimentos no campo da “comunicação transdimensional” durante a década anterior. A fundação foi contatada por diversos pesquisadores e organizações nesse campo. Alguns deles ao que parecia recebiam transmissões regularmente.

A comunicação transdimensional abarca uma diversidade de tipos de fenômenos eletrônicos, possibilitados nos últimos anos pelos avanços na tecnologia eletrônica não só neste mundo como também no mundo

espiritual e auxiliados consideravelmente pelo surgimento do microchip ou circuito integrado. As principais formas de comunicação recebidas atualmente são: fenômenos de voz eletrônica (EVP, de *electronic voice phenomena*), fenômenos de imagem televisiva (TPP, de *television picture phenomena*), mensagens por computadores, mensagens por rádio, mensagens por fax e ligações telefônicas de comunicadores mortos.

Embora até o início do Experimento Scole os integrantes do grupo pudessem alegar muito pouco conhecimento das cinco últimas dentre essas seis formas de comunicação, Robin Foy havia acumulado cerca de 21 anos de experiência na pesquisa de EVP na época da primeira edição do *Spiritual Scientist*, no inverno de 1994. Ele obtivera vários milhares de exemplos de EVP numa série de fitas cassete, variando de simples palavras até frases longas, com muitas delas sendo por meio de respostas diretas a perguntas que ele fizera aos comunicadores.

Os fenômenos de voz eletrônica (EVP) foram descobertos por Friedrich Jurgenson, um artista sueco, cantor de ópera e produtor de filmes documentários, em 1959. Seu trabalho foi expandido mais tarde pelo professor alemão, Hans Bender, da Universidade de Freiburg. O psicólogo e filósofo letão Konstantin Raudive escreveu, então, um livro sobre EVP intitulado *Breakthrough*. O livro foi tão procurado que o nome de Raudive ficou associado ao fenômeno e as vozes ficaram conhecidas como “vozes de Raudive” por algum tempo.

No passado, Robin apresentou muitos workshops sobre EVP e ajudou muitas pessoas a ter acesso a esse tipo de fenômeno. O procedimento requer um mínimo de equipamento, juntamente com paciência e dedicação, e as vozes aparecem como “acréscimos” nas gravações. A fala muitas vezes pode ser mais rápida do que a pronúncia humana normal, embora o estilo e o timbre das vozes variem consideravelmente. Elas geralmente se manifestam num ritmo peculiar na fita, dificultando o acesso inicial às pessoas que não estejam acostumadas com o fenômeno. No entanto, assim que se consegue ouvir com clareza, às vezes depois de tocar a fita várias vezes seguidas, toma-se muito mais fácil reconhecer e entender.

Há anos têm-se registrado relatos de fenômenos semelhantes. Tom Sawyer, um visitante de Scole, relatou sua crença de que a BBC desistiu das transmissões em 29 megaciclos/segundo por causa das vozes de espíritos que eram ouvidas nessa frequência quando as pessoas sintonizavam o aparelho de rádio.

Robin continuou nos contando em maiores detalhes sobre outra descoberta no grupo: a comunicação audível de duas vias entre as dimensões usando equipamento moderno. Isso foi chamado de “comunicação transdimensional” (ou TDC, de “*transdimensional communication*”), por sugestão da equipe espiritual. Usando essa técnica, o grupo foi capaz de manter conversações com personalidades em outras dimensões e registrá-las num gravador barato acionado por pilhas.

No Dia dos Namorados de 1996, guinchos e ruídos estranhos começaram a soar no gravador que o grupo estava usando para tocar a música de fundo durante uma sessão experimental de rotina. No início eles pensaram que fosse um defeito do gravador, por excesso de uso. No entanto, um integrante da equipe espiritual disse-lhes que aquilo era na verdade uma nova forma de comunicação que estava sendo testada. Pediram a Robin para abaixar o volume para eliminar a música, mas o interessante foi que o volume dos “ruídos estranhos” *não* diminuiu. Aos poucos, os integrantes do grupo foram encontrando um sentido no que ouviam, reconhecendo palavras, embora essas estivessem parcialmente inaudíveis nessa primeira oportunidade.

A técnica foi desenvolvida alguns meses depois, num dos seminários do grupo. A equipe pediu-lhes que providenciassem um gravador simples a pilha e sem o microfone. Depois de alguns estalos e ruídos, uma voz disse num sussurro: “Alô” pelo amplificador. Com o ansioso encorajamento dos integrantes do grupo, a voz foi ficando cada vez mais forte. Ocorreu então uma breve conversa. O comunicador dirigiu-se a um dos presentes pelo nome e continuou a falar sobre as muitas possibilidades dessa nova forma de comunicação. O grupo foi informado que o circuito integrado de silício no gravador era o “ponto de entrada” para o contato.

Pouco tempo depois, o experimento foi repetido num seminário de representantes alemães. Dessa vez, uma voz feminina surgiu no amplificador cumprimentando a todos em alto e bom som com “*Guten Abend*”. A equipe informou que a comunicadora transdimensional era uma *Fräulein* alemã. Ela declarou o seu nome e proferiu diversas frases em alemão. De acordo com os representantes alemães presentes, a pronúncia dela não apresentava o menor sotaque estrangeiro. Eles ficaram inteiramente convencidos de que essa comunicadora era de fato originária da Alemanha.

Num seminário no final do verão de 1997, a ênfase novamente foi atribuída a essa nova forma de comunicação. Um dos representantes convidados, Tom Sawyer, cuidou do funcionamento do gravador. Logo depois de ligá-lo, ouviu-se uma voz. A música foi abaixada de modo que todos ouvissem melhor a voz. O comunicador perguntou: “*É você, Tom?*”. Reconhecendo a voz de seu sogro, que morrera menos de um ano antes, Tom respondeu imediatamente. Os dois mantiveram uma conversa pessoal por vários minutos.

O Receptor de Germânio

A comunicação transdimensional foi conseguida usando-se um simples gravador de fita. No entanto, em pouco tempo foi pedido que o grupo providenciasse um outro tipo de aparelho, um “receptor de germânio”, para usar juntamente com o gravador. O receptor utilizava uma substância cristalina conhecida como germânio. Além de ser semicondutora, essa substância também é classificada como um metal semi-raro. O receptor foi ligado à entrada de microfone do gravador.

Houve diversos problemas para a equipe espiritual para alcançar uma comunicação mas ouviu-se da parte da equipe: “*Quando vocês ouvirem os resultados, acreditamos que vão concordar que fizemos um progresso fenomenal*”. Para o espanto da equipe, o grupo descobriu que usar o receptor com o gravador permitia um contato nítido com diversas “personalidades” do que se acreditava serem dimensões longínquas, ou seja, não do mundo espiritual como entendemos. A equipe explicou ao grupo que algumas das dimensões eram tão distantes da nossa que entre eles próprios nunca se havia previsto, mesmo por muitas almas evoluídas no mundo espiritual, que alguma forma de comunicação direta viesse a ser possível.

A primeira vez que vimos os receptor de germânio foi na cidade de Lyng. Todos os presentes foram convidados a se reunir ao redor da mesa na frente do salão de seminário. Sobre a mesa repousava uma caixa de vidro com uma base de madeira.

“Nós chamamos esta caixa de aquário”, explicou Alan. “Muitos visitantes viram luzes *atravessando* as suas laterais de vidro durante os experimentos.” Dentro da caixa, acomodado sobre a base de madeira, encontrava-se o receptor de germânio. Alan informou-nos de que ele não permanecia dentro do aquário durante os experimentos, mas normalmente

era colocado ali por ser um local protegido. “Ele parece algo antiquado, mas posso assegurar a vocês que funciona!”, comentou, rindo.

Nós entendemos que, durante os primeiros experimentos com o receptor de germânio, os cientistas e pesquisadores trabalharam junto com o grupo. Nos estágios iniciais da experimentação, a equipe espiritual pediu ao grupo para se certificar de que os cristais que serviam de bússola sobre a mesa estivessem alinhados exatamente nos rumos norte, sul, leste e oeste. O grupo geralmente ouvia os técnicos da equipe espiritual andando ao redor da mesa onde estavam o receptor e o gravador. Os técnicos constantemente reajustavam o equipamento e realinhavam os cristais energizados. Isso levou o grupo a acreditar que os cristais desempenhavam um papel muito importante no fenômeno da TDC, um fato que foi confirmado mais tarde pela equipe espiritual.

À medida que os experimentos progrediam, o grupo começou a receber sinais muito incomuns pelo receptor de germânio. Disseram-lhes que esses sinais continham grande quantidade de informações que seriam úteis à humanidade. Os sinais soavam de maneira semelhante aos dados sendo baixados por um modem de computador. Durante o seminário, o grupo disse que havia adiantado instruções dos seus comunicadores sobre como decodificar os sinais.

O grupo explicou que a equipe espiritual estava constantemente superando as barreiras da ciência espiritual com o seu trabalho audacioso com a TDC. Fomos informados que uma rede de comunicações estava sendo estabelecida entre as muitas dimensões, incluindo a nossa. Uma vez estabelecida, a rede permitiria que a humanidade tivesse acesso permanente a “dimensões distantes além do mundo espiritual”.

Contudo, não era o caso que qualquer um pudesse conseguir imediatamente a comunicação transdimensional simplesmente comprando um receptor de germânio. O processo parecia envolver a criação das condições certas dentro de um grupo experimental em cooperação com uma equipe espiritual. No caso de outros grupos, isso poderia até mesmo envolver o uso de equipamentos diferentes dos usados em Scole, ou até mesmo uma tecnologia completamente diferente. O GES não tomou nenhuma decisão consciente para proceder daquela maneira. A motivação vinha da equipe espiritual.

Durante os primeiros experimentos com a TDC, o grupo continuou da única maneira que sabia, nos mesmos moldes que Robin Foy procedera havia

muitos anos. Então, em 14 de setembro de 1996, na décima segunda sessão com os pesquisadores científicos, o cientista espiritual Joseph apareceu e perguntou se o grupo poderia conseguir o germânio. O professor Ellison estava presente e explicou a todos que o germânio era um semicondutor que fora usado na fabricação de circuitos integrados antes do silício. Então Joseph perguntou se conseguiriam um pouco do material. Arthur Ellison concordou em tentar.

Mais adiante na sessão, depois de uma exibição luminosa, Joseph indagou de repente: “*Alguém aí falou em coesor?*”.

Ninguém confirmou. O que era aquilo? O professor Ellison explicou ao grupo que se tratava de um aparelho inventado por Sir Oliver Lodge e usado no rádio antes de cristais como o germânio e o silício, mas com a mesma finalidade, como semicondutor. O professor explicou também que o coesor era usado conjuntamente com as ondas (eletromagnéticas) de rádio. Quando as ondas atravessavam o coesor, partes do coesor se uniam, conduzindo e retificando.

Joseph retomou então ao germânio, explicando que precisavam de uma quantidade suficiente apenas para cobrir a unha de um dedo. Isso provocou uma discussão interessante, que levaria a uma nova fase de experimentação com a comunicação transdimensional:

Arthur: Com o uso do cristal de germânio pode-se produzir a voz eletronicamente.

Joseph: *Exatamente; isso é bem possível.*

Arthur: Então seria esse talvez o produto final?

Sra. Bradshaw: *Não estrague a surpresa, Arthur. Deixe a lógica de lado. Espere e verá.*

Joseph: *E muito interessante como as coisas têm paralelos em outras dimensões. O que vocês chamam de “campos elétricos”, “energia elétrica”, “energia magnética”, tudo isso tem paralelo em outras dimensões...*

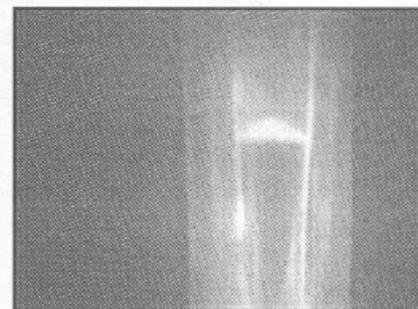
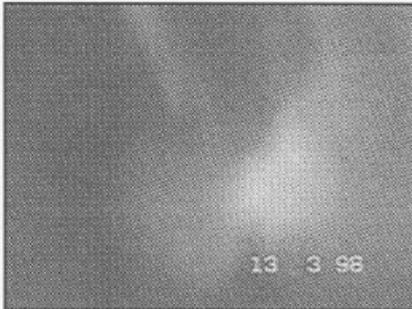
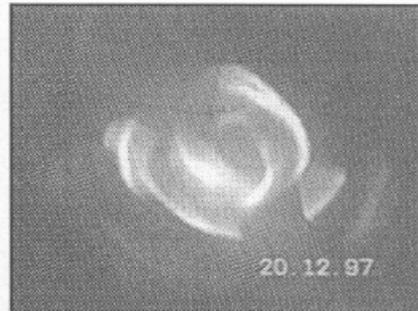
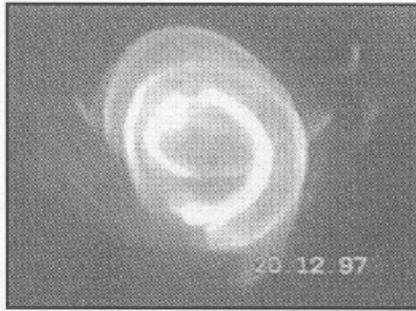
Arthur: Movendo um pedaço de germânio e pressionando-o de certa maneira, consegue-se produzir cargas elétricas que podem ser usadas para falar, quando amplificadas e passadas através de um alto-falante.

Joseph: *Sim, nós sabemos. [Risos.] Já fizemos isso.*

Na sessão seguinte, em 9 de novembro de 1996, o professor Ellison levou uma pequena porção de germânio. Ele foi colocado num pires e deixado sobre a mesa do porão. Um cientista espiritual apareceu para tratar do assunto, embora dissesse que estava apenas transmitindo mensagens em vez de falar por conhecimento próprio. Em resposta às indagações do professor Ellison se o silício não serviria, em lugar do germânio, o cientista espiritual imediatamente disse que não, explicando que o germânio tinha propriedades especiais que melhoravam a comunicação. No entanto, ele enfatizou que essa era uma comunicação de natureza totalmente diferente, “uma comunicação que, acreditamos nós, nunca foi tentada ou conseguida antes, a transmissão de vozes de outras regiões ou dimensões da vida (...) mas não necessariamente da vida após a morte como vocês pensam”.

Os integrantes do grupo de Scole consideraram fascinante essa conversa, pois ela se relacionava a sessões anteriores em que uma personalidade que aparecera recentemente pelo estado de transe de um dos médiuns explicou que não estava familiarizado com o ambiente físico da Terra. Ficou bem claro que o comunicador nunca tinha vivido em nosso planeta. Normalmente, a maioria dos comunicadores espirituais pareciam estar “em casa” quando falavam com o grupo. No entanto, esse “ser” em particular parecia ter dificuldade de entender o tempo, a luz e as cores. A fisiologia humana também pareceu confundir “ele”. O grupo enfatizou que usou a palavra “ele” vagamente, porque o gênero era incerto. Esse comunicador disse ao grupo que dimensões “muito distantes” estavam tentando manter contato com eles ali. Assim, o grupo se empolgou quando a equipe começou a dar instruções sobre como montar o equipamento que poderia permitir essa prometida comunicação transdimensional.

Aparentemente, essas comunicações formaram “elos transdimensionais” ou pontos de contato, permitindo o estabelecimento de “cadeias”.



Figuras 28 e 29: Essas impressionantes imagens energéticas em forma de flores apareceram em vídeo depois de experimentos ocorridos em 20 de dezembro de 1997.

Figuras 30 e 31: Essas criativas formações de energia apareceram em vídeo em 13 de março de 1998. Elas pertencem a diversas manifestações chamadas “objetos visíveis sistemáticos”, que foram trazidas do mundo espiritual para que o grupo admirasse.

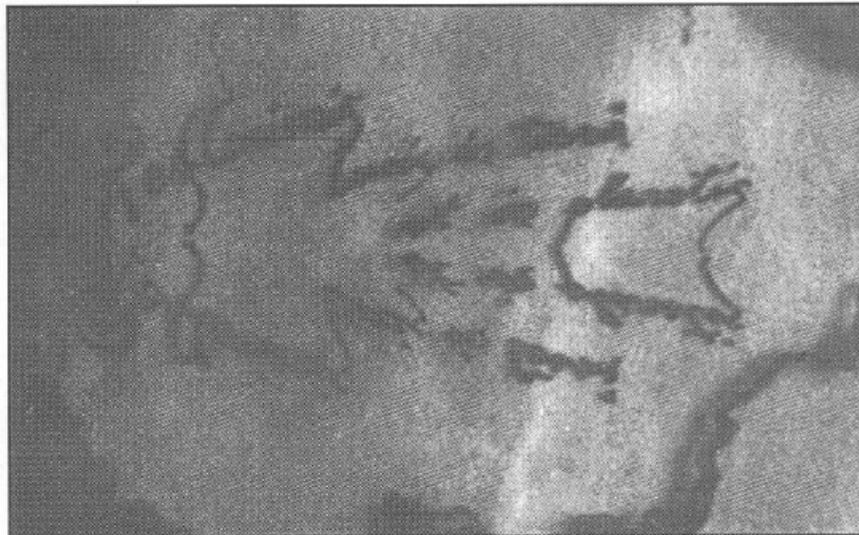


Figura 33: A imagem do Espelho Latino — *Reflexionis, Lucis in Terra, et in Planetis* (“Da reflexão da luz sobre a Terra e sobre os planetas”), de 25 de maio de 1996. A noção de espelhamento e reflexão foi um tema recorrente durante o Experimento Scoble. Na filosofia esotérica, costuma-se dizer que o universo material espelha ou reflete o plano espiritual.

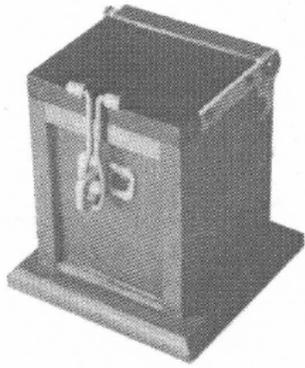


Figura 34: A caixa de segurança de madeira em que os filmes lacrados eram colocados.

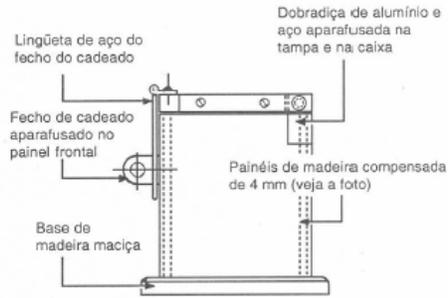
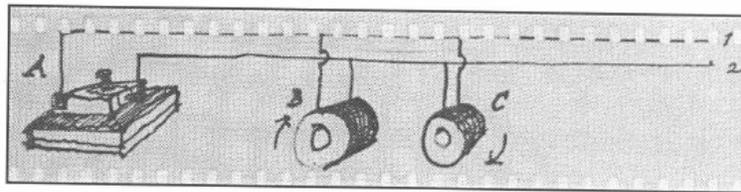


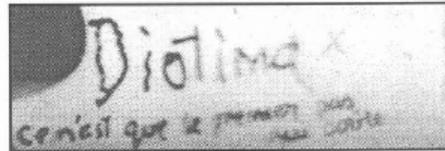
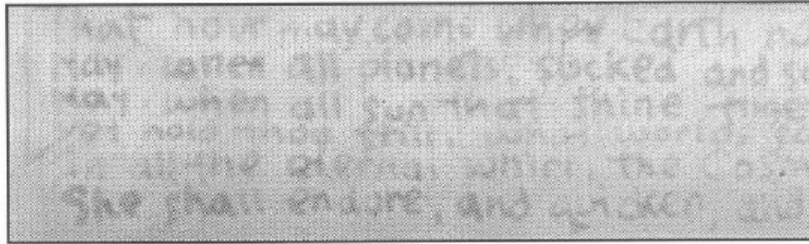
Fig. 1. Caixa de Segurança de Madeira Maciça.

Figura 35: O diagrama mostra as medidas de segurança adotadas para assegurar que os filmes não pudessem ser objeto de fraude durante as sessões.

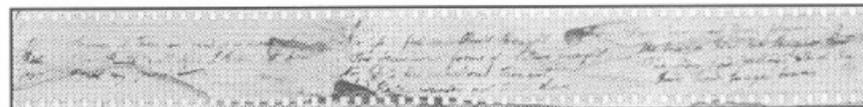
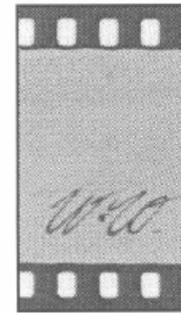
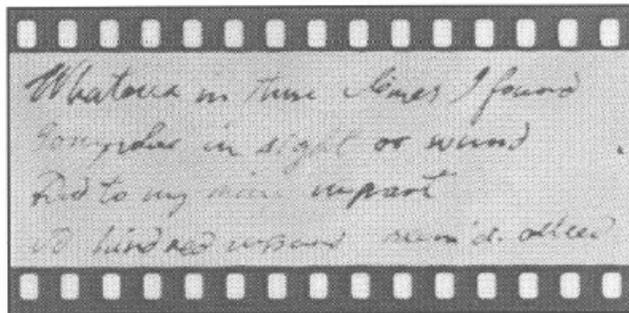


As represent the maximum, B and C coils of high Resistance. This could help reception Considerably JAE

Figuras 36 e 37: O receptor de germânio e as instruções recebidas em 11 de janeiro de 1997. O diagrama elétrico foi para ajudar o professor Ellison a orientar o grupo para modificar o receptor de forma a permitir a comunicação verbal entre o grupo de Scole e a equipe espiritual. As vozes dos espíritos foram ouvidas pela primeira vez em 21 de janeiro de 1997 — era alcançado um marco na comunicação transdimensional.



Figuras 40 e 41: *Diotima, Ce n'est que le premier pas qui coûte*, poema de Frederic Myers. Diotima era uma profetisa fictícia que, de acordo com *O Banquete*, de Platão, ensinou a Sócrates tudo o que ele sabia sobre o amor. Os elementos no filme estão todos relacionados a um encômio (elogio) a Frederic Myers — depois da morte dele, em 1901 — feito por Sir Oliver Lodge e outros. Seria essa uma evidência suficiente para concluir que o espírito de Frederic Myers transmitiu realmente as informações recebidas neste filme?



Figuras 42 e 43: Os poemas *Ruth 1* [detalhe e monograma] e *Ruth 2* foram comparados por pesquisadores com o documento original pouco conhecido na Biblioteca Beinecke de Livros e Manuscritos Raros da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. A caligrafia no filme guarda uma profunda semelhança com o original. Seria preciso que alguém fosse um especialista para conhecer o original — ou então foram o próprio Wordsworth, sua irmã Dorothy, seu biógrafo Myers ou algum outro comunicador que transmitiram as mensagens nos filmes? Pode ser que nunca saibamos.

Essas cadeias permaneceriam então *in situ* para serem usadas por outros comunicadores. O cientista espiritual disse que se esperava transmitir mensagens através do germânio “usando-o como um foco, mas não simplesmente um foco”. Os participantes da experiência aprenderam com a equipe que não estariam lidando com ondas eletromagnéticas, mas com vibrações espirituais puras. Em outras palavras, foi deixado claro que o

grupo e os pesquisadores não estariam pensando em termos de ondas de rádio, que fazem parte, é claro, do espectro eletromagnético.

Tendo confirmado que a recepção de rádio não era para ser considerada como o meio de comunicação, o cientista espiritual continuou a discussão, aparentemente com referência a outro comunicador, o aparelho para recepção das “vibrações espirituais”:

Cientista espiritual: *Alguém já se ofereceu para ajudar na fabricação de aparelhos pequenos (...) vamos precisar de alguma coisa para sustentar o germânio.*

Robin: Ah, está certo.

Cientista espiritual: *Vejo que ele está se referindo ao efeito piezo [grego: imprimir].*

Arthur: Sim.

Cientista espiritual: *Ele quer que vocês montem o germânio e apliquem uma certa pressão, uma pressão constante entre os dois parafusos apertados. Esses podem ser usados como terminais.*

Arthur: Sim. A terminação deles deve ter uma ponta ou ser plana ao tocar o germânio?

Cientista espiritual: *Uma plana e outra pontuda.*

Arthur: Como no aparelho de rádio de cristal.

Cientista espiritual: *Há uma certa polaridade no caso.*

Arthur: Sim, as ondas de rádio chegam e são retificadas, quando podem tornar-se audíveis.

Cientista espiritual: *Bem, não sei se podemos fazer alguma retificação porque não imagino a necessidade aqui.*

Arthur: Retificar significa retirar metade das ondas; não significa consertar.

Cientista espiritual: *Muito bem. Robin, eu lhe peço para (...) montar o cristal conforme foi sugerido.*

Robin: Certo, vamos fazer isso.

O cientista espiritual pediu então que fosse trazido ao porão um aparelho para amplificar o que seria transmitido.

Arthur: Com um microfone ou alto-falante?

Cientista espiritual: *Não, acho que não. Não, um microfone não, mas simplesmente uma entrada de áudio; mas com uma impedância relativamente alta.*

Arthur: Certo, entendi.

Cientista espiritual: *O ganho não precisa ser muito grande.*

Arthur: O ganho é o número de vezes da saída correspondente à entrada.

Cientista espiritual: *(...) Os dois terminais sobre o germânio serão usados como entrada.*

Arthur: Certo, estou entendendo.

Cientista espiritual: *Esperamos que a saída seja audível.*

Arthur: Teremos um pequeno alto-falante.

Cientista espiritual: *Sim, agora vamos falar de voltagens. Há alguma preocupação quanto á quantidade de eletricidade. A voltagem poderia ser baixai*

Arthur: Acho que sim.

Cientista espiritual: *(...) Infelizmente vocês não poderão usar nenhum outro equipamento elétrico.*

Robin: Certo.

O professor Ellison concluiu então que a equipe trabalhasse com uma amplificação de voltagem extremamente baixa, milivolts, para ser exato. A discussão em seguida sobre os aspectos técnicos do experimento confundiram o professor Ellison, porque ele considerou o equipamento e as técnicas sugeridas com “inteiramente ultrapassados”. Uma vez que o professor Fontana participaria da sessão a ser realizada dois dias depois (em 11 de novembro), o professor Ellison pediu ao colega para levantar a questão.

Na sessão seguinte, o professor Fontana comentou o problema do professor Ellison, perguntando se seria possível substituir o retificador de germânio por um diodo de silício. Joseph foi inflexível ao afirmar que não se tratava de um retificador e não devia ser considerado como tal. Ele e outros integrantes da equipe enfatizaram que o germânio era necessário porque tinha características espirituais e de cura. Explicaram também que o aparelho proposto não era essencial para os efeitos desejados, mas conveniente, nos mesmos moldes do domo de vidro sobre a mesa. O professor Fontana mencionou o problema da fragilidade do germânio e

perguntou se era a necessária a pressão de um parafuso com ponta. Joseph replicou que não precisava ter uma ponta tão afiada e tomou a ressaltar que eles não deviam pensar em termos de “bigodes-de-gato”⁴ e retificadores.

Os pesquisadores não consideram que o grau de conhecimento técnico exibido pela equipe durante as discussões sobre o receptor de germânio estivesse ao nível do conhecimento normal dos integrantes do grupo. O *Relatório* observa que foram dadas respostas imediatas e detalhadas pelos médiuns às perguntas espontâneas feitas por um professor de engenharia elétrica.

Depois de receber as informações pelo professor Fontana, o professor Ellison aconselhou o GES sobre como montar o aparelho de germânio. Ele sugeriu o uso de um condutor com ponta tocando de leve o metal, ao redor do qual foi colocada uma moldura isolada, com tiras de cobre para fazer ligações com o lado de baixo do germânio, e o parafuso de aço com ponta encostando em cima. A preocupação do professor Ellison era que a ponta do parafuso danificasse ou produzisse rachaduras no germânio quando fosse apertada sobre ele. Para superar esse problema, ele pensou em fazer a ponta do parafuso repousar sobre um terminal de um pedaço de fio enrolado para acrescentar uma medida de elasticidade. Então ele entendeu que estava reinventando o detetor de cristal dos primeiros dias do rádio e projetando um retificador, que permite que a corrente passe apenas numa direção. Ele perguntou aos comunicadores se um moderno diodo de silício, mais confiável, não seria melhor. A equipe informou que o aparelho não era para ser usado como um diodo e devia ser feito exatamente conforme haviam explicado. Uma peça de borracha foi assim colocada embaixo do germânio para dar a elasticidade desejada.

A despeito das contínuas reservas do professor Ellison em relação à viabilidade do aparelho de germânio como instrumento de comunicação, na sessão de 3 de janeiro de 1997 o aparelho estava pronto, tendo sido construído pelo grupo sob a supervisão do professor. Para aquela sessão, o professor Ellison levou uma caixa contendo um amplificador com um gravador embutido, ambos construídos por um dos seus alunos de Ph. D. Ele uniu essa caixa ao aparelho de germânio, que passou a ser chamado de “receptor de germânio”.

O aparelho final tinha dimensões até reduzidas, cerca de 6 por 3 centímetros, do qual saía uma extensão de cabo para fazer a ligação na entrada da caixa do amplificador (veja a Figura 2). A caixa do amplificador

tinha um gravador embutido, o que permitiria fazer gravações diretamente da fonte (o germânio). Não existindo um microfone ligado, o resultado poderia ser apenas a gravação da comunicação, não as vozes dos presentes durante o experimento. No entanto, havia uma saída para um alto-falante, de modo que todos os sons emitidos podiam ser ouvidos. A sessão inteira, é claro, foi gravada num gravador independente, dando informações valiosas a serem correlacionadas com a comunicação transdimensional conseguida por meio do receptor de germânio.

Na noite de 3 de janeiro, o grupo contou com a presença do professor Bernard Carr, um astrofísico, além dos outros pesquisadores da SPR. Quando o aparelho foi ligado com o controle de volume no máximo, não saiu nenhum som, conforme esperado. No entanto, quando os cientistas espirituais começaram o seu experimento, estalidos e estrondos, como de uma interferência por faíscas elétricas, vieram do alto-falante. Um som como de um trem a vapor acelerando na estação também foi produzido e finalmente o som de trânsito de automóveis aproximando-se de um ruído apagado. Quando indagado, o professor Ellison explicou ao grupo que esse ruído apagado era o som que às vezes se ouvia entre estações num rádio. O professor Ellison e o professor Carr ficaram especialmente intrigados com a fonte do ruído, pois disseram que não conseguiam encontrar uma explicação normal para aquilo. O professor Fontana e os outros presentes também relataram ouvir “sussurros”.

Então Edwin falou. Ele enfatizou que a equipe ainda se encontrava num estágio exploratório, mas que confiava que a combinação do amplificador e do germânio logo resultaria numa fala inteligível. Edwin chegou a dizer que acabaria sendo possível a comunicação apenas por meio da tecnologia, sem o emprego de médiuns humanos. Muito poucas pessoas demonstram interesse ou aptidão quanto à mediunidade, portanto isso poderia significar que muito mais pessoas poderiam receber comunicações transdimensionais. Naquele estágio, era evidente que as tentativas da equipe de se comunicar encontravam dificuldades consideráveis. Embora tivesse sido produzida uma grande quantidade de murmúrios, sons sussurrados e até mesmo algumas notas musicais, os comunicadores concluíram que havia algo de errado com o amplificador. Edwin disse que esperassem para breve uma mensagem sobre essas dificuldades. Um tanto curiosamente, ele disse que essa mensagem podia tomar a forma de um plano em um dos filmes a serem usados na sessão seguinte, em 11 de janeiro.

Nessa próxima sessão, Ingrid Slack, psicóloga que trabalhava na Open University, encontrava-se presente. Houve dois filmes (Kodachrome 200 de 35 mm, com 36 exposições) e duas caixas de segurança. A primeira caixa de segurança foi denominada “caixa de Alan” porque fora feita pelo médium do grupo de Scole. Os pesquisadores consideravam a caixa de Alan suscetível à fraude porque a cabeça dos seus parafusos ficava exposta. Para superar esse problema potencial, os pesquisadores pediram ao grupo para selar todas as cabeças dos parafusos com uma resina de laca. Os pesquisadores acreditavam que essa tinta iria rachar se houvesse alguma tentativa de abrir a caixa pelo ferrolho com o objetivo de abrir a tampa. Essa laqueação foi realizada e os selos pintados foram considerados satisfatórios pelos pesquisadores. O segundo recipiente seguro foi denominado de “caixa de Keen”. Esse fora construído sob a supervisão de Montague Keen e seus parafusos não estavam expostos.

Antes do experimento, o professor Fontana e Ingrid Slack retiraram dois filmes de sua bagagem e colocaram os tubos fechados contendo os rolos de filme nas caixas de Alan e de Keen. Em segredo, eles haviam marcado ambos os tubos de filme. Os pesquisadores fecharam então as tampas e Montague Keen fechou o cadeado de ambas as caixas. O professor Fontana ficou com a caixa de Alan, que tinha um cadeado de segredo. Ingrid Slack ficou com a caixa de Keen, que tinha um cadeado com chaves.

Apenas Montague Keen conhecia a combinação de números da trava do cadeado da caixa de Alan e ele também reteve consigo as chaves do cadeado da caixa de Keen. As caixas foram então levadas para baixo, para o porão, pelo professor Fontana e por Ingrid Slack e colocadas sobre a mesa redonda, próximo de onde eles se sentariam.

Imediatamente após a sessão, Montague Keen destrancou as duas caixas. O professor Fontana e Ingrid Slack verificaram as marcas feitas em segredo nos tubos e colocaram cada um deles numa sacola Jiffy diferente. Ingrid Slack fez então uma marca externa na sacola Jiffy contendo o tubo “dela”, para distingui-lo do que estivera na caixa do professor Fontana. Ela selou cada sacola na orelha gomada com o lacre, sobre o qual imprimiu a gravação do seu anel. Ele repetiu o procedimento do lacre numa folha separada de papel de modo que a pessoa que fosse abrir as sacolas Jiffy pudesse confirmar que os selos não haviam sido rompidos e que as impressões do anel nos selos de lacre combinavam com a do papel.

Na manhã seguinte, Montague Keen enviou uma mensagem por fax para Ralph Noyes, então o secretário honorário da SPR, para confirmar a data dos fatos acima e em especial as previsões feitas pelos comunicadores espirituais. No trecho essencial lia-se:

Os comunicadores espirituais deixaram claro que a intenção deles era vincular a mensagem nos filmes com os acontecimentos dessa noite e mais particularmente com os problemas do equipamento eletrônico, incluindo possivelmente um diagrama, ou alguma mensagem ou pedido para ou afetando o professor Ellison. Essa foi uma resposta a um pedido que eu fiz numa sessão anterior para uma ligação desse tipo que servisse de prova.

Montague Keen providenciou para que os dois filmes fossem revelados rapidamente nas instalações da Kodak, em Wimbledon, onde o gerente de produção, David Cobb, verificou os selos e constatou que eles não haviam sido rompidos nem sofrido nenhum tipo de interferência. Ele também verificou se a estampa deles combinava com a do papel e assinou o canhoto de autenticação. Antes de Montague Keen retomar para retirar os filmes revelados, Ingrid Slack telefonou ao sr. Cobb para descobrir se havia alguma coisa nos filmes. Essa era uma salvaguarda adicional, acertada previamente, para assegurar que Montague Keen não pudesse ser acusado de substituir um filme em branco por outro falso. (Parece que os pesquisadores desconfiavam deles mesmos!)

Em um dos filmes, na parte central do comprido rolo de 1,25 metro, via-se um diagrama elétrico (veja Figuras 36 e 37) junto com uma mensagem escrita com clareza, embaixo da qual havia uma assinatura em monograma, o que poderia ser “FOX”. A mensagem era referente ao diagrama e tinha uma palavra curta rabiscada (aqui grafada como “xxx”):

A represents the Germanium, B and C Coils of high Resistance.
The whole being xxx enclosed in Box.
This could help [*reception ?*] Considerably⁵

Via-se outra assinatura monogramática na extrema direita do filme: “TAE”. Na mesma sessão de 11 de janeiro em que esse filme foi recebido, os experimentos com o receptor de germânio tiveram continuidade. A equipe

espiritual fez diversos ajustes durante a sessão.

Depois de uma prolongada tentativa de comunicação através do aparelho, ficou claro que a equipe estava tentando melhorar a recepção e eliminar os erros. Edwin explicou que fora feito um contato e pediu a Robin, cuja mão estava no amplificador - para fazer ajustes no volume conforme solicitado -, para apertar o botão de gravação. Robin o fez mas, a despeito de encorajamento e o som de uma voz, Edwin teve de informar à personalidade comunicadora - cujo nome foi dito que era Thomas e que parecia estar *dentro* do aparelho de comunicação transdimensional - que ninguém no porão conseguia ouvi-lo direito.

Robin aumentou o volume. A sra. Bradshaw anunciou então que Thomas estava fazendo uma nova tentativa. No entanto, toda vez que Robin apertava o botão de gravação para fazer uma gravação permanente, a chave escorregava de volta. Edwin, que parecia ser capaz de ouvir Thomas e seus problemas com clareza, informava a Thomas que a mensagem dele fora entendida pelo pessoal da equipe espiritual e que haveria alguma coisa por escrito no filme para o professor Ellison. Isso acabou se confirmando depois.

O grupo de Scole comentou:

Conforme previsto, recebemos de fato informações valiosas naquele filme selado e, na mesma sessão, houve a estranha tentativa na comunicação por “Thomas”. Pelo que a equipe espiritual disse, ele parecia estar *dentro* do equipamento. Ficamos curiosos para saber se Thomas estava tentando fazer um elo na cadeia de comunicação e que ele não estava no mesmo “lugar” que os nossos comunicadores normais como a sra. Bradshaw e Edwin. Eles podiam ouvi-lo, mas não nós, e esse foi o motivo para todos os ajustes e as instruções no filme. Mais tarde viemos a crer que o Thomas na máquina era o TAE no filme. Durante a sua vida na Terra, ele fora um famoso cientista e inventor.

O filme mostrava o receptor de germânio e suas conexões com o amplificador mas, além disso, haviam sido acrescentadas duas bobinas ao circuito. O texto explicava como essas duas bobinas deviam ser conectadas e suas posições em relação ao germânio. Novamente, o GES recorreu à

ajuda do professor Ellison, que os ajudou a encontrar os componentes necessários.

Na sessão seguinte, a equipe explicou que ocorrera uma interação ou “efeito” entre o cristal de germânio e as bobinas. A proximidade relativa das bobinas e sua polaridade eram fatores importantes na recepção das comunicações. Uma bobina produz um campo eletromagnético ao redor de si mesma. Esse campo tem uma direção. Ele também tem polaridades, ou seja, os polos norte e sul (veja a Figura 3).

O grupo explicou essa questão em seguida:

Só para confundir as coisas, lembre-se de que nessa altura não nos referíamos a campos eletromagnéticos, mas a campos ou padrões energéticos. Isso podia dar margem, é claro, a alguns mal-entendidos sobre a natureza da comunicação, porque ela está além do nosso atual conhecimento. Nós sabíamos muito pouco sobre a tecnologia da nova ciência espiritual e assim tentamos permanecer abertos a todas as novas ideias. Portanto estávamos dispostos a seguir a equipe em cada passo do caminho.

A equipe nos informou que esses campos energéticos, associados às bobinas, comportavam-se de maneira muito parecida com os seus correspondentes eletromagnéticos, com relação a direção e polaridade. Um vácuo se forma onde os dois campos ao redor das bobinas se opõem um ao outro. Provavelmente, todos nos lembramos de tentar aproximar ímãs nas aulas de física na escola, quando os polos iguais se repeliam. Esse vácuo foi-nos explicado com um “espaço onde a energia não se move”. E nesse vácuo que se situa o germânio, em outras palavras, exatamente no centro dos campos opostos (veja a Figura 2), onde ele pode detectar e absorver as flutuações das energias. Essas flutuações fazem ocorrer a interação ou efeito sobre o cristal de germânio e é isso que abre o elo para as dimensões distantes e longínquas. Portanto, o vácuo pode ser imaginado como uma *passagem* que leva a outras áreas de existência e o germânio é a chave que abre a porta.

Embora os pesquisadores estivessem de acordo que as sugestões no filme seriam mais provavelmente para atenuar (se enfraquecessem com a distância) em vez de fortalecer os sinais, se fosse aplicada a física normal, o

professor Ellison não obstante reavaliou o projeto do receptor de germânio de acordo com as instruções no filme e obteve as bobinas necessárias.

Foi durante o fim de semana de 18/19 de janeiro de 1997 que Walter e Karin Schnittger visitaram o grupo de Scole. Walter, que como você se recorda era consultor de engenharia, orientou o grupo sobre a soldagem correta dos fios. Depois que o receptor de germânio foi modificado e o grupo corrigiu algumas das dificuldades secundárias que estavam tendo com o amplificador, todos se prepararam para continuar com os experimentos. Eles não tiveram de esperar por muito tempo para um resultado espetacular.

Na sessão seguinte, em 21 de janeiro, os primeiros ruídos foram familiares: estalidos, cliques e ruído branco. Os integrantes do grupo se esforçavam para ouvir, quase batendo a cabeça uns nos outros ao se inclinar para se aproximar do alto-falante. Então, de repente, ouviu-se uma voz fraca: “Alô”. Vocês podem imaginar a empolgação de todos quando a voz aumentou de volume”, relatou o grupo. “Era a voz de um homem. Não havia dúvida de que ele tentava se fazer ouvir. Ele ficava repetindo: ‘Alô, vocês estão me ouvindo? Alô, vocês estão me ouvindo?’”.

Então ele conseguiu:

Devo continuar com essa transmissão na esperança de que vocês consigam me ouvir claramente. Vocês entendem, meus amigos, que estamos tendo algumas dificuldades, mas temos certeza de que elas serão superadas. No entanto, achamos que fizemos um progresso importante em relação à última tentativa de comunicação com vocês. Durante algum tempo, estivemos nos dedicando a um sistema de comunicação experimental e é esse sistema que estamos usando agora. Espera-se que, no futuro, esse sistema nos permita entrar em contato com as dimensões distantes e, se tudo correr de acordo com o plano, vocês vão tomar parte desses experimentos. Devo me repetir e dizer que espero que estejam ouvindo essa mensagem. Vamos continuar por mais algum tempo, por favor, fiquem atentos.

A comunicação sofreu uma interrupção por um breve período de tempo, depois continuou, tomando-se mais clara:

Em algum momento no futuro próximo, haverá muitas tentativas de contato com vocês dessa maneira. Há muitas pessoas aqui que acham, assim como eu, que esse trabalho é da maior importância para a humanidade e portanto estão se oferecendo a se dedicar de coração a esses experimentos.

Obrigado, meus queridos amigos, obrigado por estarem cooperando conosco e nos dando esse momento do seu tempo.

Que a paz esteja com todos vocês.

Deus os abençoe.

A comunicação se encerrou, depois de durar aproximadamente vinte minutos, tendo ficado inteiramente gravada em fita. Um marco na comunicação transdimensional fora superado.

Seguiram-se novas discussões com os comunicadores sobre a questão das ligações interdimensionais. Uma conversa muito interessante referia-se ao uso dos semicondutores pelos humanos. (Como sabemos, o germânio e o silício são semicondutores.) Essa discussão despertou ideias sobre o uso de outros materiais, como os carbonetos, no futuro. A equipe informou ao grupo que as possibilidades eram quase ilimitadas, nas circunstâncias adequadas. Eles explicaram, da melhor maneira que puderam, por que os semicondutores desempenhariam um papel importante nos experimentos futuros e como seriam feitas algumas das ligações entre as dimensões.

Por sugestão da equipe, o grupo realizou diversos experimentos sem o receptor de germânio ligado ao amplificador. Aparentemente, esse arranjo ainda permitiu que ocorressem algumas comunicações, mas apenas com dimensões “próximas”. Algumas das conversações de duas vias nos experimentos sem o germânio foram testemunhadas por integrantes da Society for Psychical Research e registradas em fita.

A equipe explicou que as dimensões “mais próximas”, como o mundo espiritual relacionado à Terra, não tinham as mesmas dificuldades de comunicação. No entanto, alguns comunicadores de dimensões distantes podiam falar apenas através do receptor de germânio, porque para eles esse receptor era um canal melhor do que os outros métodos, o que também os ajudava a ser entendidos, pois ocorria uma espécie de tradução. Isso era essencial, uma vez que algumas dessas personalidades não estavam acostumadas com a língua.

A equipe também informou ao grupo que no futuro seria possível receber mensagens por meio de computadores, fax, telefones e gravadores. Aparentemente, qualquer tipo de equipamento eletrônico está aberto a possíveis interações, mesmo a televisão e os aparelhos de videocassete. O grupo foi informado de que seus integrantes logo receberiam provas dessa previsão, mas para chegar a esse estágio, eles teriam de trabalhar em sessões reservadas - com apenas os quatro integrantes - nos experimentos de comunicação transdimensional. A equipe disse que queria trabalhar no estabelecimento de ligações com as dimensões distantes e que era melhor que apenas as quatro energias familiares estivessem presentes durante o que eles consideram como sendo “a mais difícil série de experimentos já tentados até o momento”.

O dr. Ernst Senkowski juntou-se ao Experimento Scole em 1995. Ele estudou física experimental na Universidade de Hamburgo, em 1946, e obteve o seu doutorado na Universidade de Mainz, em 1958. Ele trabalhou para a Unesco como especialista em física no Centro Nacional de Pesquisas no Cairo, Egito, antes de ser indicado como professor de estudantes de engenharia em física e eletrotécnica em 1961. Na metade da década de 1970, ele começou os seus próprios experimentos sobre vozes inexplicáveis em gravações. Depois de alguns meses, os resultados “mostravam a realidade de contatos audíveis com os aparentemente e assim chamados ‘mortos’”. Depois de obter os próprios resultados, ele descobriu que outros, como Jurgenson e Raudive, tinham feito observações semelhantes. Ele se aposentou em 1988.

Em vista do exposto, consideramos o dr. Senkowski como uma espécie de testemunha especializada a respeito do Experimento Scole. Em novembro de 1998, ele nos enviou um relato das suas experiências em Scole, juntamente com outras informações importantes.

PONTOS DE VISTA - Dr. Ernst Senkowski

Eu e minha esposa tivemos a oportunidade de participar de duas sessões do GES em 1995 e 1996.

Minhas próprias observações assim como relatórios pessoais posteriores dos meus colegas, os Schnittger, deixaram-me convencido da autenticidade desses fenômenos. Eu considerei diversos deles como sendo anomalias físicas que não podiam ser encaixadas nos moldes da ciência atual. Ainda

assim, é possível incorporar esses (e outros) efeitos “paranormais” em sistemas propostos mais amplos que surgem dos resultados de pesquisas modernas da consciência, especialmente das interações entre mente e matéria.

As considerações a seguir baseiam-se nos meus vinte anos de experiência no campo pouco conhecido da Transcomunicação Instrumental, ou ITC (de *Instrumental Transcommunication*). [O dr. Senkowski cunhou esse termo nos anos 1970 para explicar os “contatos feitos eletronicamente com outras áreas da consciência humana”, incluindo “o além”.]

Considerada uma visão mais ampla da natureza das leis que podem governar o universo, os fenômenos multifacetados de Scole podem alargar as nossas visões limitadas da vida e um dia parecer bastante normais.

Ao longo da história, “médiums” em estado de “transe” têm expressado “transinformação” e realizado a “transcomunicação” através da fala ou da escrita automática. Desde os anos 1950, todos os tipos de aparelhos eletrônicos (gravadores de som, de vídeo, rádios, telefones, TVs, computadores) têm sido usados nesse campo. Cada peça do aparelho constitui o elo final numa cadeia de tradução hipotética, transmitindo mensagens do nada para lugar nenhum e permitindo o diálogo com “translocutores virtuais” ou “comunicadores”, que de outra maneira estariam ocultos.

Ao contrário de aparelhos de telecomunicações que funcionam nas mãos do usuário, a transcomunicação parece estar sujeita às faculdades mediúnicas do operador (e talvez a outros fatores menos óbvios).

A despeito das observações extraordinárias feitas por pessoas particulares - incluindo o GES - nenhuma verificação científica “oficial” da ITC foi realizada em condições de laboratório. Temos ainda muitas perguntas não respondidas. No entanto, os resultados da pesquisa atual podem nos levar na direção de respostas importantes.

O Experimento Scole apresenta-se como uma combinação de transcomunicação mediúnica e instrumental de uma e duas vias. Foram manifestados e documentados outros efeitos extraordinários, que acrescentaram menos informações diretas, mas demonstraram as possibilidades de impressionantes interações mente-matéria.

Acredito que devemos diferenciar com clareza entre fatos extraordinários e sua interpretação. Devemos também evitar separar os pontos de vista

materialista e espiritualista mutuamente exclusivos que vigoram hoje em dia e em vez disso considerar um cosmo holístico.

A controvérsia materialista-espiritualista parece ser uma consequência de uma divisão histórica nas correntes de pensamento. Essa divisão talvez pudesse ser superada por uma nova perspectiva conforme a expressa pelo renomado psicólogo Stanislaw Grof, que disse que a compreensão e a classificação dos fenômenos paranormais não é ainda possível à luz de uma visão de mundo - até o momento - imperfeita, em que o misticismo, a física moderna, a neurofisiologia, as pesquisas da consciência, a teoria da informação e a teoria dos sistemas podem convergir.

Parece, a julgar pelo uso que o dr. Senkowski faz das palavras, que todo um novo vocabulário está sendo desenvolvido para explicar esses novos fenômenos na busca de uma nova compreensão do relacionamento entre a mente (consciente e subconsciente), o corpo e o espírito.

Pareceu-nos que o enfoque dele é coerente com muitas das ideias contidas na nova ciência espiritual, a qual a equipe espiritual disse que logo seria muito mais aceita pelos cientistas assim como pelos leigos.

Notas

4. Filamento curvo usado em semicondutores. (N. do T.)

5. "A" representa o germânio, "B" e "C" bobinas de alta resistência. A coisa toda xxx fechada na caixa. Isso pode melhorar [a recepção?] consideravelmente. (N. do T.)

CAPÍTULO OITO - Experimentos em Vídeo

“Há muitas moradas na casa de meu pai.”

Jesus Cristo

Outra série de experimentos começou no final de maio de 1997. Esse trabalho foi denominado “Projeto Alice”, uma vez que envolvia o uso de espelhos. Essa era uma referência ao famoso livro *Alice no País dos Espelhos*, escrito por Lewis Carroll em 1872. Orientado pela equipe, o grupo começou usando um conjunto de vídeo e espelho para captar imagens em movimento enviadas do mundo espiritual. O Projeto Alice ultrapassou todos os outros trabalhos de que o grupo tinha conhecimento, porque as imagens eram captadas em filme de vídeo. A exemplo de muitos outros experimentos, o Projeto Alice foi conduzido ao lado de diversos testes relacionados a ele ou não. Os experimentos com o receptor de germânio e o gravador sem microfone continuaram normalmente, sobrepondo-se em algumas ocasiões.

E como esses experimentos em vídeo começaram? Como sabemos, no final da Noite de Patrick, em fevereiro de 1994, Patrick disse ao grupo que logo lhes pediria para trazer uma câmera fotográfica e talvez filmes sem câmera ao porão para os experimentos planejados. Ao mesmo tempo, o grupo também perguntou se eles poderiam levar uma câmera de vídeo para as sessões. Patrick disse que, se levassem a câmera já na próxima sessão, eles poderiam permitir que a ligassem para um experimento único por um período de cerca de cinco minutos. No entanto, se percebessem que “poderia haver algum problema com a interferência do motor da câmera naquele estágio”, a equipe informaria. Na sessão seguinte, foram permitidos cinco minutos de filmagem, o que resultou em nada. Em 11 de abril de 1994, o grupo perguntou quando poderia gravar de novo com a câmera de vídeo. A equipe respondeu que havia examinado a câmera inteira mas, naquele ponto do tempo, fora decidido não fazer nenhum trabalho com ela. Assim, pediram ao grupo para retirá-la até segunda ordem.

Essa autorização veio muito tempo depois, no primeiro semestre de 1997. Em vista da permissão da equipe, o grupo começou a usar a câmera de vídeo durante experimentos regularmente, mas não tinha certeza se a equipe espiritual acabaria por usá-la. No final da sessão de 27 de maio, um novo comunicador apareceu e disse ao grupo que era chegado o momento de construir um “psicomântico duplo” no porão, para atuar em conjunto com o trabalho de vídeo. O psicomântico consistiria de dois espelhos. Um desses ficaria atrás da câmera de vídeo, para poder capturar e refletir a “luminosidade elétrica” (o círculo de luz do tamanho de uma moeda que emanava do visor) de volta para o outro espelho, que estaria situado na frente da câmera. O dispositivo fecharia o circuito com a câmera no meio e assim ajudaria na criação de uma “porta” de e para as outras dimensões. O objetivo era captar, em vídeo, os integrantes da equipe espiritual entrando no porão por essa porta.

As formas originais do psicomântico eram conhecidas como “oráculos” e operaram muitos séculos atrás. As pessoas deviam olhar para superfícies bastante polidas, que produziam alguns efeitos como espelhos, com o objetivo de se comunicar com os parentes e entes queridos “mortos”. Essa prática antiga seria agora combinada com a tecnologia moderna para obter resultados extraordinários.

Inicialmente, permitiu-se que a câmera fosse acionada por 45 minutos, a duração da fita de vídeo. Foi durante essas sessões preparatórias que o grupo conseguiu gravar, pela primeira vez, fenômenos objetivos, como luzes em movimento e objetos visíveis sustentados de outros mundos.

Durante as etapas preparatórias do Projeto Alice, em 5 de junho, a câmera de vídeo foi instalada - assim como os espelhos - com uma fita virgem e ligada *antes* que as luzes fossem apagadas. Ao voltar a fita depois, o grupo viu um rosto muito nítido no início do filme de vídeo. Era sem dúvida um rosto de homem, sorrindo satisfeito. De onde viera? Com certeza ele não estivera fisicamente no aposento. Essa filmagem foi considerada histórica pelo grupo porque foi gravada no claro. Não havia dúvida quanto ter sido gravada em outro momento, uma vez que a data da sessão era visível na fita, junto com a imagem. Isso significava que os experimentos futuros, com os pesquisadores presentes, provavelmente poderiam ser realizados no ambiente iluminado, o que sem dúvida responderia a uma das principais críticas dos céticos, que diziam que o trabalho do grupo era uma espécie de truque de magia no escuro.

Para a sessão de 9 de junho, a equipe pediu ao grupo para empregar uma segunda câmera de vídeo para ser usada num experimento especial. Feito isso, as duas câmeras gravaram imagens tão fantásticas que a equipe espiritual pediu ao grupo para mantê-las “por baixo do pano” por algum tempo até serem liberadas para ser mostradas em público.

As instruções finais nos preparativos para o Projeto Alice aparecem na sexta-feira, 13 de junho. O grupo recebeu a incumbência de preparar também um experimento prático na sessão seguinte, usando apenas um espelho pequeno. As instruções recebidas da equipe foram muito precisas. As dimensões desse espelho deviam obedecer a uma unidade de largura por duas unidades de altura. O espelho era para ser colocado na posição vertical, não horizontal. Isso era importante, porque produziria a forma aproximada de uma porta. O espelho devia ter uma moldura escura e opaca, sendo colocado na extremidade sul de uma mesa, com a parte de cima ligeiramente inclinada para trás. A câmera era para ficar situada no lado norte da mesa, alguns centímetros acima da parte superior do espelho, devendo ter o foco dirigido para dentro do espelho, mas o mais importante era que não ficasse visível no espelho quando se olhasse através do seu visor (veja a Figura 4).

O grupo se empolgou bastante com esses acontecimentos, especialmente quando a sra. Bradshaw predisse que era provável que conseguissem tão boas imagens quanto da primeira vez que haviam usado dois espelhos.

O grupo dispôs dois espelhos e uma câmera conforme as instruções dadas. Em 17 de junho ocorreu o primeiro experimento formal do projeto. A câmera não funcionou pelos 45 minutos estipulados, uma vez que o grupo foi orientado para desligá-la pelo controle remoto depois de cerca de meia hora. A equipe pediu para que fossem observados atentamente os resultados no vídeo. Eles imaginavam que, se não houvesse resultados durante os primeiros vinte minutos, então não haveria resultado nenhum.

O grupo não ficou desapontado. Alguma coisa realmente fora gravada no início da fita. Novamente, ela fora gravada com a luz acesa no início da sessão. A imagem e os sons dos quatro integrantes do grupo foram bloqueados enquanto padrões coloridos e uma interferência apareceram no filme por alguns instantes, seguidas por imagens do que parecia ser um ser de uma dimensão muito distante.

Edwin apareceu com aprimoramentos para o experimento: “*A colocação dos espelhos não está boa. Da próxima vez, coloquem a câmera embaixo da*

mesa, e não em cima. Também vai ser necessário que providenciem uma tela totalmente preta e opaca para pôr atrás da câmera”.

Assim começou uma série de experimentos que compreenderam os primeiros dias do Projeto Alice. O avanço do projeto era para ser mantido em segredo até que os resultados fossem suficientemente consistentes. A equipe não tinha certeza sobre quanto tempo seria necessário para chegar a resultados regulares porque esse projeto envolvia o que eles chamavam de “puro trabalho de vanguarda”.

Alguns dos experimentos iniciais do Projeto Alice ocorreram no escuro, com a câmera posicionada entre dois espelhos, criando um “circuito” em que a equipe pudesse operar. O grupo fez muitos ajustes secundários na posição da câmera e nos dois espelhos durante esse período, enquanto a equipe tentava uma posição depois da outra, melhorando cada vez mais a sua técnica. Não fazia muito tempo que o grupo fora instruído para gravar sob a luz por alguns minutos no início de cada sessão. Então foi solicitado que a câmera de vídeo fosse deslocada para os fundos do porão e que ficasse separada por uma cortina do grupo e da mesa central. Foi por isso que a câmera não ficou mais próxima ao grupo, pois os experimentos do Projeto Alice e de TDC estavam interferindo uns nos outros. Desse momento em diante, a câmera de vídeo - apoiada num tripé - ficou focalizada numa linha paralela à parede dos fundos do porão, onde foi deixada com os dois espelhos, a câmera formando a base de um triângulo e os espelhos os dois lados.

Nos meses seguintes, o grupo observou ondas de cores na gravação quando vista na tela da televisão (veja Figuras 45 e 46), mas não se percebeu nenhum outro resultado nesse período de progressos. Durante as sessões, no entanto, o grupo ouvia constantemente técnicos espirituais vindo por trás das cortinas para a área da câmera de vídeo. Quando os vídeos eram rebobinados, eles viam que a câmera tinha aproximado e distanciado as lentes - uma impossibilidade física sem a ajuda de manipulação manual da própria câmera.

A equipe considerou que seriam alcançados resultados positivos, mas o que se especulava era quando. O Projeto Alice e os experimentos com TDC que corriam em paralelo eram os experimentos mais difíceis que já haviam tentado.

No início de agosto de 1997, a equipe pediu que o grupo interrompesse a participação de visitantes nas próximas sessões. O grupo teria de informar

os cientistas pesquisadores dessa decisão. Os pesquisadores, que haviam comparecido pela última vez em 16 de agosto de 1997, não sabiam dos experimentos transdimensionais ou a natureza dos experimentos em vídeo. Montague Keen declarou:

Nós continuamos a comparecer às sessões sabendo que o grupo estava fazendo experimentos durante sessões reservadas com o receptor de germânio e outros instrumentos para a comunicação transdimensional. No entanto, havia um trilho de cortina nos fundos do porão, atrás do qual, presumimos, outras coisas aconteciam durante a nossa ausência.

Como era importante para a equipe, durante essa etapa crucial dos novos experimentos, para manter o ritmo do trabalho entre as sessões, os visitantes foram afastados. Sempre que havia visitantes presentes, o equilíbrio energético mudava e isso retardava o progresso essencial. Por orientação da equipe espiritual, o grupo também interrompeu a realização de seminários por aquele período. Com a presença apenas dos quatro integrantes do grupo e das suas energias “conhecidas”, havia muito mais espaço para um rápido avanço.

A medida que o Projeto Alice e os outros experimentos de comunicação transdimensional progrediam, ficou cada vez mais evidente que o grupo estava deixando de lado alguns dos fenômenos básicos que eles haviam testemunhado. As energias estavam mudando enquanto eles se conectavam com dimensões distantes além do mundo espiritual que conheciam bem. Em consequência disso, ficou cada vez mais difícil para a equipe repetir aspectos dos fenômenos que até então eram comuns.

Alguns resultados empolgantes começaram a aparecer na fita de vídeo e o grupo começou a constatar a presença de figuras indistintas movendo-se através de uma luz azul. Uma vez que o aposento encontrava-se às escuras - depois dos primeiros minutos de filmagem no claro - não devia haver nenhuma luz azul. Eles também viram uma alusão a partes do corpo, como mãos e braços, movendo-se pela tela numa luz vermelha. Novamente, não deveria haver luz nenhuma... e, certamente, nem membros. A câmera de vídeo comum, como a que era usada pelo grupo, requer uma certa quantidade de luz (um mínimo de 3 lux) para produzir algum tipo de

imagem. Assim, a lógica sugeria que não devia haver nada em nenhuma das fitas gravadas no escuro. Mas as imagens estavam lá.

Em 26 de setembro, uma gravação no escuro produziu um vídeo muito interessante. Ao vê-lo mais tarde, o grupo encontrou uma grande “mancha” circular verde, luminosa e bem definida, que aparecia na tela várias vezes. Ela era animada, atravessando a tela e às vezes saltando do fundo.

Depois disso a equipe deu instruções para serem feitas modificações. Ela pediu ao grupo para tirar um dos espelhos, de modo que apenas o espelho grande permanecesse na frente da câmera de vídeo, com a câmera focalizada nele. Usando essa nova disposição, em 16 de outubro uma luz surgiu subitamente e atravessou a tela como um cometa. Mais tarde, na mesma fita, uma luz moveu-se ao acaso pela tela.

O último experimento de outubro foi também produtivo. A primeira parte da sessão, gravada no claro, por trás da cortina, mostrava uma dupla de figuras nebulosas movendo-se um pouco para dentro e para fora da tela. Mais tarde na fita, que foi gravada no escuro, apareceram duas luzes vermelhas muito vivas e depois uma luz verde atravessou a tela (veja Figuras 49 e 50).

A essa altura, a equipe explicou um pouco os métodos usados:

Existem duas “equipes espirituais de fotografia” trabalhando no Projeto Alice. A equipe “inicial” está tentando produzir resultados no filme durante o curto período em que a câmera grava no claro. Também há uma equipe “final”, que está tentando projetar resultados no filme durante o período gravado no escuro.

Mais tarde o grupo ficou sabendo de uma terceira equipe que tentava produzir imagens durante o meio da sessão.

Houve um avanço por parte da equipe “final” em 14 de novembro de 1997. Foi uma sessão curta, pois Edwin e a sra. Bradshaw queriam dar tempo ao grupo para assistir com atenção ao vídeo gravado. O grupo considerou o resultado como sendo “verdadeiramente impressionante”. Os últimos oito minutos da fita, filmados na total escuridão, mostravam imagens de diversos objetos diferentes de tudo quanto eles haviam visto antes. Esses objetos moviam-se e viravam na tela como se estivessem se exibindo. Formas nebulosas também se moviam por toda a tela. Uma se parecia com cristais de quartzo. Outra, saltando de tempos em tempos do fundo da tela,

lembrava algum tipo de fantoche. As cenas pararam apenas quando a fita terminou. Edwin e a sra. Bradshaw explicaram que aquelas imagens estavam ligadas às comunicações TDC e que o grupo logo veria mais.

Na sessão seguinte, eles viram algo diferente outra vez. A equipe explicou que aquela era uma “tela” de fundo, desenvolvida especialmente pelo departamento fotográfico. No futuro, o grupo veria imagens definidas naquela tela, talvez mesmo à meia altura, sem a necessidade de uma câmera de vídeo.

Nas semanas seguintes, o Projeto Alice continuou a surpreender o grupo. Em 4 de dezembro, a equipe inicial conseguiu um bom resultado. Durante a sessão, o grupo fora informado de que veria cores quando voltasse a fita. Depois, eles viram uma série de imagens vermelhas e brancas no vídeo. O resto da fita mostrava tomadas de formas retangulares móveis de diversas cores, entremeadas por camadas ocasionais coloridas.

Como sabemos, os experimentos de TDC com o receptor de germânio continuavam em paralelo com os experimentos em vídeo. No início de dezembro de 1997, esse trabalho deu uma guinada interessante quando pareceu que o receptor e o gravador de vídeo estavam sendo usados como duas metades do mesmo experimento. Em 8 de dezembro, o grupo recebeu uma comunicação transdimensional de uma personalidade que estava transmitindo de um local denominado “Oeste 3”. Ele se referia a si mesmo como “um amigo”. O grupo comentou: “Ficou claro pela conversa, pelo receptor, que esse amigo obviamente tinha colocado informações no filme feito durante a sessão”. Ele também disse que havia diversas personalidades naquele lugar que estavam sabendo do que estava acontecendo nos experimentos de vídeo. Ele pediu ao grupo para observar com cuidado o filme depois da sessão. Se ele e seus colegas tivessem sido bem-sucedidos, a cor azul estaria prevalecendo nas imagens recebidas. Ele assegurou ao grupo que assim que tivessem alcançado bons resultados no vídeo, melhorariam cada vez mais e logo teriam mais e mais imagens. Isso foi apenas o começo.

Obviamente, aquela foi uma sessão muito atribulada. Edwin e a sra. Bradshaw disseram ao grupo que achavam que tinham conseguido algum sucesso no vídeo, dessa vez por parte da equipe final. Como sempre, eles estavam certos. Ao passar o vídeo, os integrantes do grupo notaram a princípio um tipo de nuvem enfumaçada, como uma chama, crescendo no meio da imagem. Depois viram uma sequência maravilhosa de imagens em

movimento. Essas imagens entravam e saíam de foco, mas uma luz azul viva predominava, como previsto pelo amigo transdimensional. Na ocasião, os integrantes do grupo não faziam ideia do que estavam vendo, mas a sequência continuou por cinco ou seis minutos até que, de novo, a fita acabou.

A sessão de 20 de dezembro de 1997 novamente produziu algumas imagens maravilhosas em vídeo, que duraram cerca de seis minutos. Foi o dia anterior ao solstício de inverno e Manu havia dito que as dimensões estariam muito próximas das outras naquela ocasião, o que, por alguma razão - não explicada -, seria de grande ajuda para o trabalho em vídeo. Durante a sessão, a câmera de vídeo foi desligada por um técnico espiritual com um clique audível, bem antes do final devido. A sra. Bradshaw disse que o departamento fotográfico estava muito otimista quanto aos resultados e Edwin acrescentou que devia haver uma porção de cores e imagens no vídeo. Ele aconselhou o grupo a observar com muita atenção aquelas cores. O grupo não se desapontou: “Testemunhamos uma miríade de cores, junto com imagens incrivelmente animadas. Havia todas as cores do arco-íris, junto com misturas vivas de cor-de-rosa, turquesa e muito mais”.

Os experimentos com a câmera de vídeo continuaram no ano-novo de 1998. A primeira turma foi bem sucedida em 2 de janeiro, com a câmera de vídeo gravando com a luz acesa. Foi durante essa sessão que Emily caçoou do grupo, dizendo que um dia eles poderiam ver alguns rostos no vídeo e que a imagem de um “trabalhador da luz”, com o cabelo escuro, uma faixa na cabeça e lábios muito vermelhos, apareceria.

Depois disso, o grupo gravou por quinze minutos no início de cada sessão em plena luz e desde a sexta-feira, 16 de janeiro de 1998, a equipe perguntou se essa gravação poderia ser aumentada para trinta minutos, com a câmera de vídeo ainda focalizando o espelho, por trás das cortinas cerradas. Esse período foi para ser constituído de dez minutos de “conversa fiada” e vinte minutos de “meditação”. Sandra ofereceu-se para gravar uma fita de músicas para meditação com exatos trinta minutos de duração, para que o grupo marcasse o tempo com precisão. Esse experimento corria em paralelo com o do receptor de germânio, que, a equipe estipulara, deveria conter um gravador de áudio embutido de trinta minutos de duração de cada lado. Isso representava um avanço tão grande quanto o grupo poderia fazer, uma vez que agora tinha a permissão de gravar alguns dos resultados da comunicação transdimensional diretamente através do receptor de germânio

e o aparelho de gravação. Houve, contudo, ocasiões em que, por uma ou outra razão, os técnicos espirituais desligavam a parte de gravação.

As sessões em sequência sempre pareciam ter relação entre si, cada uma delas acumulando os resultados das anteriores. O grupo explicou que uma vez que as fitas de vídeo tinham 45 minutos de duração, isso lhes deixava os quinze minutos finais de gravação para serem feitos no escuro. Isso foi tentado algumas vezes e, ao analisar a parte inicial da fita da sessão de 26 de janeiro, o grupo viu claramente a forma de uma tela quadrada cor-de-rosa e dourada.

Foi na sessão seguinte, na sexta-feira, 30 de janeiro, que ocorreu o avanço de verdade. Na parte final da sessão, Edwin pediu ao grupo para observar o início do vídeo com cuidado. A sra. Bradshaw disse que se não tivesse desistido de arriscar, apostaria meia-coroa em que os resultados daquele vídeo seriam bons. Ela estava certa. No início do vídeo, havia uma única linha rosa e dourada correndo de alto a baixo da imagem. Essa era obviamente a tela a que a equipe se referira, vista de lado para mostrar que era plana. Aos poucos, a linha foi se virando de lado até surgir a tela quadrada, agora vista frontalmente.

O mais impressionante era que, enquanto a tela girava, havia uma imagem dentro dela. Essa era uma visão muito clara de “um amigo interdimensional animado, cujas feições, para dizer o mínimo, não eram exatamente como as nossas”. Esse “amigo” foi chamado de “Blue” (“Azul”) (veja Figura 48). Deixamos a seu critério julgar se a imagem é ou não instigante. O grupo não teve dúvidas. Para eles, esse era um resultado fantástico que fora alcançado em plena claridade.

Depois dessa importante sessão, a estrutura do Projeto Alice tornou a mudar. Em 2 de fevereiro de 1998, o grupo começou a trabalhar de uma nova maneira. Os primeiros trinta minutos de cada sessão continuaram a ser em plena luz, com o vídeo gravando. No entanto, agora o espelho fora colocado mais alto e a parte superior inclinada um pouco mais para trás. A câmera de vídeo foi colocada ainda mais alta do que o espelho e focada nele. Entre a câmera de vídeo e o espelho estava uma cadeira baixa em frente ao espelho. As cortinas que dividiam a parte principal do porão da área do Projeto Alice não ficavam mais fechadas enquanto a luz estivesse acesa durante a parte inicial da sessão. A equipe disse ao grupo que eles deviam, um depois do outro, sentar-se na cadeira e olhar para o espelho. No

entanto, era importante que, ao sentar na cadeira de frente para o espelho, ninguém se visse refletido nele.

Agora que os experimentos em vídeo tinham progredido até essa etapa, o grupo e a equipe sentiram-se capazes de convidar o dr. Hans Schaer para analisar a sessão de vídeo, parte da qual seria realizada com a luz acesa. A data foi marcada para 28 de março de 1998, um sábado. O dr. Schaer relatou que a primeira parte da sessão ocorreu com visibilidade excelente. Ele observou que as cortinas numa extremidade do porão estavam abertas. Alan havia levado duas caixas de fitas de vídeo adquiridas numa loja local. Os cassetes JVC de 45 minutos haviam sido embrulhados juntos numa embalagem plástica e eram do tipo EHC (*extra high grade*). O pacote fechado foi entregue ao dr. Schaer.

Depois de inspecionar o pacote, o dr. Schaer abriu-o e escolheu um dos cassetes, que ele assinalou e datou. Alan mostrou a ele como colocar o cassete na câmera. O dr. Schaer fez questão de fazer tudo sozinho, cuidando para que nenhum dos presentes tocasse o cassete. A câmera era uma JVC compacta VHS camcorder, modelo GR-AX600, registrada a 3 lux (1 lux em modo de câmera lenta), com lente F1.6, que o dr. Schaer havia fornecido anteriormente ao grupo. A câmera já estava montada no tripé quando ele inseriu o cassete e apontava para o espelho acima, o qual estava ligeiramente inclinado para trás e posicionado a aproximadamente 3 metros da lente da câmera. O luz elétrica no porão estava ligada nessa etapa e foi classificada pelo doutor como sendo “clara”. Nessas boas condições de iluminação, ele ligou a câmera de vídeo.

O dr. Schaer e os quatro integrantes do grupo sentaram-se então ao redor da mesa redonda central fora da região do cortinado onde a câmera estava situada. Robin ligou o gravador com a música de meditação de Sandra. Depois de exatamente cinco minutos de meditação, Alan levantou-se e sentou-se na cadeira que fora colocada entre a câmera de vídeo e o espelho. Ele olhou para o espelho por cinco minutos. Depois que ele voltou ao seu lugar, foi a vez de Diana olhar para o espelho. Depois de cinco minutos, foi a vez do dr. Schaer, depois a de Sandra e por fim a de Robin. Ao final, Robin fechou as cortinas e voltou ao seu lugar e apagou a luz.

Os cinco participantes permaneceram sentados no escuro por cerca de outros quinze minutos, e durante esse tempo Alan e Diana entraram em transe. Ocorreu a conversa normal de transe através dos médiuns, e Manu, a sra. Bradshaw e, brevemente, Patrick McKenna aparecendo para se dirigir

ao grupo. Então uma nova entidade de uma dimensão muito distante se apresentou. Ninguém conseguiu entender o nome dela nem mesmo ouvindo a gravação em fita diversas vezes depois da sessão, sendo que o mais próximo que chegaram foi “Shariness Darti”.

Durante essa sessão, a equipe espiritual observou que os fenômenos produzidos no passado não teriam continuidade, porque a energia seria usada para o desenvolvimento de novos fenômenos. Próximo ao fim da sessão, a sra. Bradshaw disse que acreditava que aquele experimento produzira um resultado excepcional e que se houvesse alguma coisa na fita seria próximo ao começo. Isso significava que ele teria sido produzido durante os primeiros trinta minutos, quando a câmera de vídeo gravava com a luz acesa.

No fim da sessão, quando a luz foi acesa outra vez, todos se surpreenderam ao encontrar as cortinas, que tinham ficado fechadas antes de a luz ser apagada, abertas em cerca de 50 centímetros.

O dr. Schaer tirou a fita da câmera, verificou sua assinatura datada e levou a fita para cima, onde a colocou no aparelho de videocassete na sala de estar dos Foy. Bem no início da fita, eles todos viram na parte inferior direita da tela da televisão, claramente identificável, o “perfil de um homem entre 50 e 60 anos de idade, ligeiramente careca na frente, com o cabelo preto escuro e possivelmente um bigode preto, usando óculos de armação de metal”. Esse retrato parecia estar dentro de uma bolha de água. Ele se demorou por cerca de seis segundos. Apareceram muitas “manchas” (palavra do dr. Schaer) coloridas na fita, algumas delas animadas. Uma das manchas começou a se mover para a bolha, entrou nela e formou uma segunda cabeça de homem por trás da primeira, mas ainda facilmente reconhecível. O segundo homem usava algo como um gorro de pele russo. Seu rosto permaneceu ali por cerca de três segundos e depois os dois retratos desapareceram.

O dr. Schaer concluiu o seu relatório sobre esses acontecimentos da seguinte maneira:

Naquela noite, e até agora, não conseguimos identificar aqueles dois homens. Nem tampouco a equipe espiritual deu alguma explicação sobre a identidade deles. O grupo de Scole foi gentil a ponto de produzir uma ampliação do tamanho de um cartão postal de uma

sequência desse videotape que mostra com muita clareza os dois homens de perfil.

Foi pouco depois disso que comparecemos ao seminário em Lyng. À tarde, logo depois de nos mostrar a aparição de “Blue” na tela, Alan explicou mais sobre a evolução dos experimentos em vídeo. Ele disse que a fita com música de fundo para meditação tinha exatamente o tempo de trinta minutos. Usando um pequeno relógio na sala iluminada, o grupo controlava o tempo do experimento com precisão. Os primeiros cinco minutos na luz, com as cortinas abertas, eram usados para uma breve meditação. Depois, cada integrante do grupo ia sentar-se, um de cada vez, na cadeira e olhar para o espelho, com a câmera de vídeo gravando o tempo todo atrás deles. Cada pessoa que se sentava embaixo do espelho inclinado, olhando para cima, não podia ver a própria imagem refletida. Os quatro integrantes do grupo fazendo isso de cada vez, por cinco minutos cada, junto com a meditação inicial, representavam 25 minutos de filmagem com a luz acesa. Quando o último integrante do grupo saía da cadeira, fechava as cortinas atrás de si e os cinco minutos finais com a luz acesa eram concluídos com mais cinco minutos de meditação. Os visitantes ao grupo no futuro seriam convidados a participar do experimento com o psicomântico, cada um submetendo-se a cinco minutos na “cadeira quente”. Os últimos quinze minutos de filmagem eram transcorridos no escuro. Alan explicou que o grupo acreditava que resultados empolgantes os esperavam mais adiante em decorrência do Projeto Alice.

Experimentos subsequentes produziram realmente uma série de imagens. Houve coisas que pareciam camarões, uma laranja e flores amarelas se abrindo, um cometa, olhos, lábios e até mesmo um bico. Outra imagem lembrava uma porta rotatória. Artigos sobre os experimentos em vídeo continuaram a aparecer no *Spiritual Scientist*. A edição de junho de 1998 da publicação tratava de “A Porta Aberta”.

A porta interdimensional encontra-se agora bem aberta e temos tido o privilégio de receber seres encantadores no grupo, vindos de muitas dimensões diferentes, alguns dos quais se retiraram há muito tempo da nossa dimensão terrestre. Em sessões recentes, tivemos uma interação “física” com seres que são muito diferentes de nós. Embora eles não pudessem entender a nossa língua, fomos

informados pela equipe espiritual que eles reagiam às nossas emoções, especialmente ao amor e às boas-vindas que lhes eram dirigidos. Também fomos informados de que recebíamos muito conhecimento durante essas interações. Tais seres vêm em parte para aprender conosco, mas o propósito principal dessas visitas é trazer ajuda e informações para a humanidade nessa época. Esse objetivo generoso, é claro, supera de longe tudo o que podemos oferecer a eles. Quando, numa ocasião, comentamos sobre a natureza amorosa e toques gentis desses seres interdimensionais que nos visitavam, Emily Bradshaw nos pediu para compartilhar essas informações com outras pessoas, de modo que todos soubessem que não há nenhum motivo absolutamente para ter medo no caso de se relacionar com algum desses seres. Se vocês sentarem-se num grupo com amor no coração e um desejo verdadeiro de ajudar os outros a entender mais e melhor, então vocês só vão atrair para si aqueles que têm os mesmos desejos de ajudar a humanidade.

Numa outra sessão, novamente recebemos visitantes de outros mundos em forma tangível. Depois da primeira parte do trabalho de vídeo, com a luz acesa, fechamos as cortinas na frente da câmera e do espelho antes de apagar a luz e continuar no escuro. Logo depois disso ouvimos diversos ruídos e movimentos. As cortinas eram continuamente puxadas para abrir e fechar. Fomos informados de que isso acontecia porque os visitantes voltavam continuamente pela porta dentro do espelho - talvez para uma recarga de energia. Eles também mostraram muito interesse no nosso aparelho de germânio e no amplificador usados para comunicação transdimensional e podíamos ouvir os botões serem apertados e os cristais mudados de lugar. Depois da sessão, descobrimos que a fita fora retirada do gravador de TDC. Uma fita de música fora tirada de outro ponto distante alguns metros dali e colocada no gravador de TDC. Por isso temos de manter a mente completamente aberta para todas as possibilidades.

A intenção da equipe era trazer imagens do mundo espiritual para as pessoas verem e meditarem a respeito. Novamente, o objetivo parecia ser fazer com que as pessoas se mantivessem receptivas. Na edição de setembro de 1998 do *Spiritual Scientist*, o grupo relatou que “já havia recebido diversas imagens do mundo espiritual”. As imagens ainda não eram muito

claras, mas o grupo era capaz de entender que pareciam ser planos gramados e montanhas de cristal em outro mundo.

No início de agosto, Manu comentou:

Estamos continuamente tentando trazer para vocês imagens do nosso mundo usando a nossa concentração de pensamento. “Como vocês poderiam receber cenas de um mundo onde não existe nada fisicamente?” Eu gostaria de tentar ajudar vocês a ter uma compreensão disto. Quando vocês entram no nosso estado, não podem ter um corpo físico ou sentidos físicos. Mas o que vocês continuam tendo é a mente. A mente e a alma, unidos numa coisa só. Quando vocês devaneiam ou meditam, podem criar uma cena dentro da sua mente. Você podem ver a si mesmos andando por uma linda cena natural; um campo de papoulas, talvez, como vocês têm nessa terra. Se estiveram trabalhando bem com a sua mente, vocês serão capazes de se projetar nesse cenário. Quanto mais vocês forem capazes de trabalhar com a sua mente, mais vibrante e real será a cena para vocês. Quando vocês não têm um corpo físico como veículo, ainda têm a mente para projetar os seus pensamentos e para ser um veículo da sua viagem.

Portanto, vocês podem imaginar que o mundo espiritual seja como um estado de sonho? Bem, de certa maneira digamos que seja, sim, até certo ponto, mas para nós, vejam bem, é o verdadeiro estado, é o verdadeiro lar da consciência. Quando vocês estão num estado físico, parte da sua mente retém a capacidade de ligar-se com a sua origem. É essa parte de você com que nós podemos nos ligar quando vocês estão no estado de sono.

Aqui, nós até podemos fazer visitas uns aos outros. Vivemos num estado de consciência dentro do nosso mundo. O nosso mundo é mais vibrante e real que o de vocês, embora esteja fora do tempo - ele é atemporal. Ao contrário do seu mundo, o nosso não tem limitações. O nosso mundo é portanto um lugar criativo. Há muitas áreas de existência e níveis de existência para ficar e interagir uns com os outros e somos capazes de criar um lugar belo para ficar. Pois o nosso é com certeza um estado de ser.

Nós vamos deixá-lo lá (...). No momento vocês não veem muito nos filmes que eu possa explicar. Mas à medida que as coisas se adiantarem, então ficará mais claro.

Quando visitamos o grupo em outubro de 1998, tivemos a oportunidade de ver algumas das mais recentes transmissões. Uma mostrava imagens maravilhosas de florestas com árvores lindas, as folhas das árvores agitadas ao vento. Outra mostrava pirâmides num grande lago sob um céu cor de laranja, as pirâmides refletidas na água calma (veja Figura 51). Dois vídeos mostravam o que parecia ser um mundo feito de gelo.

A transmissão final no vídeo durante os cinco anos de Experimento Scole envolveu sons sincronizados e imagens visuais. Essas foram recebidas quando o soquete de saída do gravador do aparelho de comunicação transdimensional foi ligado ao soquete de entrada da câmera de vídeo. Quando a fita foi retornada, o grupo viu o rosto de um homem em animação, os lábios se movendo no tempo com as mensagens audíveis dele na trilha sonora. Essas transmissões foram com certeza consideradas provocantes.

Tanto assim que, ao longo do Projeto Alice, a equipe espiritual e o grupo de Scole foram capazes de criar uma “porta” pela qual muitos tipos diferentes de seres podiam entrar no porão, atravessando dimensões para tanto. Os diversos seres trouxeram uma mensagem simples de amor e esperança.

CAPÍTULO NOVE - Uma História de Detetive Inacreditável

“O trabalho em que o GES está engajado é da maior preocupação para a humanidade.

Esse trabalho deve afetar a maneira como todos vemos a nossa vida - e a nossa morte.”

Montague Keen

Em agosto de 1998, fomos convidados para visitar a casa de Montague Keen, secretário da Comissão de Sobrevivência da Society for Psychical Research e um dos principais pesquisadores das provas produzidas pelo grupo de Scole e sua equipe espiritual. Achamos interessante conversar com um homem que esteve envolvido nas pesquisas mediúnicas e paranormal por mais de meio século. Durante toda a noite, esse erudito senhor nos contou sobre os métodos de pesquisa utilizados e sobre as descobertas quanto ao Experimento Scole. Foi o desenrolar de uma incrível história de detetive.

Conforme já vimos, as provas das sessões de pesquisa combinavam com a vasta gama de fenômenos: visuais, acústicos, orais e fotográficos. Elas também incluíam discussões com a equipe espiritual sobre muitos assuntos, incluindo a importância das mensagens nos filmes. Na opinião de Montague, essa combinação de provas constitui a mais admirável evidência da sobrevivência jamais coletada até o momento. Além do mais, o que os pesquisadores testemunharam com o grupo de Scole pareceu, para eles, estar diretamente ligado aos eventos anteriores no século.

Montague explicou que a mediunidade física sempre envolve uma forte controvérsia. Foram descobertas muitas fraudes, que contribuíram para a má fama da mediunidade. A mediunidade mental também costuma ser carregada de ambiguidades. Mas existem alguns casos de mediunidade mental em que a exatidão das informações comunicadas pode ser confirmada objetivamente. No caso da escrita automática, em que um

espírito assume o controle da caneta na mão do médium, as informações podem ser verificadas, especialmente se os pesquisadores tomarem as precauções adequadas para assegurar que o médium não tinha conhecimento das pessoas ou circunstâncias envolvidas.

Algumas pessoas muito distintas estiveram envolvidas com o estudo e a prática da mediunidade, tanto física quanto mental. Uma dessas pessoas foi Frederic W. H. Myers, o catedrático humanista de Cambridge e biógrafo de William Wordsworth, que morreu no início de janeiro de 1901. Fundador e ex-presidente da Society for Psychical Research, Myers dedicou a vida ao estudo das questões supranormais e espiritistas. Antes de morrer, ele tomou providências para voltar e entrar em contato com os colegas (depois do seu desaparecimento físico) e assim provar a verdade da vida depois da morte de uma vez por todas. Myers deixou um legado duradouro, incluindo uma mensagem num envelope que não era para ser aberto até que fosse dado como certo por seus pares que era ele tentando comunicar o conteúdo por todos os meios possíveis.

Em 19 de fevereiro, algumas semanas depois da morte de Myers, ele transmitiu uma mensagem por meio de um médium para um amigo íntimo e colega na Society, Sir Oliver Lodge, o guardião da carta. Seguiram-se diversas mensagens semelhantes, mas nenhuma justificava retirar o envelope da caixa forte do banco para descobrir o seu conteúdo.

Então, em 1904, a sra. Verrall, professora-adjunta de literatura clássica no Newnham College e esposa do professor A. W. Verrall, recebeu três mensagens distintas por escrita automática, em 13 de julho, 18 de julho e 24 de novembro. As mensagens confirmavam que o envelope selado deixado por Myers encontrava-se aos cuidados de Sir Oliver Lodge e declarava que seria descoberto que o conteúdo era uma passagem sobre o amor em *O Banquete*, de Platão. Em consequência disso, Lodge convocou uma reunião especial em 13 de dezembro de 1904, para a cerimônia da abertura da correspondência. As esperanças e expectativas eram de que as mensagens e a carta juntas fornecessem a prova da sobrevivência. No entanto, o *Journal* da SPR (janeiro de 1905) informa: “Descobriu-se que não havia semelhança entre o conteúdo verdadeiro e o alegado”. Parecia que Myers não fora bem-sucedido.

Não obstante, os planos de Myers não se frustraram. Por diversos motivos, logo se tomou um fato amplamente aceito que, juntamente com diversos “colegas espirituais”, essa personalidade indômita montara uma equipe

determinada a fornecer provas irrefutáveis da sobrevivência por meio de um instrumento inteiramente novo. Essa equipe espiritual propôs-se a transmitir pistas para diversos enigmas literários. Essas pistas seriam espalhadas entre mensagens enviadas através de diversos médiuns em diferentes países. Elas só teriam sentido quando fossem todas reunidas, como peças de um complexo quebra-cabeça. O objetivo era mostrar que nenhum médium sozinho poderia de ter acesso a todas as partes da informação, refutando assim qualquer outra explicação a não ser que haviam sido comunicadas por espíritos que tinham sobrevivido à morte.

As mensagens normalmente eram comunicadas por meio da escrita automática, mas às vezes por “impressões à luz do dia” (comunicações em que se ouviam vozes e depois as mensagens eram escritas por alguém capaz de escrever rapidamente). Ao longo dos trinta anos seguintes, cerca de uma dúzia de médiuns recebeu essas mensagens. A pesquisa continuou até que determinados pesquisadores, como o professor Verrall, realmente morreram durante o andamento da pesquisa e começaram eles próprios a enviar mensagens.

Montague nos contou que as transmissões eram complicadas e alusivas no que faziam referências indiretas a pessoas e acontecimentos. Algumas delas tomavam a forma de fatos mitológicos ou simbólicos. Apenas quando reunidas, normalmente por alguém de fora do grupo com capacidade para coordenar as partes das informações aparentemente sem significado, a mensagem tomava-se evidente. Essas “correspondências cruzadas” estão reunidas em 24 volumes, cada um deles com cerca de 500 páginas, perfazendo um total de 12 mil páginas de provas coletadas por um extenso período. Existem apenas treze cópias dessas correspondências cruzadas no mundo. De acordo com Montague, apenas um humanista erudito com bastante tempo e uma inteligência de alto nível poderia encarregar-se da tarefa atualmente. Esses documentos foram inteiramente analisados e constituem uma prova impressionante da sobrevivência.

No entanto, para muitos outros na Society e em outros lugares, a evidência das correspondências cruzadas pode ser explicada de maneira que não envolva a sobrevivência. Uma proposição contrária é a “hipótese da super-PSI”, cuja premissa básica é que existe uma ligação num certo nível subliminar entre as mentes dos seres humanos. Essa explicação, que atribui à mente dos médiuns ilimitados poderes telepáticos, clarividentes e precognitivos, é difícil de refutar. No entanto, isso sempre deve permanecer

como uma questão de opinião até que existam provas suficientes de que nenhum médium possui esses poderes. Sem dúvida, tais provas não existem até a presente data. Não obstante, a super-PSI tem-se tomado uma “explicação multiuso” que permite que toda evidência óbvia de inteligência desencarnada seja atribuída aos poderes ilimitados de médiuns que de alguma forma estão subconscientemente interligados e sintonizados numa fonte do conhecimento que a tudo abarca, talvez uma “psique humana coletiva”.

As correspondências cruzadas cessaram em 1930, com os especialistas ainda debatendo sobre a sua importância. Ainda assim, muitos anos depois, Frédéric Myers ainda parecia estar envolvido no envio de provas para fundamentar a hipótese da sobrevivência... por meio do Experimento Scole. Conforme Montague nos declarou:

No estágio inicial das pesquisas com o grupo de Scole, foram feitas diversas referências pela equipe espiritual de Scole a pessoas ligadas aos primeiros anos da Society for Psychical Research e *também* às correspondências cruzadas. No mínimo meia dúzia de referências foram feitas a seções dos relatórios da Society - que eram muito precisos - e algumas delas se relacionavam às correspondências.

A equipe espiritual de Scole parecia determinada a derrotar a hipótese da super-PSI e todas as outras explicações adversas, pelo método de enviar mensagens coerentes e enigmas literários misteriosos, assim como criando uma vasta gama de outros fenômenos além da explicação terrestre. A título de exemplo, os enigmas misteriosos transmitidos durante o Experimento Scole incluíam mensagens em sânscrito, grego, latim, francês e alemão, assim como uma referência especial aos poemas de Wordsworth, com cujo trabalho Myers tinha muita intimidade. Os comunicadores espirituais eram capazes de conversar sobre a vasta gama de assunto com os pesquisadores, que eram especialistas em seus respectivos campos de estudo. Parece que a equipe estava tentando mostrar que as mensagens eram de origem desencarnada porque os médiuns envolvidos podiam ter ou não conhecimento consciente de todos esses muitos assuntos especializados.

O Ecômio a Frederic Myers e a Pista Diotima

A sexta sessão, no dia 16 de março, foi o ponto de partida de um experimento que produziu um dos filmes fotográficos mais interessantes, desafiadores - e, em última instância, comprobatórios - de todos. As informações contidas no filme, embora misteriosas, logo foram consideradas muito relevantes em relação a Frederic Myers. Depois de revelado, apareceram diversas imagens ao longo do filme, no sentido do comprimento. No extremo esquerdo via-se uma palavra grega isolada: *Diotima* (veja Figuras 40 e 41). Essa era acompanhada por uma frase em francês: *Ce n'est que le premier pas qui coûte* (Não é o primeiro passo que conta).

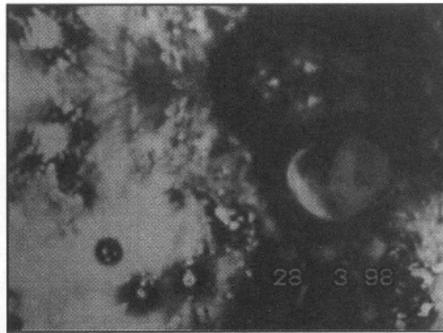


Figura 44: Esta imagem foi feita durante um experimento em vídeo de 28 de março de 1998. Pode-se ver com clareza o rosto de um homem numa esfera com o formato de bolha à direita — ele parece estar usando óculos. Outra face está em processo de formação logo atrás dele. O grupo foi informado pela equipe espiritual de que essas imagens mostravam outras áreas de comunicação ou existência, isto é, não de dentro do nosso universo conhecido.

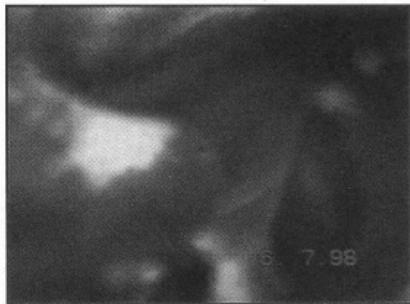


Figura 45: Projeto Alice. Apesar de a filmagem ser realizada na mais completa escuridão, impressionantes surtos coloridos foram captados em vídeo, em 6 de julho de 1998.



Figura 46: Projeto Alice. Essas espetaculares luzes em movimento foram captadas em vídeo em 10 de julho de 1998. Durante essas sessões, a câmera aproximava e afastava as lentes para ajustar o foco das imagens que estava gravando.

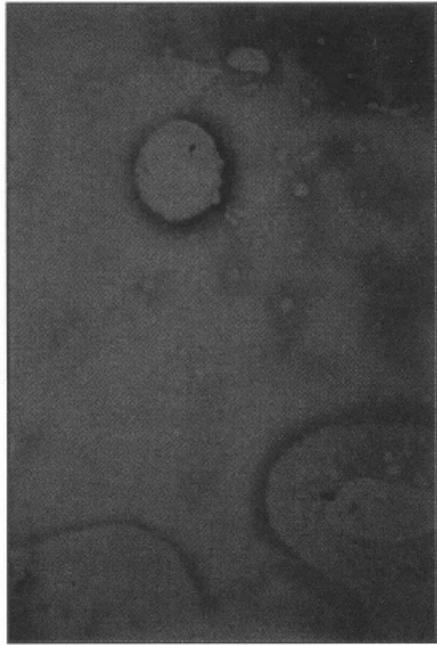


Figura 47 (à esquerda): Câncer. O Grupo Experimental de Scole foi informado de que esta imagem assemelha-se bastante a uma célula cancerosa. O código "T21" pode ser visto no canto inferior esquerdo. Talvez isso se refira a células "T".

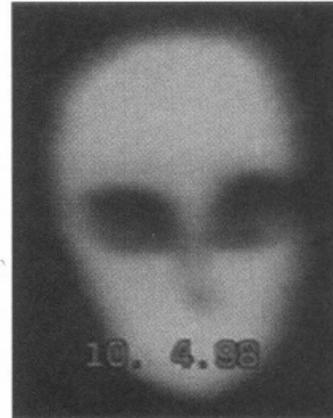
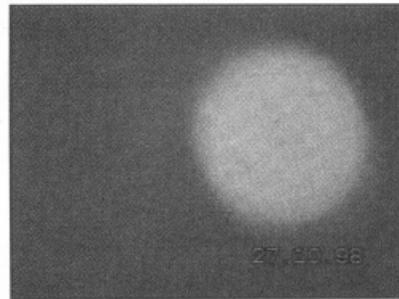
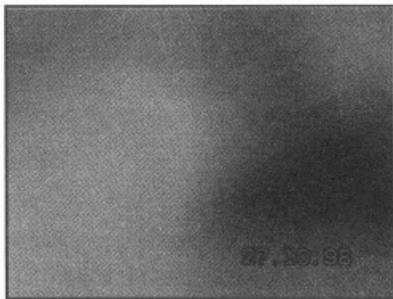


Figura 48 (à direita): Projeto Alice. Um vídeo realizado com as luzes acesas mostrou o contorno de uma tela quadrada. Quando a imagem girou, um rosto completamente animado se revelou. Esse amigo interdimensional foi chamado de "Blue".



Figuras 49 e 50: Projeto Alice. O experimento ocorrido em 27 de outubro de 1998 gravado no escuro mostrou duas luzes vermelhas muito vivas e uma grande luz verde atravessando a tela.



Figura 51: Esta imagem de um experimento em vídeo realizado em 21 de setembro de 1998 mostra claramente algumas formações piramidais.

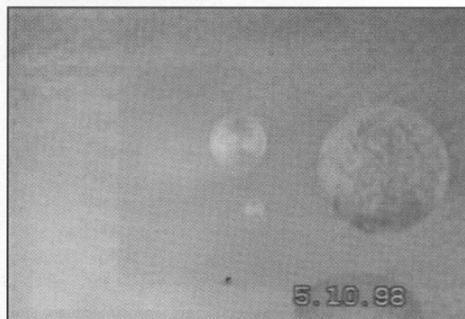
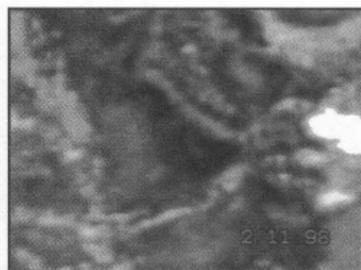
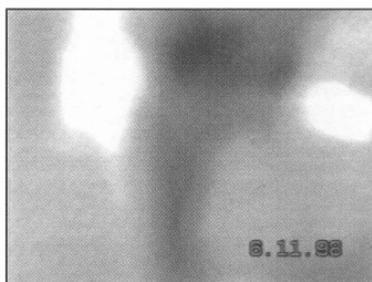


Figura 52: Estes “mundos” apareceram em filme em 5 de outubro de 1998. Será que eles fariam parte do nosso próprio sistema solar ou seriam planetas de um universo desconhecido no reino espiritual?



Figuras 53 e 54: Uma profusão de luzes espirituais captadas em vídeo em 2 de novembro de 1998.



Figuras 55 e 56: Dois dos impressionantes fenômenos de luzes móveis captado em vídeos em 6 de novembro de 1998. Seriam essas imagens vislumbres de dimensões espirituais ou tentativas por parte da equipe espiritual de manipular luzes terrestres?

Depois, lia-se a seguinte estrofe, escrita à mão em quatro longos versos:

That hour may come when Earth no more can keep
Tireless her year-long voyage thro5 the deep;
Nay, when all planets, sucked and swept in one,

Feed their rekindled solitary sun: -
Nay, when all suns that shine, together hurled,
Crash in one infinite and lifeless world: -
Yet hold thou still, what worlds soe'er may roll Naught bear they
with them master of the soul;
In all the eternal whirl, the cosmic stir;
All the eternal is akin to her;
She shall endure, and quicken, and live and past,
When all save souls has perished in the past⁶.

A mensagem seguinte consistia de palavras gregas: ἴσππω εσοινε ρωθη
τι εσομεθα (Ainda não está claro o que vamos nos tomar).

No fim do filme viam-se dois nomes. O primeiro era difícil de decifrar, especialmente porque se tratava de uma imagem espelhada. Mais tarde foi confirmado pela equipe espiritual como sendo o de Cora L. V. Tappan. O segundo nome estava escrito com maior clareza e parecia ser Will Railings. Não é de surpreender que esse filme e as suas mensagens tenham despertado tanto interesse. O grupo e os pesquisadores discutiram como podiam resolver os enigmas misteriosos. Como se revelou, eles não precisaram esperar muito por algumas pistas da equipe. Antes que os pesquisadores tivessem a oportunidade de comprovar o significado e a origem das mensagens do filme, elas foram esclarecidas em parte durante a oitava sessão, em 18 de maio de 1996. Àquela altura, eles não haviam ainda encontrado um significado especial para *Diotima* e não haviam conseguido traduzir as palavras em grego, pois algumas delas não eram muito claras. Logo no início da sessão, Manu manifestou-se:

Isso faz parte do plano: não há dúvida de que vocês decidiram isso por si mesmos, pois isso remonta a outros tempos, em que o espírito vinha e lhes dava algo para decifrar. Isso na época revelou-se uma grande parte da prova para todos. Acho que sabem a que estou me referindo.

Eu gostaria de aumentar um pouco o enigma! Mais pistas serão dadas, o que vai ajudá-los. Só vou dizer isso, pois isso tem sido usado em relação ao homem do seu lado da vida que a vocês aparece como nosso embaixador, e por ter experiência nesse

trabalho de comunicação ele será de grande ajuda para vocês, e eu não acho que demorará muito para que tudo seja revelado...

Ele disse estas palavras: “Progressão infinita, harmonia infinita e amor infinito”. Eu não poderia me expressar melhor, então repito essas palavras, que podem ser uma outra parte do enigma. Elas vão se encaixar em breve e vocês vão gostar de saber. Pensem nestas palavras: elas têm muito significado e eu gostaria que pensassem nelas nas suas meditações.

Os pesquisadores concluíram que Manu só podia ter-se referido ao encómio (tributo ou memorial) a Myers publicado pela SPR logo depois da morte dele. Esse tributo foi dedicado unicamente à memória de Myers e compreendia cinco encómios, o primeiro de Sir Oliver Lodge.

As ligações com Myers foram ficando cada vez mais fortes à medida que as pesquisas prosseguiam. Na página 8 do encómio de Lodge aparecem as mesmas palavras em grego que eram vistas no filme *Diotima*: συνω
εοαννε ρωθη τι εσομεθα (Ainda não está claro o que vamos nos tomar).

Além disso, a estrofe no filme - mais tarde identificada como um verso de um dos poemas de Myers, *The Renewcil of Youth* (A renovação da juventude, publicado originalmente em 1882) - precede imediatamente um parágrafo do encômio de Lodge, que ele introduz com as mesmas palavras que Manu proferira aos pesquisadores durante a sessão:

Progresso infinito, harmonia infinita, amor infinito, essas foram coisas que ocuparam e dominaram a existência dele.

A expressão escrita em francês no filme, *Ce n 'est que le premier pas qui coûte*, era a peça seguinte do quebra-cabeça. Mais tarde se descobriu que se tratava de uma citação direta de uma passagem da monumental obra póstuma de Myers, *Human Personality and its Survival of Bodily Death* (Personalidade humana e a sua sobrevivência à morte do corpo, 1903).

Os pesquisadores concluíram que essa evidente ligação com Myers foi depois fortalecida por uma pista fornecida pela sra. Bradshaw. No final de uma extensa sessão em 9 de novembro de 1996, com relação a uma referência de Montague Keen à obra de Myers, ocorreu o seguinte diálogo:

Sra. Bradshaw: *Quando puderem, deem uma olhadinha no Human Personality, Volume 1, página 250.*

David: Página 250?

Sra. Bradshaw: *Isso mesmo, lá você vai encontrar outra pista ao seu interesse, Monty. Sei que gosta dessas pistas. Outra provocãozinha para você. Espero que o seu francês esteja bom. Essa foi outra pista.*

Montague: *Ce n'est que le premier pas qui coûte!*

David: Seu francês está muito bom. [Risos.]

Montague: Eu estava citando uma das pistas que nos deram.

Sra. Bradshaw: *Não vou dizer mais nada, pois assim posso torturar vocês um pouco mais.*

Montague Keen confirmou que essa citação na verdade aparece na página mencionada por Emily. Ela está na edição original, que atualmente é bem rara comparada com a versão mais comum, reduzida para um volume, editada pela sra. Eleanor Sidgwick. Montague imaginou que talvez ela tivesse aparecido no filme *Diotima* para sugerir de onde Lodge havia tirado o comentário.

Em referência à ligação entre o texto no filme *Diotima* e as pistas verbais da equipe espiritual, o *Relatório Scole* declara que o texto manuscrito consistia de mensagens intimamente relacionadas “que ofereceram possíveis provas suplementares do papel, da relevância e da influência penetrante de um suposto Frédéric Myers. Ela consistia, na verdade, do primeiro exemplo material em que a impressão física das mensagens num filme selado e não exposto estavam intimamente ligadas às informações fornecidas”.

Portanto, a estrofe, a expressão em francês e a frase em grego, tudo parecia ser pistas ligando o filme a Frédéric Myers. No entanto, a referência *Diotima* ainda não estava resolvida. O professor Fontana fez uma sugestão interessante de que, escrita ao contrário, a palavra *Diotima* é lida como “*ami to id*” ou “amigo do espírito”. Como podemos ver, isso se mostrava uma tentativa engenhosa mas incorreta de encontrar a solução. Novamente, houve discussões com a equipe espiritual, especialmente a sra. Bradshaw, que apresentou mais algumas pistas, permitindo assim que outra peça do quebra-cabeça se encaixasse.

Na sessão de 9 de novembro, a sra. Bradshaw comentou sobre “uma palavra de teste, recebida anteriormente” e falou aos pesquisadores para “observar

os seus registros empoeirados”. Mais tarde, ela confirmou que a palavra de teste era realmente *Diotima* e mais do que sugeriu que a palavra fora recebida anteriormente nas correspondências cruzadas. Ela disse que aquelas comunicações tinham sido de grande importância na época, um grande passo adiante, e ainda eram tidas em alta estima por muitas pessoas. Além disso, elas continuavam difíceis de ser explicadas.

Emily deu então uma pista muito comprobatória. Ela disse que a primeira vez que a palavra de teste aparecera, de acordo com as informações que tinha, fora em 18 de dezembro de 1902. Portanto, havia “Não muitos livros empoeirados em que procurar!” Isso levou à solução da pista. Em breve, as pistas da “palavra de teste” remeteram ao *Banquete* fictício de Platão (um coquetel entre os gregos antigos, com discussões filosóficas posteriores) que era composto de falas incluídas num banquete imaginário sobre ou em honra do amor (espiritual). Um dos oradores era o mentor e herói de Platão, Sócrates. Ele disse que tudo que sabia sobre o amor fora-lhe ensinado por uma profetisa chamada Diotima. De acordo com Diotima, o amor não é um deus mas um grande espírito, de uma raça de espíritos cuja função é agir como intérprete e mediador entre os deuses e os homens. A implicação parecia ser que todo intercurso entre deuses e homens, seja dormindo ou acordados, era feito através dos espíritos, e um desses era o amor. Montague Keen sugeriu portanto que a palavra para a qual eles haviam recebido uma pista manuscrita no filme parecia ser, depois das pesquisas, “amor”. Segundo o ponto de vista dele, o contexto era coerente com o elogio a Myers e fazia sentido à luz do conteúdo e do propósito das comunicações recebidas em Scole. (Para um relato completo dessa investigação complexa, sugerimos que se consulte a Society for Psychical Research, onde há um relatório de consulta para pesquisa como um adendo ao Relatório Scole.)

Assim, as pistas sobre o filme *Diotima* continham referências a um encômio a Myers, publicado pela Society for Psychical Research, logo depois da morte dele, em janeiro de 1901. *Diotima* em si mostrou-se uma palavra crucial uma vez que era a primeira palavra do filme e também era uma “palavra de teste” dada em uma das primeiras correspondências cruzadas, com a qual o espírito de Myers dava todas as indicações de estar intimamente envolvido. Tendo ligado o filme a Myers, a equipe espiritual pareceu então estar ligando tanto Myers quanto o filme às correspondências cruzadas.

Isso era empolgante por diversas razões, não menos importantes que as correspondências cruzadas eram uma tentativa inicial de provar a sobrevivência invalidando a hipótese anti-sobrevivência (ou seja, fraude, *alter ego* e super-PSI) - precisamente o que o Experimento de Scole tentava conseguir. Os pesquisadores imaginaram se a equipe estava tentando comunicar, ainda que de maneira muito enigmática, que determinados aspectos do moderno Experimento Scole eram uma continuação das correspondências cruzadas, muito mais antigas.

O motivo para as pistas da equipe espiritual ligando Myers, o filme *Diotima* e as correspondências cruzadas ficava então mais claro. A equipe parecia estar usando as circunstâncias da vida de um homem na Terra para construir uma série de pistas para um enigma, a solução do qual mostraria que uma personalidade senciente, sobrevivente, estava envolvida na transmissão das mensagens no filme.

Um aparte interessante é que a mensagem atribuída a Myers, transmitida através da sra. Verrall na virada do século, dizia que a carta de Myers deixada com Lodge continha referências a *O Banquete*, de Platão. Conforme sabemos, na época, não foi o que se julgou. No entanto, uma mensagem sobre esse assunto chegou num filme em Scole *noventa anos* depois.

Era certamente intrigante para os três integrantes da SPR que Myers pudesse estar tentando fazer contato com eles através da nova oportunidade oferecida pelo Experimento Scole. Logo chegariam outras mensagens, transmitidas em outros filmes, que, mais uma vez, pareciam indicar Myers como um elo comum.

Vamos agora retomar a história de Montague em janeiro de 1997. Conforme mencionado, na sessão de 11 de janeiro, Emily Bradshaw informara aos pesquisadores que uma personalidade chamada Thomas estava tentando fazer contato pelo aparelho de germânio, que estava ligado ao amplificador. A equipe espiritual podia ouvi-lo, mas os pesquisadores e o grupo de Scole não, daí a necessidade do diagrama elétrico e das instruções no filme, indicando as modificações necessárias no receptor de germânio. Os pesquisadores ficaram sabendo em seguida, por intermédio do grupo, sobre uma extensa comunicação por parte de “Thomas”, que ocorrera durante uma sessão reservada em 21 de janeiro e também foram informados de que a equipe pedira que fossem feitos novos experimentos com a comunicação transdimensional em sessões reservadas dali por diante. Eles precisavam

trabalhar apenas com as energias dos integrantes do grupo, mas os pesquisadores ainda poderiam continuar com outros experimentos. Isso era muito coerente com o que Montague e os seus colegas haviam aprendido sobre o que eram ainda procedimentos muito experimentais.

Os pesquisadores ficaram contentes em voltar a atenção para organizar sessões para o benefício de outros pesquisadores (incluindo o dr. Alan Gauld, o professor Donald West, o dr. Rupert Sheldrake, o professor Ivor Grattan-Guinness, o dr. John Beloff e o professor Robert Morris), analisando e resolvendo os enigmas propostos pelos filmes fotográficos, além de se preparar para acompanhar o grupo de Scole ao exterior para demonstrações em novas condições.

Havia muita coisa a ser feita. Os documentos originais tinham de ser pesquisados. O conteúdo desses documentos - textos manuscritos, assinaturas e assim por diante - tinham de ser comparados com as imagens dos filmes e relacionados às pistas verbais dadas pela equipe. Especialistas eram consultados quando necessário. As descobertas de Montague, muitas das quais alargavam as fronteiras da coincidência, persuadiam-no e a alguns dos seus colegas de que as comunicações eram “muito possivelmente de origem desencarnada”. O processo exaustivo de verificar as provas tornou-se uma parte importante da pesquisa científica.

A parte fotográfica da pesquisa, a que Montague devotou muitas horas de estudo, envolve cerca de quinze filmes. As imagens nesses filmes contêm diversas mensagens, desenhos e toda a sorte de outras marcações.

Montague lembra-se da sessão na noite de 11 de janeiro de 1997 como “especialmente interessante”:

Foi nessa sessão que recebemos o filme do diagrama elétrico com as instruções e as assinaturas. Estávamos recebendo a companhia de Ingrid Slack, psicóloga da Open University. Deve ser ressaltado que a principal preocupação naquela noite era tentar obter ruídos inteligentes pelo amplificador, que o professor Ellison havia providenciado e que estava ligado ao receptor de germânio. No entanto, os experimentos fotográficos mostraram-se no mínimo tão interessantes quanto os que envolveram o receptor de germânio.

Os pesquisadores, o professor Fontana e Ingrid Slack, controlaram os filmes do começo ao fim. Sob nenhum pretexto nenhum dos quatro integrantes do

grupo de Scole tocaram tanto os filmes quanto as caixas depois que essas foram manipuladas pelos pesquisadores para inspeção e inserção dos filmes. As caixas, uma das quais tivera o projeto e a construção supervisionados por Montague, permaneceram muito próximas dos pesquisadores ao longo de toda a sessão e, de acordo com Montague, não poderia ter sido removida por mãos humanas sem o seu conhecimento. Além disso, a porta no alto das escadas que conduziam ao porão permaneceram trancadas, assim como a sala adjacente ao porão, embora a porta do porão não pudesse ser aberta sem provocar ruídos. Montague explicou que a teoria de que um integrante do grupo pudesse simplesmente ter estendido o corpo e retirado um tubo de filme de um painel secreto na caixa de Alan ou aberto a fechadura com uma alavanca sem romper os selos pintados e colocado ali um filme preparado não se sustentaria, uma vez que, na ocasião, estava acesa a luzinha indicadora vermelha no amplificador. Essa luz era suficiente para que os pesquisadores percebessem imediatamente alguém tateando as caixas.

Depois da revelação do filme da caixa, descobriu-se que continha o diagrama elétrico e um texto (veja Figuras 36 e 37). Os esforços para identificar o monograma abaixo das palavras “*high resistance*” (alta resistência) no filme incorreram imediatamente em problemas, embora esse monograma lembrasse as letras “FOX” e houvesse uma referência a “Fox” durante a sessão de 11 de janeiro e também outra a “Talbot”, os pesquisadores suspeitaram que o espírito de Fox Talbot, o pioneiro da fotografia, pudesse ter alguma ligação com o diagrama. Naquela altura, os pesquisadores ignoraram os números “888”, que apareciam à extrema direita e que haviam se repetido em outros filmes mas continuavam sendo um mistério. Eles também ignoraram que parecia haver um “garrancho” em seguida ao “888”. Mas depois de perguntas e um comentário da sra. Bradshaw de que seria melhor Montague procurar em outro lugar, eles descartaram a relevância de Fox Talbot.

A equipe havia dito ao grupo numa sessão reservada que Montague deveria observar com mais atenção a mensagem como um todo. Isso levou a um exame mais detalhado do garrancho que aparecia na extrema direita do filme, uma vez que na ocasião, instigados pelas referências da equipe a Thomas, os pesquisadores tinham tomado conhecimento da sugestão de que Thomas Edison poderia ter sido o técnico espiritual dentro da máquina.

Uma cópia da assinatura rabiscada no final, TAE, foi enviada à sede do Edison National Historic Site, em West Orange, Nova Jersey. Douglas Tarr,

o encarregado da biblioteca, respondeu com exemplos da caligrafia de Edison, incluindo uma rubrica feita por ele numa carta datada de 1925. Esta mos- trou-se virtualmente idêntica à do garrancho no filme (veja Figuras 38 e 39). Esse foi o ponto culminante da pesquisa nesse filme em particular.

Filmes posteriores foram tratados de maneira semelhante, mas sob condições de teste mais rigorosas. Muitos foram recebidos em outras línguas. Diversas línguas foram gravadas, entre elas chinês, inglês, francês, alemão e grego. Também foram recebidos caracteres antigos (glifos), mas ainda não foram decifrados. O grupo convidou leitores a ajudar a decifrar as mensagens (alguns desses filmes podem ser vistos na seção de Figuras e tratamos o conteúdo de muitos deles em mais detalhes em outras partes do livro).

O filme TAE de modo nenhum foi o primeiro a envolver um trabalho de detetive. No início de novembro de 1996, os pesquisadores e o grupo receberam a primeira de duas imagens de Wordsworth ou Ruth (veja Figuras 42 e 43). Essa chegou num filme Polaroid (Polachrome). A segunda, duas semanas depois, manifestou-se num filme Kodachrome. O Kodachrome foi sugerido por Maurice Grosse, o presidente da Society's Spontaneous Cases Committee, como uma alternativa ou acréscimo ao Polaroid. Montague explicou que a intenção dessa mudança era aumentar o nível de autenticidade, uma vez que os filmes poderiam ser revelados de maneira independente fora do local dos experimentos e havia apenas um lugar no país que revelava esse tipo de filme. A equipe concordou e os pesquisadores começaram a usar o Kodachrome.

Estavam todos empolgados quando o primeiro filme foi revelado depois da sessão de 11 de novembro. A imagem mostrava estrofes de um poema e incluía algumas intervenções e correções numa caligrafia típica do início do século XIX. As letras "WW" apareciam à extrema direita.

Montague nos mostrou então o que mais havia no filme. A esquerda vê-se a versão do texto paranormal conforme se observou na tira de filme Polachrome na noite de 11 de novembro. A direita vê-se a versão publicada que aparece no *Treasury* de Palgrave. A última é, basicamente, idêntica ao texto encontrado nos outros volumes e em todas as outras edições da obra de Wordsworth, com exceção de uma:

O texto do filme *Ruth* 1:

*Whatever in these climes I found
Irregular in sight or sound
Did to my mind impart
A kindred spirit seem'd allied
To my own powers justified
The workings of my heart.
For Ruth with thee I know*

A estrofe 23 foi omitida nesse primeiro filme

*Yet in my worst pursuits I ween
That often there did intervene
Pure hopes of high intent
My passion amid (?) forms as fair*

O texto atualmente publicado é:

Estrofe 22

Whatever in those climes he found
Irregular in sight and sound
Did to his mind impart
A kindred impulse, seem'd allied
To his own powers, and justified
The workings of his heart

Estrofe 23

Nor less, to feed voluptuous thought,
The beauteous forms of Nature wrought,
Fair trees and gorgeous flowers;
The breezes had their own languor lent;
The stars had feelings, which they sent
Into those favour'd bowers.

Estrofe 24

Yet, in his worst pursuits, I ween
That sometimes there did intervene
Pure hopes of high intent
For passions link'd to forms so fair
And stately, needs must have their share
Of noble sentiment.

WW

A versão publicada atualmente foi consultada e comparada logo depois da sessão de 11 de novembro. Imediatamente, pareceu que a principal diferença entre ela e a versão obtida por intermédio da equipe era a mudança da terceira pessoa na versão atual para a primeira pessoa na versão do filme.

Durante essa sessão de 11 de novembro e antes de o filme ser revelado, Joseph havia dito:

É mais ou menos isso que vocês vão encontrar no filme. Há um detalhe inconveniente ali. Não sei de que se trata, se é que é importante, mas ouvi dizer alguma coisa. E quem disse foi um cavalheiro que gostava muito de lidar com palavras. Isso é tudo o que devo dizer... mas o filme, o cavalheiro, que gosta mesmo das palavras, diz que é incapaz - não sei por que, talvez por causa do local onde ele se encontra no momento -, é incapaz de transmitir o que estava esperando. Ele não consegue mostrar exatamente a vocês

o que queria lhes mostrar. E como se ele tivesse perdido contato com os próprios pensamentos, acredito eu. Enquanto vivia - o que pode parecer estranho - ele era muito evoluído quando foi para a Terra [e] viveu, portanto seu retorno me parece que foi um tanto rápido... Talvez isso tenha lhe causado uma certa... não infelicidade, porque estou certo de que essa não é uma emoção ou um sentimento que ele tenha. Ele ficou desapontado por não ter podido produzir (essa é uma boa palavra) o que queria ter feito para vocês. Vocês entendem? Não devo ter-me expressado muito bem, mas é difícil expressar os sentimentos de outra pessoa.

Vários minutos depois, Patrick comentou, em relação ao filme: *“alguém falou ‘Ruth’ quando eu quis algumas pistas sobre o filme. Eu disse ‘Strewth’ e ele corrigiu: ‘Não... Ruth’, assim talvez Ruth esteja no filme. Talvez eles tenham cometido um erro ali”*.

Para Montague, esse foi um acontecimento excepcional. Anteriormente, até onde sabemos, nunca eram dadas sugestões sobre o conteúdo dos filmes durante as sessões em que a equipe espiritual parecia estar influenciando um filme virgem. Duas vezes a equipe havia enfatizado o seu desejo de assegurar que todas as mensagens se originassem deles e pudessem ser consideradas como sendo originárias deles, em vez de esperanças subconscientes, expectativas ou desejos dos participantes, possivelmente para evitar a acusação de super-PSI.

Depois que os pesquisadores descobriram que a versão da equipe para o poema no primeiro filme de *Ruth* apresentava diferenças em relação à versão publicada na época, o problema imediato era ver se existia um original que combinasse com a versão da equipe espiritual. Montague tinha suposto erroneamente que esse poema fizesse parte das primeiras obras de Wordsworth, algum rascunho que o poeta poderia ter escrito originalmente na primeira pessoa mas depois mudado de ideia.

Assim, supondo que a versão do filme nunca tivesse sido publicada, Montague considerou o texto à luz do que era considerado como os próprios sentimentos e atitudes de Wordsworth, um processo que levaria a uma contenda importante com a equipe. O poema em si exerce uma influência importante na mensagem do filme. Montague explicou que o poema compreende 43 estrofes e conta a história de uma menina órfã abandonada, uma filha da natureza que se deixa cativar por um jovem americano

impetuoso “das verdes savanas”. Esse rapaz se vê incapaz de escapar da sedução de um passado de liberdade errante e até certo ponto dissoluto, e a abandona no momento em que estavam a ponto de iniciar uma nova vida juntos. Ela perde o juízo e é atirada na prisão, da qual finalmente consegue escapar para viver uma vida errante de pedinte, tocando uma flauta, dormindo ao relento e envelhecendo depressa. Montague imaginou que o rascunho na primeira pessoa do conhecido poema por ter sido escrito por Wordsworth em Goslar, na Alemanha, em 1799, poderia refletir um episódio na vida do poeta sobre o qual ele guardaria uma certa ambivalência - o namoro com Annette Vallon, na França, em 1791. Com Annette, ele teve uma filha ilegítima, Caroline, mas foi obrigado a abandoná-la para não ser capturado na França à época da Revolução. t)e acordo com Montague, embora a conduta de Wordsworth seja bem compreensível, geralmente se considera que esse caso amoroso na juventude - ele tinha 21 anos e Annette um pouco mais - afetou-o profundamente.

Montague nos contou que *Ruth* não é um poema muito conhecido. Durante as pesquisas que fez, ele descobriu que esse poema não é incluído na maioria das antologias de Wordsworth. Antes que tivesse tempo de conferir o texto de todas as principais edições do poema, ele compareceu a uma nova sessão com o grupo em 18 de novembro, sendo informado por Robin Foy de que a equipe apresentara a data de 1800 em relação ao poema. Aquela altura, Montague ainda estava tentando descobrir se havia alguma versão publicada de *Ruth* que contivesse as estrofes em primeira pessoa e, caso isso se confirmasse, que importância poderia se atribuir a essa troca de pessoa do verbo.

Para dar uma ideia de como a equipe respondeu aos problemas de Montague, vamos citar um trecho da transcrição da sessão de 18 de novembro. É interessante notar que os comentários de Edwin não foram precedidos por nenhuma referência às dúvidas de Montague:

Edwin: *Agora recentemente, devo dizer 1800? Essa é uma pergunta que precisa ser respondida. Sr. Keen, o senhor tem algum problema em sua mente com relação a data de 1800. Por que está preocupado com isso?*

Montague: *Porque a versão autorizada de Ruth de Wordsworth data de 1799, o ano em que se encontrava em Goslar, na Alemanha, escrevendo alguns poemas líricos. Parece difícil imaginar que ele*

tenha produzido uma versão anterior desse poema depois da original aparentemente ter sido escrita. Sem dúvida deve haver uma confusão no caso.

Edwin: *Parece haver mesmo. Tudo o que eu sei - e pode ser que esteja enganado - é que não devemos nos preocupar ou angustiar demais. Eu devo... sim... obrigado, vou lhe dizer o que me contaram. Houve uma primeira edição desse poema, ao que entendo, e uma segunda edição. Eu acho - não considere essa informação como cem por cento correta, mas o que eu acho que houve uma confusão... esses textos que vocês têm são meramente vibrações, no entanto, como vocês sabem, sentimentos e lembranças de alterações que foram feitas na primeira edição e depois foram acrescentados novos versos, e isso eu acredito que foi feito. O que vocês testemunharam foi escrito em 1799 também. Algo que não foi publicado, apenas uma parte, mas ele achou que faltava alguma coisa. Existe uma determinada mudança, bem, uma mudança grande, que não podemos expressar a vocês - uma grande emoção - e uma grande parte foi mudada. Não estou em condições de explicar. Vocês têm algo que é extremamente interessante e é pouco provável que consigam encontrar. Mas devem. Ficariam maravilhados se o fizessem. Acredito que se trate de algo incomum. Não sei como eu poderia ajudar. Nós ajudamos quando podemos, mesmo que se trate apenas de pistas, mas não tenho o privilégio de saber como, mas essa coisa realmente existe. Ela estava na família até alguns anos atrás. Agora não está mais. Talvez esteja... não sei o que acontece com essas coisas. Será que isso ajuda?*

Montague: Isso ajuda enormemente.

O filme Kodachrome de 18 de novembro continha o que mais tarde se descobriu fazer parte da estrofe faltante número 23, com alguns versos mal colocados e confusos:

Para Ruth 1880

So was it then (??) and so is now
For Ruth! with thee I know not how
I feel my spirit burn

Nor less to feed unhallow'd thought
The beauteous forms of Nature wrought
Nor less to feed unhallow'd thought
And Stately wanted not their share

Fair trees and lovely flowers
The breezes their own languor lent
The stars had feelings which they sent
Into those magic bowers

Logo ficou claro a Montague que a sequência das edições era vital. Assim ele voltou à British Library e encontrou o *Ruth* que fora publicado pela primeira vez, em 1800, entre uma coleção das *Baladas Líricas*, e os versos em questão encontravam-se na terceira pessoa. Mas em 1802, ele descobriu, apareceu uma edição revisada em que os versos citados estavam colocados na primeira pessoa e correspondiam aos textos nos dois filmes.

Os pesquisadores consideraram altamente improvável que os integrantes do GES tivessem conhecimento dessas questões, especialmente porque Wordsworth mudara de ideia depois de 1802 e revertera, em todas as edições subsequentes, para a terceira pessoa. Montague considerou que era justo dizer que a nota de rodapé no compêndio de Brett e Jones (*Lyrical Ballads*, Methuen, 1963) menciona a inclusão de diversos versos novos ou corrigidos na edição de 1802, mas nem eles, nem nenhuma outra autoridade que ele consultou, prestara atenção à importância da alteração gramatical ou às suas possíveis implicações autobiográficas.

Montague descobriu que, depois da edição de 1802, Wordsworth recuperou grande parte do texto original, juntamente com essa parte da narrativa, mas a edição seguinte, de 1805, incluía uma nova estrofe:

But wherefor speak of this? for now
Sweet Ruth! with thee I know not how;
I feel my spirit bum -
Even as the east when day comes forth;
And to the west and south, and north
The morning doth return.

No primeiro filme de *Ruth*, há os versos:

The workings of my heart.
For *Ruth!* with thee I know

No segundo filme de *Ruth*, novamente no lugar errado, como se, nas palavras de Montague, “o poeta ou a mente do escritor estivesse divagando”, encontram-se os versos:

For *Ruth!* with thee I know not how
I feel my spirit burn

As pesquisas de Montague revelaram que o último verso citado acima desaparecia de todas as edições subsequentes. Então o que temos, na opinião de Montague, são em essência alguns sentimentos pessoais muito emotivos, a maioria dos quais aparecem apenas na edição de 1802 e que são encontrados em um ou outro dos dois filmes.

Montague levou alguns meses para chegar aos documentos originais. Primeiro ele foi a Dove Cottage, no Lake District, onde Wordsworth vivia com a esposa e a irmã Dorothy. Foi Dorothy quem fez a maior parte das cópias e transcrições dos poemas do irmão. A caligrafia dele era horrível, ao passo que a dela era perfeitamente nítida. Montague logo descobriu, a partir de registros detalhados que ela mantinha em seu diário, que Dorothy enviara pelo correio aos editores a prova de impressão da edição de 1800 das *Baladas Líricas*, que incluem *Ruth*, com todas as correções requeridas para a nova edição de 1802. Ela manteve a cópia do autor consigo. A data da postagem era de 7 ou 8 de março de 1802, que viria a ser muito importante no contexto das alterações feitas em *Ruth*.

Então Montague entrou em contato com o atual chefe da família, o professor Jonathan Wordsworth, para perguntar se ele sabia que o acontecera com a cópia da prova corrigida por Dorothy. Montague lembrava-se de que Edwin lhe dissera: “Ela estava na família até alguns anos atrás. Agora não está mais”. O professor Wordsworth confirmou que fora vendida num leilão da casa Christie’s por seu tio, Matthew, em 1965. O manuscrito fora adquirido por alguém que dera o maior lance no leilão e que representava a Biblioteca Beinecke de Livros e Manuscritos Raros da Universidade de Yale, nos EUA.

Montague explicou por que ele atribuiu tanta importância à data em que foram feitas aquelas mudanças, embora admitisse que nem todos os seus colegas estivessem de acordo. Fora naquela época que Wordsworth planejava visitar a ex-namorada francesa, Annette Vallon, e a filha deles, quem ele nunca vira. Houvera um armistício temporário na guerra com a França e milhares de ingleses estavam planejando viajar ao continente pela primeira vez em dez anos. Wordsworth devia estar ansioso, especialmente porque estava pensando em contar a Annette que estava prestes a se casar com outra. Conforme disse Montague:

E à luz dessas emoções que podemos começar a ver por que os comunicadores espirituais disseram que havia “alguma emoção envolvida”, e eu não acho que seja muito forçado especular que colocar essas palavras confessionais na primeira pessoa do singular de alguma forma refletia a luta interior de Wordsworth entre o prazer carnal, ou até mesmo a luxúria, e o espírito do amor nobre.

Montague nos contou que o manuscrito original de *Ruth* ficara guardado na Biblioteca Beinecke de Livros e Manuscritos Raros por aproximadamente 35 anos. O índice Catálogo da Biblioteca de Yale apresenta essa prova de impressão como “inteiramente anotada com correções no manuscrito por William e Dorothy Wordsworth e uma pessoa não identificada na preparação para a edição de 1802”.

O bibliotecário de Beinecke enviou uma fotocópia a Montague de todas as mudanças introduzidas em *Ruth*. Fomos convidados a comparar essa cópia com os dois filmes de *Ruth* recebidos em Scoble (veja Figuras 42 e 43).

“Observem os primeiros dois ou três versos”, disse Montague:

Verão que existe uma semelhança muito grande na caligrafia. Determinados traços deixam claro que quem quer que cu o que quer que tenha transmitido ou criado essas imagens nos filmes deve ou ter visto o original ou ter uma imagem clara dele na mente, uma vez que as correções e outras anotações são as mesmas. É claro que a palavra riscada não aparece na edição impressa. Ela só aparece aqui na prova de revisão - e no filme - como um erro.

Perguntamos se a caligrafia no filme poderia ser de Dorothy Wordsworth. Montague respondeu que havia um consenso geral de que era a escrita da irmã de Wordsworth nas correções do original de *Ruth*, mas de que havia algumas pequenas diferenças estilísticas, na formação de determinadas letras maiúsculas, entre o filme e a versão original. Isso lança alguma dúvida sobre se foi realmente a Dorothy morta quem reproduziu a sua própria caligrafia no filme. Além disso, embora houvesse as letras “WW” no primeiro filme, os pesquisadores não podiam pressupor que se tratasse da assinatura autêntica porque a equipe sempre dizia que os nomes nos filmes não eram necessariamente assinaturas, nem uma indicação do autor das imagens. O que parecia era uma “impressão do pensamento” do autor das imagens. No entanto, a escrita era *muito semelhante* à de Dorothy. Pareceu a Montague que isso poderia bem representar um esforço para imprimir um recordação visual, ainda que confusa, no filme. Daí os versos colocados em lugar errado, os fragmentos incompletos, a estranha repetição. Para Montague, a impressão transmitida pela equipe era a de que o próprio espírito de Wordsworth estaria transmitindo as imagens. Quem sabe o poeta tivesse apenas uma lembrança da caligrafia da irmã?

Os pesquisadores consideraram com todo o cuidado a questão de se os escritos nos filmes poderiam ter sido feitos sem o conhecimento tanto do texto quanto da caligrafia do original. A opinião expressa por Montague era de que “A indicação mais importante no caso era a semelhança entre os cortes feitos no manuscrito e nos textos dos filmes. A luz desse fato, a resposta a essa pergunta deve com certeza ser ‘não’”.

A natureza extraordinária dessa prova requeria que os pesquisadores examinassem a probabilidade de que poderia haver uma explicação normal, ou seja, de que ambos os filmes eram falsos. Poderiam dizer, com certeza absoluta, que as correções no manuscrito nunca foram vistas pelo grupo de Scole e que nenhum deles sabia da sua existência?

Montague acredita que seria necessário um conhecimento muito especializado sobre Wordsworth para saber da existência do documento original. Ele disse que mesmo eruditos profissionais pareciam não ter conhecimento dessa possível importância autobiográfica. Além da cópia de Yale do manuscrito original, a única outra fora feita em microfilme pela Kodak - sob as ordens da Câmara do Comércio inglesa - para ser guardada na British Library, onde está disponível para o estudo por alunos credenciados. Ele verificou esse texto no projetor de microfilmes na British

Library e descobriu que a caligrafia era “fraca e extremamente difícil de ler, que dirá de copiar, especialmente o primeiro verso”. Algumas das palavras no final dos versos mais longos estão quase ilegíveis “sem dúvida por causa de quase dois séculos de manuseio do manuscrito”.

A única outra fonte de informações possível para o grupo de Scoble, Montague descobriu, era o catálogo de vendas da Christie's, que reproduzia a página em que apareciam as correções no manuscrito vistas nos dois filmes. Montague considera que um catálogo com trinta anos de idade, sem nenhum valor de mercado, seja uma fonte improvável, especialmente porque não há nada nele indicando que as correções sejam de alguma importância especial. Não obstante, por hipótese, ele não podia absolutamente descartar essa suposição.

A referência à data de 1880 acima introduz outro aspecto fascinante à investigação. A data escrita em *Ruth 2* era 1880. Wordsworth morreu em 1850. Montague originalmente considerara que a data de 1880 fora colocada erroneamente em lugar de 1800 mas, quando questionara um dos comunicadores da equipe espiritual, disseram-lhe que não se tratava de erro. As pesquisas subsequentes de Montague descobriram diversas ligações entre Wordsworth e Myers, cuja biografia de Wordsworth foi publicada originalmente em 1880, a data no filme. Ambos tinham ligações pessoais com a família Marshall e sua casa em Hallsteads no Lake District. Esse fora o lugar onde Annie Marshall se apaixonara por Myers, passara horas na companhia dele e depois cometera suicídio. Assim, tanto Wordsworth quanto Myers, por motivos diferentes, tinham dores de consciência quanto ao resultado de seus amores de juventude. Montague concluiu seu relato dizendo: “No entanto, essa é apenas a minha interpretação. Outros colegas poderão discordar”.

Na verdade, o *Relatório Scoble* registra que o professor Fontana considerou que não havia provas suficientes para atribuir algum envolvimento paranormal a Wordsworth. Montague nos contou que o professor Fontana também observou que uma vez que Wordsworth trata exaustivamente de seu caso com Annette em *Vaudracour and Julia*, escrito em 1805, se fosse Wordsworth a comunicar era de se esperar muito mais que ele se referisse àquele poema em lugar de *Ruth*, um poema que podia muito bem ser considerado obscuro uma vez que não é nem mesmo mencionado em muitos dos manuais de estudo.

Portanto, era o próprio Wordsworth, sua irmã Dorothy, seu biógrafo Myers ou algum outro comunicador que havia transmitido as mensagens sobre *Ruth* nos dois filmes? Talvez nunca venhamos a saber.

As diferenças de opinião sobre todos os aspectos desses filmes, sua autenticidade e significado são discutidos com algum detalhe no *Relatório Scole* e sem dúvida outras irão surgir à medida que essas informações controvertidas, que parecem dar suporte à hipótese da sobrevivência, tomarem-se mais amplamente conhecidas.

Considerando as descobertas dos diversos pesquisadores, é de esperar que haja objeções em muitos níveis e de muitos quadrantes. Já existem cientistas que estão questionando a maneira como foram reunidas as provas e a certeza dos resultados. Isso faz parte do processo científico normal.

A acumulação de conhecimento visando a estabelecer verdades universalmente aceitas sempre progrediu pela eliminação de explicações alternativas. Sem o “não convencido até prova em contrário”, teríamos progredido apenas a metade em direção à verdade real das coisas.

Dito isso, faríamos todos bem ao lembrar que alguns dos mais importantes avanços na história foram conseguidos pela incompreensão, hostilidade e ceticismo desvirtuado. Albert Einstein chegou a mudar uma das suas equações para atender à pressão dos seus pares, que diziam que o que ele propunha era impossível. Mais do que três quartos de um século depois, novas evidências do estudo da taxa a que as galáxias estão se separando sugere que o grande homem possivelmente estava certo. A partir dessa constatação poderíamos talvez concordar todos em que as críticas razoáveis, construtivas, são boas, embora as objeções baseadas na emoção, medo, sistema de crenças existente ou dogmas não são.

Montague terminou seu relato fascinante nos contando sobre algumas das mais inesquecíveis sessões durante a pesquisa científica.

Durante as sessões, Montague tinha um bloco de anotações e tomava notas à mão. Numa ocasião, um aparentemente novo integrante da equipe perguntou sobre o que Montague estava fazendo ao tomar notas e se isso era permitido. O grupo garantiu ao novo integrante da equipe que estava tudo certo. Então ele disse que Montague estava fazendo a maior confusão com aquilo. Depois que as luzes se acenderam, Montague descobriu que o integrante da equipe estava certo. Ele se esquecera de virar a página e escrevera sobre o que já havia anotado.

Durante outra sessão experimental, em 17 de janeiro de 1997, a equipe espiritual disse que o seu departamento fotográfico fora capaz de alcançar alguns bons resultados a respeito do trabalho que fora chamado de “filme do Dragão”. Um dos símbolos no filme costuma ser considerado como um acrônimo hebreu, como indicavam os pontos acima das letras, de uma palavra significando o nome do Senhor (veja Figura 23). Na tradição hebraica, essa palavra nunca pode ser pronunciada. Montague recordou-se de uma conversa em 5 de março de 1997:

Eu disse à equipe que o uso de determinados símbolos alquímicos ou herméticos para transmitir mensagens poderia criar a impressão de que os pesquisadores estavam sendo remetidos de volta aos mistérios ocultos do medievalismo dos quais a ciência esclarecida estava tentando fugir. Eu ia sugerir que essas mensagens poderiam parecer estranhas aos que estivessem procurando mensagens de boa vontade criadas para elevar a consciência espiritual da humanidade e assim por diante, quando, numa rara exibição de impaciência, a sra. Bradshaw me interrompeu: “Então uma palavra significando Deus numa mensagem em um filme não é boa o bastante para quem quer que seja?”.

Nota

6. "Chegará a hora em que a Terra não poderá mais manter,/Sem se cansar, a sua jornada de um ano através das profundezas;/Ou melhor, quando todos os planetas, sugados e arrastados de uma vez/Alimentarem o seu solitário sol então revigorado./Ou melhor, quando todos os sóis que brilham, arremessados em conjunto,/Se espatifarem em um mundo infinito e sem vida./Ainda que tu perdures, todos os demais mundos passarão/Arrastados pelo nada com o seu mestre da alma;/Em todo o redemoinho eterno, o movimento cósmico;/Tudo o que é eterno é como ela;/Ela vai resistir, e ressuscitar, e viver finalmente,/ Quando todas as almas salvas tiverem perecido no passado. ” (N. do T.)

CAPÍTULO DEZ - Filosofia Espiritual

“Eu não vou viver para sempre, porque nós não vivemos para sempre, porque, se fosse o caso de vivermos para sempre, então viveríamos para sempre, mas nós não podemos viver para sempre, e é por isso que eu não vou viver para sempre.”

Miss Alabama, durante o concurso de Miss Estados Unidos de 1994

Podemos sorrir ante essa tentativa de resposta à pergunta: “Se pudesse, você viveria para sempre e por quê?”, resposta essa feita por uma jovem inesperadamente pressionada a falar filosoficamente no meio de um concurso de beleza televisionado. Mas será que todos nós realmente nos sairíamos melhor ante perguntas tão importantes? Se há uma coisa que o Experimento Scoble faz é colocar as pessoas na posição de pensar sobre a sua própria perspectiva de vida, de morte e a possibilidade da sobrevivência.

A equipe espiritual apresentou informações sobre conceitos muito importantes, contribuindo para as evidências da sobrevivência da consciência além da morte corporal. Ao longo do tempo, o grupo considerou a equipe de comunicadores regulares como amigos verdadeiros e fiéis, que além disso eram gentis, amorosos, harmoniosos e confiáveis. Se anunciassem que iriam produzir um determinado fenômeno, então eles iam em frente e tentavam alcançar exatamente o que haviam prometido. Havia também uma turma de auxiliares por trás da cena, constantemente trabalhando duro nos bastidores durante cada sessão experimental, cada um com as suas tarefas específicas para cumprir. No entanto, esses seres não eram “comunicadores indicados” e assim os integrantes do grupo nunca tomaram conhecimento da sua identidade.

A exemplo de centenas de participantes humanos do Experimento Scoble, os comunicadores espirituais também tinham diferentes características, personalidades e pontos de vista. Talvez a principal diferença entre os

espíritos e os humanos fosse que os integrantes da equipe diziam que cada um deles era um de “muitas mentes”, todos trabalhando juntos para o bem comum.

Aparentemente, cada pessoa humana também é uma dentre muitas mentes na Criação. A diferença entre nós e os seres espirituais é que nós estamos revestidos pela forma física por um breve período de tempo para ter determinadas experiências que não seriam possíveis na forma de espírito. Quando a experiência acaba, descartamos o veículo... e vamos para a nossa casa.

Uma vez que poucos de nós estão convencidos de que temos essa casa para a qual ir, a equipe estava trabalhando para provar a sobrevivência de modo que com esse conhecimento possamos mudar a maneira como vivemos a nossa breve vida. A ideia por trás dos esforços da equipe parecem ser que, se soubéssemos o que virá a seguir, poderia ser que começássemos a cooperar mais uns com os outros *desde já*.

Mas por que trabalhar em conjunto quando todos parecemos ser separados e ter interesses diferentes? As “muitas mentes” da equipe espiritual disseram que, uma vez que somos todos partes individuais de uma Mente Única, faria sentido se contribuíssemos para o progresso do todo, do qual cada um somos uma parte.

Por outro lado, essa unidade final não impossibilita a escolha pela nossa própria experiência individual. Uma questão muito interessante levantada durante os experimentos foi que cada mente individual tinha total liberdade de escolha em relação ao conteúdo da mensagem que enviava durante as sessões. Portanto a reunião de muitas mentes humanas e desencarnadas nem sempre era controlável e previsível.

Isso levou a algumas dificuldades para os humanos envolvidos. Por exemplo, os cientistas do lado terreno podem ter pedido uma explicação definitiva sobre alguns problemas científicos não resolvidos, mas em seu lugar receberam uma mensagem sobre amor e Deus. E claro que se trata de uma questão de ponto de vista quanto a quais dessas é a mais importante. A equipe disse que ambas são importantes, daí a introdução e a promoção da “ciência espiritual”.

Muitas mudanças ocorreram no transcorrer do Experimento Scole. Não só os fenômenos se desenvolveram rapidamente, mas houve também súbitas mudanças nas personalidades de muitos dos guias e auxiliares. O grupo comentou conosco:

Durante um certo período de tempo, viemos a conhecer e a amar a nossa equipe espiritual ao ponto de quase considerá-los como uma “extensão familiar”. Nos primeiros dias, alguns deles comunicavam-se de uma maneira muito natural, realista. Seu senso de humor e de divertimento ajudou a cooperar para formar uma união harmoniosa e carinhosa dentro do grupo. Mas à medida que os meses passavam, e os maravilhosos fenômenos aconteciam, percebemos diversas mudanças sutis nesses amigos espirituais. Eles começaram a conversar sobre o trabalho num nível diferente. Eles ainda mantinham alguns dos seus traços de personalidade que chegamos a conhecer tão bem, mas pareciam estar transmitindo mais mensagens espirituais.

As personalidades que criaram esse “mundo dentro de um mundo” eram os integrantes da equipe espiritual. Eles eram personagens reais que não haviam perdido a sua personalidade individual só porque haviam passado à forma espiritual. O trabalho realizado durante o Experimento Scole pretendia mostrar que *todos* somos seres espirituais e que cada um de nós sobrevive à morte corporal. Os fenômenos supranormais físicos são uma forma de comunicação, uma interação ou “comunhão” entre aqueles de nós que estão vivendo uma vida física no momento nesta Terra e personalidades sobreviventes que viveram uma vida semelhante à nossa, mas no momento têm a vantagem adicional de ter atravessado a transição que chamamos morte.

Um ponto interessante foi levantado quanto à personalidade dos cientistas espirituais, que explicaram que as personalidades são “às vezes agrupadas”, como o conceito de alma grupal. Com o desenvolvimento superior houve menos ligação à personalidade individual, enquanto ocorria uma espécie de processo de fusão.

O grupo de Scole em si também mudou durante o transcorrer dos experimentos:

Obtivemos uma compreensão maior a respeito das muitas coisas que testemunhamos e vivenciamos. Gostaríamos de pensar que cada um de nós tornou-se mais consciente espiritualmente e mais tolerante em relação aos outros ao nosso redor.

Manu falou ao grupo a respeito desse assunto:

O trabalho de você com a equipe espiritual em Scole os capacita a cumprir a sua própria vida predestinada no mundo. Vocês estão experimentando a presença, as personalidades e as energias dos integrantes da equipe espiritual como parte do seu próprio plano de vida individual. No entanto, também é o caso de que cada integrante da equipe espiritual está vivenciando ao mesmo tempo as suas próprias presenças, personalidades e energias. Isso ajuda cada integrante da equipe a cumprir o próprio crescimento espiritual predestinado.

“Como vocês podem imaginar”, observa Robin, “esses foram pensamentos interessantes para termos sempre em mente”.

Assim parece que a ciência espiritual não trata apenas de provas e evidências científicas da sobrevivência, mas também de construção do caráter e do desenvolvimento de novas maneiras de pensar, de ser e de viver o mundo. Conforme o grupo explicou:

Muitas vezes tendemos a esquecer exatamente por que estamos reunidos em grupo. Não se trata apenas de conseguir manifestações físicas, por mais maravilhosas que pareçam, mas também para abrir o nosso coração e nossa mente à verdade ao tomarmos consciência do nosso verdadeiro ser, para lembrar que somos espíritos e para nos lembrarmos de que cada um de nós traz dentro de si aquela centelha de divindade que nos une e nos torna parte da grande unidade.

Desde o início, durante o Experimento Scole, a equipe comentou sobre muitos assuntos. Durante uma sessão, “um caso especialmente feliz”, Manu fez alguns comentários interessantes durante o seu costumeiro sermão introdutório:

Nos momentos antes de caírem no sono todas as noites, gostaríamos que vocês todos pedissem mentalmente para se ligara “Harmonia Universal” durante o estado de sono. Isso vai lhes permitir a todos se reunir em grupo durante o descanso noturno, permitindo assim que o trabalho continue enquanto dormem. A concordância com

esse pedido simples também vai ajudá-los em sua meditação durante o dia.

Os integrantes do grupo iniciaram essa prática e ela realmente se mostrou muito positiva em suas vidas, tanto que eles sempre a recomendavam a outros que desejavam desenvolver a própria harmonia em grupo e a espiritualidade individual.

Em outro encontro do grupo a maior parte dos fenômenos noturnos foi de luzes espirituais orientadas. A equipe espiritual criou um objeto voador, “que parecia em todos os sentidos com um sino ou uma casquinha de sorvete em forma de cone”. Ninguém do grupo fazia ideia do que se tratava, mas Joseph disse que havia milhões deles no mundo espiritual, crescendo nos campos. Eles não existiam no nosso mundo daquela maneira e assim não havia um nome que pudesse caracterizá-los.

Então Sandra perguntou: “Seria possível no futuro energizar agrupamentos de cristais no grupo de Scole e enviá-los a outros grupos experimentais para lhes dar um ‘ponto de partida’ com os seus próprios fenômenos concretos?”.

“Essa pode vir a ser uma possibilidade”, concordou o comunicador espiritual. Em seguida ele disse que a cura seria uma parte muito ampla e importante do trabalho do grupo de Scole e da New Spiritual Science Foundation. Esse trabalho poderia acabar envolvendo “o envio de cristais energizados a pacientes”.

Quando Manu falava no início de cada sessão experimental, assumindo o papel de primeiro comunicador, ele sempre dedicava algumas palavras de aconselhamento aos presentes. Ele continuava orientando sobre o trabalho individual e em grupo, e tentava explicar algo sobre vibração, que é aparentemente vital para os grupos envolvidos com a tecnologia espiritual baseada em energia:

Cada um de vocês está vibrando no espaço. A própria cadeira que estão ocupando está vibrando e assim também a sala. Tudo é vibração e a sua própria vibração é afetada pelos seus pensamentos.

Tenham cuidado com os seus pensamentos e sentimentos quando vierem fazer este trabalho. Digam aos outros que desejam trabalhar dessa maneira para deixar de lado os pensamentos e preocupações

do dia-a-dia e reunir-se no grupo com uma atitude mental desimpedida e feliz. Quanto mais estiverem em harmonia, mais fácil será a união, o equilíbrio e a sintonia das energias para o trabalho. Cada um de vocês faz parte de todos os que vivem e respiram, uma parte do próprio planeta. Quando elevam a sua consciência, vocês elevam as dos outros, pois existe uma ligação espiritual que nos une a todos. A sua consciência pode se estender e levar a esperança a muitos outros.

Saibam que muito é alcançado dessa maneira, tanto que vocês nunca vão tomar conhecimento, mas saibam que é assim. Os seus pensamentos e energias de amor são usados mais sabiamente por aqueles em espírito que se unem a vocês. Tenham visão, sejam tocados por dentro e se esforcem para ter um coração e uma mente em perfeito equilíbrio.

Manu falou muitas vezes sobre pensamentos positivos, enfatizando o quanto eles são essenciais. O pensamento é muito importante nesta e em outras dimensões. Cada pensamento é “uma criação causal”, uma “coisa viva”, com consequências tanto materiais quanto não materiais. Portanto, é essencial que todos “pensemos com cuidado” sempre. Ele explicou que as nossas mentes todas fazem parte da Mente Única Universal e cada um dos nossos pensamentos contribui para o todo maior.

Juntamente com a sabedoria espiritual de Manu, o grupo geralmente recebia contribuições anônimas de integrantes da equipe espiritual. A informação não era menos profunda por causa disso. As vezes, esses comunicadores falavam sobre um dos assuntos mais difíceis com que a nossa mente se deparava, ou seja, o conceito de tempo e espaço nas dimensões espirituais.

O grupo uma vez perguntou a um dos cientistas espirituais se o tempo existia para ele. “Não”, foi a resposta enfática. “Só existe o agora. O homem inventou o tempo como vocês conhecem na sua existência. Ele é uma percepção do mundo terrestre, a mente consciente”.

Sentindo que era difícil para o grupo entender o assunto, outro dos comunicadores espirituais deu outro exemplo. O grupo foi informado de que durante uma meditação muito profunda ou uma experiência de saída fora do corpo, o tempo do relógio deixa de existir. Pode parecer à pessoa envolvida que ela esteve fora por muito tempo, mas o relógio pode ter registrado que toda a experiência durou apenas alguns minutos. Durante

esses momentos em que ela esteve mentalmente fora, suas sensações e a sua experiência geralmente foram semelhantes às de viver numa dimensão espiritual.

Da mesma maneira, assim como os seres espirituais podem criar verdadeiras mudanças ao seu redor com o uso do pensamento, também é possível que se possa obter, durante a meditação, uma “calma” especial ou momento “criativo”, quando há um alinhamento com a Fonte da Criação. Esse momento pode ser usado para a cura pessoal, entre outras coisas. Os seres espirituais são mais conscientes de estar “alinhados” de maneira constante e usam essa sensibilidade para ser criativos de diversas maneiras. Outra pergunta que o grupo fez era relativa ao processo de pensamento entre o povo espiritual. Será que eles pensavam da mesma maneira que nós ou de maneira muito diferente? Foi explicado que os humanos na maioria da vezes pensa em bloco e basicamente numa linguagem particular. Ao passar a espírito, depois de um período de ajuste, talvez até mesmo de incerteza, a pessoa pára de pensar dessa maneira. Tudo muda conforme as pessoas passam a fazer progressos no sentido de pensar mais “cooperativa”. Essa maneira de pensar não é física ou material; é uma “percepção” inconsciente.

Embora viva num corpo físico, a mente inconsciente não tem conhecimento do tempo, mas algumas pessoas podem questionar se o tempo ainda existe, uma vez que ele continua a passar no que se refere à mente consciente. A mente física é fortemente programada nesse sentido, a ponto de ser difícil para a maioria de nós até mesmo acreditar que realmente existe um lugar onde todos são capazes de entender os outros dessa maneira. Embora fosse difícil para ela explicar o aparentemente inexplicável, a equipe espiritual em Scole tentou da melhor maneira possível ajudar o grupo a entender melhor o seu mundo.

O dr. Hans Schaer fez diversas perguntas à equipe sobre o mundo espiritual quando o grupo de Scole conduziu algumas sessões em sua casa de veraneio na ilha de Ibiza:

O que acontece quando morremos? Nós encontramos os nossos entes queridos? Lá existem casas ou qualquer coisa parecida com o que temos na Terra?

Em geral, a maioria das pessoas passa por um momento de ajuste, um momento de confusão. O que aconteceu comigo? Quando chega

a hora, você se encontra num lugar confortável ou familiar. Você será confortado pelos entes queridos se desejar.

Esse é um mundo muito real para aqueles que nele habitam. Existem flores e campos etc. Não somos capazes de fazer-lhe justiça descrevendo-o com meras palavras. Trata-se de um mundo de beleza em que você pode viver por muitos, muitos anos terrestres. O tempo não é uma realidade, portanto não há pressa!

As pessoas que você ama podem sentir-se muito felizes com essa existência mas se, por exemplo, você alcança uma compreensão espiritual maior, então pode ser possível ajudá-los e juntos vocês podem explorar outras áreas de existência e seguir em frente. Depende muito das suas necessidades, da vida que você levou e do seu eu espiritual.

E possível encontrar outros que estão num nível superior?

Sim, é possível. Geralmente, você pode se encontrar na presença de um mestre. Há muitas reuniões em torno desses grandes mestres. Você pode ser guiado para um lugar e lá absorver conhecimento, em vez de ouvir, só por estar na presença deles.

Alguns dizem aos outros o que fazer no mundo espiritual?

Não, mas você pode ser orientado e aconselhado.

Cada um de nós tem um propósito específico em estar aqui? Temos de cumprir uma tarefa ou obrigação?

Não exatamente. Você tem de vir para a Terra para a experiência. Existem algumas exceções que vêm para cumprir uma determinada tarefa, mas a maioria das pessoas vem para a experiência e para ganhar espiritualidade com a vida.

Quando um padrão se repete na sua vida e você diz: “Oh, não, de novo!”, então você deve observar o que está acontecendo e descobrir a lição que esse padrão encerra. Quando as pessoas começam uma busca espiritual e têm um despertar espiritual, elas começam a observar lentamente que estão evoluindo como pessoas e seus padrões normais de pensamento mudam á medida que elas seguem o seu caminho espiritual. Infelizmente, a maioria da humanidade não está progredindo bem espiritualmente. As pessoas

não estão muito conscientes. Mas determinadas energias que estão vindo para a Terra vão ajudar a mudar isso. As pessoas que estão conscientes prestarão um grande serviço em ajudar para que essa energia seja usada para um bem maior para humanidade. Quando a humanidade tomar-se consciente espiritualmente, então ela entenderá que existe mais na sua vida na Terra do que se pode ver com os olhos.

Existe um lado negativo que luta contra essa energia muito positiva? Não. É o homem em sua ignorância que causa problemas. Se o homem vive a sua vida sem aspirar á consciência espiritual, ele vive na ignorância. A ignorância alimenta a negatividade e os pensamentos negativos criam uma força negativa como, de maneira semelhante, o pensamento positivo cria uma força positiva, portanto temos de atuar sobre as forças negativas. Não, contudo, naquelas fora do homem, mas naquelas dentro do homem.

O que os seres espirituais fazem com o seu tempo? Eles têm tarefas e responsabilidades?

Sim, todos temos algo afazer. Não caiam na armadilha de pensar que temos uma grande quantidade de tempo em nossas mãos. O tempo não existe da maneira como vocês o conhecem. Todos fazem algo, mas não num sentido físico. Você não pode, literalmente, trabalhar. Trata-se mais de um mundo mental do que físico. Mas como você se conduz por sua conta é mais real do que durante a vida na Terra, não como num sonho ou algo vago. E mais real do que vocês podem imaginar.

Vocês podem tocar música? [O dr. Schaer é um músico de jazz bastante aplicado.]

Sim. Mas não da mesma maneira como no seu mundo material, com o turbilhão mental e a prática contínua, mas num instante você pode se expressar pela música com o mesmo prazer e profundidade. Você também pode agir em conjunto com outros. Alguém pode dizer: “Experimente fazer assim”, e você acha isso muito mais fácil do que pensava. Não existe limitação na música, como vocês têm no

mundo físico. Você tem uma total liberdade de expressar o seu eu verdadeiro na música.

Os Registros Akáshicos existem e podemos ter acesso a eles? E verdadeiro dizer que muitas informações são armazenadas em outros planos e esferas. Mas, novamente, talvez não tanto quanto vocês são levados a acreditar. Alguns dos registros são acessíveis aos seres superiores. Também existem alguns na Terra que alegam ter acesso a eles, mas eu não sei se isso é verdade.

Temos mais oportunidade de nos desenvolver espiritualmente quando passamos ao mundo espiritual?

Sim, só que “oportunidade” é a palavra errada. O objetivo global é que cada alma obtenha conhecimento e se aproxime da luz. Existem várias maneiras á escolha para obter ajuda e alcançar esse objetivo.

Lembrem-se, também, de que agora mesmo vocês também são um espírito, só que acontece de estarem alojados num corpo; assim, é importante que, enquanto estiverem, de fato, tendo uma vida nesse corpo físico, usem a experiência para evoluir espiritualmente.

Vocês têm de baixar o seu nível vibratório natural para entrar em contato conosco? É possível para nós aumentar o nosso com a mesma finalidade?

E. Ao fazer isso, existe a necessidade de que a própria consciência da pessoa se eleve e se expanda. Determinadas condições, que podem ocorrer durante o estado do sono, tomam isso possível, mas isso requer algum treinamento e muita disciplina.

Também existem colunas de energia no mundo que partem da Terra para os planos espirituais. Elas podem ajudar a sua consciência pessoal a se comunicar com o nosso mundo.

Sendo o seu estado natural o de espírito, portanto quando vocês vêm para o plano espiritual é como chegar em casa. Essa é a nossa compreensão, mas o “amor” é a palavra especial que faz tudo acontecer.

Sobre o assunto dos “estados vibratórios”, a equipe explicou que até mesmo o termo “vibrações” não é rigorosamente exato, mas é o mais aproximado que temos da verdade. Existem também as “frequências ultraelevadas”, tão elevadas que são inaudíveis e invisíveis, no presente momento ainda incomensuráveis pelos humanos. A medida que avança o conhecimento humano, toma-se possível desenvolver aparelhos para medir essas vibrações - e assim vislumbrar outros mundos -, mas as informações obtidas por esse meio ainda serão limitadas. A equipe disse que o processo como um todo vai requerer o envolvimento da física, bioquímica, eletrônica, eletromagnetismo e outros campos muito técnicos. Mas a perspectiva é de um longo caminho a partir de agora. Em primeiro lugar, devemos abrir o coração e a mente para a ciência espiritual.

Aparentemente, uma energia muito especial está sendo enviada à Terra no presente como parte de um plano divino para tomar os homens mais conscientes espiritualmente. O objetivo final é ajudar a todos nós a transformarmos este mundo físico para melhor.

Durante uma sessão experimental em fevereiro de 1996, Manu falou sobre as esperanças da equipe espiritual. Ele disse que eles queriam trazer a todos na Terra uma maior compreensão de quem e o que realmente somos - nossos aspectos físico, mental e, mais importante ainda, espiritual.

A equipe queria mostrar que temos uma força criativa interior e que, se usada com sabedoria, pode transformar não só a nossa própria vida, como o mundo ao nosso redor.

Umás duas semanas depois, no início da primeira de duas sessões especiais em grupo realizadas para receber as informações para serem utilizadas no folheto *Basic Guide* (Guia Básico), Manu continuou o seu tema:

Que ocasião alegre é esta noite! Pois eu espero que vocês sintam, como nós sentimos, a elevação dos nossos mundos para ir atingir muitas mentes em muitas partes do mundo. Todos aqueles que desejam trabalhar com o espírito dessa nova maneira, que os procuram em busca de orientação, receberão essas palavras. Não de maneira direta, talvez, mas oportunamente. E vocês nos procuram para lhes dar as palavras. Que equipe esplêndida nós somos! Um não pode fazer nada sem o outro. E nós gostamos do que vocês fazem, exatamente como vocês apreciam o que fazemos, e assim deve ser, uma cooperação entre mundos, um com o outro,

para a realização de todos, para a sabedoria de todos e para a ampliação do conhecimento de todos.

Desejamos ampliar o pensamento de todos sobre isso, conforme vocês sabem. E assim esperamos que as palavras que vocês receberão sejam esclarecedoras e úteis aos outros. Não podemos ditar palavra por palavra, então haverá momentos em que vocês terão de usar a sua mente também, para assegurar que a linguagem seja compreensível. Mas vamos lhes dar as partes importantes, as partes que devem ser incluídas para dar um quadro completo do que deve ocorrer para atingir os resultados que as pessoas estão buscando.

Não pretendo falar muito, uma vez que tenho de criar uma atmosfera com a energia esta noite, uma atmosfera especial em que as palavras possam fluir livremente. Essas palavras serão transmitidas com sabedoria e com muita reflexão por trás delas. Pois eu sei que existem aqueles em meu mundo que estão refletindo profundamente sobre esse assunto e querem acertar, assim como vocês.

A segunda e final sessão especial para a preparação do folheto educativo foi conduzida pouco tempo depois. Mais uma vez, Manu preparou o cenário para os outros comunicadores espirituais: “Vocês sabem, num grande local antigo, foram escritas estas palavras na entrada: ‘Conhece-te a Ti Mesmo’. Isso, é claro, não significa o eu físico, mas o eu verdadeiro, o eu espiritual. E é isso que devemos ajudar os outros a descobrirem a respeito de si mesmos. Devemos ajudar as pessoas a saber realmente que são seres espirituais, seres que brilham no interior do corpo...”

Em outra sessão que foi conduzida na presença de alguns eminentes cientistas, os comentários de abertura de Manu foram igualmente profundos:

Muitas pessoas lhes dirão que vocês estão desperdiçando o seu tempo em experimentos como este. Vocês sabem que existem aqueles que dizem isso, é claro, mas isso não é verdade. Por si mesmo, é importante estar sentado aqui vendo o que podemos fazer e ouvindo as nossas palavras, mas em combinação com as energias que estão

vindo para a Terra haverá um grande despertar de muitas maneiras. O que estamos fazendo é parte desse plano.

Existem energias cósmicas pulsantes que estão vindo para a Terra o tempo todo. Tudo está mudando, nada permanece como está. Neste momento da sua evolução, o homem está pronto para receber essas energias e tudo o mais pelo que ansia. Assim devemos dar a ele a chuva revigorante de conhecimento para que ele possa beber dessas águas, para que ele possa conhecer a seu eu espiritual... pois apenas dessa maneira o homem irá mudar.

Não se pode atingir o homem num nível físico e mental e fazê-lo entender, mas quando se dirige a ele no nível espiritual, a questão é diferente. Em primeiro lugar, devemos buscar a perspectiva humana mais elevada e depois descer ao nível da sua vida cotidiana e das escolhas que ele faz. Apenas dessa maneira a mudança poderá ocorrer.

Numa outra sessão, Manu alimentou o grupo com mais matéria para reflexão sobre as mudanças que estavam acontecendo na Terra no momento e a parte que eles como indivíduos teriam de desempenhar nesses acontecimentos. Ele falou sobre o fato de que eles estavam destinados a viver nessa época, trazendo as energias dos tempos antigos com eles, e como essas energia forma um circuito perfeito - a energia vinda para Terra e a energia retomando de volta. Da mesma maneira, os cristais eram usados para armazenar energia pronta para ser desperta pelos iniciados que retomariam quando chegasse o momento. O momento havia chegado.

Na sessão seguinte, Manu continuou a falar sobre os sons e vibrações terrestres:

A última vez que conversamos, eu lhes falei sobre muitos lugares subterrâneos e é bom que tomem consciência disso, porque determinadas pessoas terão grande interesse nas vibrações sonoras da Terra. Muitos buscarão esses locais antigos e farão registro (assim como vocês) com gravadores.

E como se houvesse uma canção para os habitantes da Terra vinda do fundo da própria Terra. São essas vibrações que vão nos ajudar em nossa busca para elevar a humanidade a um nível de

consciência superior, uma consciência unificada elevada que levará o homem cada vez mais alto em sua própria perspectiva de vida.

Neste momento da evolução humana, como vocês sabem, é com o centro do coração que se está trabalhando. Essa época em que vocês vivem que está fazendo com que o centro do coração seja ativado. Isso acontece a pessoas que estejam trabalhando nisso ou não. As que estão trabalhando conscientemente nessas questões espirituais, como grupos como o seu, podem ajudar os outros que não têm consciência. Vocês irão ajudar a trazer essa consciência.

Nós falamos antes sobre pessoas que vêm aqui com um equilíbrio entre coração e mente. A mente - o intelecto - não é suficiente. O coração tem de participar em uníssono com a mente. Se as pessoas estão trabalhando com o coração e estão abertas a todo o amor que circula por elas, então, desse ponto de vista, tudo feito com amor, e elas vão descobrir que não podem prejudicar ninguém. E por isso que esse centro é tão importante nessa época da humanidade.

No fim das suas sessões experimentais, quando vocês começarem o exercício de cura, vocês e outros grupos abrem-se para esse poder convergente do amor. Ao pensar nas pessoas desta Terra, e na própria Terra em si, vocês estarão ajudando a ativar essas antigas vibrações que estão vindo para cá neste momento. O momento é oportuno para que isso aconteça.

Havia mais informações a serem transmitidas por intermédio da sra. Bradshaw:

Acho que seria interessante que Robin falasse a respeito de sons e sobre como, na época dos egípcios, eles tinham um grande conhecimento dos sons. Eles os usavam para a cura, mas também tinham o conhecimento de como ligar as vibrações sonoras com a arte da construção. Isso é algo que foi totalmente perdido ao longo dos séculos, tanto que praticamente desapareceu da consciência humana. Talvez não completamente, contudo - ele deve estar registrado em algum lugar lá no fundo, mas não está evidente como deveria estar neste momento.

Vocês mesmos reconhecem a ligação com as vibrações sonoras e a destruição. Todos sabemos o que acontece quando um cantor de ópera entoia uma nota numa certa vibração. O vidro se parte, não é? Bem, aconteceu o mesmo com os muros de Jericó, vocês sabem!

Exatamente a mesma vibração sonora foi emitida e seguiu-se a destruição. Mas o que se perdeu ainda mais foi a arte da construção usando o som. As pessoas se preocupam com o lado da destruição e têm uma compreensão razoável de como isso pode acontecer. E o conhecimento da fusão com o som que se perdeu, mas eu acho que esse círculo vai se fechar outra vez, como no que diz respeito a tantas outras coisas...

Na verdade, conheço alguém que está trabalhando nesse assunto agora mesmo. Bem, como vocês sabem, eu realmente me importo e gosto de saber o que está acontecendo hoje no mundo. Alguém certamente está trabalhando nesse assunto. Um cientista. Não sei o nome dele, e isso realmente não importa, mas com certeza esse conceito penetrou na consciência dele. Por uma influência exterior, vocês entendem. Ela virá com certeza.

Manu constantemente recordava ao grupo a importância vital de manter a receptividade. Ele explicou que o grupo não teria sido contatado se não estivesse aberto a experiências antes de mais nada. Parte do objetivo deles era mostrar às pessoas a importância de abrir o coração e a mente à possibilidade de todos os tipos de comunicações de muitos tipos de comunicadores, trazendo o poder do amor com eles, e então sua vida iria verdadeiramente ser enriquecida. A razão para esses acontecimentos que estavam ocorrendo no momento era que as pessoas estavam buscando respostas além do que era oferecido a elas no nosso mundo.

O grupo comentou:

A nossa compreensão do que Manu nos contou é que a humanidade está enviando, consciente ou inconscientemente, um sinal pedindo ajuda para o nosso mundo por algum tempo e que muitos seres amorosos ouviram o nosso pedido. Eles estão agora vindo em resposta ao nosso pedido para nos ajudar de qualquer maneira que lhes seja possível. Parece que as muitas dimensões estão unidas com o fio comum do amor. Esse amor transcende todas as outras coisas. E que noção verdadeiramente maravilhosa é essa.

CAPÍTULO ONZE – O Futuro

“Absorvam a energia dentro de vocês; tornem-se seres brilhantes e depois enviem a luz para outros.”

Manu

OGES, por intermédio da New Spiritual Science Foundation, tem compartilhado suas descobertas e experiências com grupos ao redor do mundo desde algum tempo. Depois da publicação da primeira edição do *Spiritual Scientist* em dezembro de 1994, logo apareceram assinantes da Austrália, Bélgica, Canadá, Egito, Finlândia, Alemanha, Hong Kong, Itália, Luxemburgo, Nova Zelândia, Suíça e Estados Unidos, assim como, é claro, da Grã-Bretanha. Hoje em dia, o *Spiritual Scientist* também é encontrado em alemão e existem planos para a tradução francesa.

A primeira viagem experimental do grupo para o exterior ocorreu em outubro de 1995, antes do início da pesquisa científica. Conforme mencionado anteriormente, o dr. Hans Schaer, que se unira ao grupo para uma sessão experimental em Scole algumas semanas antes, tinha convidado a todos para ir a Ibiza para passar uma semana com ele em sua casa de veraneio, uma casa de fazenda no interior da ilha. Pouco antes da partida do grupo, Manu os instruiu a levar um jogo de sinos e disse que a equipe estava estudando a possibilidade de usar outro recipiente em vez do domo para concentrar as energias criativas, eliminando com isso a necessidade de levar um domo de vidro num avião:

Vamos concentrar a energia criativa e fundi-la no porão de Scole primeiro, mesmo com o grupo fisicamente no exterior. Depois vamos transferir a energia para o local em Ibiza, onde ela será usada para realizar os fenômenos desejados...

Existem duas opções para a sua viagem ao exterior. A primeira é que levem o domo menor (o minidomo) com vocês. Essa, porém, não é a alternativa que preferimos. A segunda, é possível que possamos usar um agrupamento de cristais na mesa central em Ibiza.

Poderíamos concentrar a energia necessária para as nossas necessidades operacionais nesse cristal. Essa seria a opção preferida. O cristal energizado poderia então ser usado em todas as ocasiões no futuro, quando vocês viajarem para o exterior. A equipe espiritual em breve trará um agrupamento de cristais de quartzo adequado para vocês. Quando ele chegar, coloquem-no na mesa central de modo que possamos energizá-lo para uso futuro.

A sra. Bradshaw também confirmou a essa altura que seria aceitável o grupo incluir quatro convidados (três da Austrália e um da Nova Zelândia) na sessão planejada para alguns dias mais tarde. As demonstrações do trabalho a delegações estrangeiras também estariam sendo planejadas. A equipe acertara recentemente que o grupo poderia conduzir um seminário e uma sessão experimental durante todo um dia para o grupo alemão de Dieter Wierowski durante o mês de novembro. Está claro que já havia interesse internacional no Experimento Scole.

Na sessão seguinte, Manu apareceu em primeiro lugar, como sempre, e depois retomou mais tarde com o agrupamento de cristal de quartzo prometido. Esse cristal ficaria sendo conhecido como o “cristal de viagem”. O cristal aportado chegou sem ruído, o que era bastante incomum, uma vez que a maioria dos aportes recebidos pelo grupo, até mesmo os mais minúsculos, caía fazendo um som parecido com “plop”. O cristal de viagem, no entanto, foi colocado cuidadosamente sobre a mesa. Manu disse que grande parte da energia disponível naquela sessão fora usada para “energizar” o cristal para as viagens futuras. As vibrações dele haviam sido sincronizadas com as condições energéticas em Scole e isso, portanto, deveria oferecer as condições adequadas em qualquer lugar do mundo. O agrupamento de cristais era lindo, com uma espécie de caverna intema em uma extremidade. Obviamente, ele fora escolhido com cuidado por Manu.

A sessão para convidados de 22 de setembro, em que o grupo recebeu David e Patricia Hayes e Gordon Hewitt, da Austrália, juntamente com Meg Simpson, da Nova Zelândia, foi excelente. Manu expressou o desejo da equipe espiritual de que ele pudesse contar para o mundo sobre o trabalho quando voltassem para casa.

O primeiro experimento do grupo fora de Scole ocorreu na casa de veraneio em Ibiza do dr. Hans Schaer. Localizada nas encostas de uma vale fértil arborizado, a casa centenária era dotada de paredes externas de pedra

maciça de mais de 30 centímetros de espessura, remanescente das paredes de uma fortaleza. O dr. Schaer estava convencido de que a equipe não poderia falsificar nada em sua casa. As sessões ocorreram na sala de estar principal, um aposento enorme e confortável, que, de acordo com o grupo, apresentava uma atmosfera deliciosa. A equipe espiritual explicou que, por sua natureza inerentemente rochosa, a ilha tinha diversas colunas da energia especial necessária para a produção dos fenômenos supranormais objetivos no novo estilo. Na verdade, uma coluna especialmente grande, com cerca de 6 metros de diâmetro, situava-se nas proximidades da casa.

Seja por isso ou por outro motivo, as duas sessões experimentais produziram diversos fenômenos, incluindo luzes espirituais, toques de espíritos e formas espirituais sólidas. O cordão de sinos, pendurado em uma das vigas bem altas da sala, tocou diversas vezes e a equipe também demonstrou a levitação controlada tanto da bolinha de tênis de mesa quanto do cubo de madeira balsa. A certa altura ouviram-se as duas portas externas muito sólidas da sala serem batidas pela equipe espiritual. O grupo havia presenciado esse fenômeno no porão de Scole, portanto ninguém ficou alarmado. O dr. Schaer, por outro lado, pensou na hora que se tratasse de alguém tentando invadir a propriedade!

A certo ponto, a sra. Bradshaw anunciou:

Está aqui presente o espírito de uma senhora. Ela morou nesta casa por volta do ano de 1883. Era uma pessoa muito religiosa na época e ainda está muito ligada á casa. O gato dela também está presente. A senhora está um pouco confusa pela presença da equipe espiritual de Scole na casa dela”, de modo que a equipe está tomando todo o cuidado para respeitar os desejos dela em relação à propriedade.

Na segunda sessão, porém, o espírito dessa senhora estava um pouco mais confiante. De acordo com a equipe, ela chegou até mesmo a se interessar pelos procedimentos.

O espírito da senhora não era o único curioso com o trabalho do Experimento Scole. Na volta de Ibiza, o grupo teve de se preparar para o seminário a ser realizado em breve com os 22 enviados alemães. Esse seminário ocorreu no domingo, 26 de novembro de 1995. Os visitantes eram liderados por Dieter Wierowski. Ele e a esposa, Conny, publicavam um jornal intitulado *Die Andere Realität* (A Realidade Exterior). Poucos

dentre os visitantes dominavam o idioma inglês, então Karin Schnittger concordou em atuar como intérprete naquele dia.

Pela manhã, o grupo apresentou uma série de palestras, que incluíram uma apresentação de *slides* das fotografias recebidas. Isso despertou muito interesse. Em seguida, depois do almoço e de outra palestra abrangendo todos os fenômenos concretos que puderam ser presenciados, os visitantes desceram para a Toca de Scole para uma sessão experimental.

Essa sessão foi uma das maiores que o grupo jamais ofereceu. Havia 28 pessoas presentes ao todo, congestionando o espaço. No entanto, isso não impediu que os fenômenos acontecessem. No evento, a sessão revelou-se como uma das mais animadas além do que todos esperavam. Os visitantes foram brindados com uma série de fenômenos: luzes, toques, cutucões, batidas, tapinhas e mensagens comprobatórias.

“Uma vez mais”, observou Robin, “temos de admitir que a equipe espiritual nunca nos decepcionou em nenhuma ‘sessão experimental’. Era como se eles conseguissem eliminar os bloqueios quando precisavam.”

Para muitos visitantes, era a primeira vez na vida que testemunhavam fenômenos paranormais concretos. Depois de tudo, ficou claro que o dia todo fora um grande sucesso. Foi então que surgiu a ideia de publicar uma versão regular em alemão do *Spiritual Scientist*. Karin Schnittger se ofereceu para a fazer a tradução.

No verão de 1996, o grupo fez mais progressos internacionais, com outra visita a Ibiza a convite do dr. Hans Schaer, e depois em março de 1997 eles se preparavam para viajar a Los Angeles. Montague Keen os acompanhou na viagem. Ele esperava conseguir uma sessão experimental de Scole para os cientistas e pesquisadores da região de San Francisco. Também queria comparar os experimentos de Scole com os do exterior.

Nos Estados Unidos, o grupo foi recepcionado pelo seu anfitrião, Brian Hurst, um médium bastante conhecido naquele país. Eles recordam:

Brian gastou bastante tempo e dinheiro convertendo a sua espaçosa garagem num salão adequado para as nossas sessões experimentais. Compareceram todos os tipos de pessoas interessantes - Kathryn Grayson, estrela de Showboat e Desert Song, e Jay North, ex-astro do seriado de TV americano Dennis the Menace. Também recebemos a visita do dr. Steven Ross, que chefia uma fundação internacional de pesquisas para a busca de tratamentos alternativos

para muitas doenças. As pessoas que compareceram às sessões mostraram-se muito interessadas e entusiasmadas. Os intervalos entre os diversos tipos de fenômenos que eram produzidos pela equipe espiritual eram recheados de aplausos e exclamações espontâneas e em coro de “Uau!”, “Formidável!” e “Perfeito!”.

Além dos fenômenos “normais”, o ponto alto da primeira sessão foi a levitação inesperada da mesa central. Nas outras sessões nos Estados Unidos, o grupo providenciou para que fossem colocadas tiras luminosas tanto embaixo quanto em cima da mesa, para que as pessoas pudessem acompanhar os seus movimentos com clareza.

Os fenômenos observados na primeira sessão experimental estabeleceram o padrão das sessões restantes. Um fenômeno inteiramente novo foi quando a mesa central levitou, depois virou de lado e girou como um carrossel, sem que um só cristal caísse. Mais de uma vez, os participantes sentiram as luzes espirituais realmente entrar em seu corpo. As pessoas receberam cura espiritual dessa maneira. Os visitantes tiveram fitas enfiadas de brincadeira em suas meias. Animais espirituais como gatos e cães estiveram presentes - diversas pessoas sentiram as patas dos animais, a pele e a cauda enquanto eles caminhavam pelo aposento.

Brian Hurst comentou:

Posso confirmar que as luzes realmente entraram no corpo de diversas pessoas presentes. Tricia Loar, que sofria de gota e outras lesões no joelho, sentiu uma luz entrar em seu joelho e num pé. Ela disse que sentiu cócegas no pé enquanto percebia a luz mover-se por dentro. A dor no joelho desapareceu no dia seguinte. O clínico geral dr. Ulf Israelsson também compareceu à sessão. Ele expressou uma opinião muito positiva em relação à experiência.

Considerando o fato de que esses fenômenos baseados em energia nunca haviam sido demonstrados nos Estados Unidos, eles foram recebidos com um interesse, uma compreensão e um entusiasmo excepcionais por todos que os testemunharam. Deve-se dar o devido crédito ao grupo que trabalhou bastante, e com tanto bom humor, para que muitos americanos pudessem presenciar essa prova da sobrevivência e a realidade de uma dimensão espiritual. Aqui eles

são lembrados com carinho e assombro, e todos perguntam: “Quando será que vão voltar?”.

George Dalzell é um clínico licenciado do serviço público que tem o grau de mestre em trabalho social. Ele mora em Hollywood e é autor de *The Blue Angel: A True History* (em fase de publicação), um livro que trata da autenticidade da mediunidade.

PONTOS DE VISTA - George Dalzell

Em 7 de abril de 1997, compareci a uma demonstração do GES na garagem fechada da casa do médium Brian Hurst, na Califórnia. Hurst foi o mentor do mundialmente famoso médium James Van Praagh, autor de livros muito difundidos como *Talking to Heaven* e *Reaching to Heaven*.

Meu interesse em participar da demonstração do grupo de Scole teve origem na pesquisa da aplicação da mediunidade como uma espécie de ajuda ao sofrimento com a perda de um ente querido. O sentido dessa pesquisa é que a prova da vida após a morte pode minimizar a duração e a intensidade do processo de luto.

Na garagem às escuras, vinte participantes viram-se diante de uma série de fenômenos físicos extraordinários. Uma mesa no centro da sala ergueu-se do chão e virou de lado, enquanto cristais e diversos objetos em cima dela misteriosamente continuaram no lugar, parecendo desafiar a gravidade. As pessoas começaram a relatar que mãos invisíveis se materializavam e tocavam e acariciavam as suas mãos.

De repente, o aposento começou a se encher de luzes espirituais que podem ser descritas em relação ao seu tamanho e aparência como lembrando vagalumes com iluminação constante. As vezes, essas luzes azuladas pairavam na frente dos espectadores e outras vezes elas atravessavam o chão e pareciam subir pela mesa no centro da sala e voar até as vigas do teto da garagem.

Ocorreu-me que se o fenômeno luminoso estivesse sendo facilitado por uma equipe invisível de cientistas espirituais, como o grupo de Robin Foy afirmava, então talvez eu pudesse me comunicar com um desses cientistas diretamente e em silêncio pelo pensamento. Dessa maneira, eu poderia testar a autenticidade dos fenômenos de Scole sem o conhecimento do grupo e dos vinte participantes. *Eu levantei as mãos no escuro e pensei:*

Toque a minha mão direita. Enviem uma luz para a minha mão direita se puderem meu ouvir Agora.

Depois disso, uma luz voou por cima da cabeça dos espectadores e do grupo de Scole e tocou o dedo indicador da minha mão direita. Fiquei incrédulo. Eu sentia *fisicamente* aquela luz me tocar e via claramente que não se tratava de um cordão de fibra óptica nem uma projeção luminosa, mas uma esfera independente de luz azulada de origem indeterminada. Chamei a atenção do grupo para esse evento na hora e isso ficou documentado nas fitas de propriedade tanto de Hurst quanto do grupo de Scole.

Logo depois disso, a sra. Bradshaw perguntou se poderia transmitir informações de um espírito masculino que queria falar comigo. Pedi que ela continuasse e o estonteante diálogo resultante foi uma outra prova pelo contato com o espírito do meu amigo, Michael Keller. A sra. Bradshaw transmitiu informações detalhadas desconhecidas de Brian Hurst e de todos os demais participantes e fiquei sem a menor dúvida sobre a autenticidade do diálogo.

Basta dizer que a minha relação com o grupo de Scole transformou o valor da minha vida de limitadas percepções da noite para o dia. Não é sempre que o ponto de vista de alguém muda em tão pouco tempo; o fato mais observado é que a mudança ocorre gradualmente.

O grupo passou três semanas trabalhando na Califórnia e demonstrou os resultados das experiências a cerca de 200 pessoas em nove sessões diferentes. Uma característica especial dessas sessões foi a grande quantidade de evidências pessoais da sobrevivência distribuídas principalmente através de Emily e Edwin. As provas de sobrevivência não só foram abundantes como também se mostraram extremamente exatas. Talvez se devesse observar que ninguém do grupo de Scole conhecia os visitantes além de Brian Hurst, que eles haviam encontrado uma vez antes quando ele participara de uma sessão na “Toca de Scole”.

Assim como os integrantes do público, os participantes numa sessão de “cientistas” incluiu um número de cientista da agência espacial NASA e outros do Institute of Noetic Sciences próximo a San Francisco, e também representantes da Universidade de Stanford.

Na sessão científica, os cientistas da NASA e outros compareceram num grupo de quinze. Curiosamente, alguns dos astrofísicos mais tarde formaram um grupo separado. O grupo de Scole não sabia de antemão quem iria comparecer à sessão de cientistas, nem mesmo onde ela seria

realizada. Montague Keen deliberadamente não contou a eles onde seria a sessão de modo que não poderiam ser acusados de preparar o local. Vinte e quatro horas antes da sessão, ele telefonou para dar o endereço de modo que o grupo pudesse planejar como chegar lá. Mais tarde eles vieram a saber que o próprio Montague não conhecia o local até o final daquele dia, uma vez que o local fora mudado para assegurar que o grupo tivesse um espaço que fosse completamente escuro. Conforme o grupo explicou:

O lugar era no alto de uma montanha! A estrada era inacreditável. Fomos num carro alugado e a estrada era estreita e de um lado havia um despenhadeiro. Foi uma viagem de arrepiar os cabelos. Quando chegamos para a sessão, não fomos apresentados a ninguém pelo nome. Embora nos dirigissem sorrisos e “Ois”, não nos deram nenhuma dica de quem eram aquelas pessoas. Fomos levados para um salão embaixo da casa onde nos disseram para nos prepararmos para o experimento. O salão espaçoso era ideal, sendo incrustado na pedra embaixo da casa. Depois os cientistas entraram e vistoriaram o local antes de começarmos.

Foi uma boa demonstração. Tivemos um índio americano materializado durante a sessão. Ele fez uma dança tribal e cantou. Então os tambores começaram a tocar. E eles estavam na parede, por trás e acima do sofá cheio de cientistas, cerca de 3 metros de onde estávamos sentados.

Todos os presentes concordaram que os integrantes do grupo não poderiam ter alcançado os tambores nem que quisessem. Toda a sala estava cheia de pessoas e a equipe espiritual chamou alguns corretamente por seus nomes, embora o grupo não tivesse sido apresentado a essas pessoas. A sra. Bradshaw e Edwin apareceram para contar aos presentes que a região era um antigo local sagrado dos índios americanos. As pessoas que viveram ali muitos anos antes tinham conhecimento das energias espirituais e terrestres, e estavam influenciando a sessão.

Outra das sessões americanas contou com a presença do médium James Van Praagh, que escrevera o famoso livro *Talking to Heaven* (Piatkus, 1999). “James entrou na sessão um tanto cético”, relatou o grupo, “e ele inspecionou a sala à procura de aparelhos, etc. Ele e os outros que fizeram a inspeção admitiram depois que esperavam encontrar alguma coisa embaixo

das cadeiras. Ficaram impressionados não só pelos fenômenos mas também pelo amor que foi criado na sala. James disse que podia ‘senti-lo’”.

Logo depois dessa viagem, o grupo foi convidado para demonstrar o seu trabalho em vários locais ao redor da Europa, incluindo a Suíça, a Irlanda, a Holanda e a Alemanha. No início de maio de 1997, eles deram uma palestra e uma demonstração de *slides* na filial de Zurique da Sociedade de Parapsicologia da Suíça (SPS). Embora essa reunião tivesse sido anunciada apenas para os filiados, quase noventa pessoas compareceram. A essa sessão seguiu-se uma apresentação parecida na filial de St. Gall da SPS, onde os integrantes do grupo foram convidados do dr. Hans-Peter Stiider, e na Basileia, onde se reuniram com o dr. Theo Locher, um pesquisador da paranormalidade desde os anos 1950. O dr. Locher comentou que nunca vira nada parecido em todos os seus quarenta anos de pesquisas.

“Nós realmente tivemos a sensação de que essas viagens ao exterior eram para levar adiante a nossa mensagem, para fazer as pessoas pensarem”, comentou Alan.

Robin fez uma palestra no Congresso PSI-Tage na Suíça em novembro de 1997. Disseram-lhe que cerca de 100-150 pessoas compareceriam, uma vez que o trabalho era pouco conhecido por lá. A cada manhã ele mantinha uma “sessão de balizamento” que permitia que os oradores dessem uma “amostra” de dez minutos sobre o seu assunto para os dois mil participantes. Depois disso, cerca de 600 pessoas queriam comparecer para ouvir sobre o Experimento Scole e eles tiveram de encontrar um salão maior.

Na conferência do PSI-Tage, Robin conheceu o dr. Andreas Liptay-Wagner, um homem encarregado do funcionamento da principal sociedade de pesquisas paranormais da Hungria, que foi fundada em 1871. Como resultado, Robin foi convidado para discursar num congresso em Budapeste. Ao chegar lá, ele conheceu o dr. Pal Kurthy, secretário da Sociedade de Pesquisas Paranormais da Hungria, “um senhor de uns 90 anos que aparentava muito menos idade, algo que ele conseguira com a prática diária de ioga. Ele tinha uma vasta experiência com os fenômenos paranormais e ouvi-lo era muito interessante”. No dia seguinte, Robin fez uma palestra para 250 pessoas no moderno centro de conferências reservado para o evento pela sociedade húngara. Conforme ele se lembrou, o Experimento Scole foi muito bem recebido:

Houve muito interesse nos nossos experimentos em vídeo e o que apareceu durante esses experimentos. A equipe espiritual havia previsto que haveria imagens de seres interdimensionais na televisão durante 1998. Não fazíamos ideia de como isso poderia acontecer até acontecer na Hungria. Houve tanto interesse que eles mostraram “Blue” em cadeia nacional de televisão.

O interesse realmente parecia estar aumentando. De volta a casa, o grupo manteve contato com as relações internacionais pela Internet, pelo *Spiritual Scientist* e pelo fascículo *A Basic Guide*. Outros grupos também foram auxiliados pelo fascículo e em meados de 1998 muitas centenas de cópias foram editadas mundialmente. O *A Basic Guide* foi publicado tanto em inglês quanto em alemão. Também foi traduzido para o holandês e o francês, embora ainda não seja publicado nesses idiomas. Uma tradução húngara deve sair em futuro próximo.

Sandra comentou:

Nós pensamos que se apenas dez por cento dos grupos que adquiriram o *Basic Guide* tivessem sucesso na produção de fenômenos, seria um número importante de grupos em vários países, todos fornecendo provas de que esse novo fenômeno é verdadeiro. Alguns grupos chegaram a ter sucesso na Grã-Bretanha, Estados Unidos, Irlanda, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Alemanha, Suíça, Finlândia, Flolanda e Hungria. Também houve interesse recentemente no Japão.

Um grupo tendo sucesso nos seus experimentos é interessante, mas se, digamos, cem grupos fizessem a mesma coisa, isso realmente seria um passo adiante para convencer o mundo de que a sobrevivência é uma realidade.

A essa altura, pensávamos que seria construtivo convidar o nosso próprio time de pesquisadores para conhecer o grupo de Scole para uma visão independente. Com isso em mente, providenciamos um encontro para sábado, 26 de setembro de 1998. A “equipe de pesquisas” era constituída por Harry Oldfield, biólogo, médico e inventor de sistemas de produção de imagens por energia e métodos de tratamento eletrônicos utilizando cristais, o professor Michael Laughton, especialista em engenharia elétrica da Universidade de Londres, Peter William, que tivera formação de químico mas se tomara editor de jornais e livros de um amplo espectro científico, Joanne Sawicki, ex-chefe de Desenvolvimento de Programação na Sky

Television e produtora independente de cinema e televisão, e o nosso agente literário, Roger Houghton, da Lucas Alexander Whitley.

Durante um dia muito interessante em Street Farmhouse nos mostraram um grande número de fotografias, *slides* e vídeos que o grupo acumulara durante o Experimento Scoble. Também demonstraram as provas de comunicação em áudio recolhidas com e sem o receptor de germânio e nos mostraram como prepararam todos os seus experimentos com os microfones, termômetros, câmeras de vídeo, câmeras fotográficas, filmes, domos, cristais orientados como bússolas, espelhos, medidores de fluxo de ar e assim por diante na Toca de Scoble. A certa altura eles demonstraram a total escuridão que podia ser conseguida nesse laboratório subterrâneo.

No final do dia, o grupo nos recordou que o sentido todo do trabalho era provar a realidade da sobrevivência para toda a humanidade, de uma vez por todas. Com essa finalidade eles continuavam a apresentar os indícios e as provas a públicos em todo o mundo. A equipe recentemente declarara que a prova logo seria apresentada pela televisão e pelo cinema.

Joanne Sawicki achou esse aspecto interessante uma vez que devia viajar para a França para um festival de cinema alguns dias depois da reunião em Scoble. Pouco tempo depois, ela nos contou que decidira apresentar o Experimento Scoble a diversas empresas de cinema. Quando voltou, ela entrou em contato com Roger com detalhes de todas as empresas de televisão que haviam mostrado interesse no grupo. Uma rede americana de televisão dissera que de todas as centenas de projetos que haviam visto, o Experimento Scoble era o mais interessante.

Assim, começara o movimento para obter mais publicidade para o trabalho do grupo.

Não apenas isso, mas haviam sido planejadas mais pesquisas. O professor Laughton estava interessado em fazer perguntas à equipe espiritual sobre um circuito, atualmente em domínio público, que fora desenvolvido por um inventor alemão na década de 1930 e que exibira um comportamento estranho. Enquanto isso, Harry Oldfield e alguns colegas planejaram iniciar experimentos semelhantes. Assim, parecia que pesquisadores sérios estavam preparados para no mínimo estar receptivos ao que acontecia em Scoble.

Consideramos tudo isso uma indicação de que o experimento merecia ser estudado. Então, na noite de segunda-feira, 23 de novembro de 1998, uns cinco anos depois do início do Experimento Scoble, Robin nos telefonou:

Tenho notícias inquietantes. A equipe nos contou que temos de interromper as operações com efeito imediato. Uma personalidade do futuro está interferindo com a porta interdimensional toda vez que a abrimos. Ele está fazendo experiência com uma sonda de tempo cristalina e os motivos dele não são inteiramente benéficos. A equipe fez esforços para superar esse problema, chegando ao ponto de consultar especialistas em tempo e espaço em outras esferas. Não conseguiram nada e assim estão sob pressão para fechar a passagem. Todo o trabalho vai ser interrompido por enquanto.

Vamos mandar um fax. É uma declaração do que vamos fazer aos assinantes do nosso jornal e a outros que acompanham o nosso trabalho. Falaremos com vocês novamente depois que tiverem a oportunidade de ler a declaração.

Alguns segundos depois, os sinais característicos e familiares no computador indicaram a chegada do fax:

Declaração do Grupo Experimental Scole

Conforme alguns de vocês já devem saber, temos sofrido consideráveis interferências durante as nossas sessões experimentais ao longo dos últimos meses. A origem dessa interferência era, até recentemente, desconhecida, e foi durante algum tempo o assunto de muitas preocupações e discussões entre nós.

Agora estamos inteiramente informados com relação à situação adversa que surgiu como resultado dessa interferência, e uma vez que o resultado irá afetar muitos de vocês que estão envolvidos com o nosso trabalho por um longo período de tempo, infelizmente devemos passar adiante essas informações. Achamos que devemos ser totalmente honestos com os nossos amigos neste momento, embora seja extremamente doloroso para nós relatar o que tem acontecido.

Descobrimos que o resultado das nossas quatro energias unidas, acrescidas à natureza do trabalho audacioso e pioneiro que vimos fazendo na ciência espiritual, causou problemas no espaço-tempo relacionados a uma passagem interdimensional que foi criada pelos nossos experimentos.

Um resultado dessa passagem ter sido criada foi que ela permitiu que o trabalho prosseguisse rapidamente, permitindo assim que diversas energias espirituais viessem para a Terra nesse período para ajudar a elevar a consciência espiritual humana.

No entanto, o vórtice de energias dentro dessa passagem também atraiu pesquisadores, do futuro, que foram (são? serão?) atraídos para o que estávamos fazendo. Foram a interação entre os experimentos deles e a passagem que causaram graves interferências no nosso trabalho. Como resultado disso, a equipe descobriu uma dificuldade cada vez maior em se comunicar conosco durante as nossas sessões experimentais.

Durante uma breve comunicação final conosco, os integrantes da nossa equipe espiritual de Scole sugeriram entrar em contato com personalidades de outra dimensão que, com o seu conhecimento especializado de tempo e espaço, estariam em melhor posição para avaliar a situação e quem sabe ajudar.

Depois de diversas comunicações incríveis, visuais e vocais, que vieram de um ser erudito dessa outra dimensão ficou evidente que as dificuldades não poderiam ser superadas.

Fomos informados que, uma vez que a interferência era contrária às leis rigorosas de tempo e espaço, não seria permitido continuar. Esperávamos que os integrantes da equipe de seres de outras dimensões que estavam trabalhando conosco encontrassem uma solução, mas essa nossa crença não se confirmou. Ficou evidente que a única opção prática seria o pedido deles para a nossa cooperação: teríamos de interromper todas as sessões experimentais imediatamente e evitar a abertura da passagem.

Isso, é claro, a princípio era impensável. Mas depois de muita discussão e exames de consciência, compreendemos que não havia outra opção a não ser concordar. Conhecíamos a nossa “equipe” havia anos e trabalhamos com confiança sob a sua carinhosa orientação - portanto entendemos que todas as outras possibilidades devem ter sido tentadas e falharam antes de nos fazerem esse pedido.

Aqueles que estão mais envolvidos com o nosso trabalho em Scole vão entender como essas notícias são desastrosas para nós. Como pessoas e como grupo, é difícil colocar em palavras os nossos sentimentos. Já estamos sentindo a falta dos nossos amigos da equipe e a perda parece irreparável no momento.

No entanto, a equipe disse que só quando as nossas quatro energias alcançam a comunhão espiritual é que essa interferência do futuro ocorre, criando assim uma situação que pode ter consequências imprevisíveis. Daí todos os experimentos envolvendo nós quatro juntos foram paralisados conforme solicitado.

Embora os “elos” de comunicação com a nossa equipe não existam mais, nós achamos que devemos continuar com os nossos esforços para levar a “mensagem” deles ao conhecimento do mundo. Portanto, consideramos esses acontecimentos aqui descritos como uma oportunidade para avançar, ainda que o nosso trabalho não possa ser realizada nos moldes anteriores.

Começamos novos experimentos com computadores e gravadores como duas duplas em vez de um grupo de quatro e esperamos que com o tempo isso dê resultados.

Fomos informados de que, uma vez que essa situação ameaçadora afeta apenas o GES, é inteiramente seguro que outros grupos experimentais com base na energia continuem o seu trabalho. Pretendemos continuar os nossos esforços para ajudar outros grupos a criar fenômenos semelhantes aos que conseguimos no passado.

A New Spiritual Science Foundation sempre esteve separada do nosso grupo. Essa organização prestará os seus serviços como sempre pretendeu, ajudando os interessados em desenvolver fenômenos físicos a alcançar os seus objetivos.

Essa decisão difícil que tivemos de tomar irá, nós sabemos, ter muitas repercussões, assim como tivemos diversos projetos inconclusos em processo. Desnecessário dizer, até onde é humanamente possível, que tentaremos ajudar a todos da maneira que for possível.

Essas eram realmente notícias devastadoras. Ficamos totalmente arrasados - e sem saber exatamente o que fazer. De alguma forma, mesmo à luz das outras evidências de Scole, essa informação sobre a “interferência do futuro” parecia um desafio à mente racional. E quais implicações ela teria para a disseminação da mensagem da equipe espiritual e das pesquisas planejadas?

Logo soubemos que Montague Keen e o professor Fontana estavam para apresentar as evidências de Scole ao Institut für Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene, em Freiburg, na Alemanha, onde se realizam muitas pesquisas sobre parapsicologia, e eles continuavam dispostos a prosseguir a despeito dos novos acontecimentos. Tivemos uma

conversa com Montague e ele disse, com bastante lógica, que essa última virada dos fatos não mudava nada. O que havia acontecido, acontecera. Ninguém pode mudar o fato de que a pesquisa científica tinha sido realizada. As descobertas permaneciam. Conforme ele disse:

Embora preferíssemos muito ter a oportunidade de realizar mais algumas sessões de pesquisas e tenhamos ficado arrasados com a interrupção, os experimentos de Scole constituem talvez, em minha opinião, as evidências mais marcantes da sobrevivência da personalidade humana jamais reunidas. Temos a obrigação de apresentá-las para serem avaliadas.

Começamos a refletir sobre isso e sobre o que a equipe espiritual sempre dissera: que eles também estavam aprendendo, que havia coisas fora do controle deles próprios e que o futuro era incerto.

Incerto pode ser, mas à medida que os dias passavam as coisas parecia estar evoluindo. A equipe de pesquisa científica seguia em frente com a publicação do *Relatório Scole*. Os projetos para a TV progrediam. As reuniões estavam marcada, as pesquisas feitas, os orçamentos avaliados. Assim, o projeto Scole ainda prosseguia a todo vapor, aparentemente impulsionado por algum processo organizacional desconhecido e invisível. Ao mesmo tempo, em face do que acontecera, isso parecia estar contra todas as expectativas, mas por outro lado não devíamos nos surpreender. Se havia uma coisa que vários anos de ligação com esses fenômenos deviam ter-nos ensinado era que nada é o que parece ser.

Ao longo de todo esse período de incertezas, permanecemos em contato regular com o grupo de Scole. A princípio, eles também ficaram arrasados pelas notícias chocantes. No entanto, aos poucos, eles começaram a juntar as peças e encontrar um sentido por trás de algumas das últimas comunicações da equipe espiritual. Eles tinham sido informados várias vezes que um dia seriam orientados para interromper os experimentos para concentrar os seus esforços em ajudar os outros a estabelecer grupos experimentais. E por isso que tinham de criar a New Spiritual Science Foundation. Conforme eles disseram: “Nós conhecíamos o plano, só não prevíamos que aconteceria de maneira tão dramática”.

Como se por meio de algum tipo de confirmação para nós, na terça-feira, 1º de dezembro, Lin Brady, uma amiga que mora em Dorset, nos telefonou com algumas novidades. Parecia que amigos delas vinham mantendo contato por meio de Código Morse em gravações de fita com uma equipe de comunicadores espirituais “havia séculos”, usando um aparelho “mais ou

menos como o receptor de germânio de Scole mas com cinco bobinas”. Agora, uma pessoa do grupo começara a entrar em transe e eles estavam recebendo todo o tipo de comunicadores através do gravador de som.

“Você acha que tem a ver com os fenômenos de Scole?”, perguntou Lin.

Ficamos pensando a respeito. Com certeza o grupo de Scole fora informado de que outros grupos estavam fazendo um trabalho semelhante. Na verdade, o grupo de Scole em si nos dissera que outros grupos já vinham obtendo resultados impressionantes. Estavam recebendo imagens em telas de televisores que haviam sido *desligados!* Robin contou:

Alguns dos pesquisadores na rede de transcomunicação dizem que estão recebendo mensagens regularmente do mundo espiritual por meio de telefones, computadores e aparelhos de fax. Nós decidimos ver se somos capazes de obter esses resultados. Estou usando o meu computador de casa. Já comentei sobre o meu interesse nesse trabalho à equipe antes da interrupção e eles me disseram que, por causa desse meu pedido de cooperação nesse novo trabalho, um jovem do mundo espiritual tinha já realmente se comprometido comigo para produzir bons resultados no computador.

Nós sabemos que tem havido especulações sobre a possibilidade de uma Internet Interdimensional. Isso pode soar um pouco forçado para algumas pessoas, mas por que não? Afinal de contas, os computadores se baseiam em semicondutores e os cientistas espirituais sempre nos disseram que esses semicondutores, como o germânio e o silício, têm propriedades importantes que permitem a formação de pontes ligando as dimensões.

A ideia de uma Internet Interdimensional ilustrava a possibilidade de que o contato com outras dimensões pode se tornar uma realidade para todos em vez de ficar restrita a poucos. Conforme dissemos, o primeiro passo parece ser a expansão do trabalho para outros grupos que estão trabalhando com as suas próprias equipes espirituais.

Novos Grupos

Analisando algumas das contribuições ao *Spiritual Scientist*, descobrimos que novos grupos parecem estar surgindo em toda parte do mundo. O

“Northern Energy Group” (Grupo Energético do Norte), por exemplo, da Grã-Bretanha, começou obtendo fenômenos desde a sua primeira sessão experimental - lampejos de luzes brilhantes, ruídos de tamborilar de dedos e vozes “extras” nas gravações da sessão.

Esse grupo enfatiza a importância de não esperar que ocorra nenhum fenômeno especial dizendo:

Você deve confiar na sua equipe espiritual. Deixe-a descobrir a maneira mais fácil de se comunicar com você desde o início. Depois que a comunicação começar, eles serão capazes de aconselhar você sobre o seu grupo e talvez sugerir quais itens gostariam que você levasse para as sessões.

No lado oposto do mundo em relação ao Northern Energy Group, em Sandy Beach, na Austrália, David e Patrícia Hayes observam fenômenos semelhantes:

Nós nos sentamos no escuro na nossa sala de sessões [com] cadeiras e uma mesa circular de madeira, na qual colocamos o “domo”, montado sobre um pedestal semelhante ao usado em Scole. Desde que começamos o nosso grupo, tivemos muita atividade energética, espirais de nuvens brancas, pontos de luz branca sobre toda a sala, assim como a Via Láctea, formas negras movendo-se pela sala, batidas e ruídos secos. As vezes, nós “testamos a sorte” e pedimos ao Espírito para fazer determinado “ruído”, digamos, mais três vezes durante a sessão. Eles fazem exatamente isso.

Os participantes da sessão sentiram algo esfregando os seus braços e pernas, além de cutucadas pelo corpo e no pescoço. Nós também sentimos cheiros de perfume e de mofo. Ao longo dos últimos quinze meses, temos conseguido nos comunicar regularmente com a nossa equipe espiritual por meio de David, que entra em um leve transe. Eles respondem a uma variedade de perguntas técnicas que fazemos e também entram numa espécie de brincadeira alegre de tempos em tempos. Achamos essas experiências muito compensadoras.

Outros grupos também tiveram comunicações compensadoras com o mundo espiritual. Um grupo estabelecido em Cheshire, na Inglaterra, dirigido por Anne e Fred Child, presenciou uma “música inacreditavelmente maravilhosa vinda tanto do nosso pandeiro quanto dos mensageiros de vento que temos pendurados no teto” e tem recebido diversos aportes, incluindo um penny e notas de dinheiro amassadas com mensagens como “Alô”, “Confie em nós” e “Estou de volta” escritas a lápis com uma caligrafia trêmula.

Alguns grupos têm se aplicado intensamente a experimentos O grupo “E”, dirigido por Tom Sawyer e a esposa, começou os seus experimentos em 3 de fevereiro de 1998. No centro da mesa, eles puseram uma esfera de vidro apoiada sobre uma base de plástico com pés. Embaixo da esfera deixaram um filme fotográfico Polaroid SX-70 num envelope à prova de luz. Uma semana depois da sexta sessão tiraram o filme do envelope na sala escura e o revelaram, passando-o pelo rolo de impressão da câmera. O resultado foi um sucesso: no filme apareceram as cores branca e azul- arroxeadas, como a da alfazema.

O grupo “E” não está sozinho nesse caminho. Qual a importância de tais experimentos? Será que eles podem ser realmente considerados como uma prova da sobrevivência da consciência?

A questão está aberta ao debate científico atual. Com relação ao assunto, o cientista do governo inglês Piers Eggert declara:

No meu entender, o que está bloqueando a mente dos cientistas céticos é o medo. Eles foram treinados para acreditar que tudo é passível de ser medido e compreendido, a tal ponto que eles pensam que tudo o que não pode ser controlado e compreendido pela física não tem possibilidade de existir. Essa maneira de pensar obtusa e arrogante tem resultado numa comunidade científica que tem medo de revelar que não conhece todas as respostas. Não vejo nada de errado em dizer: “Eu não sei”. Além do mais, existe muita coisa que não conhecemos e qual é a vergonha em admitir isso? Temendo que o seu mundo prazeroso e confortável seja virado de cabeça para baixo, as pessoas mais céticas negam até mesmo as provas mais evidentes. Para elas, essa confirmação significaria ter de reescrever os livros de ciência e as leis da física.

Alguns cientistas, no entanto, desejam ao menos ser receptivos. Um cientista que compareceu a uma sessão disse que gostaria que a luz circundasse as suas mãos unidas. Será que elas podiam repetir o feito, pediu ele, para mostrar aos céticos que não era alguém movendo um bastão luminoso? A luz atravessou a mesa e tomou a voltar para baixo dela. Então ela atendeu ao pedido dele, tocando as mãos do cientista de maneira a satisfazer até os céticos mais arraigados.

Durante uma das últimas sessões, Albert, um cientista do mundo espiritual, começou a conversar com o professor Archie Roy, que fora convidado pelos pesquisadores científicos. Albert explicou que no tempo que estava vivo, seu trabalho era considerado ortodoxo, mas ele trabalhava em diversas teorias por “pura curiosidade intelectual”. Albert e o professor Roy (um astrônomo) conversaram longamente sobre estrelas binárias, o desaparecimento dos dinossauros e a teoria conhecida com “Nêmesis”. A conversa então se voltou para o “problema da estrela tripla” e seguiu-se um diálogo animado e interessante. Albert mostrou que estava a par das técnicas de mensuração mais avançadas em relação à gravidade. A maior parte dessa conversa ocorreu sem o conhecimento dos demais presentes.

Mais tarde o professor Roy considerou que estivera falando com alguém que era muito informado sobre esses assuntos.

Na edição da primavera de 1997, o *Spiritual Scientist* relatava:

Curiosamente, sempre que recebemos um novo cientista (...) parece que a equipe já sintonizou a energia e pode demonstrar alguma coisa que vai despertar o interesse do novo visitante pelo trabalho.

Despertar o interesse foi, evidentemente, um dos principais objetivos da equipe espiritual de Scole durante os seus cinco anos de experiências. Nesse sentido eles foram bem-sucedidos. Mas será que conseguiram fornecer as provas da sobrevivência à morte física? Alguns dizem que ainda não é possível concluir categoricamente que seja esse o caso, mesmo à luz das evidências apresentadas pelo Experimento Scole. No entanto, o fato de que o trabalho experimental esteja continuando ao redor do mundo ao menos sugere a possibilidade de que um dia vamos descobrir isso com certeza de uma maneira ou de outra.

Se considerarmos o que foi dito pelos comunicadores, então no futuro haverá mais cooperação entre as dimensões em benefício de todos nós.

Caso você deixe este livro de lado e nunca mais pense a respeito, ou caso você fique inspirado a começar o seu próprio grupo experimental o mais rápido possível, gostaríamos de nos despedir com um pensamento da equipe de seres espirituais que participaram do Experimento Scoble:

Tenham a mente e o coração abertos. As mudanças na maneira de pensar e no comportamento das pessoas produzem mudanças nas condições da humanidade como um todo. Costumamos ouvir vocês dizerem: "Não posso fazer nada em relação a este ou àquele problema porque ele é muito distante ou não tem nada que ver comigo". Bem, fiquem sabendo de uma coisa: todas as coisas, sejam elas concretas ou abstratas, e todos os acontecimentos, sejam eles de ontem, de hoje ou de amanhã, tudo tem que ver com todos. Este é um fato da ciência espiritual que estamos tentando compartilhar com vocês. Se um número de pessoas suficientes receber as mensagens que hoje somos capazes de enviar e adotar uma postura de receptividade e franqueza, harmonia e amor em suas relações... então incontáveis maravilhas estarão disponíveis a todos.

Posfácio

O professor David Fontana é um dos três principais autores do Relatório Scole. Embora os seus signatários estejam amplamente de acordo sobre grande parte do que transpareceu durante as pesquisas que levaram ao Relatório, houve, inevitavelmente, diferentes pontos de vista em relação ao que poderia ser deduzido e concluído a partir dos acontecimentos registrados. O professor Ellison fez comentários no Prefácio e Montague Keen especificamente contribuiu para o Capítulo 9. A opinião do professor Fontana é a seguinte:

Os Nossos Agradecimentos ao Grupo Scole

Devo começar por registrar a nossa grande dívida como pesquisadores com o grupo de Scole. Sem a cooperação deles e a sua compreensão constante, o nosso trabalho não poderia ter sido feito. Muitos daqueles que investiram seu tempo e energias tentando desenvolver capacidades mediúnicas são profundamente desconfiados de cientistas, considerando-os preocupados apenas em subestimar os seus esforços e explicar todos os resultados na melhor das hipóteses como auto-sugestão e na pior como fraude. O grupo de Scole, ao contrário, estava preparado demais para necessitar dos favores de cientistas. Depois de se convencer da nossa sinceridade, eles reconheceram o nosso interesse e, até onde lhes foi possível, nos facilitaram tudo e nos encorajaram a conduzir as nossas observações. Eles compartilharam abertamente as experiências conosco, oferecendo-nos a sua hospitalidade sem pedir nada em troca. E no caso de se imaginar que a sua generosidade era um pretexto para obter os nossos favores, quero enfatizar que ficou claro para nós que essa não era a intenção deles. Na verdade, embora o grupo Scole possa falar por si mesmo, a nossa impressão é a de que teríamos perdido o seu respeito se por um lado interpretássemos erroneamente a sua generosidade como uma tentativa de suborno e por

outro fôssemos tão fracos em nossa atitude científica a ponto de permitir que a hospitalidade nos privasse da nossa objetividade científica.

Ciência e Pesquisa Supranormal

A essência da ciência é a boa observação. Seja no laboratório, seja no campo, o cientista tem a obrigação de observar os dados sob investigação com todo o cuidado a seu comando, para registrar as suas observações da maneira mais completa e apurada possível e depois publicar essas observações para a avaliação dos seus colegas. Depois da publicação, ele deve observar as críticas que os outros possam fazer às suas observações e respondê-las se puder e admiti-las se não puder refutar. Sem dúvida, a observação no laboratório, onde os cientistas podem aplicar controles restritos para assegurar que os efeitos observáveis não sejam distorcidos por circunstâncias estranhas e onde as metodologias podem ser progressivamente aprimoradas e desenvolvidas à luz dos resultados, é consideravelmente mais imune à imperícia do que a observação no campo. Por esse motivo, entre outros, muitos cientistas confinam o seu trabalho ao laboratório e levam menos em conta os resultados obtidos em outros lugares.

Não obstante, o trabalho no laboratório e o trabalho no campo devem, sempre que possível, seguir-se em conjunto um com o outro. Os efeitos que são antes notados no laboratório podem depois ser procurados no campo, enquanto os efeitos identificados inicialmente no campo podem ser estudados sob as condições mais rigorosas do laboratório. No entanto, desde a década de 1930, quando o professor J. B. Rhine e seus colegas desenvolveram pela primeira vez métodos para estudar os fenômenos supranormais (sob o novo título de “parapsicologia”) no laboratório, tem havido uma tendência de concentrar no laboratório o trabalho em prejuízo do trabalho de campo. Sem dúvida o trabalho de laboratório na parapsicologia tem nos colocado numa posição excelente uma vez que tem demonstrado para a satisfação de muitos pesquisadores engenhosos que os fenômenos supranormais realmente ocorrem e precisam ser considerados segundo os nossos paradigmas científicos (veja o livro de Radin, **The Conscious Universe**, para um excelente resumo recente de descobertas em laboratório). Mas os efeitos que são confinados ao laboratório têm importância limitada para a nossa compreensão na experiência normal.

Foi o nosso reconhecimento desse fato que estimulou os meus colegas e a mim a investigar os relatos do que acontecia em Scole. Ao realizar essa pesquisa, o tempo todo nos sentimos levados pela necessidade - essencial em todas as áreas da pesquisa científica - de nos manter receptivos. Se os cientistas decidem de antemão que os efeitos pelos quais estão procurando existem ou não, as suas observações se tomam de maneira inevitável gravemente preconceituosas. Em nenhum outro lugar isso é mais verdadeiro do que na pesquisa científica e nessa área da pesquisa supranormal que questiona a possível sobrevivência humana após a morte. Pois a despeito de argumentos em contrário, a ciência não está em nenhum sentido geralmente aceitável em condições nem de “provar” nem de “desaprovar” essa sobrevivência.

Uma pessoa pode observar a extinção de todos os sinais físicos vitais no momento da morte e decidir que não existe sobrevivência, ou a pessoa pode observar as assim chamadas comunicações pós-morte e decidir que existe. Nenhuma dessas decisões pode ser considerada inteiramente científica. Os sinais físicos vitais realmente cessam no momento da morte, mas a vida mental por não depender inteiramente desses sinais pode, portanto, não ser extinta juntamente com eles. As comunicações pós-morte podem realmente parecer convincentes, mas estão sujeitas a explicações alternativas com a má interpretação ou funcionamento da super-PSI. Portanto, em termos rigorosos do conhecimento científico atual, nós simplesmente não sabemos. Mas o que sabemos é que, na ausência de evidências conclusivas de qualquer lado, a ciência deve continuar a pesquisa por mais e melhores dados.

O Relatório Scole

O Relatório Scole, que Grant e Jane Solomon citam neste livro, é o resultado das nossas pesquisas. As nossas observações foram as mais cuidadosas e profundas que pudemos fazer, atraídos não só pela experiência obtida com a nossa experiência de observações anteriores dos fenômenos dessa natureza, mas pelo nosso conhecimento de muitas pesquisas realizadas por outros e a nossa familiaridade com os diversos métodos que médiuns fraudulentos têm usado ao longo dos anos para prejudicar aqueles que depositaram a sua confiança neles. O nosso Relatório presta contas dessas observações e examina em todos os detalhes sob nosso controle as

possibilidades de que os fenômenos que testemunhamos pudessem ser o resultado de uma fraude. E sem possibilidade de erro, a fraude é a única explicação alternativa que pode ser oferecida para esses fenômenos. Não há dúvida de que possamos ter sido enganados pela nossa própria imaginação ou ter exagerado as coisas que testemunhamos para sustentar os nossos próprios preconceitos.

Não é o trabalho da ciência convencer as pessoas, mas apresentar evidência e permitir que os outros tirem as suas próprias conclusões. Nós estabelecemos essas evidências em detalhes no nosso Relatório e os leitores que estiverem interessados poderão examiná-lo. No entanto, como a fraude é a única alternativa aos fenômenos autênticos na pesquisa de Scole, é justo dizer que durante os dois anos em que comparecemos às sessões nunca vimos nenhuma evidência direta de que estivesse ocorrendo algum tipo de fraude ou de que houvesse espaço para suspeita disso. Não obstante, não conseguimos as condições inequívocas sob as quais a fraude teria sido considerada impossível. Chegamos extremamente próximo disso em diversas ocasiões, mas a etapa final nos escapou.

Tínhamos em vista um protocolo de quatro etapas que envolvia o uso do nosso próprio filme, o uso do nosso próprio recipiente seguro para guardar o filme durante as sessões, o nosso controle sobre esse recipiente durante as sessões e o nosso controle da subsequente revelação do filme. Esse protocolo era necessário caso não quiséssemos deixar margem para as dúvidas dos críticos não presentes às sessões. Na ausência desse protocolo, esses críticos chamariam a atenção para aspectos das imagens encontradas nos filmes que eles considerassem suspeitos, por exemplo, os fatos de que algumas dessas imagens teriam sido tiradas de livros já publicados e que a reprodução em alguns casos sugeria o trabalho de mãos humanas. Também foi lançada suspeita sobre a caixa de Alan, uma vez que se alegou que o ferrolho poderia ser deslocado e a caixa aberta sem que fossem rompidos os selos de segurança pintados.

Não importa até que ponto exista a probabilidade de que seja perpetrada uma fraude dadas as condições em que as sessões ocorriam, o fato de que uma fraude *poderia teoricamente ser perpetrada* é suficiente para que esses críticos aleguem que portanto ela foi praticada. E isso a despeito do fato de que alegações semelhantes não são feitas contra a grande maioria de fenômenos observados em outras áreas menos contestadas da pesquisa científica, ainda que o falseamento poderia concebivelmente (e às vezes

quase facilmente) ocorrer ali também. A própria improbabilidade da capacidade paranormal e/ou mediúnica é suficiente para fazer muitos críticos preferirem a acusação de fraude, não importa qual seja a dificuldade de sustentá-la. E deve-se confessar que a presença de brechas, por menores que sejam, é insatisfatória em qualquer área de pesquisa. Na pesquisa supranormal eles nos deixam imaginando por que os assim chamados comunicadores não podem apresentar evidências incontestáveis. Talvez William James, um dos fundadores da psicologia moderna e um homem com um agudo interesse na pesquisa supranormal, possa estar certo quando sugere que o Onipotente pode ter decretado que a área da paranormalidade deve reter para sempre o seu elemento de mistério!

Se os leitores decidirem que, no balanço das probabilidades, Os fenômenos de Scole eram autênticos, eles podem então querer especular sobre explicações. Será que o fenômeno sustenta a noção de que a personalidade sobrevive à morte corporal e é capaz de se comunicar com aqueles que permanecem na Terra ou é possível que eles fossem o resultado das próprias capacidades supranormais do grupo de Scole, sejam elas utilizadas consciente ou inconscientemente?

Vamos considerar a segunda dessas possibilidades em primeiro lugar. Se recuarmos para as evidências laboratoriais por um momento, deveríamos ter de dizer que não existem evidências de que os efeitos macro testemunhados em Scole possam ser produzidos pela mente humana. Existem na verdade evidências laboratoriais (o livro de Radin, *The Conscious Universe*, dá os detalhes) de que a mente humana pode influenciar o comportamento de objetos inertes, mas até o momento os efeitos nessa área são muito pequenos e insignificantes, e sustentam poucas comparações diretas com os efeitos macro de Scole. Se os integrantes do grupo de Scole fossem mesmo capazes de produzir consistentemente tais efeitos pela ação de suas próprias mentes, então seria muito mais vantajoso para eles comprovar o fato em laboratório. Em nenhum momento eles se tomariam superastros da paranormalidade. Na verdade, julgando pelas impressões deixadas de no mínimo um paranormal famoso ainda que controvertido, eles poderiam rapidamente ter feito a fama no ramo do entretenimento e ter ganhado uma grande quantidade de dinheiro no processo.

Na ausência de evidências de que os seres humanos possuem a capacidade segura de demonstrar efeitos supranormais macro do tipo visto em Scole, a primeira das possibilidades acima, a de que esses efeitos possam ser

resultantes em parte em decorrência da ação de pessoas que sobreviveram à morte física e que são capazes de se relacionar com este mundo, requer consideração. Devemos deixar claro que durante a nossa pesquisa nunca recebemos informações através de nenhum dos supostos comunicadores que pudessem convencer os céticos empedernidos de que eles estavam realmente falando conosco desde o outro mundo (embora os outros envolvidos no trabalho em Scole possam tê-lo feito). Considero altamente obscuras as informações sobre as suas vidas terrestres que não aparecem em livros ou jornais e que sejam desconhecidas a todos os presentes, mas que se revelam subsequentemente corretas.

Honestamente, deve ser deixado claro que nós nunca pedimos essas informações, principalmente porque esperávamos que a pesquisa continuasse e desse oportunidades para continuar o trabalho desse tipo uma vez que tínhamos concluído a nossa pesquisa sobre os outros fenômenos. O material que realmente recebemos (por exemplo, os dois filmes de Ruth e os diversos enigmas e pistas que nos foram dados por intermédio dos médiuns), por mais intrigante que possa ser, tem pouca probabilidade de satisfazer todas as críticas uma vez que, com uma ou duas exceções, encontra-se disponível em obras publicadas e poderia portanto ser prontamente acessado por super-PSI ou outros meios.

Na ausência dessas informações, que outras evidências haveria que pudessem apontar no sentido da sobrevivência? Grant e Jane Solomon elaboraram um argumento com base no peso de uma série de exemplos relevantes tomados dos relatos feitos por muitos dos pesquisadores que trabalharam com o grupo de Scole e eu não tenho a intenção de lançar dúvidas sobre esse argumento. Também temos de encarar a questão de que, se os fenômenos fossem autênticos, e se parece pouco provável que tenham sido produzidos pela ação direta das mentes do grupo de Scole sobre o seu ambiente, então que agente ou agência seria responsável? Poderiam ser pessoas de além-túmulo? Uma maneira de tentar responder a essa pergunta é considerar as personalidades dos diversos supostos comunicadores. Eles pareciam estar separados em algum sentido significativo das personalidade do grupo de Scole em si?

Pesquisadores de muitos casos do passado especularam que os comunicadores podem ser subpersonalidades dos médiuns em vez de pessoas independentes. Tudo o que possa ser dito com toda a certeza é que os comunicadores de Scole mostraram considerável coerência de fala,

comportamento, preocupações, interesses, intelecto, lembranças e traços de personalidade (por exemplo, graus de extroversão, de reserva, de humor, de maneiras sociais) ao longo de toda a nossa investigação. A pesquisa psicológica não sugere que as subpersonalidades, nas poucas ocasiões em que foram observadas suplantando a personalidade dominante do indivíduo, mostrem esse tipo de coerência. Ao contrário, elas tendem a ser altamente idiossincráticas e emocionalmente instáveis, raramente capazes de sustentar um discurso racional, com o resultado de que se parecem mais com fragmentos dramatizados da vida interior reprimida do indivíduo do que seres humanos inteiros. Nenhum dos comunicadores de Scole se encaixava nesse estereótipo. Seja falando através dos médiuns, seja quando aparentemente através do que era normalmente chamado de “vozes independentes” ou “diretas”, eles indicavam pessoas de classe média educadas, instruídas e controladas. (Curiosamente, com a exceção de Emily Bradshaw - que assumia o centro das atenções na maior parte do tempo e falava exclusivamente através de Diana -, eles eram todos do sexo masculino e falavam ou por meio de Alan ou por meio da voz direta.)

Os críticos podem obviamente propor que embora os fenômenos físicos possam ser aceitos como autênticos, as vozes podem todas ter sido fraudulentas. Considerando que os médiuns estivessem apenas simulando o transe, eles poderiam (graças a uma boa dose de habilidade dramática), ter personificado os diversos comunicadores. Isso permanece uma possibilidade, embora pouco provável. Se os fenômenos físicos fossem autênticos, por que se incomodar em complementá-los com vozes teatrais especialmente se, para sustentar a ilusão de estar em transe, os médiuns teriam então de calculadamente evitar de deixar passar, durante as extensas discussões dos fenômenos físicos que seguiam as nossas sessões, alguma pista de que eles tinham testemunhado esses fenômenos por conta própria? Mais importante ainda, durante as sessões as vozes muitas vezes comentavam com precisão os fenômenos *antes* de realmente eles acontecerem. Isso não poderia acontecer se os primeiros fossem espúrios e os últimos autênticos. E se as vozes fossem fraudulentas mas os fenômenos fossem autênticos, estaríamos outra vez diante de um problema de como explicar esses últimos.

Ficamos com a conclusão de que, a menos que se descarte de antemão a possibilidade da sobrevivência humana, a explicação mais simples e mais racional é a de que se assumirmos que os fenômenos físicos eram autênticos

então é razoável considerar que também o eram as vozes, com os últimos mostrando-se de alguma forma responsáveis pelos primeiros. Caso, se fossem autênticas, as vozes fossem de pessoas ou representações de alguma forma de alma grupal é outra questão que esperávamos estudar mais profundamente caso a nossa pesquisa continuasse.

Meus colegas pesquisadores e eu gostaríamos de nos despedir enviando ao grupo de Scole os nossos melhores votos quanto ao futuro. Os integrantes do grupo se distinguem pela dedicação ao trabalho, o desejo de estar a serviço dos outros e por suas extraordinárias qualidades como homens e mulheres. Consideramos um privilégio ter podido conduzir a nossa pesquisa sobre o seu trabalho e esperamos o dia em que seremos capazes de reassumi-lo. Apesar da interrupção atual na continuação dos trabalhos de Scole, sentimo-nos confiantes em que esse dia não tarde muito a chegar.

Pós-escrito

A pesquisa científica conduzida durante os cinco anos do Experimento Scole foi excepcional. No entanto, à medida que o projeto avançava, parecia que diversos outros grupos estavam começando a obter resultados semelhantes aos conseguidos durante os primeiros dias em Scole. Isso nos leva ao aspecto talvez mais convincente do Experimento Scole: a capacidade de ser transmitido. Centenas de grupos em todo o mundo começaram a fazer experiências nos mesmos moldes, todos seguindo as instruções estabelecidas no folheto A Basic Guide do grupo de Scole. Conforme mencionado anteriormente, muitos desses novos grupos têm relatado resultados consistentes. Se apenas alguns deles conseguirem decolar, então um número significativo de pessoas estará fazendo esse trabalho em todo o mundo nos próximos dois anos. Pretendemos convidar as pessoas que estão conduzindo essas experiências a relatar as suas experiências.

Também começamos as nossas próprias experiências e estaremos convidando pesquisadores da Society for Psychical Research para comparecer às sessões caso venham a ser obtidos resultados positivos. Talvez, com essas novas experiências e com a pesquisa de cientistas sérios como os da Society, possamos todos avançar para produzir novas evidências científicas concretas para fundamentar a hipótese da sobrevivência.

Fiquem ligados!

APÊNDICES

**Perspectivas da Ciência Espiritual
A Equipe Espiritual**

APÊNDICE UM

A Equipe Espiritual

John Paxton

John Paxton era uma entidade espiritual evoluída que disse ter vivido no século XIII. Personalidade dominante e integrante do Conselho de Comunhão com poderes executivos, Paxton ajudou a supervisionar as operações do GES. O conselho tomou as decisões sobre o andamento e o planejamento dos experimentos não só em relação ao trabalho do grupo de Scole, mas também em relação a outros grupos assemelhados.

Manu

Manu era um guia espiritual eficiente e exigente que sempre falava em primeiro lugar e cujo trabalho era fundir as energias disponíveis para o uso dos operadores espirituais durante uma sessão. Ele era o “porteiro” do mundo espiritual. Ele sempre iniciava as sessões estabelecendo as condições sob as quais seriam possíveis as comunicações de outras esferas. Isso envolvia a criação de um “dossel de energia” sobre o grupo e uma “porta dourada” entre as dimensões.

Manu dizia que havia “desfrutado muitas encarnações”. Uma dessas fora no lugar “que vocês chamam hoje de América do Sul”. Nessa vida ele aparentemente era do Peru e da raça inca.

Manu e suas crianças vitorianas auxiliares traziam os aportes para o grupo regularmente.

Patrick McKenna

De acordo com o grupo, Patrick era “uma alma encantadora” de origem irlandesa que havia sido um padre, “mas um padre não muito bom”, durante

a vida terrestre. Ele tinha uma queda por copos de cerveja Guinness e charutos. Ele era indicado como o “coordenador espiritual” dos comunicadores e em última análise era o responsável do mundo espiritual pelas atividades e progressos do grupo.

Patrick ficava in situ, por intermédio do transe de Alan, na maior parte de cada sessão e era o segundo comunicador a falar, sua presença sendo geralmente anunciada fisicamente pelo tinir dos cordões de chocalhos. Ele também era o último a se despedir e dizia ao grupo quando era o momento de encerrar a sessão, normalmente depois de umas duas horas ou duas horas e meia.

Parte do trabalho de Patrick era orientar os “comunicadores ocasionais” para a posição correta para fazer a sua comunicação, enquanto ao mesmo tempo os ajudava a transmitir a sua mensagem. Ele era bom especialmente em deixar os visitantes à vontade com as suas piadas e ironias. Conforme Robin comentou afetuosamente: “Acho que Patrick não se contentaria em beijar a pedra de Blarney⁷ - eu acho que ele a engoliria!”.

Raji

Raji era um indiano de caráter adorável que havia sido militar. Na Terra, ele era um “rajaputro”, membro de uma casta militar dominante no Norte de Índia. Ele servira na cavalaria durante a vida e continuava apreciando a música marcial, que sempre solicitava quando aparecia para falar ao grupo e aos visitantes.

Uma das funções de Raji era a de ajudar as pessoas no seu crescimento espiritual. Ele costumava aconselhar o grupo e os convidados sobre como obter os melhores resultados com a meditação. Embora fosse muito sério às vezes, também tinha um grande senso de humor e geralmente espicava a todos. Ele ainda se envolvia no trabalho de cura do grupo, ao qual ele contribuía com o aporte de pequenas quantidades de uma cinza sagrada muito especial que era considerada como tendo poderes de cura.

Raji recebera o encargo de organizar os primeiros experimentos fotográficos, assim como os experimentos envolvendo mensagens em fitas de áudio seladas. Para o seu trabalho com o grupo, esse personagem bondoso

geralmente recorria aos serviços de seu assistente, “Small Boy”, que mais tarde, por algum motivo, foi renomeado como “Charlie Nº 1”.

Sra. Emily Bradshaw

A sra. Bradshaw era uma auxiliar espiritual muito agradável e exata. A especialidade dela era oferecer evidências, extremamente precisas da sobrevivência, com que nunca deixou de impressionar os integrantes do grupo e os visitantes. Ela falava com um sotaque culto e refinado, que era agradável de ouvir e facilmente identificável.

A sra. Bradshaw também tinha uma função mais ampla, desempenhando uma tarefa semelhante à de Patrick por meio da sua própria médium, Diana, na ajuda aos comunicadores espirituais para se manifestarem e se fazerem conhecer. Ela também os ajudava a falar diretamente através do transe ou transmitia mensagens deles para o destinatário conveniente.

A sra. Bradshaw era sem dúvida uma dama quando viveu na Terra e participava ativamente em obras de caridade. Sua atitude severa no início foi se amenizando com o passar do tempo e, assim como Patrick, a “sra. B”, como ficou conhecida, passava a maior parte do tempo das sessões in situ, ou seja, presente, ocasionalmente enfatizando um determinado comentário ou ironicamente pedindo que Patrick explicasse melhor um determinado assunto. A sra. Bradshaw e Patrick eram uma dupla com um senso de humor bem interessante. Os integrantes da equipe espiritual diziam que eles se mantinham atualizados ouvindo as conversas na Terra e falando com pessoas modernas quando elas passavam para o mundo espiritual. Era divertido para o grupo e seus visitantes ouvir a sra. Bradshaw, uma dama muito afetada e imponente na sua época, falando sobre “surfear na Internet” e “duplo mau-olhado”. Geralmente, no fim da sessão, ela se despedia com as palavras: “Bem, é boa-noite da minha parte e boa-noite da parte dele também”.

Edward Mathews

Uma alma maravilhosamente sensível, Edward visitava o grupo de Scole de maneira intermitente, mostrando um forte desejo de fazer parte da equipe de comunicação. O grupo podia sentir o amor e a emoção na voz dele quando falava.

Edward era muito culto em vários assuntos e conversava sobre diversos temas, incluindo negócios que o pai tinha na zona sul de Londres no início

do século XX. Ele gostava bastante de contar histórias e anedotas para o divertimento dos visitantes. A única coisa sobre a qual era incapaz de falar era o assunto de sua passagem para o outro plano durante a Primeira Guerra Mundial. As condições em torno dessa época eram insuportáveis e a maneira como ele morreu foi muito traumática. Uma vez que ele considerava o assunto tão incômodo, os visitantes eram orientados para não mencioná-lo durante as sessões.

Além de suas contribuições coloquiais, Edward estava profundamente envolvido na organização de diversos experimentos científicos e geralmente era quem colocava os integrantes do grupo a par dos planos da equipe espiritual.

Os Cientistas Espirituais

Quando ficou claro que haveria uma interação regular com os cientistas convidados, a equipe decidiu que aparecessem novas personalidades para se comunicar de maneira regular. Isso significava que alguns dos comunicadores iniciais não teriam mais uma participação tão constante.

William, Albert, Joseph e Edwin foram quatro dos cientistas espirituais que se comunicaram com o grupo de Scole. William, um cientista inglês de voz baixa que vivera no final do século XIX, interessara-se pela paranormalidade durante a vida. Ele era especialista em fotografia e vidro e editava uma revista sobre fotografia.

Albert não fora um cientista ortodoxo quando na Terra, mas aparentemente um pesquisador dissidente independente. Era ele quem fazia as coisas acontecerem nas sessões. Como sabemos, apareciam aportes físicos no porão. As coisas também desapareciam do porão. Essas coisas desaparecidas eram conhecidas como “asportes”. Albert sempre estava envolvido quando acontecia um asporte.

“Joseph” fora um cientista destacado na sua época, mas tomou-se muito apreciado quando os pesquisadores científicos chegaram a Scole e lhe perguntaram sobre a sua verdadeira identidade. Ele achava que o trabalho era da maior importância e que a preocupação com a pessoa poderia prejudicá-lo.

Edwin era um médico e não cientista. Ele se formara em Edinburgo, na Inglaterra. Edwin se tomava um comunicador constante, especialmente

quando os pesquisadores estavam presentes.

A equipe parecia ser constituída de um grande número de especialista. Muitos dos nomes provavelmente eram pseudônimos. As mudanças entre os comunicadores ocorriam conforme solicitado.

APÊNDICE DOIS

Figuras

Os diagramas a seguir mostram os desenhos de algumas das sala dos experimentos e do equipamento técnico utilizado durante o Experimento Scole.

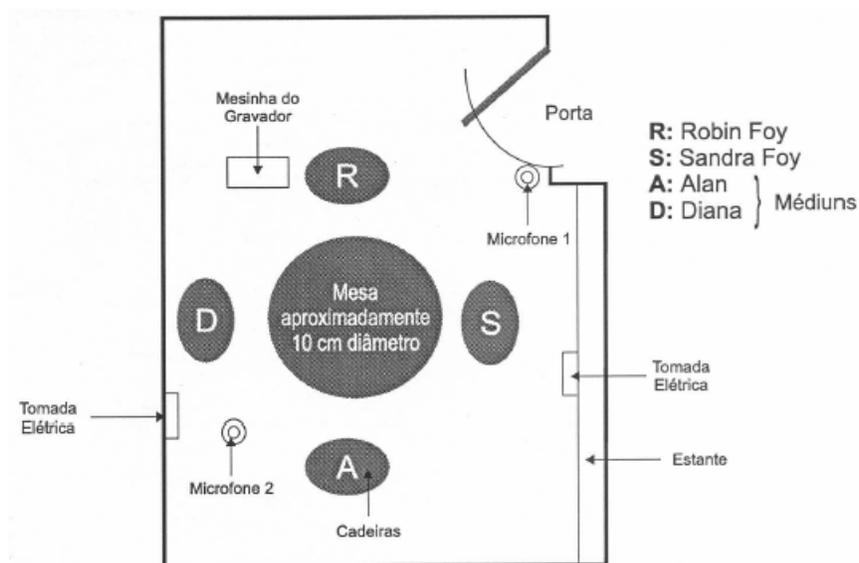


Figura 1: O desenho e a disposição dos lugares no porão ou "Toca de Scole". A figura também mostra onde ficava o equipamento de gravação.

Germânio (Receptor de TDC)

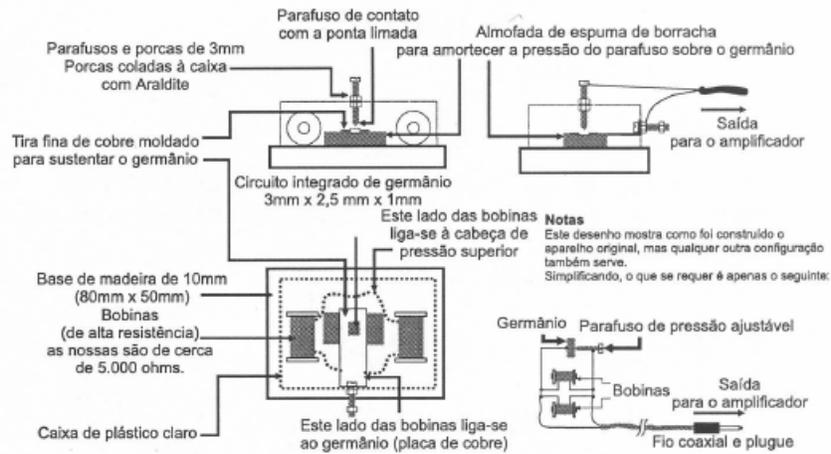


Figura 2: O receptor (de TDC) de germânio.

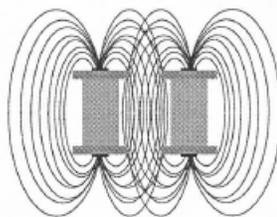


Figura 3: Um campo eletromagnético.

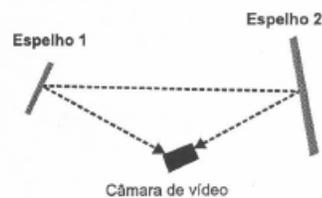


Figura 4: A disposição dos espelhos e da câmara de vídeo usados durante o Projeto Alice.

APÊNDICE TRÊS

O Código de Conduta dos Visitantes

Um aspecto importante do trabalho baseado na nova energia realizado durante o Experimento Scole foi que não apresentava a mesma ameaça à saúde de médiuns e participantes que os métodos tradicionais que usam o ectoplasma.

No entanto, isso não eliminava a necessidade de uma segurança rigorosa e da adoção de um Código de Conduta para os visitantes. A New Spiritual Science Foundation apresentou esse novo Código de Conduta na primeira edição do seu boletim *Spiritual Scientist*.

O Código de Conduta dos Visitantes da New Spiritual Science Foundation

Visando os melhores resultados numa sessão mediúnica, é importante que todos os convidados a participar da sessão observem um Código de Conduta adotado que seja criado para estimular a comunicação, as evidências e os fenômenos. Nós sugerimos, a título de orientação, que os visitantes vistam-se informalmente, com roupas quentes, prevenindo o frio supranormal que geralmente acompanha os fenômenos mediúnicos.

Os homens, por exemplo, devem usar uma camisa de gola aberta, calça e blusão ou jaqueta para a sessão, enquanto as mulheres, quem sabe uma blusa, casaquinho e saia mais confortáveis do que um vestido.

Os participantes não devem usar perfume nem loção pós-barba, uma vez que os cheiros podem se confundir com os odores produzidos de maneira paranormal. Sacolas e o conteúdo dos bolsos devem ser deixados no carro ou fora da sala.

É muito importante comparecer a uma sessão mediúnica com a mente tranquila, uma vez que os pensamentos e humores dos participantes podem

afetar negativamente os resultados; assim sendo, o melhor é que o clima reinante seja otimista.

Os convidados devem tentar participar da sessão com uma postura receptiva em relação ao que vão presenciar. A dúvida honesta é algo bom, mas se os participantes a uma experiência se apresentarem com um ponto de vista predeterminado de que o que irão presenciar não é autêntico, então os seus pensamentos podem bloquear efetivamente os fenômenos, prejudicando a sessão para os outros participantes. Sempre há bastante tempo para a discussão de pontos de vista pessoas **depois** do evento.

Ao longo de toda a sessão, os visitantes devem tentar sentar-se perfeitamente em silêncio mas relaxados, com as mãos no colo ou nos joelhos. **Eles não devem se levantar ou andar durante a sessão** e, caso uma luz espiritual ou algum outro objeto em levitação se aproximarem ou tocá-los, **eles não devem tentar pegá-los - nem nunca mover os braços sob qualquer pretexto** - a não ser que lhes seja solicitado pela equipe espiritual.

É da maior importância que os participantes tentem manter um clima de cordialidade e harmonia, pois isso sempre dá os melhores resultados.

Também é provável que, durante uma sessão, alguns visitantes possam receber mensagens pessoais e evidências da sobrevivência por parte dos espíritos. Os participantes devem ouvir com atenção quando ocorrerem comunicações dessa natureza e se alguma das mensagens forem para si, devem **responder em voz** alta se uma entidade espiritual pedir que lhe dirija a palavra. O som da voz do destinatário é da maior importância para o comunicador, pois pode estabelecer um vínculo importante, e sem ele a comunicação provavelmente se desfaz.

Contudo, os participantes não devem dar informações a nenhum dos comunicadores espirituais espontaneamente, mas sim cooperar sempre com eles e estimulá-los a falar de modo que possam oferecer informações e mensagens comprobatórias por livre e espontânea vontade, cujo conteúdo pode não ser de conhecimento do médium - apenas daquele a quem se dirigem.

Quando a sessão terminar, depois de serem realizados os procedimentos de encerramento com uma prece, todos os participantes devem permanecer em silêncio até que o médium ou médiuns estejam inteiramente conscientes. Depois disso, quando os médiuns se recobrem suficientemente e

estiverem recompostos, então eles ou outros integrantes do grupo poderão conversar à vontade sobre a sessão e responder a perguntas.

Sensações Pessoais

É perfeitamente natural que os visitantes a um grupo desse tipo, especialmente da primeira vez, fiquem um pouco apreensivos, mas podemos assegurar-lhes que, embora possam presenciar coisas incríveis, como luzes voando pela sala a uma velocidade considerável e objetos pesados levitando etc., **eles não sofrerão nenhum dano pessoal de maneira nenhuma.** Esse fato é constantemente enfatizado pelas equipes espirituais que trabalham com grupos como o Scole para afastar os medos daqueles que estão passando pela primeira experiência com mediunidade física. Todos os fenômenos são rigorosamente controlados pelos auxiliares espirituais para prevenir quaisquer acidentes.

Durante a sessão, pode ser que os visitantes sintam ou não, conforme o caso, algumas sensações físicas. A primeira dessas sensações atinge a todos os grupos de fenômenos físicos e toma a forma de uma sensação clara de frio na sala. O frio ocorre geralmente à altura dos joelhos ou abaixo deles, e é a sensação mais comum durante as experiências. As vezes essa sensação de frio também pode ser acompanhada por uma brisa supranormal.

Durante as sessões do Grupo Experimental de Scole em particular, pode ocorrer a sensação de uma ligeira náusea entre os participantes. Em alguns casos essa sensação pode ser acompanhada de uma leve tontura. Pode ser possível também uma sensação de peso dos membros e uma leve pressão em várias partes do corpo. É importante tomar e enfatizar aqui que essas sensações são normais e apenas temporárias, ocorrendo apenas durante as sessões. **A saúde dos visitantes e convidados numa sessão experimental não corre nenhum risco e não será afetada negativamente nem a curto nem a longo prazo.**

APÊNDICE QUATRO

Sessões de Pesquisa Científica

As sessões de pesquisa científica que envolveram especificamente os integrantes da Society for Psychical Research registraram-se nas seguintes datas:

1995	2 de outubro 16 de dezembro	1997	3 de janeiro 11 de janeiro 24 de janeiro 8 de fevereiro 21 de fevereiro 28 de fevereiro 4 de março 7 de março 15 de março 27 de março 5 de abril 29 de junho 1º de julho 16 de agosto
1996	3 de janeiro 13 de janeiro 17 de fevereiro 16 de março 13 de abril 18 de maio 15 de junho 13 de julho 10 de agosto 14 de setembro 9 de novembro 11 de novembro 18 de novembro 22 de novembro 14 de dezembro	1998	28 de março ⁸

APÊNDICE CINCO

As Luzes

A partir de muitos testemunhos que recebemos e analisamos, está claro que as luzes que se manifestaram no porão constituíam uma experiência espetacular. O *Relatório Scole* referiu-se aos fenômenos luminosos da seguinte maneira:

O aspecto mais impressionante que logo chamava a atenção nas séries de sessões a que comparecemos (...) eram as exibições luminosas. (...) As anotações da época foram complementadas e conferidas pela transcrição das fitas em que os sons e os comentários acompanhavam os fenômenos que eram registrados.

A cada sessão, com exceção daquelas especificamente destinadas ou à discussão (...) seja à produção de filmes ou mensagens em fita, os fenômenos luminosos sempre ocorriam. Invariavelmente, Manu aparecia primeiro e tínhamos discussões com as vozes espirituais. Abaixo, damos um resumo bem abrangente dos diversos fenômenos envolvendo luzes que todos ou alguns de nós testemunhamos, geralmente em diversas ocasiões.

Não podemos, porém, ignorar os diversos testemunhos por escrito que também obtivemos dos outros, incluindo vários integrantes do Conselho da Society, o professor Ivor Grattan-Guinness, o dr. Rupert Sheldrake e Ingrid Slack, pessoas que compareceram aos seminários de Scole seja na própria Scole, seja em outros lugares, e em particular de Walter e Karin Schnittger e o dr. Hans Schaer. (...)

Todas essas pessoas testemunharam muitos dos fenômenos que descrevemos.

A seguir, o relato da experiência dos pesquisadores com base no testemunho contido no *Relatório Scole* e que foi revisto pelos seus autores:

O ponto de luz (normalmente sozinho) podia...

- A.** Disparar no espaço em grande velocidade e realizar uma dança complicada na nossa frente, incluindo círculos perfeitos no ar, executados em alta velocidade e com uma precisão que parecia incoerente com a manipulação manual;
- B.** Tomar-se visível a um de nós mas não ao seu vizinho do lado, e então inverter esse procedimento como uma demonstração de capacidade de oclusão e motivação inteligente;
- C.** Pousar sobre as mãos estendidas e saltar de uma para a outra mão;
- D.** Atender a pedidos, como iluminar e varrer partes do corpo dos presentes;
- E.** Penetrar num cristal e permanecer como um ponto de luz andando dentro do cristal, ou atravessar com um feixe de luz a sua estrutura;
- F.** Ao executar um círculo de luz perfeito, acender e apagar determinados segmentos do círculo;
- G.** Difundir luz através de um pirex, emborcada ou não;
- H.** Na base do pirex, deixar uma imagem tridimensional de um cristal brilhante que fosse sentido imaterial quanto tocado pelos pesquisadores, depois converter a essência brilhante desse cristal numa forma sólida que pudesse ser pega e mudada de lugar - e repetir esse procedimento duas vezes, para a satisfação de três observadores próximos, uma dos quais (AE) colocou a cabeça logo acima e próximo o suficiente da tigela para impedir a entrada de uma mão normal, seu rosto sendo claramente visível para MK e DF à luz do cristal;
- I.** Atingir o tampo da mesa com uma batida seca, ou o vidro do domo ou de um prato com um “ping” conveniente, e fazer isso várias vezes enquanto permanecia visível com um ponto de luz bem definido;
- J.** Aparecer dentro da bola de pingue-pongue que foi ejetada de sua posição dentro do pirex sobre a mesa ou no canto da sala, para ser descoberta sobre o chão depois da sessão;
- K.** Criar um brilho difuso no teto, no chão, na parede ao lado da mesa, a cerca de 1,5 metro de distância da mesa, ou ao redor das

mãos e joelhos dos presentes, de maneira suficiente para permitir que as suas mãos e às vezes o rosto, assim como o bloco de anotações e a caneta de **MK**, fossem vistos pelos pesquisadores; criar o mesmo brilho a meia altura, sem ser refletido por nenhuma superfície;

L. Iluminar os pés dos presentes abaixo da borda da mesa redonda apesar da barreira formada embaixo dela pelos compartimentos maciços dos quadrantes que efetivamente impediam o contato com os outros integrantes do grupo;

M. Pousar e aparentemente penetrar no peito dos pesquisadores, que relataram sensações internas logo em seguida, depois saindo por outra parte do corpo;

N. Entrar num copo de água segurado por um pesquisador (DF) e agitar a água de maneira visível e audível sem se apagar, o rosto dele logo ficando acima do copo, impedindo a passagem de algum instrumento qualquer.

O. Iluminar ao mesmo tempo com um brilho generalizado seis suportes separados de plástico de 5 cm de espessura da base de madeira do domo de vidro;

P. Pousar na palma das mãos abertas de um pesquisador convidado (prof. Grattan-Guinness), que fechou as mãos, prendendo as luzes dentro, para se convencer da ausência de qualquer vínculo material;

Q. Com a ajuda da silhueta da mão e dos dedos de uma entidade aparentemente desencarnada, levantar um cristal iluminado por dentro de uma luz espiritual e transportá-lo para outro lado da mesa;

R. Iluminar dentro de uma lâmpada suspensa bem acima da cabeça dos participantes, sem luz proveniente do filamento;

S. Produzir um brilho em diferentes partes do recipiente de vidro e contorná-lo;

T. Aparecer com uma forma semelhante a uma grande bolinha de gude que rolou pela mesa para um dos pesquisadores, produzindo luz suficiente para iluminar as suas mãos;

U. Mover-se na cadência da música tocada no gravador;

V. Produzir “raios de luz” em uma superfície de um grande aposento a uns 3 a 3,5 metros do grupo sentado ao redor da mesa (relatório de **MK** sobre Ibiza);

W. Aparecer como duas luzes distintas ao mesmo tempo;

X. Realizar diversos “bombardeios” aéreos sobre o tampo da mesa, atingindo-a de maneira bem audível e visível, e parecendo emergir de uma região imediatamente abaixo da mesa (relatório de Los Angeles, Estados Unidos, e de Scole, onde a luz ressurgiu de maneira peculiar entre dois dos quadrantes que sustentavam a mesa);

Y. Permanecer por um minuto ou mais como um brilho imóvel, nítido, pequeno e constante acima da mesa, à altura da cabeça dos presentes;

Z. Mudar de forma, de um ponto de luz a uma irradiação ou brilho generalizado;

AA. Atacar com luz visível uma bolinha de pingue-pongue, fazendo-a levitar, cair no chão aos pés de um participante e afastá-la para um canto do quadrante da mesa, para que ele não pudesse pegá-la, mesmo estando parada antes;

BB. Aumentar sensivelmente o brilho em aparente resposta a pressão de mãos sobre os joelhos dos participantes;

CC. Mover-se a uma velocidade muito alta, descrevendo às vezes formas geométricas perfeitas a cerca de uns 30 cm do rosto dos visitantes, mas sem produzir nenhum som nem criar nenhum movimento perceptível de ar;

DD. Iluminar os dedos da mão em tamanho humano natural de um espírito, a qual os que foram tocados descreveram como macia e fria;

EE. Evoluir de um brilho fracamente difuso a objetos materializados sobre a mesa ou flutuando acima dela, esses objetos variando de imagens franjadas pequenas a um “rosto” vago com um aparente movimento de lábios, os diversos objetos sendo sujeitos a movimentos, alguns subindo em direção ao teto antes de desaparecer;

FF. Desaparecer instantaneamente em determinadas ocasiões;

GG. Evoluir de nada à forma de um pedregulho que se elevava no ar e passava à frente de um pesquisador antes de parar na frente de outro, depois voltando ao seu lugar de origem e desaparecer aos poucos.

No *Relatório* ainda se lê:

Logo ficou claro, o que se evidencia pelas descrições precedentes, que o fenômeno luminoso não pode ser dissociado de muitos dos sons e toques, além de outros fenômenos visuais. Nem, nesse sentido, ele pode ser completamente separado dos comentários antecipados da equipe e dos comentários contemporâneos dos pesquisadores. Eles fornecem evidências adicionais do que estava sendo observado ou sentido. Uma ilustração perfeita é a frequência com que as tiras luminosas sobre a mesa ficavam momentaneamente cobertas ou ocultas, ou quando os fenômenos luminosos eram comentados por um participante que os testemunhava enquanto o seu vizinho do lado não via nada.

Uma passagem das anotações de MK sobre a nona sessão em 15 de junho de 1996 vale a pena ser citada:

O fenômeno talvez mais marcante da sessão surgiu depois que RF exclamou várias vezes como ele podia ver um luz brilhante à sua frente que nem AE nem eu podíamos ver. No momento em que eu atribuía mentalmente esse fato à imaginação de RF, uma luz muito viva e brilhante apareceu à minha frente desenhando “oitos” no ar. Essa luz fez o mesmo em três ocasiões, em curtos períodos de tempo, enquanto eu descrevia o que estava acontecendo, surpreso porque os outros não viam nada. Pouco depois, Sandra, à minha esquerda [DF não pudera comparecer à sessão], passou pela mesma experiência: nenhum de nós podia ver o que ela descrevia. Por fim, AE testemunhou uma luz semelhante, que não pude ver, mesmo tendo me inclinado para ela. Nós concluímos que a luz em cada caso devia estar oculta como se tivessem sido colocadas telas à frente dela e dirigida para cada um por vez, com um arco estreito de talvez não mais do que 15° ou 20°. A luz era em forma de ponto, muito nítida e brilhante, não na forma de raios ou incandescências, e movia-se velozmente.

APÊNDICE SEIS

Os Aportes

Moeda de Churchill

Colar de prata - poderia ter origem africana

Cascas de acônito

Macaco de madeira

Colar de marcassita

Dois pedaços de metal

Bracelete de obsidiana

Colar de prata

Substâncias químicas esverdeadas

Bola de cristal de quartzo rosinha

Bracelete de prata

Líquido - água

Pedaço pequeno de cristal de rocha “inexistente na Terra”

Medalha militar de campanha indiana

Grande agrupamento de cristal de ametista

Grande agrupamento de “cristal de viagem” de quartzo

Três botões de túnica do Exército indiano

Dois medalhões de prata

“Ficha” de um franco de 1928

Cartão postal humorístico com imagem de praia e o dístico:

“Se estiver vivo, por favor escreva - caso esteja morto, não se incomode”

Penny inglês de 1940

Lenço feminino com a letra “H” bordada

Penny inglês de 1936

Medalhão de São Cristóvão

Medalhão imperial de Jorge V/ Maria de 1911

Berloque de prata da “Morte com a Foice”

Minúsculo medalhão/disco de ouro com Hieróglifos, cuja origem não foi ainda identificada

Medalha esportiva de prata

Dedal de prata

Cinzas sagradas de pira funerária de um homem santo indiano (em duas ocasiões distintas)

Medalhão de prata de São Cristóvão (hexagonal)

Broche ornamentado de prata e cerâmica

Pequeno suporte de bastão de incenso, retangular e de madeira

Dois animais agrícolas de latão (parecendo feitos em casa)

Exemplar original do Daily Mail de 1/4/44

Colher do osso

Exemplar original do Daily Express de 28/5/45

Colher com o cabo torcido e um ornamento gravado na concha, com uma inscrição.

Ursinho de brinquedo dado a um visitante da Polaroid

Canivete com cabo de madrepérola

Imagem de elefante em miniatura, dada a Bill Lyons

Bracelete de prata com cruz, âncora e coração, com a inscrição gravada: “Fé, esperança e caridade”

Bastão de coquetel esculpido em marfim

Broche de madrepérola em forma de folha com pérola

Medalhão de Santa Bernadete com a inscrição “Kara”

Alfinete de gravata com pérola

Papel queimado e cinzas

Colar de madrepérola

APÊNDICE SETE

Sessões com Filme Controladas Cientificamente

Diversas sessões com os pesquisadores científicos produziram resultados positivos em filmes. Nós as descrevemos a seguir:

DATA ⁹	TIPO DE FILME + #PRESENTES#	TRANSMISSÃO RECEBIDA
13/1/1996	Polaroid (1) AE, MK, DF	Imagens de luzes estelares e forma de roda dentada (2)
17/2/1996	Polachrome (3) AE, MK, DF	Inscrição grega sobre fundo verde
16/3/1996	Polapan (4) AE, MK, DF	Padrões de estrelas noturnas (5)
16/3/1996	Polagraph AE, MK, DF	Enigmas codificados <i>Diotima</i> (6)
25/5/1996	Polaroid D. Fairburn + 9	Mensagem latina em imagem espelhada
31/5/1996	Polaroid W. e K. Schnittger	Poema alemão fora de foco (7)
13/7/1996	Polachrome A. Roy, MK, AE	Mensagem latina da Cadeia Dourada (<i>Perfectio</i>)
26/7/1996	Polachrome WS e KS	Poema alemão nítido (7)
9/11/1996	Polachrome AE, MK, DF	Poema de Wordsworth (<i>Ruth</i> 1) (8)
9/11/1996	Kodachrome (9) AE, MK, DF	Poema de Wordsworth (<i>Ruth</i> 2)
22/11/1996	Polachrome WS, KS, H. Schaer	Mensagem <i>Wie der Staub</i> (10)
6/12/1996	Polachrome WS, KS	Raios-X de dedos e polegar (10)
11/1/1997	Kodachrome (9) DF, I. Slack, MK	Diagrama elétrico, instruções e assinaturas (11)
17/1/1977	Polachrome WS, KS	Dragão e <i>Quadrans Muralis</i> etc. (12)
24/1/1997	Kodachrome (9) A. Gauld, D. West, MK	Daguerre, Can You See Behind the Moon etc.

Notas gerais e procedimentos de segurança adotados:

1. Polaroid = Instantâneo, 600 Plus
2. Filme colocado numa sacola de segurança selada. Má qualidade. A equipe disse que a sacola causou problemas.
3. ASA 40, muito lento
4. Filme preto e branco

5. Usada sacola de segurança
 6. Usado rótulo de segurança com etiqueta assinada colada
 7. Tubo de filme segurado pelos pesquisadores
 8. Filme colocado na caixa de madeira fechada com cadeado e segurado por DF até a revelação em 11/11/96
 9. Revelado pela Kodak de Wimbledon
 10. Caixa de madeira com cadeado segurada pelos pesquisadores durante todo o experimento
 11. Desenhado para ajudar AE a melhorar o dispositivo de germânio prometido durante a sessão
 12. Caixa de madeira com cadeado, chaves no carro, caixa sobre papel desenhado, filme marcado
- + Os tipos de filmes usados foram os seguintes:
- Polaroid 600 Plus (filme plano instantâneo usado em câmeras Polaroid)
 - Polapan 35 mm (filme de slides, preto e branco, ISO 125)
 - Polagraph 35 mm (filme de slides, azul e branco, ISO 400)
 - Polachrome 35 mm (filme de slides, colorido, ISO 40)
 - Kodachrome 200 (transparências de slides)

Os investigadores regulares eram:

AE: Arthur Ellison DF

David Fontana MK

Montague Keen

APÊNDICE OITO

Experimentos Fotográficos

A New Spiritual Science Foundation, por intermédio do Grupo Experimental de Scole, conduziu muitos experimentos fotográficos durante os cinco anos do Experimento Scole. Eles usaram principalmente filmes Polaroid sob condições de teste, seguindo-se a revelação imediata de todos os filmes. Embora tenha havido muitas tentativas fracassadas, o filme era geralmente “influenciado com sucesso”. Essas manifestações regulares de fenômenos físicos ajudaram grandemente a melhorar o valor “científico” e “comprobatório” do trabalho.

Todas as imagens recebidas incluem-se em uma dentre quatro categorias:

1. Imagens de fotografias existentes;
2. Imagens de energia “criativa” que “influenciou” o filme;
3. Imagens de outras esferas (chamadas “áreas de existência” ou “comunicação” pela equipe);
4. Imagens diretas dos comunicadores (assinaturas, retratos, enigmas codificados, etc.) contendo mensagens significativas.

O grupo usou quatro tipos básicos de filme Polaroid instantâneo e recebeu resultados positivos e bem-sucedidos usando os seguintes materiais:

1. Polaroid 600 Plus (filme plano instantâneo usado em câmeras Polaroid)
2. Polapan 35 mm (filme de slides, preto e branco, ISO 125)
3. Polagraph 35 mm (filme de slides, azul e branco, ISO 400)
4. Polachrome 35 mm (filme de slides, colorido, ISO 40)

Caso outros grupos decidam fazer experiências nos mesmos moldes do Grupo Experimental de Scole, a New Spiritual Science Foundation recomenda todos os filmes acima como os mais convenientes; embora os filmes de 35 mm tenham requerido um processador potente separado para a revelação.

Em consequência, cada filme 35 mm vinha completo com o cartucho destacável de agentes químicos de modo que, em poucos minutos depois do uso, o processador Polaroid podia revelá-lo. Esse procedimento foi incluído nos protocolos científicos requisitados pelos pesquisadores independentes.

Algumas das imagens recebidas nesses experimentos foram muito marcantes. Diversas pareciam como imagens contínuas em todo o comprimento dos filmes. Num caso, o resultado media cerca de 1,25 m, quando foi usado um rolo de 36 poses. Deve-se observar que muitos desses filmes não haviam sido abertos, sendo simplesmente segurados ou deixados numa caixa ou sacola sobre a mesa durante as sessões e revelados depois.

Ao longo do livro, mencionamos algumas das imagens que foram recebidas nos filmes fotográficos. Algumas constituíam enigmas para o grupo e para os pesquisadores resolverem. Na seção de Figuras, incluímos diversas delas na esperança de que os leitores sejam capazes de apresentar soluções a alguns dos enigmas propostos.

APÊNDICE NOVE

A Conclusão do Relatório Scole

A seguir, um trecho tirado da *Conclusão do Relatório Scole*:

Qualquer que seja a nossa defesa, os críticos renitentes acabariam por oferecer um triste balançar de cabeça e pronunciar palavras que compuseram o epitáfio de muitos pesquisadores no passado: “Se ao menos vocês tivessem pensado (ou sido capazes) de controlar”. (...) O campo de trabalho na pesquisa paranormal é tão vulnerável a esse tipo de veredicto de repúdio que se pode muito bem perguntar se na verdade vale a pena todo o investimento de tempo, energias e dinheiro que essas pesquisas requerem. A nossa resposta é que, em todos os setores do comportamento humano, os efeitos que são apenas observáveis sob as condições rigorosamente controladas de um laboratório realmente não são de uso duradouro ou de interesse. Se as capacidades paranormais existem, então elas podem muito bem acontecer não só no laboratório como também na vida real, seja numa sessão espírita, seja em ambientes mais familiares. Caso existam, é igualmente razoável propor que vale a pena estudá-las, que sejam feitos esforços para descobrir de que maneiras elas são compatíveis com o resto da nossa ciência conhecida: na verdade, maneiras pelas quais elas podem não contribuir para o nosso conhecimento científico, mas também aumentar a nossa compreensão do que é ser humano e se a vida tem ou não um sentido além do que lhe atribuem as filosofias reducionistas.

Foi com essas considerações em mente que conduzimos a pesquisa em Scole, com essas considerações que preparamos este relatório e foi com essas considerações que continuaremos a realizar novas pesquisas dessa natureza, caso surjam outras oportunidades. Nesse meio tempo, ficaremos mais do que felizes em cooperar com todos os contestadores que desejarem tentar reproduzir na nossa presença, com exatidão e sob condições semelhantes, os efeitos que testemunhamos em Scole.

Nossa palavra final é de que seja como for que outros venham a usar a nossa pesquisa, hoje e nos próximos anos, sentimo-nos privilegiados por ter tido a oportunidade de realizá-la.

APÊNDICE DEZ

Declaração do Dr. Hans Schaer sobre o *Relatório Scole*

O testemunho de um Clarim

A experiência e o testemunho do dr. Hans Schaer, integrante da SPR e um dos pesquisadores, é importante porque ele teve uma considerável participação no Experimento Scole. Advogado e empresário suíço, com residência em Kusnacht, próximo a Zurique, e proprietário de uma casa de veraneio na ilha mediterrânea de Ibiza, o dr. Schaer reuniu-se com o grupo de Scole por treze ocasiões. As sessões de que participou foram tanto em suas casas, nas instalações da Parapsychological Society of Zurich, em Zurique, como em Scole propriamente dita. Os integrantes do grupo de Scole foram seus convidados para sessões em Ibiza em outubro de 1995. Eles foram convidados a retomar no verão seguinte, para sessões em 28 de junho e 1ª de julho de 1996.

O relato a seguir dá conta da sessão ocorrida em 28 de junho de 1996 e baseia-se numa entrevista conduzida por Robin Foy com o dr. Schaer.

A sala em que as duas sessões aconteceram, a sala de estar da casa, teve todas as portas e janelas cuidadosamente cobertas com plástico preto ou manta de tecido plastificado. A porta principal foi trancada de três maneiras distintas (veja a Figura 5). Nenhuma das outras portas que davam acesso para a sala poderia ser aberta sem que fosse removido o material pregado. Eu me sentei sozinho com os quatro integrantes do grupo. Não havia mais ninguém na sala nem na casa.

Nós nos sentamos ao redor da mesa redonda com um tampo de cerca de 1 metro de diâmetro sobre a qual haviam sido dispostos cinco cristais, o maior de todos no centro da mesa e os outros ao redor da borda, apontando diretamente para os pontos cardeais: norte, sul,

leste e oeste, conforme determinado pela bússola de Robin Foy, que ele levava para lá com a finalidade de corrigir o alinhamento.

Robin sentou-se na extremidade oeste, eu me sentei ao lado dele, a esposa dele, Sandra, ao meu lado, e depois Alan e Diana completaram o círculo. Todo o grupo usava braçadeiras luminosas. Nenhuma luz podia ser vista em nenhum lugar da sala.

Eu tenho uma coleção de trompetes em minha casa de Kusnacht, um dos quais trazia comigo em Ibiza. Antes da sessão, eu havia perguntado a Robin o que ele achava de tentar estabelecer um contato musical com o lado espiritual, uma vez que já era normal fazermos contatos orais, fosse por meio dos médiuns, fosse por meio da “voz direta”.

Eu tinha esperanças de que Louis Armstrong, ou algum outro músico de jazz famoso, tocasse uma canção para mim e se desse a conhecer dessa maneira. Será que os espíritos concordariam em manter um contato daquele tipo?

Robin respondera: “Você pode perguntar. Sugiro que traga o trompete para a sessão e o coloque ao lado da sua cadeira, no chão”. Foi exatamente isso o que eu fiz. O trompete era o único instrumento musical na casa inteira.

Durante a sessão, quando me perguntaram se eu tinha alguma coisa a pedir, portanto, eu perguntei sobre a possibilidade da comunicação musical. A resposta do lado espiritual foi que eles estavam completamente despreparados para uma experiência daquele tipo, uma vez que tinham se concentrado nos experimentos com filmes ao longo das últimas sessões.

De qualquer maneira, eles disseram que iriam ver o que poderiam fazer. A voz espiritual disse-me para colocar o trompete sobre a mesa. Eu o levantei e depusitei ao meu lado, de maneira que o bocal ficasse paralelo com a borda da mesa, deitado diretamente à minha frente.

Uma luz espiritual se aproximou do trompete e pairou sobre ele, distribuindo luz suficiente para permitir que todos vissem que o instrumento estava deitado sobre a mesa. Depois de um tempo, novamente em total escuridão, ouviram-se alguns sons breves do trompete, indicando que alguém estava experimentando as suas válvulas.

Aquela altura eu senti uma brisa no rosto e foi com ela que pareceu que o trompete estava sendo tocado. Soou uma nota plena, seguida por três ou quatro notas. Essas foram seguidas por diversas sequências de vários sons, que soaram como notas de um clarim militar, mas não foi tocada nenhuma melodia. Quando acendemos as luzes no fim da sessão, o trompete havia sido movido uns 10 cm na direção do centro da mesa.

Devo comentar que o grupo de Scole, sem mencionar a equipe espiritual, não podia estar preparado previamente para o meu pedido. Na verdade, esse foi um dos motivos por eu querer fazer uma sessão em Ibiza, onde não havia possibilidade de que o grupo pudesse instalar microfones, alto-falantes, gravadores, etc. escondidos.

Eu também sabia que ninguém do grupo sabia tocar trompete e que não haveria oportunidade de fazer antes gravações dos ruídos de um trompete. Além do mais, o fato de que o bocal estava colocado sobre a mesa da maneira descrita assegurava que nem mesmo o mais experiente trompetista poderia soprá-lo, mesmo se conseguisse se ajoelhar em frente de onde eu estava sentado. Assim mesmo, a minha mão direita estava colocada próxima ao bocal do trompete. Assim foi surpreendente que eles conseguissem não só obter alguns sons breves com ele mas depois uma nota inteira que quase nos derrubou da cadeira.

Conforme a gravação em fita da sessão demonstra, também se ouviram batidas de baquetas na mesa, embora não houvesse instrumentos ou utensílios que pudessem produzir normalmente esse tipo de som.

Os sons feitos eram mais característicos de baquetas de metal do que de madeira, tal foi a força das batidas. Eu esperava ver a mesa marcada, o que seria normal depois de uma batucada daquelas, mas não havia ficado nenhum sinal. Devo ressaltar que a segurança era boa: eu podia ver as braçadeiras luminosas do grupo e me sentia no controle de toda a sessão.

Relatos como esse são difíceis de admitir entre algumas pessoas por não estarem lá para confirmar. Talvez possamos ter uma ideia das reações que relatos assim despertam pela seguinte citação do *Relatório Scole*:

Levada ao extremo, a desaprovação moral implica o tipo de argumentação que leva um crítico, ao ouvir a gravação em que se tocava um trompete e uma bateria durante uma sessão em que Hans Schaer era responsável pelos controles, a desacreditar o episódio com base em que o trompete foi muito mal tocado. Por mais que uma observação dessa seja exata, ela simplesmente reflete a desaprovação do método, não uma crítica à autenticidade.

APÊNDICE ONZE

"Não Acreditamos até Podermos Ver"

Muitas pessoas perguntam: “Por que não, podemos ir ao porão? Só vamos acreditar quando virmos tudo com os nossos olhos”.

O oposto lógico pode ser mais bem explicado usando-se a analogia das expedições Apollo. Muitas pessoas gostariam, talvez, de ir à Lua. No entanto, a maioria entende que, por diversas razões, incluindo a falta de conhecimentos e de recursos, só pode haver poucas pessoas capazes de participar da experiência.

Quando os astronautas viajam à Lua, eles trazem fotos, vídeos e amostras. Além de examinar esses registros materiais, ouvimos e aceitamos o testemunho deles e dos cientistas que os enviaram lá, assim como a realidade de todo o experimento. Dessa maneira, um pequeno número de especialistas contribui para a experiência compartilhada por toda a população. A sociedade humana está repleta de exemplos especializados dessa natureza e grande parte do nosso progresso é feito assim.

No entanto, a posição do cético astuto é tal que, uma vez que não vai *pessoalmente* à Lua, ele ainda questiona se uma coisa dessas realmente é possível. Se você acha que isso é um exagero, ainda existem muitas pessoas que questionam se as descidas da Apollo na Lua não teriam sido parte de uma farsa criada por parte do governo.

No caso deste livro, os astronautas são os integrantes do grupo de Scole e a Lua é o mundo espiritual.

Ainda que o Experimento Scole tenha envolvido poucas pessoas, o mundo espiritual está tentando, conforme disse a equipe, fornecer evidências para um grande número de pessoas. Eles estão expandindo os fenômenos para outros grupos em todo o mundo. A medida que mais pessoas passam pela experiência, os conceitos envolvidos tomam-se mais aceitáveis para a população em geral. Vamos narrar o progresso que for conseguido com outros grupos no momento oportuno.

APÊNDICE DOZE

Um Ponto de Vista Terapêutico

Este ponto de vista foi tirado de um artigo do *Spiritual Scientist*.

No domingo, 25 de agosto de 1996, Tina Laurent era uma das nove pessoas que haviam sido convidadas para sentar-se com o grupo.

Não foi sem uma certa tremedeira que cheguei a Scoble. Não porque eu tivesse dúvidas pessoais quanto aos fenômenos testemunhados lá, mas por causa de uma gripe que me deixara com uma tosse irritante e uma coceira na garganta, e eu fiquei com medo de que pudesse ser excluída da sessão por causa do ruído inconveniente.

No entanto, isso não aconteceu e, com um reconfortante copo de água ao lado da minha cadeira, eu tomei o meu lugar entre meus doze companheiros no que, da minha parte, acabou sendo o dia mais memorável de todos os meus 59 anos de vida (e eu esperava ter mais um ou dois!). Aquilo tudo excedeu de longe todas as minhas expectativas. Ah, se as provas pessoais do mundo do Espírito pudessem ser passadas adiante!

Dois dias depois, eu ainda revivia determinados momentos daquela tarde e ainda me sentia envolvida pelo amor que recebera lá. Procurarei ser o mais sucinta possível. Não sou uma cientista nem catedrática, mas uma mulher comum que por acaso me envolvera com EVP (os fenômenos de voz eletrônica) por mais de quinze anos e que havia passado por muitas coisas que me levaram a acreditar na sobrevivência do espírito humano.

Não vou entrar em detalhes sobre toda a sessão, mas vou comentar sobre o que acabou dominando completamente os meus sentidos. Uma luz espiritual, depois de nos impressionar com os seus movimentos de capacidade de dançar, aproximou-se de mim e pairou suavemente diante do meu rosto.

Nós nos comunicamos e eu disse:

- Tudo bem, você pode entrar.

Imediatamente, ela mergulho na região do meu plexo solar, fazendo um ruído como um “plop” ao entrar no meu corpo (sentido, mas não ouvido). Ela se movimentou ali dentro por alguns instantes, dando-me uma sensação de cócegas (como uma abelha presa dentro da minha blusa) e depois desceu rapidamente pelo meu braço e em seguida saiu pela minha mão.

O que eu concluo de tudo isso... Bem, eu sei que o amor encontrado no porão naquela tarde foi muito verdadeiro e palpável, e, para a minha surpresa, não tossi mais desde aquele dia! Não tenho palavras para agradecer ao grupo experimental de Scole e à equipe espiritual pela sua gentileza em nos permitir visitá-lo e participar do seu trabalho, cuja importância é incalculável para a raça humana.

A Tosse do Professor

Numa sessão experimental, o professor Fontana estava com uma tosse incontrolável. Uma luz espiritual pousou no copo de água dele e, de acordo com o grupo de Scole, “passou a impressão de se afogar”. O professor foi então encorajado a beber a água. A tosse cessou.

Relato de Cura

Atendendo a um pedido de uma assinante do Spiritual Scientist da Austrália, uma menina, Shannen Miller, fora incluída na lista de cura a distância do grupo de Scole em junho de 1996. Ela estava prestes a ser operada para a remoção de um tecido cicatrizado no pulmão.

Em 14 de maio de 1997, a mãe de Shannen, Deborah Miller, escreveu ao grupo enviando uma fotografia da garota sorridente:

Prezado grupo de Scole

Dois anos atrás a minha filha foi diagnosticada com um tumor no pulmão. Depois do tratamento, ela pareceu melhorar, mas depois, a doença voltou. Depois de nova medicação e pesquisas, decidiu-se operar para remover o resto do tumor do pulmão. Minha amiga

Nana pediu-lhes para colocar Shannen em sua lista de cura a distância. Como eu acredito que Nana contou sobre os raios-X, quando eles decidiram operar, depois de um ultra-som em 14 de abril, o tumor havia se reduzido a um ponto. Em consequência, os médicos decidiram não operar. Uma broncoscopia do pulmão indicou que ele estava desobstruído.

Eu gostaria de agradecer a você pela cura e pelos pensamentos que enviaram para ajudar a minha filha Shannen a ficar boa de novo. Posso pedir que Shannen seja mantida em sua lista de cura por mais algum tempo, para ajudar na recuperação completa? Deus abençoe o seu trabalho.

Algum tempo depois, novas informações chegaram da assinante australiana, que completou as lacunas existentes:

O problema original ocupava quase todo o peito esquerdo de Shannen. Ela estivera sob medicação por nove meses e os médicos consideraram que o tumor não recuaria apenas com o tratamento - eles estavam certos de que seria preciso fazer a remoção cirurgicamente. Isso fora em junho de 1996. Aquela altura, por meu pedido, a cura a distância foi iniciada.

Shannen não poderia fazer a operação no início de 1997 porque voltara ao hospital com pneumonia. Em abril, ela fez um ultra-som para determinar o tamanho do tumor a ser removido. Não se viu tumor nenhum no ultra-som, só uma pequena cicatriz. Todos ficaram muito felizes, mas surpresos. Isso também se aplica aos médicos especializados em doenças infecciosas e respiratórias.

A essa altura, Deborah - a mãe de Shannen - contou aos médicos que tinha uma “confissão” a fazer. Ela contou a eles que Shannen recebera ajuda pela cura espiritual.

O médico deu um sorriso incrédulo e disse: “Não me importa o tipo de ajuda que ela teve. O fato é que funcionou!”.

Shannen surpreendeu a todos. Nunca ninguém pensou que o problema pudesse desaparecer sozinho, considerando que a cirurgia seria a única saída. Esse caso foi descrito no *Paediatric Journal*, e tem sido apresentado em diversos países além da Austrália.

O grupo experimental de Scole ficou “muito orgulhoso de estar envolvido nesse caso e ter feito a sua parte para ajudar a menina”.

A cura parece ser uma parte muito importante da ciência espiritual. Sua expansão pode ajudar inúmeras pessoas. Existem muitas outras Shannens mundo afora.

APÊNDICE TREZE

Os que Continuam Duvidando

A causa da verdade não se serve por omissão ou evasão. Constituiria negligência da nossa parte se não informássemos o leitor de que existem pessoas que não estão convencidas quanto a diversos aspectos do Experimento Scole.

A Society for Psychical Research, por exemplo, como uma organização composta de pessoas que têm uma vasta gama de conhecimento especializado, não tem um ponto de vista coletivo e os seus integrantes são livres para expressar as suas opiniões. Todos os integrantes têm os próprios pontos de vista e, principalmente, eles têm adotado historicamente uma abordagem cautelosa ao extremo ao analisar fenômenos paranormais.

Em consequência, existem alguns desacordos sobre determinados aspectos do protocolo científico adotado durante as pesquisas. Também existem variadas interpretações dos dados coletados entre aqueles que analisaram o *Relatório Scole* na época da sua redação (isto é, antes da publicação). Considerando a natureza pioneira do trabalho, é inevitável que outras críticas apareçam.

Conforme mencionamos em outra parte, essa é a natureza do progresso científico e as críticas justas e razoáveis devem ser bem recebidas. Há pouco que possa ser feito, no entanto, quanto às objeções exorbitantes e os leitores terão de desenvolver o próprio ponto de vista quanto a quais críticas são fundadas na razão e quais não são.

Uma característica muito importante do Experimento Scole é que ele parece ser transferível e passível de repetição. Outros grupos experimentais serão capazes de se estabelecer seguindo as orientações apresentadas no folheto *A Basic Guide*, do grupo de Scole. Esses grupos devem então ser capazes de convidar a presença de pesquisadores. A Society for Psychical Research existe há mais de um século e os seus conhecimentos e a sua experiência em

equipe podem ter um valor inestimável nas futuras pesquisas. A Society parece colocada numa posição ideal para assumir esse papel.

É possível que esses futuros experimentos venham a convencer as dúvidas das pessoas atualmente não convencidas. É possível que não convençam. Nós esperamos narrar esses acontecimentos.

APÊNDICE CATORZE

Discussão: Passado, Presente e Futuro

Houve muitas conversas sobre o futuro nas sessões finais do Experimento Scole. Numa noite, Manu falou por um dos mais longos períodos de tempo de que o grupo se recorda:

Cada um de vocês do grupo de Scole realiza um trabalho especial à noite durante o seu estado de sono. Vocês estão ajudando a construir novas colunas de energia para outros grupos usarem. Essa é uma parte muito importante das mudanças que ocorrerão em breve.

Juntamente com o trabalho energético feito pelos grupos humanos, existem muitas energias sendo transmitidas para a Terra dos planos espirituais neste momento. Os efeitos disso serão impressionantes. Vocês verão uma mudança em tudo que esteja relacionado a Terra num futuro próximo, até mesmo na vida vegetal do planeta.

As coisas elétricas vão se tornar ineficientes. Vai lhe interessar especialmente, Walter [Schnittger], saber que haverá melhores maneiras de trabalhar com energias dos automóveis do que usando os sistemas de ignição elétrica.

Em outra sessão, o grupo foi informado por um dos comunicadores espirituais: *“Seu corpo será muito diferente no futuro, o seu sistema nervoso já está mudando”*.

“Diversos outros comentários surgiram na discussão quanto a seres como Blue poderem ser uma forma de como as coisas ocorrerão para a nossa espécie”, comentou o grupo. Esse foi com certeza um comentário interessante. Assim fomos levados a imaginar sobre a importância da pista no filme *Diotima*: Ainda não está claro o que vamos nos tornar.

Nesse sentido, ficamos empolgados em combinar um programa científico da televisão no início de 1999, que mostrava o que poderia acontecer aos

seres humanos quando nos tomarmos viajantes espaciais. Na gravidade zero, os nossos ossos podem tomar-se quebradiços e os nossos músculos podem se atrofiar. Os nossos membros podem se tornar alongados e o nosso corpo mais curto. Podemos ter uma alimentação diferente. Basicamente vamos evoluir e nos adaptar ao nosso novo ambiente espacial. Isso pode soar meio forçado, mas se não sabemos realmente quem e o que nós fomos, que dirá sobre o que seremos? Vamos acrescentar outro pensamento ao do filme *Diotima*: Ainda não está claro o que nós fomos.

Em meados de abril de 1999, foram publicados artigos em jornais sobre um esqueleto encontrado na Etiópia que poderia fornecer o “elo perdido” da evolução. Considerou-se que esse esqueleto teria 2,5 milhões de anos, talvez três a cinco vezes mais velho que a estimativa anterior da data dos nossos primeiros ancestrais. Quem sugeriu essa escala de tempo no dia anterior à descoberta deve ter-se sentido ridículo perante os “especialistas”. Novos planetas foram descobertos ao redor de uma estrela semelhante ao nosso sol. Será que poderiam sustentar a vida como a conhecemos? Será que um dia chegaremos lá? Certamente é possível que nos tomemos viajantes espaciais. A pesquisa do céu com telescópios levou a uma exploração com naves que podem nos transportar aos planetas do nosso sistema solar. No futuro, outras naves podem muito bem nos levar às estrelas.

Teorias atuais sobre as leis que governam o funcionamento do universo baseiam-se na relatividade e na velocidade constante da luz. Isso dá margem à história conhecida dos gêmeos interestelares. Um gêmeo de 30 anos de idade viaja para a estrela mais próxima à velocidade da luz enquanto o outro permanece em casa na Terra. Depois, digamos, de dez anos, o viajante retorna... para descobrir que o seu gêmeo morreu de velhice. No pensamento atual sobre a natureza do universo, o tempo passa de maneira diferente, relativamente às condições do que experimenta cada observador. Assim, de acordo com essa teoria, o tempo não é absoluto, mas está relacionado à velocidade da luz e à velocidade da viagem através do espaço. As teorias atuais, portanto, deixam várias perguntas não respondidas, às quais o novo campo da ciência espiritual pode oferecer respostas. O que aconteceria se descobríssemos como fazer a propulsão da nossa nave espacial além da velocidade da luz? Se o tempo não existe nas dimensões espirituais, será que podemos ser capazes de enviar mensagens

ao nosso próprio passado ou futuro por meio dessas dimensões? Será que poderíamos mesmo viajar ao nosso passado ou ao futuro?

Com base em ideias desse tipo, estimuladas a partir das teorias científicas atuais, talvez pudéssemos voltar nossa mente a potencialidades do passado, do presente e do futuro. De outra maneira, poderíamos perder algo importante.

Ao discutir o que nos tornamos fica claro que progredimos de alguma forma quando comparados com os nossos ancestrais primitivos. Mas como nos compararmos com o que podemos nos tornar? Em relação ao nosso potencial - conforme demonstrado pelas vidas de Krishna, Buda, Jesus, Maomé, Nanak, Sai Baba e os outros “Seres Brilhantes”, como diz Manu -, será que não somos meio como o homem de Neanderthal por comparação? Muitas das nossas relações sugerem que ainda está em vigor a lei da selva, segundo a qual “olho por olho, dente por dente”. Talvez não sejamos tão avançados quanto pensamos. Com certeza existe um espaço para mudanças, evolução, desenvolvimento em algo melhor.

Vamos deixar você com outro pensamento. Os nossos ancestrais eram peludos e musculosos quando comparados com a nossa aparência atual. Será que o “Blue” representa o nosso futuro em 2,5 milhões de anos? Será que somos os “macacos” de “Blue”?

Notas

7. Uma pedra existente no Castelo de Blarney, próximo a Cork. na Irlanda, que segundo se diz concederia a arte da lisonja a todos aqueles que a beijassem. (N. do T.)

8. Essa foi uma sessão especial em que o dr. Hans Schaer foi o único pesquisador presente. Nela houve experimentos em vídeo: foram obtidos resultados importantes.

9. Para simplificar, as datas se referem à sessão em que um determinado experimento foi iniciado. Em alguns casos, os filmes não foram revelados até as sessões subsequentes.

Para receber catálogos, lista de preços e outras informações escreva para:
MADRAS Editora
Rua Paulo Gonçalves, 88 - Santana 02403-020 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 6959-1127 - Fax: (011) 6959-3090
www.madras.com.br